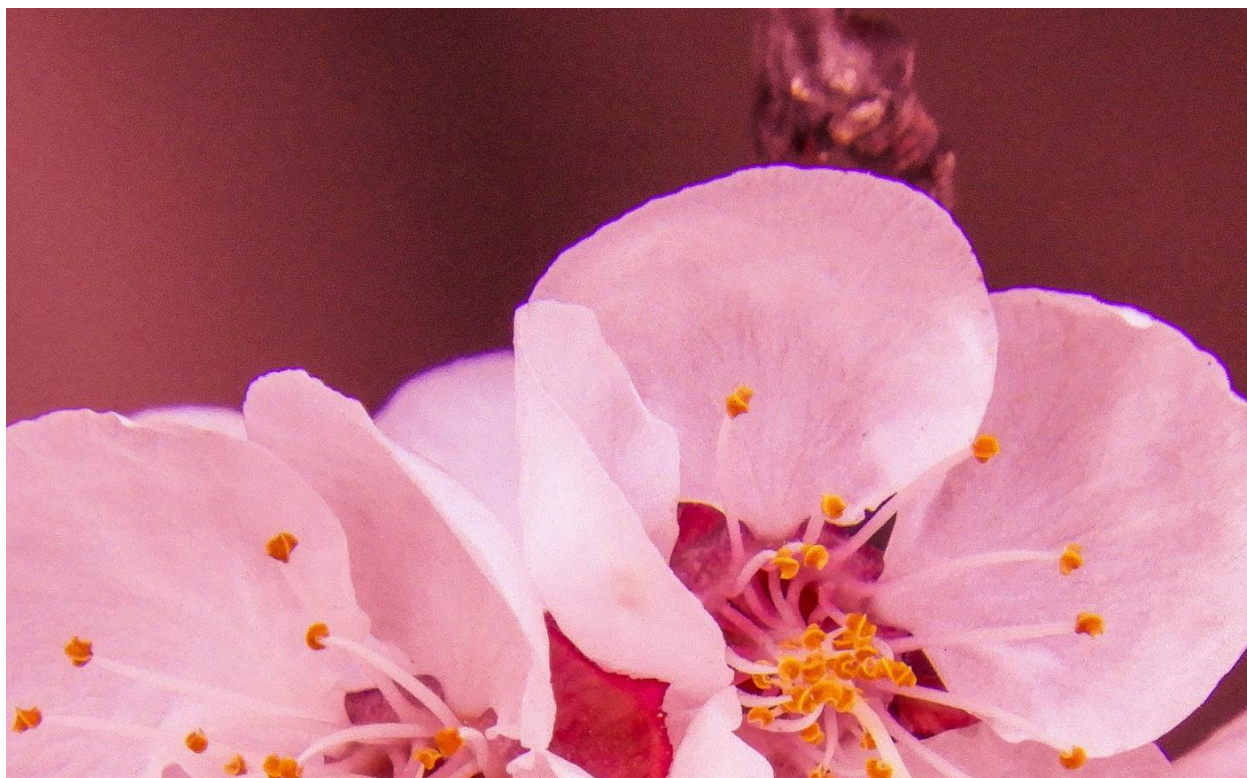
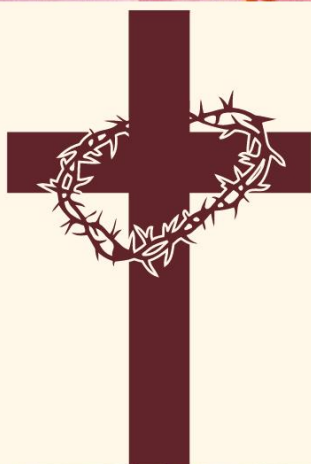
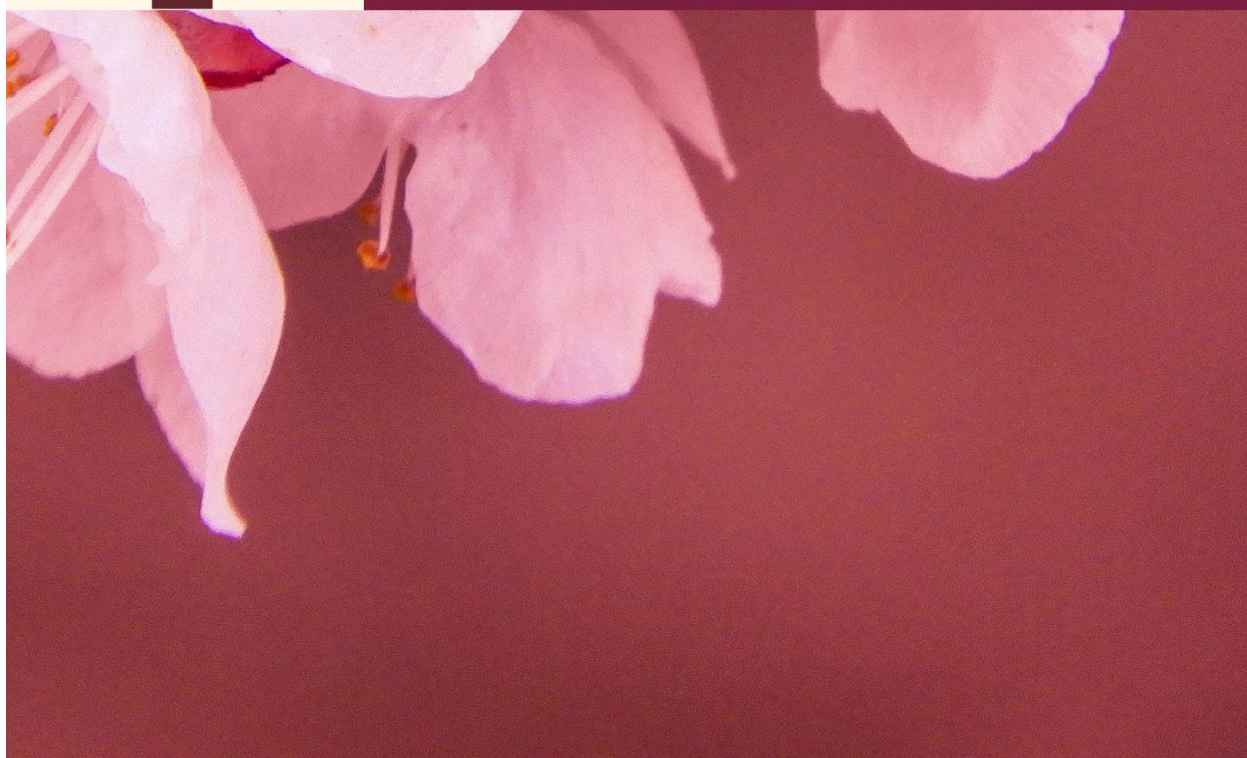




LEONARDO MONTES

Cadernos de Umbanda



Sumário

.....	1
INTRODUÇÃO	7
POSSO SER UMBANDISTA E NÃO FREQUENTAR TERREIROS?.....	8
USO DA BEBIDA ALCOÓLICA EM NOSSA CASA.....	9
TRÊS TIPOS BÁSICOS DE EXUS.....	10
SOU OBRIGADO A DESENVOLVER A MINHA MEDIUNIDADE?	15
PODE UM GUIA FAZER PREVISÕES SOBRE O FUTURO?	16
MAIS AJUDA?.....	18
LEI DE SALVA!	19
UMA MANEIRA PARA SE COMPREENDER A DIVERSIDADE NA UMBANDA.....	21
OBTENDO PROVAS!.....	22
EVITE TOCAR O CONSULENTE DURANTE O PASSE	24
PILHA DE EGUM.....	26
AMBIENTES CARREGADOS	29
MAGIA NEGRA.....	31
MÉDIUM BANDA LARGA	34
NÃO IDOLATRE MÉDIUNS	36
A UMBANDA FAZ O MAL?	39
NATURALIZAÇÃO DA COBRANÇA POR CURSOS DE UMBANDA	41
ESPÍRITOS DE LUZ?	44
A IMPORTÂNCIA DA CONDENAÇÃO DA REDE RECORD	46
COMO RECONHECER UM BOM TERREIRO?	48
CADA UM QUE CUMPRA O SEU PAPEL	49
CONVERSE MENTALMENTE COM SEUS GUIAS	51
PAVOR DE MAGIA NEGRA	54
OS PERIGOS DA MALEDICÊNCIA PARA UM TERREIRO	56
RODA DE CONVERSAS	60
DIRIGENTE COM CONDUTA ABUSIVA	61
MENSTRUÇÃO E MEDIUNIDADE	65
OS MALEFÍCIOS DA AMARRAÇÃO AMOROSA	66
MÉDIUM QUE PERGUNTA AO CONSULENTE O QUE ELE ACHOU DO ATENDIMENTO.....	73
POR QUE ALGUMAS ENTIDADES MANCAM?	74
AS DESCULPAS DOS MÉDIUNS	76
VAIDADE	77
ORIXÁ REGENTE DO ANO	78

UMA FLOR	79
ENTIDADES RECOMENDANDO MACONHA?	80
COMPORTAMENTO NO TERREIRO: RESGUARDO	82
O PROBLEMA DA ROUPA PRETA	84
COMPORTAMENTO NO TERREIRO: BOA-VONTADE	86
FIRMEZA PARA EXU	88
COMPORTAMENTO NO TERREIRO: COMPROMETIMENTO	90
COMPORTAMENTO NO TERREIRO: MAU HUMOR.....	92
COMPORTAMENTO NO TERREIRO: CANTAR!	93
COMPORTAMENTO NO TERREIRO: ASSIDUIDADE.....	94
COMPORTAMENTO NO TERREIRO: FOFOCAS.....	96
SEM EXU, NÃO SE FAZ NADA?.....	98
BANHO DE ERVAS NA CABEÇA?	101
QUEM PODE SER DIRIGENTE?	104
COMPORTAMENTO NO TERREIRO: INVEJA.....	106
MEDIUNIDADE E EQUÍLBRIO	108
COMPORTAMENTO NO TERREIRO: AMIZADE.....	109
RITUAIS PARA A VIRADA DE ANO?	111
COMPORTAMENTO NO TERREIRO: DEVOÇÃO.....	113
CARIMBO DE MÉDIUM.....	115
COMPORTAMENTO NO TERREIRO: CONFIDENCIALIDADE.....	116
MÉDIUM X ENTIDADE	118
RELACIONAMENTO ENTRE PESSOAS DO MESMO TERREIRO.....	120
A IMPORTÂNCIA DA HUMILDADE PARA O MÉDIUM	122
DA CRÍTICA À OFENSA	124
MÉDIUM PIPOCA.....	126
O MILHO	127
GUIAS DE MIÇANGAS?	129
QUARESMA: QUANDO ABREM OS PORTÕES DO UMBRAL (TEXTO ORIGINAL)	132
CARNAVAL E A UMBANDA	134
TRATAMENTO ESPIRITUAL À DISTÂNCIA	136
CONSUMO DE ÁLCOOL E UMBANDA	138
DEPENDÊNCIA DOS GUIAS	142
MUITO TEMPO	144
INCORPORAR NA HORA DO PASSE.....	146
ÂNSIA POR FALAR COM AS ENTIDADES	148

ABORTADO	149
QUEM NÃO FAZ FORÇA PARA ENTRAR, NÃO FAZ FORÇA PARA FICAR.....	151
DEIXE-O SER MÉDIUM.....	152
COSPLAY DE UMBANDA	154
REFLEXÕES EM TEMPOS DE QUARENTENA	156
AS FASES DO DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO	157
A PALAVRA DE UM EXU.....	160
VAMPIRISMO.....	161
EU NÃO PRESTO	162
TERREIRO FECHADO: TEMPO DE REFLEXÃO!	164
AJUDAR OS GUIAS FORA DO CORPO: UMA REFLEXÃO	166
TERREIROS SÉRIOS SOFREM ATAQUES?.....	168
DOENTE DA ALMA.....	170
VIDA PRIVADA / VIDA RELIGIOSA.....	172
O OUTRO LADO DE TODA HISTÓRIA	173
ORIENTAÇÃO SEXUAL E A UMBANDA	175
DEVOLVER DEMANDA?	177
VISITA CELESTE	179
O ENFORCADO ENDURECIDO.....	181
UMBANDA GOLPEADA PELA IMPRENSA	183
ATABAQUES: VANTAGENS E DESVANTAGENS	185
COMPORTAMENTO NO TERREIRO: DIFAMAÇÃO.....	188
OS PERIGOS DA INCORPORAÇÃO FORA DO TERREIRO	192
POSTURA NA INTERNET	194
A IMPORTÂNCIA DO AUTOCUIDADO ESPIRITUAL.....	196
UMA ANÁLISE SOBRE A SINTONIA VIBRATÓRIA	198
TERREIRO QUE PRÁTICA O MAL, EVENTUALMENTE	201
SENTI FIRMEZA NOS GUIAS DE FULANO	202
SOBRE MÉDIUNS ESPONJA.....	203
DEBOCHADOS NA UMBANDA	205
ORIGENS DOS SONHOS	207
ERVAS, NOSSAS AMIGUINHAS?.....	212
A IMPORTÂNCIA DE UMA CONSULÊNCIA CONSCIENTE.....	215
ESPARADRAPO NO UMBIGO – FUNCIONA?	218
DIMINUIÇÃO DAS LINHAS DE TRABALHO	220
TODA ENTIDADE PRECISA BEBER E FUMAR?	222

MÉDIUNS DE ANTIGAMENTE E DE HOJE	223
DICAS PARA EVITAR MAL-ENTENDIDOS NO TERREIRO	226
NEM SEMPRE A RESPOSTA É VISÍVEL	229
DIRIGENTE DO TERREIRO PODE SAIR DE FÉRIAS?	231
OGUM OU SÃO JORGE?	232
CRUZEIRO DO CEMITÉRIO	233
COMO ENTRAR NO CEMITÉRIO?	234
TODO MÉDIUM DE INCORPORAÇÃO É TAMBÉM MÉDIUM DE TRANSPORTE?	235
HOJE É DIA DOS PRETOS-VELHOS	236
TERREIRO COMO ÚLTIMO RECURSO	237
MORAL DO MÉDIUM	238
PEGAR DINHEIRO DE UM DESPACHO	239
POSTURA DO DIRIGENTE	240
DEMORA DO GUIA EM RISCAR O PONTO	242
O QUE ACONTECE COM O BEBÊ ABORTADO?	243
DEVEMOS FAZER NOSSAS PRÓPRIAS GUIAS?	245
COMO FAZER OFERENDAS DO JEITO CERTO?	246
DURANTE A GRAVIDEZ A MULHER PODE INCORPORAR?	248
VISÃO DE PARENTES NO MOMENTO DA MORTE	249
CADA ENTIDADE TEM SEU JEITO DE TRABALHAR	251
ALGUNS PRINCÍPIOS DA UMBANDA	252
CRUZEIRO DO CEMITÉRIO	253
ENERGIA CARREGADA	254
GUIAS QUE ARREBENTAM	255
ERÊS JOGANDO BOLO	256
MÉDIUM RECEBE DEMANDA?	257
LARVAS ASTRAS	258
DURANTE O TRANSE, O MÉDIUM PODE COÇAR O NARIZ?	259
PAI DE SANTO PODE INCORPORAR OS GUIAS DOS FILHOS?	260
O GUIA PODE AMEAÇAR O MÉDIUM?	261
ENTIDADES DEVEM CUMPRIMENTAR UMAS ÀS OUTRAS?	262
ENTREGA, OFERENDA E DESPACHO	263
PACTO COM DEMÔNIOS	264
PROIBIÇÃO BÍBLICA	266
FUNÇÃO DO PONTO RISCADO	267
DIRIGENTE QUE FAZ AMEAÇAS	268

CORRER GIRA.....	269
DIRIGENTE QUE TRATA MELHOR QUEM TEM DINHEIRO	270
É PROIBIDO VISITAR OUTROS TERREIROS?	271
INTOLERÂNCIA RELIGIOSA INTRAMUROS	272
COBRANÇA POR RESPOSTAS	273
CUIDADO AO DAR OPINIÕES SOBRE ACONTECIMENTOS PESSOAIS	274
CONVERSAS PÓS-GIRA	275
QUANDO TOMAR BANHO DE ERVAS?.....	276
SE SAIR DA UMBANDA, AS ENTIDADES CONTINUARÃO COMIGO?	277
AXÉ OU SARAVÁ?	278
DICA INFALÍVEL PARA INCORPORAR MAIS FÁCIL.....	279
AFINAL, PODE OU NÃO PODE INCORPORAR EM CASA?	282

INTRODUÇÃO

Este arquivo em PDF é o resultado dos textos que escrevi entre 26/04/2019 e 25/10/2021 sobre a Umbanda praticada em nosso terreiro (portanto, apenas uma maneira de se pensar tais assuntos). Foram publicados, originalmente, no blog umbandasimples.com.br e também divulgados em meus grupos de WhatsApp, páginas do Facebook, etc.

Em fins de setembro de 2021, julguei que havia produzido o suficiente em matéria de Umbanda, dando por encerrado, pelo menos por enquanto, esta fase de produção de conteúdo voltados a este meio.

Contudo, para que os textos não se perdessem no turbilhão de bits que formam a internet, resolvi reuni-los, um a um, neste arquivo, a fim de disponibilizá-los **gratuitamente na internet**, como sempre fiz, a todos que se interessarem.

O leitor notará que os textos são simples, práticos, objetivos, próprios para blog, escritos sem pretensão literária, sem revisão ortográfica e reunidos aqui sem a pretensão de constituir um livro nos moldes tradicionais, mas apenas na intenção de preservar este conteúdo para o futuro.

Assim, espero que gostem.

Leonardo Montes

[Meu Facebook](#)

[Meu Instagram](#)

[Meu canal no Youtube](#)

POSSO SER UMBANDISTA E NÃO FREQUENTAR TERREIROS?

Sim, pode. Para que alguém se sinta pertencente a alguma religião não é preciso que lhe seja dada outorga, grau ou permissão. Basta que tal pessoa espouse os valores/visão de mundo de tal religião e pronto: **Já poderá se considerar um adepto da mesma.**

Entretanto, cumpre dizer que a frequência a um terreiro ajuda a fortalecer a presença da religião naquela localidade, além de beneficiar o frequentador com os passes e conselhos que são dados durante a gira.

Isto no que se refere às pessoas que não são médiuns atuantes. Para os médiuns, o caso é diferente: **O médium vem com uma tarefa a ser cumprida na Terra e não deve negligenciar esta oportunidade....**

Para ele, portanto, a *frequência/desenvolvimento/trabalho* numa casa é de suma importância, se deseja triunfar sobre um compromisso por ele mesmo assumido antes da reencarnação.

USO DA BEBIDA ALCOÓLICA EM NOSSA CASA

Ontem (26/04/2019) e após quatro anos de trabalho comigo, seu Exu do Lodo firmou as seguintes regras para os trabalhos da esquerda:

- Todas as entidades devem usar, no máximo, dois charutos durante as giras (que são fechadas ao público);
- Todas as entidades, independente da bebida alcoólica com a qual trabalhem, devem ingerir, no máximo, o equivalente a dois dedos (qualquer e eventual necessidade de um recurso extra eles absorverão diretamente das garrafas sem necessidade de ingestão).

Embora não tivesse hábito de beber grande quantidade (acho que o máximo chegou a um copo americano), adorei essa nova diretriz, justamente, por deixar bastante claro que essas quantidades ***são suficientes para o nosso trabalho, para nossa realidade.***

Foi a demarcação clara e objetiva da diferenciação entre o necessário e o desnecessário.

TRÊS TIPOS BÁSICOS DE EXUS

Aprendi com as entidades que existem, basicamente, três tipos de exus: ***pagãos, batizados e coroados***. Antes, porém, de explicar cada um, convém dizer que exu é um **cargo** ocupado por uma entidade (espírito) e não um tipo de entidade.

Mas, o que vem a ser este cargo?

Exu (entidade e não o Orixá) é o cargo ocupado por aquelas entidades que fazem a guarda do médium ou do terreiro. A função primordial de um exu é defender seu tutelado do ataque de outros espíritos.

Podemos dizer que cumpre papel semelhante ao de um soldado ou de um guarda.

A partir disso, contudo, não se deve inferir (como é comum hoje em dia) que exu seja, necessariamente, um espírito que trabalha para o bem, um espírito evoluído, um trabalhador da luz nas trevas, etc.

Essa interpretação, bastante difundida hoje em dia, busca atribuir a exu um papel necessariamente bondoso, enquanto os demais espíritos que se intituam como exus passam a ser visto como espíritos que “*se aproveitam do nome de exu*” sem o serem de fato.

Mas, não é bem assim que aprendi com os próprios exus...

EXU PAGÃO:

Esta expressão é muito antiga na Umbanda e refere-se a espíritos que exercem a função de exus e que se comportam como verdadeiros “freelancers” do Mundo Espiritual, isto é, mercenários, aceitando este ou aquele trabalho, para o bem ou para o mal, conforme seus próprios interesses.

São essas entidades que atuam em trabalhos de magia negra e coisas do tipo: *amarrações, derrubada de chefe, etc.*

Essas entidades não são necessariamente perversas (pois podem agir também em prol do “bem”), mas são profundamente interesseiras, egoístas, mesquinhas e, por isso, pouco confiáveis.

Se se simpatizam com a causa do consulente, podem atendê-la. Caso contrário, simplesmente se negam. Tanto é que, esses “pai de poste” (sim, esses que

colam cartazes oferecendo mil maravilhas), não aceitam um trabalho sem antes consultar a entidade que lhe assiste, pois esta pode simplesmente se negar a executar o serviço “contratado” se não se interessar pela causa.

Costumam exigir como pagamento desde suas bebidas favoritas à sexo (dependendo das suas tendências). Incorporam-se em seus médiuns para fazer uso das bebidas, comer suas comidas preferidas, usar as roupas que mais gostavam (pasmé, isso existe!) e até mesmo para se relacionar sexualmente, enfim, a coisa vai ficando cada vez mais esquisita...

Essas entidades, quase sempre, insuflam nos médiuns que as recebem um sentimento de superioridade, de grande poder, fascinando-o completamente e, não raro, este passa a se ver como um poderoso “mago negro”, quando não passa de um escravo nas mãos destas entidades que, se forem perversas (nem sempre o são, apesar de sempre ignorantes), farão este estado de cegueira perdurar até o fim da vida do mesmo que servirá como verdadeiro veículo para satisfação de seus prazeres...

É justamente por esta razão que defendem seus médiuns com unhas e dentes, podendo mesmo agir com ferocidade caso seus domínios sejam ameaçados. É por isso que não considero adequado chamar essas entidades simplesmente de “obsessoras” ou “vampiras”, já que costumam se ligar a um médium em particular e o defendem com unhas e dentes por interesses próprios.

Até mesmo outros exus os reconhecem como exus.

Agora, é muito importante compreender o seguinte: **Este tipo de exu NÃO SE MANIFESTA NA UMBANDA, pois a Umbanda está profundamente ligada ao bem e não há espaço nela para nenhum tipo de maldade.**

EXU BATIZADO:

Todo exu é, necessariamente, um espírito de ordem inferior. Não se segue que tenha sido mal na vida passada, assassino, coisas do tipo. Mas, sem dúvida, é um espírito pouco evoluído.

Enquanto um “exu pagão” ainda é dominado por suas paixões, quase sempre, agindo por impulso ou interesses transitórios, o candidato a “exu batizado” já está em um outro nível.

Ele já compreendeu que o mal não leva a lugar algum e está cansado de andar por aí dando “cabeçadas na parede”. Como disse, pode não ter sido um criminoso, mas certamente não é uma alma virtuosa.

Eis outra tendência comum na Umbanda: **a de querer santificar os exus, de conferir-lhes status de “guias”, de “espíritos de luz” e isto também vai na contramão do que tenho aprendido...**

Em algum momento, esses espíritos que estavam por aí “sem eira nem beira”, terminam por conhecer alguma entidade que esteja ligada à Umbanda que, percebendo a sequidão de alma destes, acabam por convidá-los a conhecer a religião.

Como a Umbanda tem por princípio não virar as costas a ninguém, oferece a estas entidades uma oportunidade de trabalho, se elas realmente desejarem com bastante serventia aos trabalhos espirituais: **o enfrentamento às trevas!**

A princípio, ficam ressabiados. Contudo, observando os benefícios a longo prazo, a alegria e a satisfação de fazer o bem, acabam se convencendo que este é o melhor caminho (até por que não haverá muitos espíritos dispostos a lhes oferecer uma mão amiga).

Quando aceitam o compromisso de trabalho, iniciam-se como **verdadeiros aprendizes**, passando a “andar” com entidades já batizadas que, gradativamente, vão lhes ensinando como trabalhar na Umbanda e que atuarão como tutoras de sua jornada, aparando suas arestas e direcionando seus caminhos.

Essas entidades, enquanto aprendizes, costumam permanecer alguns anos atuando nos terreiros de Umbanda **sem incorporar**, apenas fazendo a proteção e acompanhando os trabalhos sob a tutela de uma entidade mais experiente, geralmente integrando um “bando de exus” ou, como costumamos dizer, a falange protetora do terreiro.

Após esta fase de aprendizado (que pode durar alguns anos), se persistir no propósito firme de fazer o bem e de evoluir, lhe será conferido o grau de “exu batizado”, num ritual geralmente feito por uma entidade “coroadada” e cujos detalhes nunca soube de forma precisa.

É após este ritual que esta entidade ganha seu nome de falangeiro. Por exemplo: **Se ela foi tutelada por um Tranca-Ruas, passará a ser, também, um Tranca-Ruas, levando adiante o aprendizado que recebeu.**

Após o batismo, essas entidades terão permissão de se manifestar através de um médium na Umbanda. Portanto, **na Umbanda, os exus são sempre batizados ou coroados e NUNCA PAGÃOS e, embora ainda inferiores, trabalham unicamente para o bem e para a caridade.**

Contudo, uma observação importante:

Ao se incorporarem em seus médiuns, essas entidades receberão toda a carga vibratória do mesmo ao passo que incidirão suas próprias vibrações sobre o médium. Como são entidades que ainda estão em fase inicial de sua jornada para o bem, costumam se manifestar, inicialmente, de forma muito rude e até mesmo primitiva, cabendo extremo controle do médium e rigorosa fiscalização dos cambones mais experientes a fim de que a entidade não exagere em sua manifestação.

Aliás, essa é a principal razão para que, em nossa casa, os trabalhos com os exus sejam fechados ao público, servindo mais para descarrego do corpo mediúnico do que propriamente para aconselhamento (embora saibam também aconselhar).

Ao cabo de alguns anos, dando mais alguns passos na senda do progresso, suas manifestações serão mais suaves e eles se mostrarão cada vez mais lúcidos de suas tarefas.

Estas entidades nunca aceitariam fazer o mal, mesmo se um consulente pedisse insistentemente, pois se recordam de onde vieram e tudo que passaram para chegar até ali.

O papel essencial destas entidades é o de defender o médium e seus familiares dos ataques de espíritos trevosos (*obsessores, exus pagãos, etc*), pois sabem que o médium que se propõe a fazer o bem naturalmente atrairá a ira daqueles que não desejam o bem.

EXU COROADO:

Após uma longa jornada de caridade que pode levar muitas décadas, a evolução espiritual chega para todos que sinceramente se esforçam. Os exus que, inicialmente, se manifestavam de forma muito primitiva, lutando consigo mesmos para se libertarem das tendências inferiores, ao chegar neste estágio, alcançam um outro patamar.

Um “coroadado” é um exu que glorificou sua atuação, cumprindo-a exemplarmente, evoluindo em sua trajetória. A coroação, neste caso, geralmente é feita por uma entidade da direita, um preto-velho ou caboclo, que reconhecendo o trabalho e gigantesco esforço do “exu batizado”, outorga-lhe esse grau, quando geralmente passa a ser chamado de “chefe de bando”.

Se, inicialmente, a manifestação de um “exu batizado” tende a ser grosseira a ponto de exigir muita firmeza dos cambones para coibir exageros, a manifestação de um “coroadado” é perceptível de longe.

Neste estágio, o exu quase sempre tem uma linguagem polida, educada, embora geralmente pouco falante (todos que conheci conversavam muito pouco), não xingam, fazem uso de pouquíssimos elementos (se o fizerem) e, geralmente, só atuam eventualmente na incorporação.

Sua principal função é gerenciar um pequeno grupo (bando) de entidades para cumprir uma tarefa. Engana-se, porém, quem pense que essas entidades atuem apenas nos terreiros. Já conversei com vários que me disseram atuar em *delegacias de polícia, hospitais, cemitérios e por aí vai*.

*

Enfim, sei que tudo que registrei até aqui vai na contramão do que se divulga na internet atualmente, mas este é o aprendizado que tenho recebido das próprias entidades e que, certamente, poderá auxiliar aqueles que se identificarem com essa maneira de pensar, ressaltando que não desejo fazer doutrina para ninguém, apenas registrar a minha experiência, vivência e aprendizado em terreiro...

E depois de coroadado, o exu vira um caboclo, um preto-velho?

Bem, isto deixo para uma outra ocasião.

SOU OBRIGADO A DESENVOLVER A MINHA MEDIUNIDADE?

A mediunidade não surge na vida de alguém por acaso, mas como parte de um planejamento reencarnatório definido antes mesmo do indivíduo nascer.

Entretanto, *nem todas as pessoas são médiuns em potencial*. **Algumas nunca terão sequer uma leve percepção espiritual**, enquanto outras desde a infância parecerão viver entre dois mundos...

Os médiuns são, quase sempre, pessoas com pesadas dívidas adquiridas em diversas encarnações onde muito erraram. A mediunidade lhes é “dada” não apenas como ferramenta para quitar estes débitos, mas para evolução de si mesmas.

Considerando, portanto, que este planejamento é feito antes da reencarnação e que possui uma finalidade muito importante individual e coletivamente, **a pessoa que deixar de lado seu desenvolvimento mediúnico estará sendo negligente com a própria vida e terá de prestar contas disso no futuro a Deus** e a sua própria consciência, já que, frequentemente, ela mesma pediu para vir como médium.

Portanto, **a mediunidade é opcional apenas antes da reencarnação. Aqui, é obrigatória!**

PODE UM GUIA FAZER PREVISÕES SOBRE O FUTURO?

A pergunta que motiva esse singelo texto foi motivo de muitos debates num grupo do Facebook. De um lado, várias pessoas afirmando que os guias não podem fazer previsões sobre o futuro. De outro, muitos que juravam de pés juntos que não apenas podiam como eles próprios foram testemunhas disso.

Antes de responder diretamente à questão, devo dizer que parece ser cada vez mais comum o estranho comportamento de algumas pessoas em querer definir, elas mesmas, o que os guias podem ou não fazer.

Aparentemente, essa “teimosia” baseia-se na experiência pessoal de cada um. Portanto, se na casa dele os guias não fazem previsões sobre o futuro, logo, nenhum guia faz, em nenhuma casa. Uma generalização! E o que se diz sobre generalizações? ...

Costumo lembrar que nossas experiências representam apenas uma pequena parcela de todas as experiências possíveis. Portanto, você pode ter 50 anos de Umbanda, incorporar toda semana e, ainda assim, o que você terá de experiências não será mais do que uma pequena parcela do que ocorre no Brasil (não vamos nem falar em termos de mundo).

No campo da Umbanda quantos terreiros existem? – Mil? Cinco mil? Trinta mil? Quantos médiuns participando das correntes? 15 mil? 25 mil? 50 mil? – Quantos guias se manifestando todo santo dia?

Será que, em cada terreiro, através de cada médium, os guias devem sempre se comportar da mesma forma, falar as mesmas coisas?

...

Agora, respondendo à pergunta:

– Sim, os guias podem fazer previsões sobre o futuro e o fazem, quando julgam necessário.

Alguns espíritos têm a capacidade de ver o futuro e quanto mais elevado é o espírito, mais longe ele enxerga.

Passei por algumas experiências. Certa feita um preto-velho narrou com precisão um fato que ocorreria três dias depois, bem como quando um cigano (espírito) fez três previsões (nada vagas) sobre o que ocorreria na minha vida num espaço de poucos meses, todas absolutamente precisas e corretas.

E assim como aconteceu comigo, também já obtive testemunhos de pessoas de norte a sul do Brasil. Aliás, para quem deseja realmente compreender a religião

em suas nuances, uma boa alternativa é, justamente, conversar com pessoas de todo o Brasil, o que a internet favorece sobremaneira.

Como certa vez disse Willian James: “Bastaria um único corvo branco para provar que nem todos são negros”.

Assim, embora a minha experiência pessoal seja apenas um pequeno detalhe, frente a tantas outras que ocorrem por aí, cotidianamente, dentro e fora da Umbanda, é possível dizer em alto e bom tom que: embora nem sempre corriqueiras, as previsões quanto ao futuro podem ocorrer!

MAIS AJUDA?

Ouvi esta história de um médium com décadas de experiência no campo da mediunidade e que, como todos os encarnados, também teve a sua cota de provas pessoais ao longo da vida, embora o lindo trabalho espiritual por ele realizado...

Certa feita, estando cansado, abatido e desanimado com determinada situação pessoal que persistia em não ceder, fez uma oração fervorosa, dizendo:

- Ô meu Deus, por favor, me ajuda!

Assim que terminou a oração, ouviu uma voz doce, carinhosa, ao pé do ouvido:

- Ô meu filho, mais?

Após o susto inicial, percebeu que se tratava de um dos seus guias e num misto de vergonha e espanto, baixou os olhos e agradeceu baixinho todo o apoio recebido, pois compreendeu que por mais desanimado estivesse, jamais estaria sozinho, tendo a companhia de seus amigos espirituais que, tanto quanto possível, tudo fariam por auxiliá-lo.

Desde então, quando as provas caíam sobre seus ombros e a noite escura das tempestades parecia não ter fim, o médium, ao invés de pedir a intercessão Divina, ciente de que seus guias jamais o abandonariam, simplesmente, dizia:

- Obrigado meu Deus pela provação! Sei que os meus guias estão me ajudando a passar por essa situação difícil!

Fica, assim, a preciosa lição...

LEI DE SALVA!

A famosa **Lei de Salva**, presente na Umbanda desde os seus primórdios e praticamente esquecida hoje em dia, é uma condição bastante especial e que convém refletamos muito.

Atualmente, entende-se que esta lei seja uma espécie de exceção à regra da gratuidade, como se anunciasse: *Em algumas situações, o médium pode auferir ganho para si em razão da atividade espiritual exercida, como uma forma de compensação ao trabalho realizado, ao desgaste energético, ao uso de elementos, etc.*

Entretanto, O Velho me ensinou algo **bem diferente...**

A Lei de Salva era aplicada, antigamente e corretamente, em casos extremos, urgentes e necessários, quando o membro do terreiro por questões de doença, dificuldades financeiras ou quaisquer outras limitações que REALMENTE o impedissem de obter o que necessitasse, pudesse utilizar o dinheiro do terreiro para fins pessoais.

Vamos exemplificar.

Um médium da corrente está com seu pai enfermo e o mesmo necessita fazer um exame importante e caro que não é oferecido pela rede pública. Não tendo dinheiro para realizá-lo, além da colaboração de amigos e familiares, o dinheiro do terreiro poderia lhe ser dado para este fim ou conferida permissão para pedir colaboração durante as giras para seu caso pessoal.

É importante deixar claro que a Lei de Salva não servia como desculpa para atender somente quem pagasse, pois todos continuariam a ser atendidos gratuitamente. O que seria dado ao médium é o uso do dinheiro em caixa ou a possibilidade de pedir aos consulentes e irmãos de corrente doações para que seu pai realizasse o exame.

É por isso que se chama Lei de Salva! É um recurso, extremo, que chega em último caso, quando não há mais o que fazer a não ser obter socorro financeiro das doações que o terreiro recebe para fins nobres e para os quais não se encontra outro meio.

É como uma boia salva-vidas jogada ao mar quando alguém se afoga. Um socorro necessário para que se consiga “escapar ou resolver” tal situação. Justamente por isso, **a Lei de Salva não é uma desculpa para o médium começar a cobrar** ou mesmo para pegar dinheiro do terreiro para si mesmo e,

muito menos, algo que deva acontecer toda hora ou ao menor “aperto” financeiro de qualquer membro da corrente...

Além do mais, a decisão não era tomada apenas pelos encarnados, mas, frequentemente, pelas entidades-chefes do terreiro que, não raro, pediam a doação do dinheiro quando os membros da corrente nem sequer suspeitavam das dificuldades do companheiro necessitado...

Por fim, cabe dizer que, com frequência, o beneficiado “com a Salva”, tão logo contornasse as dificuldades financeiras, fazia questão de restituir ao terreiro aquilo que lhe foi dado, sendo ponto de honra assim proceder!

UMA MANEIRA PARA SE COMPREENDER A DIVERSIDADE NA UMBANDA

Uma maneira para se compreender a diversidade na Umbanda é entender que a mesma congrega espíritos, encarnados e desencarnados, provenientes de várias culturas e tradições diferentes com liberdade para exercerem, em seus trabalhos, a força dessas culturas e tradições.

Antes de continuarmos, porém, vamos a um paralelo com o futebol. Posso ser torcedor do Vasco, Flamengo, Atlético Mineiro, São Paulo, etc... Embora haja rivalidade entre eles, todos são times de futebol. Porém, cada time tem sua história, tradição, costumes e valores.

Eu posso ser torcedor destes times e certamente seria reconhecido como um amante do futebol. Mas, também posso torcer pelo Uberaba Sport Club (time da cidade) e, nem por isso, eu seria menos amante de futebol do que os torcedores dos grandes times, de acordo?

Conclui-se, portanto, que o *torcedor do Uberaba* é tão torcedor de futebol quanto o *do Flamengo*, sendo a diferença apenas a projeção do time de sua preferência...

O mesmo se dá em relação à Umbanda.

Eu posso pertencer a uma corrente de pensamento muito conhecida e tradicional ou posso seguir apenas a Umbanda que me avô aprendeu, passou para o meu pai, que passou para mim ou mesmo a doutrina que aprendi com o Preto-Velho que se manifestava através do meu vizinho.

Não importa que a forma ou as estratégias sejam diferentes, será sempre Umbanda, desde que tenha os mesmos fundamentos, objetivos e fins.

Imagine, agora, desprezar todas as experiências milenares que médiuns e entidades adquiriram ao longo dos séculos para encaixar a todos num único modelo básico-padrão de se fazer Umbanda. Seria um incrível desperdício de culturas e tradições, não?

Diversidade, portanto, é valor e não defeito da religião.

No fim, somos todos amantes da mesma, não importando a projeção dos nossos “times”.

OBTENDO PROVAS!

Quando visitei pela primeira vez um terreiro de Umbanda, movido por curiosidade e interesse, intentava obter uma prova, algo que me convencesse da realidade do fenômeno e que provasse que as incorporações eram realmente verdadeiras.

Chegando minha vez para o atendimento, a decepção: *fui direcionado a um médium mais jovem que eu* (imaginava que os de “cabeça branca” é que deviam ser os “bons”).

Assim que me coloquei à frente do médium, incorporado pelo caboclo, após as saudações costumeiras, o mesmo me disse:

- Sei por que você está aqui!

- Por quê? – Perguntei surpreso e curioso.

- Você foi promovido no serviço e tem receio que seus colegas de trabalho não te aceitem agora como chefe deles...

Eu não me lembro de mais nada do que a entidade disse.

Fiquei tão chocado com aquela fala precisa que tudo o mais se perdeu. Olhei desconfiado para o médium, olhei ao redor, pensando e perguntando a mim mesmo se ele ou alguém ali me conhecia...

Não, ninguém me conhecia...

Eu trabalhava em uma empresa na zona rural, bem distante da cidade onde residia e nenhuma daquelas pessoas me parecia familiar. Além do mais, havia apenas uma semana que havia sido promovido...

Das outras quatro vezes que estive neste terreiro, em três eu obtive apontamentos bastante específicos que me convenceram da realidade do fenômeno. Foi o suficiente para alimentar a minha curiosidade e acender a chama que faria com que nos dois anos seguintes eu buscasse mais informações.

Quando resolvi entrar para a Umbanda, em 2015, novamente tive uma série de provas, que foram desde informações sobre familiares desencarnados que eu mesmo desconhecia à queima de pólvora nas mãos do médium incorporado.

O patrimônio de provas que as entidades voluntariamente me ofereceram (e digo voluntariamente pois, apesar de desejar-las, eu não as pedia) não tiveram apenas por efeito o meu convencimento pessoal, mas o meu despertar e, principalmente, o incentivo ao trabalho mediúnico e de divulgação das verdades espirituais que eu viria a realizar no futuro.

Muita gente da corrente não entendia a razão pela qual as entidades me dedicavam tanto tempo e deferência. Alguns chegavam a me olhar de cara feia, pensando em protecionismo exagerado das entidades e outras tantas suscetibilidades humanas...

O fato, contudo, é que não se tratava de nenhum privilégio... Era, antes, uma preparação!

As entidades reconheciam em mim um potencial maior do que eu mesmo imaginava... Elas estavam, portanto, investindo em mim, sabendo que, no tempo certo, eu haveria de dar frutos e, por isso, me ofereceram tanto quanto puderam, sabendo do quanto eu necessitava.

Após a minha iniciação, as provas continuaram a vir (até mesmo por mim mesmo, como médium), mas não com a mesma frequência de antes. É compreensível: *as entidades já haviam me mostrado o caminho, cabia-me agora caminhar por ele!*

Trago estas palavras (e lembranças) para dizer a todos que sinceramente estão em busca de provas, que nada será maior incentivo às entidades em lhe provar - sejam quais forem os seus critérios -, do que seu próprio esforço, perseverança e boa-vontade em **mostrar-se digno de tudo quanto deseja receber.**

E caso obtenha as provas que procura, não as deixe cair no esquecimento, pois se algo aprendi neste caminho, é que normalmente a nossa fé é tão fraca que podemos obter uma tonelada de provas hoje, mas se daqui alguns meses não as obtivermos, acabamos por questionar a certeza que, até ontem, tínhamos...

EVITE TOCAR O CONSULENTE DURANTE O PASSE

Os passes aplicados pelas entidades no terreiro, quase sempre, são feitos através de gesticulações, estalos de dedos ou de imposição de mãos. A entidade incorporada possui a sua própria forma de trabalhar e, frequentemente, usa as mãos do médium como direcionador do fluxo energético emitido.

Algumas entidades gostam de tocar nas pessoas, como o Caboclo Pemba Branca, que eu incorporo, que gosta de colocar a mão sobre o ombro da pessoa quando vai dialogar com a mesma ou a Vó Maria Rosa, preta-velha, que gosta muito de segurar a mão do consulente enquanto conversa com ele.

Até aí, normal.

Contudo, por vezes, a entidade precisa fazer um trabalho mais demorado sobre um chackra ou determinada região do corpo que, se tocadas, podem gerar algum constrangimento. Algumas entidades tocam mesmo o consulente, mas na maioria das vezes, é o médium que não mede o impulso do próprio braço e acaba tocando.

Pode ser que na maioria das vezes não haja nenhum problema, mas é bom evitar dor de cabeça. A ação espiritual promovida pela entidade não necessita do toque físico, bastando conservar a mão alguns centímetros do corpo do consulente.

Para exemplificar essa questão, vou contar um caso que aconteceu com um antigo conhecido.

Certa feita ele foi a um Centro Espírita tomar passes. Por uma questão “natural” de respeito, as pessoas tiram o boné quando entram para a câmara de passes. Ele não tirou. O passista se aproximou e pediu que o tirasse, ele não aceitou, pois estava ficando careca e não gostava de tirar o boné. O passista insistiu novamente, ao que meu amigo respondeu:

- Se seu passe não passa pelo boné, então, não quero.

Levantou-se e saiu.

Claro que achei um exagero a atitude dele e uma falta de respeito com a boa-vontade do passista...

Porém, no fundo, ele tinha razão: Se era preciso tirar o boné para receber o passe, por que não era preciso tirar toda a roupa? Se o passe passa pela camisa, não passaria pelo boné?

O passe nada mais é do que a transfusão de energias do médium/entidade para o consulente e não entra no corpo pelos poros ou é impedido pela roupa, já que atinge diretamente o corpo espiritual que repassa a energia para o corpo físico, como a circulação sanguínea seguindo seu percurso natural.

Então, da mesma forma, a sugestão é: evite tocar o corpo do consulente, seja homem ou mulher, por que o passe passa por onde tiver que passar até chegar onde deve chegar e bem pode ser que algumas pessoas se sintam incomodadas quando tocadas e acabem por gerar desconfianças e receios em relação ao médium ou mesmo ao terreiro.

PILHA DE EGUM

Algum tempo atrás, deparei-me com um conceito estranho e interessante ao mesmo tempo: *Pilha de Egum*.

Pilha, como sabemos, é um dispositivo capaz de produzir energia elétrica através de um processo químico interno. Egum, termo comum no Candomblé, quer dizer: *alma da pessoa morta*.

Em linhas gerais, pode-se usar o termo Egum para se referir ao espírito, seja ele bom ou ruim.

Uma Pilha de Egum seria, portanto, uma pessoa que alimenta energeticamente um espírito, ainda que não tenha consciência disso. Mas, como é possível? Passeando por grupos de Facebook não é raro encontrarmos alguém se dispondo a: casar, separar, trazer dinheiro, afastar pessoas e, algumas vezes, a fazer o mal explicitamente.

O curioso é que essas pessoas quase sempre se apresentam em perfis falsos, colocando fotos diversas ou desenhos como avatar, não se expondo de verdade. Atendem por WhatsApp, e-mail ou Skype e parecem dispor de espíritos ao seu redor a qualquer hora para fazer qualquer tipo de trabalho.

Da mesma forma, não é incomum encontrarmos anúncios em postes elétricos pela cidade de pessoas oferecendo a mesma coisa.

Até certo ponto, é compreensível que quem esteja sofrendo busque desesperadamente uma saída para sua dor. E esses desesperos podem fazer com que tais pessoas cheguem até esses "poderosos" senhores do destino alheio...

Mas, pensemos: se esta pessoa que diz fazer tudo quanto é tipo de trabalho espiritual fosse bom mesmo, por que precisaria de anúncio? Sua fama não falaria por si só? Por que ficaria fazendo repetidas postagens ou colando anúncios em postes?

Se caso chegássemos a conhecer um destes, veríamos que quase sempre são pessoas extremamente perturbadas que estão longe de viver na mansão que deveriam ter (já que muitos afirmam poder realizar trabalhos de prosperidade com garantia...).

Não possuem carro do ano, não vestem as melhores roupas e quase sempre estão em relacionamentos amorosos, profissionais ou familiares extremamente perturbados ou desgastados.

Não seria de se esperar dessas pessoas que oferecem pactos, seja com quem for, que elas próprias fossem o espelho do sucesso que dizem poder trazer aos outros?

Essas simples reflexões bastariam para reconhecermos os picaretas de plantão, dispostos sempre a ganhar dinheiro facilmente...

Bom, mas e a pilha?

Sabemos que cada pessoa vibra numa sintonia. Quem vibra numa sintonia de maldade, atrai maldade.

Logo, se esses camaradas realmente chegam às vias-de-fato, se realmente chegam a fazer algum tipo de trabalho, é quase certamente voltado a espíritos muito inferiores que, justamente por isso, agem por conta de uma concepção própria de lei, do seu próprio código de ética, onde, quase sempre, não se encontra o item: obedecer a um senhor!

Esses espíritos simplesmente se aproveitam dessas pessoas para sugar suas energias, deixando-as cada vez mais afundadas em problemas e dificuldades físicas, afetivas, profissionais e, não raro, mentais! E não apenas quem faz, mas quem se mete a procurar esse tipo de trabalho também...

A pessoa que entra neste caminho está destinada a afundar-se cada vez mais. Poderá, a princípio, obter algumas vantagens, pois para dominar é preciso primeiro iludir...

Mas, logo perderá sua paz, seu amor e tudo de bom que possui, simplesmente, porque estará lidando com entidades que só querem satisfazer seus próprios desejos e aproveitarão a energia dos encarnados que voluntariamente as procurarem.

Por isso são Pilhas de Eguns.

Muitos espíritos, normalmente carregando enormes viciações, gostariam de poder beber, fumar (não confundir com os elementos de trabalho da Umbanda), comer, praticar sexo e tudo o mais.

Como não possuem mais um corpo físico para isso, o que lhes sobra é: incorporarem-se num médium para satisfazer seus desejos (o que é mais raro)

ou aproximar-se destas pessoas e sugar-lhes as energias durante os trabalhos (o que é mais comum), o famoso “encosto”, como popularmente se diz.

Bom, sem prolongar demais o assunto, fica o alerta: desconfie de quem diz poder fazer tudo num passe de mágica. Se a pessoa realmente tem entidades a seu dispor, se pode trazer dinheiro, se pode fazer dobrar de joelhos qualquer homem ou mulher, ele deveria morar numa mansão, ter um carro importado, um companheiro (a) belíssimo (a) e uma vida bastante próspera.

Não é isso que se vê.

São escravos, mas se acreditam senhores!

Além do mais, esses trabalhos negativos só trazem atraso para quem os procura ou para quem os faça. Fuja disso, não arrume mais dor de cabeça para sua vida!

AMBIENTES CARREGADOS

Tudo retém energia. Nossos pensamentos e sentimentos são capazes de externar forças psíquicas que levam parte da nossa energia ao nosso redor. É assim, por exemplo, que um objeto de valor sentimental passa a ter parte da nossa energia retida nele e, a longo prazo, se torna cada vez mais querido, haja vista o acúmulo de magnetismo exteriorizado nele.

O mesmo se dá em relação a todos os ambientes.

Um dos grandes dramas dos médiuns novatos é compreender que não dá para ser um bom médium, um bom instrumento da espiritualidade, frequentando os mesmos lugares de antes.

Não quero dizer que o médium deva se tornar um misantropo, mas se deseja viver em harmonia e equilíbrio deverá evitar todos os ambientes energeticamente carregados. Assim, as entidades sempre me recomendaram evitar: *Motéis, bares, aglomerações, etc.* Vou contar dois exemplos.

Eu residia numa casa próxima de um bar. Por experiências anteriores, eu evitava a todo custo entrar em um... Porém, estava muito quente e desejava tomar um refrigerante... Era domingo, noite e não havia mais nada aberto ali por perto.

A sede foi mais forte, entrei no bar.

Assim que dei o primeiro passo, tive a impressão de que o ar estava pesado, denso, como se entrasse noutro ambiente. Havia poucas pessoas ali, comprei o refrigerante e voltei para casa.

Assim que entrei, minha esposa disse:

- Nossa, que cheiro de cigarro!

Eu não senti nada, mas ela afirmava sentir um cheiro forte de cigarro (não havia ninguém fumando no bar). Algum tempo depois, observei que me tornara mais lento, meio incomodado, mas logo passou.

Não fiquei mais do que alguns minutos ali dentro, mas foi o suficiente para pegar alguma carga.

Talvez alguém diga: É questão de sintonia, você pegou isso por que estava energeticamente vulnerável... Ok, é verdade! Porém, quem não está? O princípio

é válido e correto, mas quem é que consegue manter-se o tempo todo em alto diapasão? Somos muito mais suscetíveis às energias densas do que gostaríamos de admitir...

O outro caso é de um senhor, médium, que trabalhava num motel.

Para todos os efeitos, ele era apenas mais um funcionário da empresa... Porém, à medida que desenvolvia sua mediunidade, sentia-se mais vulnerável, mais fraco e mais atacado.

Certa feita, queixando-se disso ao chefe espiritual da casa, o mesmo lhe disse:

- Filho, mas olha onde você trabalha...

A pessoa objetou, disse que era o seu ganha pão, que ali era apenas um serviço como qualquer outro, ao que a entidade respondeu:

- Eu sei, filho... Porém, você precisa procurar outro lugar... A sua coroa está se abrindo e as energias não se preocupam se você tem que trabalhar ou não... Elas estão aí, circulando e vão afetar todo mundo, inclusive e, principalmente, você.

Eis, portanto, um fato que me parece incontestável: *Não dá para ser o mesmo de antes*. Se o médium quer mesmo servir, trabalhar e evoluir não precisará, repito, tornar-se um misantropo, afastando-se da sociedade ou deixar de beber sua cervejinha costumeira... Porém, não dá para achar que pode entrar em qualquer ambiente carregado e sair de lá livre, leve e solto como se não o influenciasse, pois certamente influenciará.

MAGIA NEGRA

Embora os estudantes de magia neguem o qualificativo “negro” aos trabalhos que visam o mal (isto é, aos trabalhos que vão contra as leis Divinas), afirmando que não existe magia negra, como não existe magia rosa, verde, etc., o fato é que, sim, magia negra existe.

A expressão magia negra não tem nada a ver com a “magia dos negros”, sendo utilizada pelas próprias entidades para descrever trabalhos espirituais que lidam com energias densas, trevosas, maléficas e que, por possuírem baixa vibração espiritual são de coloração escura e daí a origem do termo.

Muito me surpreende os magistas de hoje afirmarem que magia não tem cor... Certamente desconhecem os relatos dos médiuns videntes que enxergam, claramente, em trabalhos de cura, fluidos esverdeados pelo ambiente ou irradiações azulíneas em trabalhos de harmonização e equilíbrio...

Tudo vibra e emite cor e, portanto, magia tem cor!

O que dá cor a magia, naturalmente, é a intencionalidade do ato e as vibrações emitidas durante os trabalhos.

Felizmente, a maioria das pessoas que se definem como praticantes de magia negra ou “magos negros” não o são. Quando muito, são pessoas ingênuas e iludidas em relação à sua própria força, acreditando-se senhores onde não passam de escravos... Contudo, sim, existem alguns que são mesmo ligados a espíritos trevosos e capazes de usar toda a força espiritual que possuem para arrasar com a vida de alguém...

A Umbanda surgiu como uma linha de combate aos trabalhos de magia negra que estavam bastante em evidência no início do século XX (basta observar, igualmente, a crescente onda místico-magística em fins do século XIX), pois a maioria dos interesses espirituais da época estava, justamente, em trabalhos que visavam a satisfação da própria vontade e, não raro, o combate ao outro.

E, ao contrário do que muita gente pensa, atuar diretamente no combate a magia negra não era atribuição dos exus e, sim, dos caboclos. Eles eram os verdadeiros “corta-demanda”, sendo muito eficientes em trabalhos dessa natureza. Aos exus cabia (como ainda cabe) o enfrentamento aos espíritos trevosos e a segurança espiritual dos médiuns e dos terreiros.

Neste sentido, a Umbanda foi chamada por muitos de “magia branca”, apesar das entidades preferirem, inicialmente, a expressão “linha branca”, isto por que a atuação das entidades se dava no sentido de limpar, descarregar, portanto, “clarear” o aspecto espiritual de alguém.

É importante deixar evidente que os termos aqui utilizados não têm nada a ver com a cor da pele e sim, repito, com a coloração das irradiações espirituais que tendem a ser mais claras (e não necessariamente branca) quando mais positivas e mais escuras (e não necessariamente preta) quando mais negativas.

É com base nesta observação espiritual das irradiações energéticas que surgiram os termos “magia branca e magia negra”.

Se uma pessoa procura um terreiro de Umbanda sofrendo por conta de trabalhos de magia negra, a primeira coisa que as entidades fazem é descarregá-la, o que nem sempre é possível realizar em apenas um trabalho, sendo mesmo um processo de limpeza e não um ato de limpeza, a fim de que, gradativamente, as energias negativas que estejam em seu campo áurico, por força do trabalho negativo recebido, sejam dissipadas lentamente para não causar grande abalo na saúde física, mental e espiritual do consulente.

Em seguida, as entidades prestarão auxílio moral, a fim de fortalecer o consulente, levando-o a compreender a importância da sua própria colaboração no processo de libertação a que está sendo submetido, a força da oração como o mais completo escudo protetor e a relevância dos pensamentos e sentimentos equilibrados para a manutenção da paz em si mesmo.

Podem receitar banhos, defumações, orações, enfim, toda uma gama de recursos cabíveis dentro da Umbanda.

É importante não perder de vista que, embora seja real a possibilidade de um trabalho negativo nos alcançar, é preciso admitir que só nos atinge por nossas brechas morais e emocionais. Se fôssemos firmes na fé, não seríamos atingidos... Por esta razão, o consulente precisa fazer a sua parte e não apenas esperar que a entidade faça um milagre por ele.

Conforme a origem do trabalho e os efeitos idealizados, bem como o tamanho das brechas morais do consulente, o tratamento adequado pode levar de algumas semanas a alguns meses para ser concluído. Neste terreno, ninguém pode, previamente, prescrever uma duração, pois o desfecho dependerá da motivação de quem fez a magia (que pode ser tentada novamente) e do desejo real e sincero do consulente em se livrar dessa carga.

Seja como for, a Umbanda tem muitos recursos para auxiliar quem passa por isso, embora não dá forma milagrosa e sem esforço, como muitos gostariam que fosse.

CURA NOS TERREIROS

Os trabalhos de Umbanda, quando bem executados, produzem maravilhas que tocam o coração e a alma. Entre essas maravilhas, certamente, figuram os casos de curas espirituais de modo que todo terreiro têm uma porção de histórias para contar.

Quem nunca viu alguém chegar quase “arrastado” no terreiro e, ao longo de algumas giras, sair totalmente curado? Quantas pessoas não procuram a “medicina do além”, uma vez que os médicos da Terra nada mais podem fazer?

Tenho visto e testemunhado verdadeiros milagres em minha vida espiritual na Umbanda de modo que, não tenho a menor dúvida em afirmar, o terreiro é, de fato, um hospital de corpos e almas.

Contudo, é preciso frisar, especialmente aos médiuns novatos, o seguinte: Quem cura é a espiritualidade, com a permissão de Deus, através da fé e sempre conforme o merecimento de cada um!

Não há nenhuma razão para que o médium se sinta superior aos demais por ter um guia que trabalha com a cura ou por ser ele mesmo um médium de cura. O Velho sempre fez questão de me ensinar que a cura vem através da fé da pessoa e não por causa do médium.

MÉDIUM BANDA LARGA

Estava ouvindo uma rádio espiritualista na internet, cujo conteúdo é relativamente interessante, quando me deparei com um tipo de programa que há tempos não ouvia, embora saiba ser comum: consultas por telefone.

O processo é simples:

A pessoa liga para o programa, fala seu nome, data de nascimento e faz uma pergunta. Quem lhe responde é o condutor do programa que, quase sempre, atribui a si algum título estranho com palavras esquisitas.

Embora eu não dê nenhum crédito a programas desta natureza, resolvi acompanhá-lo, pois me impressionou a rapidez com que o apresentador devolvia as respostas.

Lembro-me de uma moça querendo saber sobre um emprego. Ela mal terminou de fazer a pergunta e imediatamente ele respondeu: É seu!

Logo em seguida, um rapaz querendo saber se voltará com a namorada. Após algum rodeio, tentando sondar a reação do jovem com palavras amenas, ele concluiu: Voltará, mas não no tempo que você deseja!

Em questão de segundos, o apresentador era capaz de sondar o passado, o presente e o futuro dos seus ouvintes!

Eu não sei o que me impressiona mais: Se os “médiums” que realizam este tipo de programa ou se as pessoas que acreditam que, realmente, alguém que nunca viram em questão de segundos poderá lhes dar uma resposta verdadeira.

Você já parou para pensar em como esta pessoa obteria as respostas? Como ela poderia, tão rapidamente, ter acesso a estas informações? Eu lhe ajudo: É simplesmente leitura fria.

Observe, o modus operandi é sempre o mesmo:

Se a pessoa fala de forma extrovertida, alegre, alto astral, tudo que ela pergunta dará certo: Seja emprego, reatar casamento, fazer uma nova faculdade, tudo maravilhoso!

Se a pessoa é insegura na fala, tudo dependerá. Respostas como: Talvez você consiga, você precisará se empenhar mais, está em suas mãos, surgirão rapidamente.

Se o tom da voz passa melancolia, tristeza, prostração, o apresentador dirá que não dará certo, que o relacionamento acabou, que a pessoa precisa partir para outra e procurará orientá-la a buscar algum tratamento espiritual, marcar uma consulta com ele, etc.

O objetivo é muito simples: Convencê-lo de que o apresentador realmente é um médium extraordinário, um vidente fantástico, um paranormal de mão cheia, enfim, alguém que realmente tem um poder incrível e que poderá lhe ajudar, desde que você pague a quantia certa... Enfim, estes programas servem para atrair clientes, nada mais!

*

Da mesma forma, desconfie sempre que alguém disser possuir informações espirituais sobre você, principalmente, fora do ambiente religioso. Quase todos os que conheci e que afirmavam poder ler a energia das pessoas, falar sobre o passado ou o futuro só por terem encostado em alguém, eram pessoas perturbadas, carentes e que desejavam chamar a atenção...

Ainda que a pessoa seja médium, sensitiva, etc., ela não obterá, seja por si ou por uma entidade, as informações na hora que ela quiser. Simplesmente, não é assim que funciona!

Se você é médium em terreiro, já deve ter notado que, muitas vezes, mesmo o consulente estando cara-a-cara com a entidade não é fácil obter informações espirituais sobre a pessoa, em razão das dificuldades energéticas do processo, a postura do próprio consulente e, acima de tudo, a insegurança do médium... Imagina, agora, conseguir tudo isso por telefone, fazendo Live no Facebook ou simplesmente por ter encostado em alguém....

Porém, talvez eu esteja ultrapassado com a minha conexão discada com o além, já que me parece ter por aí muito médium banda larga (até com fibra óptica...).

NÃO IDOLATRE MÉDIUNS

A mediunidade, para a maioria das pessoas, constitui-se do que se convencionou chamar de mediunidade de prova, ou seja, surge na vida de alguém como meio para quitar antigos débitos com o passado.

Por esta razão, não há mistério algum em dizer que a maioria dos médiuns são espíritos ainda inferiores, portadores de chagas morais desoladoras.

A Misericórdia Divina, infinita, permite venhamos à Terra em tarefa de trabalho espiritual como medida saneadora de nossas próprias imperfeições à medida que pagamos o mal com o bem.

Se os médiuns são, na maioria das vezes, espíritos inferiores, com pesadas dívidas com o passado, se comportarão santamente na Terra? Serão exemplos de virtudes? Certamente, a maioria não...

A imensa maioria lutará dia e noite contra suas sombras interiores, contra os arrastamentos que existem dentro de si, esfomeados, buscando apenas uma brecha para fazer ressurgir o homem velho que estava trancafiado, porém, não morto...

Por esta razão, é preciso ter muito cuidado para não confundir a pessoa (médium) com o exercício da mediunidade e não pensar, por exemplo, que o médium daquela entidade que você tanto gosta de conversar seja tão evoluído quanto a entidade que por ele se manifesta.

Embora seja dever do médium se esforçar em viver tudo aquilo que as entidades falam por sua boca, a realidade é que, não raro, a personalidade dele e da entidade destoam tanto que os consulentes menos avisados chegam a se assustar quando o conhecem mais de perto.

É preciso lembrar que a potencialidade mediúnica não guarda relação com a moral e que um médium muito bom não necessariamente é uma pessoa muito boa. Apenas o exercício mediúnico – e seus frutos - é que revelam o quanto o médium está ou não compromissado com a moral e o quanto sua faculdade será capaz de render.

Por esta razão, devemos ter prevenções em relação à bajulação em torno de algum médium e muito menos tolerância em relação à idolatria. Se eu mesmo, que não sou nada, já fui chamado várias vezes de mestre, imagina com que

lisonja não são tratados alguns médiuns, especialmente se portadores de faculdade mediúnicas expressivas?

Conta-se que a esposa de Peixotinho (que foi um dos maiores médiuns de efeitos físicos da história), certa feita surpreendeu uma pessoa admirada com as faculdades mediúnicas do seu marido, dizendo:

- Peixotinho, você é o maior médium do Brasil!

Foi então que ela disse:

- O senhor se engana... Ele é o maior médium do mundo! Agora, falta só pendurar uma placa no pescoço dele e aguardar até que tombe... O que ele é na verdade, meu senhor, é um espírito muito endividado e que foi amparado pela bondade Divina com essa tarefa mediúnica.

É preciso cortar o mal pela raiz!

Entre as chagas mais comuns dos médiuns está a vaidade e quando o médium é vaidoso, não faltarão entidades infelizes que soprarão isso em seus ouvidos ao mesmo tempo em que instigarão nos consulentes, especialmente os que possuem baixa autoestima e excessiva carência, o ímpeto da bajulação e, não raro, o médium vaidoso estará sempre cercado de bajuladores!

Quando o médium erra, os bajuladores se afastam. Os admiradores viram as costas. A língua ferina não tarda em chicotear e o médium se revolta, sentindo-se vítima de ingratidão...

Por esta razão, advirto:

- Médium, não se sinta superior aos demais por conta da faculdade mediúnica que você possui, pois bastaria um sopro Divino para tirá-la. Não deixe os bajuladores transferirem para você as afeições e gratidões que são direcionadas às suas entidades. Sinta-se feliz e honrado pelo trabalho que o Alto lhe confiou, mas redobre seus cuidados em relação à vaidade, ao orgulho, a ganância, a luxúria e a todo tipo de paixão inferior que pode servir de isca às entidades perversas que aguardam o seu tombo!

Ao consulente, digo:

- Por mais se sinta agraciado pela caridade obtida pelas entidades de um médium, por favor, não crie maiores expectativas... O médium sob sua vista é um irmão de caminhada, lutando diariamente para ser uma pessoa melhor.... Elevá-lo a um patamar que ainda não é de seu merecimento servirá apenas para

uma maior queda e decepção de sua parte! Saiba ser grato e reconhecido pelo esforço do companheiro, incentivando-o sempre a continuar com seu trabalho, mas não alimente nele o fogo das paixões que, mais rápido do que se pensa, poderá consumi-lo ainda vivo!

E que a espiritualidade nos conserve sempre a disposição para reconhecermos o que ainda não somos!

A UMBANDA FAZ O MAL?

No dia 16/11/1908, uma nova luz se fez presente em terras Brasileiras. Foi o nascimento da Umbanda. Uma religião onde poderiam se manifestar os espíritos de ex-escravos e indígenas brasileiros (e com o tempo, outras linhas), trazendo sabedoria e caridade aos corações aflitos que lhes pedissem ajuda.

Em seus princípios simples, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, através do seu médium, Zélio Fernandino de Moraes, estabeleceu os fundamentos da prática umbandista, a começar por: A manifestação do espírito para a prática da caridade!

A Umbanda, desde o seu nascimento, elegeu a moral cristã como a base de todo o seu fundamento, o conhecimento espírita para direcionamento da sua prática mediúnica e a religiosidade africana como parte da sua cosmovisão. Três grandes forças da cultura brasileira se uniram para formar um campo religioso propício a prática da caridade mediúnica com base nos ensinamentos morais de Jesus.

Como religião “aberta”, ao longo do tempo, a Umbanda absorveu influências de diversos movimentos que, antes de se antagonizarem, apenas expressam a diversidade religiosa brasileira.

Mas, se a Umbanda só faz o bem, por que se acredita que ela faça o mal?

Desde o seu surgimento, a Umbanda sofreu tremenda pressão da religião dominante à época, com efusivas pregações contrárias ao seu objetivo, espalhando o medo e a desconfiança no coração de seus fiéis.

Politicamente, sua vida também não foi fácil. Só a partir da década de 1940 é que, em algumas capitais, foi possível registrar terreiros em cartórios, pois a Umbanda não era considerada religião, coisa, aliás, que ainda hoje vemos, basta pesquisar na internet...

Entretanto, toda essa difamação ganhou proporções épicas quando, ao final da década de 1970, com o surgimento de diversas Igrejas fundamentalistas, o preconceito religioso tomou vulto e todas as religiões acabaram sendo atacadas, mas com especial obstinação na Umbanda e no Candomblé, religiões de minorias, mas que, de alguma forma, pareciam incomodar profundamente tais líderes religiosos...

Ao longo de mais de quatro décadas, com grande poder aquisitivo e controle mediático, servindo-se de pregações públicas, jornais, rádio, televisão e, mais recentemente, do YouTube, milhões de pessoas foram influenciadas a acreditar que a Umbanda não apenas fazia o mal, como servia ao diabo e as entidades que nela se manifestam eram simplesmente demônios disfarçados. É fácil imaginar o que quarenta anos de pregações negativas possam fazer com o conhecimento popular.

A Umbanda foi colocada no rol das coisas ruins, diabólicas, voltadas ao mal...

O fato, entretanto, é bem diverso.

A Umbanda não faz, nunca fez e nunca fará mal a ninguém. Se algum dia, em algum momento, você ouviu o contrário, ou lhe contaram uma mentira ou era algum desavisado que brinca em nome da religião. Coisa, aliás, que existe em todas elas...

A Umbanda também não adora o diabo. Aliás, nem sequer crê em sua existência...

Creemos que o mal existe no coração do homem que é, ainda, um espírito fraco em franca ascensão espiritual, mas não aceitamos a existência de uma entidade cujo poder equivalha ao de Deus.

Por consequência, as entidades que se manifestam na Umbanda, tais como: pretos-velhos, caboclos, crianças, marinheiros, boiadeiros, exus, pombagiras, etc., não são e nunca foram demônios. São espíritos, como nós, em processo de evolução espiritual e que descem à Terra única e exclusivamente para fazer o bem, auxiliar o próximo, prestar a caridade.

Surpreso com tudo isso?

Então, eu te convido a ter sua própria experiência.

Há diversos terreiros de Umbanda no Brasil, por que não visitar um? As chamadas Giras Públicas são abertas a todos e são gratuitas, onde qualquer um pode participar e ter sua experiência. Que tal?

NATURALIZAÇÃO DA COBRANÇA POR CURSOS DE UMBANDA

Quando iniciei meus estudos sobre a Umbanda com as entidades, uma das primeiras regras que elas me impuseram, foi: Você deverá passar aos outros o que aprender, pois o conhecimento não pode ficar apenas com você e nunca deverá cobrar nada por isso.

De lá, para cá, criei vários grupos de WhatsApp (muitos ainda funcionando com outras pessoas no comando), escrevi dois livretos, criei um canal no YouTube que já consta com mais de 38 mil inscritos e mais de dois milhões de visualizações e agora este blog totalmente focado na Umbanda, fora as atividades semanais em nosso terreiro.

Eu - ainda pequenino no universo da espiritualidade -, um médium de corrente como qualquer outro, cumprindo o que me foi pedido pela espiritualidade e munido de boa-vontade, ao fazer tudo isso, fiquei a pensar: **o que não poderiam fazer estes grandes estudiosos da religião que possuem décadas de experiência e conhecimentos muito maiores que os meus?**

Se procurassem fazer uso dos meios tecnológicos (e gratuitos) existentes hoje em dia para colocar seus conhecimentos, seus cursos, seus saberes, ao alcance de qualquer um que se dispusesse a aprender, que contribuição dariam à religião!

Porém, boa parte resolveu por preço em seus conhecimentos...

Quando comecei a estudar sobre a religião também fiz esses cursos. Achei maravilhosa a ideia de poder aprender, à distância, aquilo que ninguém podia me ensinar (já que não fazia parte de nenhuma corrente) e me encantei com esse universo até que, um dia, fiz um curso muito fraco, com tutor totalmente despreparado, ríspido às dúvidas dos alunos e me desanimei. Nem cheguei a “pegar” meu certificado...

Pouco tempo depois recebi um e-mail do tutor agradecendo aos 1.500 alunos que fizeram parte do referido curso, cada um pagando algo em torno de R\$ 68,00 reais: $1.500 \times 68 = \text{R\$ } 102.00,00$ (Cento e dois mil reais).

No prazo de um mês, com alguns vídeos bem “mixurucas”, aquele curso arrecadou mais de cem mil reais!

E isso virou uma indústria que cresce a cada dia (já com vários concorrentes) que lançam cursos toda hora, buscando convencer o umbandista e/ou simpatizante da necessidade de estudo (o que é ótimo), sobre a possibilidade de aprender pela internet (o que é maravilhoso), desde que se pague por isso (o que é péssimo).

Este novo conceito, entretanto, não se restringe apenas ao ambiente virtual, pois também se tornou comum em vários terreiros a cobrança pelo ensino...

Para a cobrança dos cursos dentro dos terreiros, a justificativa é que não se deve cobrar o atendimento espiritual que é feito pela entidade (que não precisa de dinheiro), mas o ensino não tem problema cobrar (pois é o tempo do estudioso) e não um trabalho espiritual.

Contudo, pergunto, e a caridade?

As entidades não cobram por que trabalham para a caridade e não porque não precisam de dinheiro (apesar de não precisarem). Da mesma forma, o médium, o dirigente, enfim, quem quer que seja, deveria fazer o mesmo, passando adiante as informações que possui sem nunca esperar retribuição financeira por isso!

Há algum tempo vi uma chamada no Facebook sobre um workshop sobre as ervas, realizado em um terreiro e que seria transmitido ao vivo pela internet. Fiquei vivamente interessado, mas ao buscar informações, descobri que a transmissão ao vivo seria feita num grupo secreto do Facebook e que, para entrar, precisaria pagar R\$ 90,00 reais.

Desisti...

As entidades sempre me ensinaram que o médium deve sobreviver do seu salário, fruto do seu trabalho, da sua profissão e nunca – repito -, nunca do seu saber espiritual ou da sua mediunidade: não é ético, não é moral, não é normal! Deve-se viver “para a Umbanda” e não “dá Umbanda”...

Há pouco tempo recebi um e-mail de um terreiro anunciando que faria desenvolvimento mediúnico (diga-se: Curso de) e que pedia uma contribuição mensal (MENSAL) de mais de cem reais por pessoa, dizendo que haviam APENAS 150 vagas. Vamos fazer as contas, novamente?

$150 \times 100 = \text{R\$ } 15.000,00$ reais mensais para realizar algo que as entidades fazem de graça em qualquer terreiro que ainda não esteja contaminado pela sede do “vil metal”, conforme sempre alertou o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

É por esta razão que chamo a atenção do leitor amigo que chegou até aqui: Não é normal se cobrar para ensinar. Isso não pode ser passado adiante como algo corriqueiro, aceitável e comum...

Há uma tentativa, por força da influência dos meios de comunicação que estas pessoas possuem, de convencer os umbandistas a aceitar a cobrança dos cursos como um recuso legítimo dentro da religião e não é!

É certo que os terreiros possuem gastos e estes frequentemente são bastante altos... Contudo, os guias sempre me ensinaram que a espiritualidade ampara cada um em seu trabalho, de modo que nenhum terreiro sério e firme fecha as portas por falta de recursos que chegam, não raro, voluntariamente através dos frequentadores ou de ações internas dos membros da própria casa.

Assim, faço um apelo à consciência dos leitores deste texto para pedir-lhes que reflitam sobre tudo que eu escrevi e se julgarem que estou em erro, por favor, continuem como acharem melhor. Porém, se concluírem que tenho razão, peço que não alimentem esse tipo de coisa, pois cada vez que você paga por um curso, você está contribuindo para degeneração de um dos principais fundamentos da religião: A gratuidade.

ESPÍRITOS DE LUZ?

A expressão “espírito de luz” faz referência a uma entidade cuja evolução é tão grande que se apresenta sempre iluminada, como se todo seu corpo espiritual se transformasse numa lâmpada.

Essa lâmpada é o amor. Portanto, quanto mais o espírito avança na senda do progresso, mais consegue amar e, por isso, maiores são suas vibrações de amor por toda a humanidade, a ponto de sua frequência vibratória se tornar tão intensa que se irradia em forma de luz.

Os espíritos que estão iniciando este aprendizado conseguem se iluminar apenas eventualmente, quando em momentos de oração ou de forte comoção, quando elevam seus pensamentos e suas vibrações a um alto padrão, fazendo com que seus corações ou suas mentes irradiem luz (existem muitos relatos de médiuns videntes sobre isso).

Os espíritos já bastante experimentados e evoluídos, por outro lado, gradativamente vão perdendo a forma humana, apresentando-se apenas como um clarão, uma chama, uma irradiação espiritual.

Conta-se que ao fim da vida de Zélio de Moraes, sempre que o Caboclo das Sete Encruzilhadas dele se aproximava, os médiuns videntes conseguiam apenas enxergar sua irradiação luminosa e não mais uma aparência humana, como era visto anteriormente.

Popularmente, contudo, chama-se de “espírito de luz” qualquer espírito benevolente: Pretos-Velhos, Caboclos, mentores dos centros espíritas, etc. Contudo, um verdadeiro “espírito de luz” seria uma alma tão evoluída que já não mais se apresentaria com corpo espiritual em formato humano e, sim, como uma irradiação luminosa, própria dos espíritos bastante evoluídos.

Apesar dos pretos-velhos, caboclos e outras entidades se mostrarem mais evoluídos que a média geral da humanidade (e por isso são guias), a maior parte se encontra ainda distante da verdadeira luz, se manifestando nos terreiros/centros como parte das provações necessárias aos seus próprios espíritos, a fim de ascenderem espiritualmente.

São, portanto, espíritos a caminho da luz e não iluminados como muita gente desejaria que fossem.

O que acontece é que a expressão “espírito de luz” se banalizou, de forma que qualquer espírito benevolente acaba sendo classificado como um “ser de luz”. Entretanto, se consultarmos a literatura mediúnica sobre o assunto, veremos que a imensa maioria dos trabalhadores espirituais, por mais dedicados sejam, ainda está longe desta condição, o que não é nenhum demérito para eles, mas um fato espiritual.

É da Lei Divina que quem esteja um degrau acima ajude quem esteja um degrau abaixo. Assim, não são os espíritos puros que descem das longínquas esferas espirituais para vir auxiliar o homem comum, mas aqueles seus semelhantes, um degrau acima na escala evolutiva.

A IMPORTÂNCIA DA CONDENAÇÃO DA REDE RECORD

Depois de mais de 15 anos de intensas lutas judiciais, finalmente, a rede Record foi condenada a produzir e a transmitir quatro programas sobre as religiões afro-brasileiras, especialmente, Candomblé e Umbanda.

Quem me acompanha sabe que não enquadro a Umbanda entre as religiões afro-brasileiras, porém, isso não importa agora. O que importa é que, a programação religiosa da Record, durante muitos anos, demonizou as entidades que comumente se manifestam nos terreiros de Umbanda e, por esta razão, a condenação é muito bem-vinda!

Lembro-me muito bem quantas vezes vi, enquanto passava os canais da televisão, pessoas supostamente incorporadas com exus, pretos-velhos, pombagiras, caboclos, etc., e que, a mando do pastor, se diziam “Tranca Rua”, “Maria Navalha”, “Pai Joaquim”, falando que estavam ali para destruir a vida da pessoa por ela ter procurado um terreiro, etc.

Se você estiver na casa dos trinta, creio que se lembrará também!

Quando saiu a notícia da condenação, no começo do ano, confesso que não acreditei que se cumpriria de fato. Imaginei que alguém, em algum lugar, simplesmente engavetaria a ação e tudo morreria sem de fato se concretizar...

Para minha surpresa o direito de resposta finalmente saiu no dia 09/07, às 02:30 da manhã, pela Record News, não pela Rede Record que todos conhecem...

Você não imaginou que eles iriam dar espaço em horário nobre em seu principal canal, imaginou?

Nas redes sociais, muita gente reclamou do horário, da duração do programa (20min) e até mesmo do conteúdo (confesso, eu também esperava mais...), porém, não podemos deixar que isso apague o brilho que essa vitória representa na luta contra a intolerância religiosa!

Esta ação certamente deixará todas as demais emissoras com a “orelha em pé” e, a partir de agora, os veículos de imprensa ligados a estes seguimentos terão muito mais cuidado ao produzir conteúdo sobre outras religiões, pois a liberdade de expressão não pode ser usada como desculpa para atacar, ofender e difamar.

Cabe lembrar, porém, que mesmo com toda essa manobra para minimizar os efeitos da condenação (como não constar na grade de programação do canal), temos um valioso recurso a nosso favor: a internet. Existem alguns canais no Youtube e páginas no Facebook que já disponibilizaram o primeiro vídeo e a grade de horários.

Desta forma, penso que temos o dever moral de fazer coro a estas vozes, compartilhando e espalhando estes vídeos por todas as nossas redes, em agradecimento às pessoas que encabeçaram este movimento e para que mais pessoas tenham acesso a estes conteúdos e, assim, possamos não apenas dar um recado a estes fundamentalistas, mas contribuir para que haja maior conhecimento da religião e, por consequência, menos temor e receios em relação as nossas práticas que não falam, senão, de amor e caridade para todos, independentemente de religião.

Por esta razão, façamos bom uso da internet, espalhando estes vídeos até onde o vento soprar...

COMO RECONHECER UM BOM TERREIRO?

Um bom terreiro, para mim, precisa de três coisas: Disciplina, amor e caridade. Sem estas três coisas, não pode haver um bom terreiro.

A disciplina se avalia de várias formas: Os médiuns chegam com antecedência ou em cima da hora? Ficam dentro do terreiro recolhidos e em oração ou conversando, brincando, rindo? Ficam na porta fumando e batendo papo? Respeitam a ordem e a hierarquia? As consultas são com as linhas pré-determinadas ou mudam em cima da hora? As giras terminam mais ou menos dentro do horário ou se estendem sem limite?

Tudo isso pode e deve ser observado pela consulência e, especialmente, pelos futuros membros da casa, pois sem disciplina é impossível executar um bom trabalho espiritual.

O amor pode ser observado de várias maneiras: Os médiuns e cambones da casa parecem felizes por estar ali? Chegam sorrindo? São simpáticos? Demonstram fraternidade entre si ou se alfinetam na frente da consulência? Tratam bem os visitantes e os novatos? São atenciosos ou rudes no trato com as pessoas?

É extremamente importante observar como o amor é vivenciado dentro do terreiro, até por que, frequentemente, é a falta dele que gera os grandes problemas que fazem com que várias casas baixem suas portas...

Por fim, a caridade: Os trabalhos são gratuitos ou se cobra para ter atendimento? As contribuições são voluntárias ou obrigatórias? Se você não puder ajudar financeiramente, há pressão para que o faça?

Umbanda é caridade e caridade é gratuidade nos atendimentos, cursos e ensinamentos. Jamais um terreiro poderia cobrar por qualquer uma destas atividades, sob pena de faltar, justamente, com a caridade que, segundo o Apóstolo Paulo, é a mais importante das virtudes.

Estas são, para mim, as três coisas essenciais para se reconhecer um bom terreiro. O resto, é resto...

CADA UM QUE CUMPRA O SEU PAPEL

No início dos meus estágios em psicologia, uma professora, conversando com os alunos ávidos por iniciar os atendimentos clínicos, disse:

- Vocês verão que muitas famílias estão em dificuldade porque não conseguem assumir os seus papéis.

Ninguém entendeu muito bem e ela explicou:

- É pai se comportando como filho, filho querendo ocupar o lugar do pai, mãe querendo se comportar como filha, etc.

Aquilo fez muito sentido para mim e creio que agora deve estar fazendo para você também.

Aliás, isso não se vê apenas na organização familiar, mas em todos os setores da vida humana: é chefe se comportando como dono, é dono agindo como se não fosse dono, é empregado querendo ser dono e por aí vai...

Em todo lugar vemos isso, não é?

No terreiro, não é diferente: é médium querendo ser dirigente, é dirigente querendo voltar a ser médium de corrente, é cambone querendo ser médium, é médium querendo ser cambone e por aí vai...

O que pouco se reflete, porém, é que cada um é chamado por Deus para desempenhar um papel e, como diz aquele velho comparativo que corre pela internet:

“Que seria do cérebro se não fossem os pulmões? Ou os pulmões se não fosse o intestino? Ou o intestino se não fosse o fígado? etc.”

Quando as partes trabalham há harmonia no conjunto!

Se todos fossem médiuns de incorporação, quem seriam os “olhos e ouvidos do terreiro?”, mas se todos fossem cambones, quem atenderia esta multidão? E se todos resolvessem se tornar dirigentes, como ficaria? E se ninguém quisesse ser dirigente, como o terreiro funcionaria?

Dentro de um trabalho espiritual cada um deve cumprir o papel que lhe foi dado pela espiritualidade: nem mais, nem menos, apenas o seu papel!

A espiritualidade, sempre sábia, conhecendo nosso passado – e prevendo nosso futuro – sabe o que precisamos e, por isso, convida a cada um de nós a assumir, na Terra, parte de um trabalho que, para funcionar, precisa, impreterivelmente, de todas as partes funcionando igualmente!

É preciso, ainda, ter ciência de que estamos todos num Mundo de Provas e Expições e, portanto, somos todos “farinha do mesmo saco”, não sendo o dirigente melhor que o médium ou o médium melhor que o cambone ou o cambone melhor que o consulente: somos todos espíritos endividados buscando fazer algo de bom com aquilo que a espiritualidade nos ofertou!

Portanto: não inveje a posição do outro! Frequentemente, todos os lauréis que você o imagina coroado sejam apenas fantasias da sua cabeça... A luta é igual para todos, os desafios são os mesmos para todos e se quisermos buscar a felicidade, aprendamos esta lição: seja onde for, como for, cumpra o seu papel!

Nem mais, nem menos do que isso.

E quando tivermos cumprido o nosso papel, a vida naturalmente se encarregará de direcionar nossos passos...

CONVERSE MENTALMENTE COM SEUS GUIAS

É muito comum que o médium em desenvolvimento se apegue a uma ou outra entidade, geralmente, manifestante através de um médium mais experiente que, quase sempre, é o responsável por acolher e direcionar o recém-chegado.

É igualmente comum que o iniciante desenvolvendo tal afinidade procure sempre se consultar com as mesmas entidades por quem nutre afeto, afinal, foram elas que o receberam e direcionaram em sua caminhada.

Não há nada de errado nisso e todos devem se sentir sempre absolutamente à vontade para fazê-lo.

Contudo, mesmo após o desenvolvimento mediúnico, quando o médium se encontra apto para atender os consulentes, é comum que ainda assim busque as mesmas entidades para se consultar no que se refere as suas próprias questões íntimas e, novamente, não há nada de errado nisso!

Contudo, ofereço uma nova proposta: converse mentalmente com seus guias, receba as orientações que necessita através de você mesmo.

Sim, isto é possível!

Refleta comigo: se o médium consegue dar passividade para que um guia oriente um completo desconhecido, por que não poderia receber orientações para si mesmo?

A menor distância entre a mente do guia e a mente do médium é sempre durante o transe mediúnico, quando estarão entrelaçadas fluidicamente. Se o médium consegue passividade para receber o pensamento da entidade e transmiti-lo a outro, igualmente consegue recebê-lo no que se refere a si mesmo!

É certo, contudo, que este processo não se estabelece de uma hora para outra, mas pode ser construído com o tempo. O fenômeno mediúnico, essencialmente, é o “calar-se” para que “outro fale”, isto é, um processo que exige acentuada educação mental, coisa que, normalmente, sentimos muita dificuldade em realizar, uma vez que passamos boa parte de nossas vidas sem nos preocuparmos com isso.

A bem da verdade, a maioria das pessoas age como se seus pensamentos fosse uma entidade viva, habitando sua cabeça contra sua vontade e, quase sempre, agindo contra seus interesses... Contudo, isto não poderia ser mais falso: os pensamentos são produtos da nossa própria mente que, indisciplinada, acostumou-se a produzi-los de maneira acentuada e acelerada, desordenadamente, apenas isso! O próprio desenvolvimento mediúnico imporá ao médium a necessidade de disciplina mental.

Assim, posso assegurar que, se o médium conseguir relativo domínio sobre os próprios pensamentos (não é necessário controle absoluto), ele terá condições de receber com muita clareza as indicações que seus guias terão para sua própria vida, sem necessitar do concurso de outra entidade através de outro médium para isso.

E digo mais: não apenas conseguirá “ouvir” e “distinguir” com clareza a “voz” da entidade e seus conselhos mentalmente, como conseguirá também falar, dialogar, conversar com os seus próprios guias durante o transe!

Percebi essa possibilidade bem cedo em minha caminhada mediúnica, porém, igualmente tive inúmeras dificuldades, especialmente, pelo pensamento acelerado. Gradativamente, contudo, fui aprendendo a “me calar” e a “ouvir” a entidade durante o transe.

Isso acontecia, especialmente, quando se encerrava alguma consulta e a entidade queria acentuar, para mim, aspectos da questão tratada, muitas vezes, fazendo paralelos com aspectos da minha própria vida, como uma orientação aproveitando a situação.

Atualmente, porém, consigo ouvir os meus guias com relativa facilidade, não apenas nos intervalos entre as consultas, mas até mesmo durante as consultas. Por vezes, percebo a entidade conversando com o consulente e, ao mesmo tempo, comigo. Num relance, percebo três vias de conversas que se entrelaçam ao mesmo tempo: Da entidade para com o consulente, da entidade para comigo, e entre mim e ela.

É certo, contudo, que normalmente, durante as consultas, procuro sempre permanecer mentalmente em silêncio e a entidade igualmente foca no atendimento a ser feito, assim, é preciso dizer que, embora possa ocorrer, essas conversas simultâneas não são frequentes, até por que, quase sempre, não são necessárias: tanto eu posso esperar o momento certo para perguntar, quanto ela o de aconselhar.

Esta possibilidade (a de conversar mentalmente com os guias) não é algo extraordinário ou que exija grande esforço do médium: todos têm as mesmas

aptidões para isso, variando apenas o quanto cada um consegue ter controle sobre si mesmo. Contudo, não vou, propriamente, ensinar um método para isso, pois cada pessoa encontrará seus próprios caminhos, embora sugira a meditação (nem que seja a de um minuto), como uma boa via por onde começar.

Entretanto, eu recomendo essa medida apenas para médiuns já desenvolvidos, pois durante o desenvolvimento o médium passará por “stress” suficiente ao se esforçar em ouvir os “comandos” dos guias, não sendo o momento mais adequado para exigir este acentuado controle mental.

Aos médiuns já desenvolvidos e que recebem seus guias para consultas, digo: se eu consigo isso, você também consegue, pois sou um médium comum como você, não tenho mediunidade excepcional, não sou inconsciente e, há mais de ano, não me consulto com outras entidades que não sejam meus próprios guias!

PAVOR DE MAGIA NEGRA

Se existe algo que se configura um verdadeiro pavor entre os umbandistas é o medo de magia negra. Contudo, a experiência prática de quatro anos atuando como médium em terreiro me assegurou uma certeza: Esse temor é mais imaginário que real.

Explico.

De fato, magia negra existe.

Realmente existem trabalhos negativos (demandas, amarrações, etc) em que médiuns inescrupulosos, secundados por espíritos inferiores, são capazes de criar verdadeiras “bombas energéticas” que, se nos encontram de cheio e sem defesas, transtornam nossas vidas.

Entretanto, parece-me fato, igualmente, que o número de pessoas dispostas a fazer algo dessa natureza seja cada vez menor já que, no universo das “magias”, o número de pessoas sérias e realmente capazes de algo assim está em claro declínio.

Grande, porém, é o número de iludidos, dos que postam trabalhos no Facebook, que se afirmam mestres disto ou daquilo, mas sem respaldo espiritual algum: quando não charlatões, são ingênuos que se veem como mestres onde não passam de escravos...

Em quatro anos de exercícios mediúnicos encontrei dois casos reais de magia negativa: um de magia negra por término de relacionamento e outro por amarração. Apenas dois casos, num universo de milhares de atendimentos espirituais. Contudo, grande era o número de pessoas que se imaginavam vítimas deste ou daquele trabalho espiritual...

Geralmente, não temos tanto espaço na vida alheia a ponto de alguém se preocupar em ir atrás de um médium que possa fazer algo contra nós, até por que isso implicaria em um alto custo financeiro (não é barato prejudicar alguém).

Será que temos tanta importância assim?

É claro que acordar (e dormir) todo dia achando-se vítima de demandas pode tornar a nossa vida bizarramente interessante... Assumir que nossa vida não vai para frente por que somos desorganizados, que não conseguimos trabalho por

falta de qualificação ou que nossos relacionamentos não dão certo por que somos um poço de ignorância, não é tarefa fácil.

É sempre mais fácil – mil vezes mais fácil – colocar a culpa do nosso insucesso em Deus, na vida, no Diabo, na Magia Negra, no vizinho que tem olho gordo, no colega de serviço invejoso, etc.

Seja como for, a Umbanda pode ajudar em todos os casos: Se realmente houver algum trabalho, a Umbanda ajuda a desmanchar. Se não houver, ajudará a esclarecer, colocando as coisas em seus devidos lugares. Enfim, a Umbanda é eficaz em todo tipo de demanda: Das reais às imaginárias.

OS PERIGOS DA MALEDICÊNCIA PARA UM TERREIRO

Há pouco tempo gravei uma reflexão sobre os danos causados pela fofoca em um terreiro. Não foram poucos os relatos que já chegaram até mim exemplificando como este hábito nocivo pode desestruturar e mesmo ocasionar o fechamento de uma casa.

Hoje, porém, falarei de outra situação, a maledicência, isto é: o hábito que algumas pessoas têm de falar mal de outras pessoas e, especialmente, do próprio terreiro em que atua.

Sempre aprendi com os guias que não sou obrigado a nada e por isso sempre ensino que ninguém é obrigado a permanecer numa casa, assim como nenhuma casa é obrigada a mudar seu “modus operandi” simplesmente para agradar a quem quer que seja.

Uma das características mais belas da liberdade é a capacidade de escolher onde queremos estar. Logo, se um terreiro, por alguma razão, não nos parecer o melhor local para estarmos, basta seguirmos adiante com nossa vida espiritual, procurando um novo local para trabalhar.

Assim, não nos desgastaríamos e não desgastaríamos as demais pessoas, certo?

Porém, o maledicente não pensa assim.

O maledicente possui um incontrolável desejo de criticar o chão em que bate cabeça. Sente um irrefreável desejo de palpar em tudo e, não raro, obra mais com a língua do que com os braços. Deseja ardentemente ser reconhecido pelos demais, porém, não se mostra capaz de produzir obras que o coloquem à altura que imagina estar em seus devaneios.

Não raro, esforça-se muito para passar a imagem de alguém dedicado, interessado, profundamente aplicado às suas tarefas espirituais, mas quando a cortina se fecha, quando passa pelo portão do terreiro, sua máscara cai e toda sua chaga é exposta.

Nestas situações, o maledicente não se aguenta e quase se contorce de vontade de comentar negativamente até mesmo as coisas mais puras e santas que viu durante a gira. Tão logo possível, chama no WhatsApp alguém do terreiro e

começa a disseminar suas picuinhas com apontamentos desagradáveis sobre tudo e sobre todos (claro, menos sobre si mesmo).

Se houver oportunidade, não se incomoda em permanecer longos minutos em ligações chorosas a quem lhe dê ouvidos, reclamando de todas as coisas erradas que existem no terreiro e o quanto os demais companheiros são cegos e surdos a seus apelos “benevolentes” capazes de apontar a saída para todas as “coisas erradas” que existem na casa.

Felizmente, boa parte das pessoas, tão logo percebem essa atitude mesquinha, procuram logo se esquivar, desconversando ou procurando outros assuntos.

Em algum momento, porém, o maledicente encontra quem lhe dê ouvidos e vai, lentamente, envenenando a mente alheia que não se opõe com a devida firmeza. Assim, não raro, o maledicente consegue arregimentar duas ou três pessoas, trabalhadores da casa que devido às próprias frustrações acabam entrando em sua “onda” mental destrutiva.

Aqui reside o perigo real.

Se o maledicente envenenasse apenas a si mesmo com pensamentos tóxicos e uma imagem auto iludida sobre si mesmo, seria menos mal... Porém, a partir do momento em que consegue envolver outras pessoas em suas ideias, começa a surgir uma rachadura na casa.

Tal rachadura, se não for combatida, aumentará mais e mais até chegar ao ponto mencionado no início do texto: o fechamento da casa. Curioso que, se vier a acontecer, o maledicente, mesmo tendo sido a causa inicial da rachadura, acaba se mostrando para os demais como um verdadeiro profeta, dizendo: bem que eu avisei...

Por esta razão, fiquemos em guarda e não emprestemos nossos ouvidos ao mal alheio, pois ao fazermos isso, estaremos contribuindo para que uma luz se apague no planeta, pois é o que acontece quando uma casa boa fecha suas portas...

Mas, e a espiritualidade?

A espiritualidade não fica impassível e, frequentemente, emite severos alertas sobre os comportamentos nocivos que alguns membros do terreiro podem adotar. Contudo, é preciso não esquecer que é tarefa dos encarnados velar pela parte material e humana do terreiro e que embora possamos contar com os guias como almas bondosas que nos apontam o roteiro certo, é imprescindível reconhecer que a tarefa é essencialmente nossa.

Contudo, qual seria a melhor forma de agir? Expulsar estas pessoas? Apontar-lhes o dedo, esfregar na cara a verdade nua e crua?

Na verdade, não!

Precisamos lembrar que a espiritualidade reúne, sob o teto de um terreiro, espíritos dos mais diversos tipos, frequentemente, perturbadoramente endividados com a lei Divina que, benévola, concede a todos a oportunidade de reajuste.

Se Deus uniu um grupo de espíritos para um trabalho de redenção é que há possibilidade de vitória e certamente todos têm o que aprender uns com os outros. Por isso, embora o caminho mais fácil seja desejar que estas pessoas sumissem do terreiro para sempre, o caminho que o evangelho nos sugere é o justo oposto: devemos fazer o possível para tolerá-las e auxiliá-las com nossas orações.

Contudo, esta tolerância não pressupõe desleixo a ponto de permitir que a erva daninha se instale no terreiro. Devemos ser firmes em nossa resolução, como ensinou Jesus:

“Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; Não, não; porque o que passa disto é de procedência maligna”. Mateus 5:37

Nada assusta mais o maledicente que o desinteresse em suas lamúrias, pois quando perde a esperança de espalhar a sua perturbação verbal, termina por se afastar, quase sempre, cheio de queixumes sobre a antiga casa...

Assim, a solução que aprendi com os espíritos é: não dê ouvidos ao mal!

Se em algum momento alguém se aproximar de você reclamando do terreiro ou mesmo de outra casa, não dê prosseguimento ao assunto, não contribua para que a perturbação se espalhe, encerre a conversa dizendo coisas como:

- Bem, se o terreiro é tudo isso que você fala, o melhor seria buscar outra casa.

Ou mesmo:

- Se você acha que sua visão sobre como conduzir um terreiro é melhor que a da casa em que está atuando, por que não abre o seu e se poupa de tanta reclamação?

Pode parecer pouco, mas como o maledicente age com “luva de pelica”, sua estratégia de contágio se dá por gotas homeopáticas e se os ouvidos do terreiro se fecharem às suas queixas, elas morrerão antes de saírem de sua própria boca...

Por fim – e o mais difícil – é observarmos este comportamento sem desprezo e raiva, pois embora tenha usado termos fortes para compor este texto, desejei apenas escrever de forma clara sobre um problema que tem sido um verdadeiro flagelo para muitos terreiros e não para que sirva de fomento ao ódio ou mesmo a intolerância.

Os maledicentes são enfermos da alma, pessoas carentes, com frustrações profundas em vários níveis e que projetam a sua felicidade em posições ilusórias e quase sempre inalcançáveis e, embora sejamos todas almas doentes em algum nível, eles reclamam compreensão, tolerância e oração.

Assim, não empreste seus ouvidos ao mal e na medida do possível, ore fervorosamente para que estas pessoas compreendam o abismo a que se precipitam e aprendam que, antes de reclamar, deviam dar graças a Deus pela oportunidade de atuarem em algum terreiro.

RODA DE CONVERSAS

O Velho sempre me disse: os médiuns precisam conversar mais uns com os outros, trocar experiências, pois isso ajuda muito!

E ele tem toda razão.

Conversar, trocar experiências, compartilhar vitórias e tropeços, é um incentivo bastante interessante para fortalecer a união do grupo e também incentivar a continuidade do trabalho, para que não esmoreçamos durante a caminhada.

Uma conversa franca e honesta entre médiuns revela, em poucos instantes, que embora por caminhos diversos, nossos desafios são mais ou menos os mesmos, sem contar que é gratificante para os mais novos ouvir as histórias dos mais velhos e saber que eles também passaram por provações diversas.

Este final de semana realizamos, pela segunda vez, uma roda de conversas no terreiro, e foi muito bom!

Fazemos assim:

Marcamos em um domingo a cada dois meses, deixando a todos a escolha de participar ou não. Cada um leva um lanche para um café da tarde coletivo. Após a oração inicial, cada um pode expor (se quiser) seu ponto-de-vista sobre sua própria caminhada no terreiro, aprendizados, acertos, erros, tirar dúvidas sobre a mediunidade, sobre a religião, etc.

As pessoas mais experientes auxiliam com suas impressões, mas não como se estivessem fazendo um estudo ou dando uma palestra, mas conversando informalmente, passando aquilo que aprenderam numa agradável conversa, enquanto saboreiam um delicioso pão de queijo e bebem algum refrigerante!

As iniciativas são livres, cada um fala apenas se quiser, o que quiser. E se não quiser falar não tem problema, pode apenas ouvir também.

Os resultados têm sido muito positivos, razão pela qual incentivo outros terreiros a fazerem o mesmo ou algo semelhante.

DIRIGENTE COM CONDUTA ABUSIVA

Um dirigente de terreiro é um médium como qualquer outro, sem nenhum poder especial, tão falível quanto qualquer outro ser humano, porém, com a responsabilidade de conduzir um determinado grupo mediúnico que forma um terreiro.

Contudo, muitos dirigentes traem seus “votos” e ao invés de se transformarem em pontes entre a espiritualidade e a Terra, se tornam verdadeiro pedágios da fé alheia. É sobre isso que quero falar hoje.

Não são raros (infelizmente) os relatos que chegam até mim de dirigentes com conduta abusiva, por vezes, em forma de chantagens, perseguições e ameaças e que transformam o terreiro de um “lugar sagrado” em uma “prisão sagrada”.

É importante deixar claro que essas condutas abusivas não surgem da noite para o dia, mas são construídas ao longo do tempo, conforme aumenta a confiança entre a pessoa e o dirigente.

Entretanto, justamente por não surgirem repentinamente, elas deixam uma série de rastros que precisam ser considerados com atenção, afinal, é a vida e a fé da pessoa que estão em jogo.

Este assunto é severamente extenso e seria necessário muito tempo para abordar, de modo amplo, todas as condutas negativas que os dirigentes podem ter em relação a alguém.

Contudo, para abreviar, listarei apenas as três condutas abusivas mais comuns de que tenho notícias:

Pedidos incessantes de dinheiro

É muito comum as pessoas me procurarem dizendo que foram em algum terreiro e que o dirigente pediu algum dinheiro (geralmente, menos de cem reais), para fazer um trabalho para abrir seus caminhos.

Só este fato já seria suficiente para acender a luz amarela, pois Umbanda é caridade e é gratuidade. Como, porém, existem casas que cobram do consulente pelo menos o material de trabalho, vamos considerar que é pelo menos aceitável a cobrança dos materiais utilizados em algum trabalho em favor de alguém.

Porém, logo essas pessoas voltam e, desta vez, o dirigente não pedirá mais cem reais... Dirá que agora a coisa é mais séria, que alguém fez um trabalho e que para desfazer será necessário pagar quinhentos reais. Aqui, o bom-senso já deveria dizer para nunca mais voltar naquele local, porém, muitas vezes as pessoas estão cegas e acabam pagando.

Logo, volta o dirigente dizendo que o caso era mais sério do que ele pensava, que a magia era ainda mais negativa e que será preciso pagar pelo menos dois mil reais para fazer um novo trabalho, que serão necessários muitos (e caros) elementos, etc. Com medo, a pessoa paga.

Daqui a pouco, ele inventará outra mentira e mais outra. Enquanto puder tirar vantagem em cima da pessoa, ele tirará e muitas vezes a pessoa só acordará quando já estiver devendo o banco, sem dinheiro para pagar o aluguel, para abastecer o carro, etc.

Isto é um verdadeiro crime espiritual e humano e se isso aconteceu com você, aconselho que procure seus direitos e seja mais cuidadoso com a sua fé...

Ameaçar trancar os guias ou caminhos

Alguns terreiros agem como aquelas seitas malucas dos filmes americanos: você pode entrar, mas não pode sair. Se você manifesta discordância do dirigente ou desejo de se desligar da casa, ele manipulará os outros contra você, inverterá a situação colocando-se como vítima e, se tudo o mais falhar, ele simplesmente te ameaçará.

Dirá que você pode ir, mas seus guias ficarão, que ele os amarrará na tronqueira. Que irá trancar seus caminhos, que você nunca mais será feliz, que terreiro algum te aceitará e tudo o mais que sua fértil imaginação conseguir conceber.

Essas ameaças mostram a falta de estrutura espiritual de uma casa assim e, por mais doa se afastar do local que, muitas vezes, foi a primeira casa a te abrir as portas, no fundo, ele está te fazendo um favor, pois alguém que age assim é forte candidato a tratamento espiritual em algum sanatório espírita, não na direção de um terreiro.

Imagina se um dirigente que é, em essência, um “comedor de feijão” como qualquer outro, teria poder de amarrar algum guia ou de prendê-los em algum lugar... Coisas assim só surgem em mentes enfermiças!

Da mesma forma, de onde ele tiraria poder para trancar os caminhos de alguém? Que força esse dirigente teria sobre os destinos alheios?

Se você está em uma casa em que o dirigente faz isso com outras pessoas, não espere chegar sua vez: saia o quanto antes. Esse tipo de pessoa só serve para adoecer os outros, nada mais!

Abuso sexual

Pode parecer um contrassenso, mas é uma realidade: existem dirigentes que abusam sexualmente das pessoas. E isso ocorre de diversas maneiras.

Eu já tive o desprazer de ouvir de algumas pessoas que foram pedir ajuda em um terreiro e o “exu do dirigente” disse que poderia ajudar se a pessoa aceitasse dormir com ele.

É, isso mesmo: a “entidade” incorporaria no médium e teria relações sexuais com o consulente, seja homem ou mulher.

Dá para acreditar?

Não é incomum também ouvir relatos do tipo: o malandro do “pai de santo” me disse para ir na casa dele sozinha que ele viria para fazer um trabalho em mim...

Pelo amor de Deus, não caiam nisso!

Nenhuma entidade séria de Umbanda proporia uma coisa assim, nenhum dirigente sério sequer cogitaria de algo dessa natureza, é um verdadeiro absurdo!

A primeira lembrança que tenho de pombagira foi de quando eu era ainda criança e ouvi no rádio que um suposto “pai de santo” havia sido preso por abuso sexual de uma menor que, segundo o mesmo, tinha uma “pombagira” naquele lugar e que o remédio para o caso estava no meio de suas pernas...

Por mais que isso soe fantasia, é a realidade sendo mais cruel que a ficção.

Assim, por favor, não caia nisso e denuncie esse tipo de comportamento à polícia. É algo imoral, inaceitável, um crime!

Conclusão

Nenhum dirigente deveria seguir por estes caminhos, assim como nenhuma pessoa. Os dirigentes deveriam usar com responsabilidade a atribuição que receberam da espiritualidade e nunca praticar abusos desta natureza.

Porém, estamos num mundo de provas e expiações, as imperfeições pululam por toda parte e ninguém está completamente livre dos erros.

Portanto, você que se interessa pela Umbanda, exercite sempre uma fé raciocinada e lembre-se sempre que Umbanda é uma religião de paz, amor e caridade: o que fugir disso é charlatanismo em nome da religião (o que, aliás, acontece em todas elas).

MENSTRUACÃO E MEDIUNIDADE

Existem terreiros de Umbanda que proíbem as mulheres no período menstrual de trabalharem. As justificativas são diversas: existem aqueles que consideram o sangue menstrual como algo impuro, assim como existem aqueles que consideram a mulher vulnerável energeticamente neste período.

Seja como for, os guias sempre me orientaram que não há qualquer afetação neste sentido. Muitas mulheres são médiuns e só souberam que havia essa interdição em algumas casas anos depois que iniciaram suas jornadas...

Assim, esta é a prova máxima de que não há qualquer afetação: o fato de muitas mulheres trabalharem menstruadas sem qualquer prejuízo para si, para o consulente ou para o terreiro.

Contudo, há casas que mantêm essa proibição baseadas em costumes e tradições e, sem dúvida, elas têm o direito de fazê-lo, contudo, espiritualmente, pelo menos dentro da religião, não vejo razão de ser.

OS MALEFÍCIOS DA AMARRAÇÃO AMOROSA

“Amarração amorosa” é o nome de um trabalho espiritual que visa unir duas pessoas que, por alguma razão, estão separadas. É uma intervenção direta no livre-arbítrio de uma das partes, forçando a mesma a aceitar uma união que, a rigor, de fato não gostaria.

Sua origem é incerta. O que se pode dizer é que a humanidade persegue este tipo de coisa há bastante tempo. Desde o “cinturão de Afrodite” às fórmulas mágicas da idade média, as pessoas, em todo mundo, sempre procuraram artifícios espirituais para conquistas sentimentais.

Contudo, neste texto, não examinarei as múltiplas versões que as amarrações possuem nos mais variados contextos. Vamos nos ater ao universo da Umbanda.

É incrível como, ainda hoje, as pessoas associem a Umbanda às amarrações. Eu já perdi as contas de quantas pessoas me procuraram, pelo meu trabalho na religião, pensando que talvez eu também fizesse amarrações.

Por esta razão, antes de continuar, é bom deixar claro que: Amarração não tem nada a ver com a Umbanda. E no decorrer do texto vou explicar os motivos.

Agulha no palheiro

Ainda hoje, encontrei na garagem da minha casa um pequeno panfleto de uma “vidente” muito conhecida na cidade e que vive colando cartaz em poste ou fazendo anúncios nas rádios (foi o que me motivou a escrever este texto).

Ela praticamente oferece todo tipo de trabalho, para o bem ou para mal, se apresentando como alguém capaz de tudo, até de “curar vícios”... Mas, se ela é tão boa assim, por que anunciar em tudo quanto é lugar? As pessoas não deveriam fazer fila para procurá-la?

Na verdade, encontrar alguém que realmente seja capaz de fazer uma amarração verdadeira é tão difícil quanto encontrar uma agulha em um palheiro.

A imensa maioria destas pessoas que anunciam no Facebook, que colocam cartaz em postes, etc., são simplesmente aproveitadores que jogam com a

ingenuidade e com o desespero alheio e tentam, com isso, ganhar algum dinheiro...

Não possuem, verdadeiramente, “taco” para trabalhos desta natureza!

Contudo, eventualmente, é possível encontrar algum médium que realmente seja capaz disso. Um médium que, de fato, tenha assistência espiritual para trabalhos desta natureza e que tenha realmente força para levar adiante um trabalho negativo assim.

Estes médiuns, contudo, raramente se dão a conhecer, por que sabem das consequências daquilo que fazem. As pessoas os procuram, eles não precisam de anúncio e geralmente vivem muito bem, pois recebem boas quantias em dinheiro para seguir neste caminho.

Médium das sombras

A mediunidade, a rigor, é uma faculdade neutra. Usá-la para o bem ou para o mal é algo que corre por inteira responsabilidade do próprio médium. Contudo, nenhum espírito reencarna com a tarefa mediúnica para fazer mal-uso da sua faculdade. Se vai por este caminho, é que resolveu abandonar o caminho da luz e seguir pela via das sombras.

A partir do momento em que o médium abandona o caminho da caridade, do sacrifício pessoal e da renúncia e escolhe a “porta larga” do mundo, vendendo sua faculdade para obtenção de lucros ou vantagens pessoais em busca das alegrias passageiras, ele atrairá para perto de si espíritos sombrios, com os mesmos interesses que ele.

Os guias espirituais sempre tentam de tudo para dissuadi-lo... Mas, a partir do momento em que ele realmente escolhe este caminho, eles simplesmente se afastam e a mediunidade do sujeito estará completamente dominada por entidades sombrias.

Estas entidades, a princípio, podem fazê-lo se sentir um verdadeiro mestre, um poderoso feiticeiro, contudo, apenas alimentam a ilusão e a vaidade. O médium passa a se sentir uma pessoa muito maior do que realmente é e cada sucesso de seus trabalhos apenas reforça sua tola vaidade.

Essa é uma estratégia muito eficaz destas entidades, que o iludem com as rédeas do poder, quando ele próprio se converte, na verdade, em escravo destas entidades.

Se o médium não mudar sua conduta, desencarnará em tristes condições, vindo a sofrer, no mundo espiritual, tormentos indescritíveis nas mãos daquelas entidades que, por muito tempo, pensou dominar.

Espíritos perversos

A maioria das entidades que atuam em trabalhos como as amarrações ou de natureza semelhante, são espíritos perversos, maldosos, inescrupulosos, completamente desordeiros e interesseiros.

Se você precisasse de algo, confiaria em alguém assim? Pois é o que as pessoas fazem quando procuram esses “pai de poste” para fazer algum trabalho negativo.

Esses espíritos atuam através dos médiuns apenas quando a causa lhes interessa, quando o pagamento lhes convém. É por isso que, a princípio, nenhum médium sério (é difícil falar em seriedade em casos assim, mas faltam termos melhores), aceita qualquer trabalho sem antes consultar as entidades sobre a possibilidade de êxito.

Estes espíritos, por serem muito inferiores, sabem que não podem tudo e sabem muito bem que não conseguem derrubar a todas as pessoas. Por isso, antes de aceitarem o compromisso, fazem uma prospecção da situação, investigam, analisam e então dão o seu veredito, negociando, inclusive o seu preço.

Sim, eles têm um preço.

O médium retira uma parte do lucro para si e, com a outra, compra os elementos necessários para a realização do trabalho e também separa parte do dinheiro para comprar o que há de melhor para estas entidades: compram as melhores bebidas, os melhores charutos, as melhores carnes, para que estas entidades, na hora certa, incorporem e se beneficiem de tudo isso...

Este é o grande triunfo para elas. Apegadas que estão à matéria, satisfazem-se da melhor forma possível, por vezes, pedindo drogas e até mesmo sexo, procurando, por alguns instantes, viver como se ainda estivessem encarnadas...

Pessoa-alvo

É certo que todos somos imperfeitos, temos nossas brechas e, com frequência, cometemos nossos deslizos. Contudo, a pessoa-alvo de uma amarração precisa ser alguém bastante vulnerável energeticamente, espiritualmente e, pelo menos, com algum resquício de sentimento capaz de ligá-la a pessoa contratante.

As entidades podem insuflar sentimentos, mas não podem plantar sentimentos. Infelizmente, já tive que dar essa má notícia a muitas mulheres: o marido pode até ser alvo de uma amarração e ela surtir efeito, porém, a pessoa-alvo tinha, pelo menos, uma pequena vontade de “cair”, do contrário, não haveria nenhum efeito...

Não se engane: pessoas caridosas e de fé não tombam por algo assim... Caem sempre aquelas mais fragilizadas emocionalmente, sem o escudo da fé viva e sem a proteção que o trabalho no bem nos confere...

Quando essas entidades sombrias encontram as brechas necessárias, imediatamente calculam quanto tempo levarão para conseguir o seu intento e é por isso que o prazo para o efeito do trabalho varia tanto.

Método

Eu não vou descrever o método material do trabalho que, frequentemente, beira o grotesco. Vou me ater ao método espiritual usado por essas entidades para conseguir que uma amarração se efetive:

Elas (e, sim, são mais de uma) se cercam da pessoa alvo e procuram influenciá-la energeticamente. Tente imaginar a vibração de espíritos desta categoria e tente imaginar o quão agradável deve ser permanecer o dia todo cercado por entidades maléficas.

É comum que, inicialmente, a pessoa-alvo sinta-se fraca, cansada, comece a ter problemas para dormir, etc.

Quando as entidades conseguem afetar energeticamente o alvo, começam a sugerir-lhe pensamentos para que recorde da pessoa contratante (a imensa maioria dos casos se dão entre pessoas que já tiveram algum tipo de relacionamento no passado), procuram falar-lhe do passado, lembrando, a todo momento, a outra parte.

Como a pessoa-alvo já teve algum tipo de relacionamento prévio com a contratante (casos em que nunca houve qualquer tipo de vínculo anterior entre ambos são extremamente raros, mas o método é o mesmo), as entidades passam a sugerir que se lembre dos momentos mais felizes, agradáveis e prazerosos que viveram juntos. Excita-lhe lembranças picantes, insuflam fantasias e procuram afastar seus temores.

Em resumo, é um processo hipnótico sob severa carga vibratória inferior.

Por este processo, dia após dia, esses obsessores freelancer's, quebram a vontade da pessoa, fazendo com que não consiga pensar em nada mais a não ser no contratante do serviço.

Todos os setores da vida pessoal entram em declínio. Começam a surgir problemas familiares, no serviço, com os amigos, pois a pessoa-alvo, sob forte hipnose espiritual, deixa de lado suas tarefas ao passo que cresce em sua mente uma ideia fixa e obcecante: estar com a pessoa contratante.

É claro que, neste processo, mesmo sem qualquer respaldo espiritual por méritos próprios, sempre tentam intervir a seu favor seu próprio anjo de guarda, familiares espirituais que, por vezes, influenciam familiares encarnados para que busquem ajuda em terreiros, o que pode fazer com que este processo leve mais tempo do que previsto a princípio.

Contudo, no correr das semanas, se a pessoa-alvo não conseguir elevar seu padrão vibratório, não receber passes, não mudar a sintonia dos seus pensamentos, ela fatalmente cairá e, muitas vezes, acabará nos braços de quem a deseja.

Há outro detalhe: a amarração dura pouco tempo, pois se as entidades não estiverem em volta da pessoa, influndo energeticamente, ela começa a melhorar, recuperando sua vontade verdadeira. Para impedir isso, geralmente, o médium pede que sejam feitos pagamentos periódicos para “reforçar a amarração”...

Consequências

Estar sob a influência de espíritos nestes processos transforma a pessoa em um verdadeiro zumbi. Certa feita conheci um rapaz assim: não comia direito, não conseguia estudar, brigava com todo mundo em casa, se isolava cada vez mais, não queria sair do quarto, mentalmente preso a asfixiante ideia de estar junto a pessoa que contratou o serviço que, neste caso, foi ainda mais perversa, pois pediu uma amarração sem interesse real na pessoa, queria apenas vê-la se arrastar por ela...

Quando chega neste ponto, a pessoa praticamente perdeu controle sobre sua própria vida. Torna-se um “zumbi”, sem vida, frequentemente emagrecendo muito, fica pálida, sem força ou vontade para nada.

Eis o custo da amarração: consegue-se, muitas vezes, a pessoa amarrada. Mas, é bem isso: amarrada! Praticamente sem vida, sem vontade, uma caricatura da pessoa que um dia ela foi (isso os médiuns inescrupulosos não costumam contar).

Há algum tempo soube da história de um rapaz que fez uma amarração para um primo. Este resistiu o quanto pôde, mas por fim, acabou mantendo relação sexual com ele. Contudo, sentiu-se tão mal após o ato que acabou cortando os próprios pulsos, constrangido e envergonhado. Não morreu, mas foi por pouco...

Mas, e para quem faz, quais são as consequências?

É preciso lembrar que existe a Lei de Causa e Efeito ou Lei do Retorno, como muitas pessoas preferem chamar na Umbanda: o que fazemos, retorna para nós, em formas de bençãos ou sofrimentos, conforme a natureza de nossos atos.

Tanto quem faz a amarração, quanto quem pede uma, estará acumulando severas dívidas para si e que terão que pagá-las, nesta ou na próxima vida. É comum que estes médiuns digam aos seus contratantes que nada lhes acontecerá, que a dívida será só deles, que eles aguentam o “choque de retorno”, mas isso não é verdade.

Tanto quem faz o mal, quanto quem se beneficia dele, respondem perante as leis Divinas, cedo ou tarde. Imagine, por exemplo, o caso que citei acima, do rapaz que pediu a amarração do primo que quase se matou? Intervir no caminho das pessoas é algo realmente muito perigoso e de consequências imprevisíveis.

Conheci uma senhora que se gabava de ter feito amarrações, de derrubar inimigos, de colocar qualquer um de cama, etc. Quando a conheci, ela sofria com pressão alta, diabetes, teve um AVC, andava toda torta, mas ainda assim, se gabava de seus “poderes”.

Outra senhora, viva tão envolvida nesses trabalhos negativos que, um belo dia, as entidades se cansaram de seus petítórios sem fim e começaram a atacá-la. As próprias entidades que até então satisfaziam seus desejos, através do médium, disseram-lhe friamente que haviam se cansado dela e que agora iriam destruí-la. Ela chegou no terreiro tão perturbada que não conseguia formular, sequer, uma única frase... É o risco que se corre ao lidar com espíritos assim!

Aqui se faz, aqui se paga. Não há a menor dúvida!

Amarração x Umbanda

No começo do texto eu disse que a Umbanda não tem nada a ver com as amarrações e a razão é simples: a Umbanda é uma religião de paz e amor, liberdade e libertação, não cabem nela trabalhos que visem subjugar as pessoas por simples caprichos de pessoas emocionalmente comprometidas.

A rigor, quem pede por uma amarração são pessoas egoístas e narcisistas que ao invés de enxugarem as lágrimas no término de um relacionamento e seguirem adiante com suas vidas, param com tudo, afundando-se numa ideia obcecante de ter o outro a qualquer custo, gastando, não raro, verdadeiras fortunas para isso, gerando dívidas cármicas pesadíssimas...

A Umbanda não concorda com nada disso e, pelo contrário, trabalha frequentemente para desmanchar essas coisas, socorrer as vítimas e esclarecer os culpados, a fim de que evitem maiores dores e decepções no futuro.

Contudo, a Umbanda ainda é uma religião muito pouco conhecida e, por isso, vários charlatões aproveitam-se disso para usar o seu nome ou mesmo o nome das entidades que se manifestam nos terreiros.

É por isso que se apresentam como “vidente espírita” ou “pai fulano”, “mãe cicrana”, escrevem nos panfletos os termos “espiritismo” e mesmo “umbanda”, pois como os leigos não conhecem bem a religião, isso passa alguma credibilidade.

Certa vez uma preta-velha me disse:

- Filho, o que você acha mais fácil? Escrever na porta de uma casa: Terreiro de Umbanda ou “faço magia negra”?

É claro que usar o nome da religião e jogar com a credulidade das pessoas é muito mais fácil, é pegar carona na ignorância e, ao mesmo tempo, no imaginário popular.

É por esta razão que muitos leigos associam Umbanda com as amarrações, embora, a religião nada tenha a ver com isso.

MÉDIUM QUE PERGUNTA AO CONSULENTE O QUE ELE ACHOU DO ATENDIMENTO

Existe um hábito, algumas vezes inocente, nascido do sincero desejo de ajudar, outras vezes, da indiscrição desmedida, que leva alguns médiuns a procurar o consulente após a gira para perguntar o que ele achou do atendimento ou se o encontra fora do terreiro, pergunta se seguiu as orientações do guia, se fez corretamente os tratamentos, etc.

Não faça isso!

Ainda que a intenção seja boa e que você pergunte por legítimo interesse fraternal pela pessoa, o resultado é um só: as pessoas ficam arredias, desconfiadas e não se sentem mais à vontade em conversar com seus guias, uma vez que, após a gira, você se recordando das conversas, acabou faltando com a ética em se meter em um assunto que era entre o guia e o consulente e não entre você e o consulente.

A consciência durante o transe mediúnico é uma dádiva da espiritualidade para que o médium, se recordando do que foi dito, em maior ou menor grau, use o conhecimento obtido para melhoria de si mesmo e não para que dê prosseguimento a consulta como se agora fosse ele quem devesse atender.

Se o consulente, voluntariamente, procura o médium, pedindo-lhe ajuda e esclarecimento, este poderá atendê-lo e orientá-lo da forma mais breve possível, deixando claro que a conversa foi com o guia e que ele, como médium, é apenas um instrumento, pedindo que aguarde até a próxima gira para que possa, efetivamente, retomar o assunto com o guia.

O médium que se mete na conversa dos seus guias, quase sempre, cai em perigoso animismo, pois não exercita a separação entre as personalidades e muitas vezes, no afã de ser o próprio guia, só que encarnado, enfia os pés pelas mãos e acaba em descrédito perante todos.

A mediunidade é simples, nós que a complicamos.

POR QUE ALGUMAS ENTIDADES MANCAM?

Talvez você já tenha visto no terreiro um caboclo mancando ou um preto-velho cego de um olho e se perguntado: Por que continuam mancando ou cegos?

Antes de tudo, temos que entender que nossos guias são mais evoluídos que nós, porém, ainda têm muito a evoluir espiritualmente. Não saíram da faixa da humanidade terrestre, apesar de já terem dados largos passos na senda evolutiva.

Em seguida, é preciso recordar que antes de ter sido escravo, por exemplo, esse espírito já habitou outros corpos, nasceu em outras culturas, teve outras experiências e alguns podem, inclusive, ter reencarnado após a escravidão em algum lugar do planeta.

Quando se manifesta, por exemplo, o Pai João de Angola, ele leva seu pensamento ao tempo em que esteve encarnado na Terra como um escravo. Seu corpo espiritual passa, então, a assumir a forma que tinha naquele período.

Isto quer dizer que, se naquele tempo ele mancava, passará a mancar quando manifestado em seu médium. Se enxergava apenas de um olho, passará a se manifestar com o outro fechado e é isso que explica a razão dessas entidades manifestarem-se trazendo “sequelas”.

Como espíritos, eles já não são mais cegos ou mancos. O que acontece é que, voltando o pensamento a uma determinada época, eles assumem, espiritualmente, a forma que tinham naquele período.

Allan Kardec em seu livro: A Gênese, já havia solucionado esse mistério que intriga, inclusive, muitos espíritas. Vejamos o que ele diz no capítulo XV:

“É assim, por exemplo, que um Espírito se faz visível a um encarnado que possua a vista psíquica, sob as aparências que tinha quando vivo na época em que o segundo o conheceu, embora haja ele tido, depois dessa época, muitas encarnações.

Apresenta-se com o vestuário, os sinais exteriores — enfermidades, cicatrizes, membros amputados etc. — que tinha então. Um decapitado se apresentará sem a cabeça. Não quer isso dizer que haja conservado essas aparências, certo que não, porquanto, como Espírito, ele não é coxo, nem maneta, nem zarolho, nem

decapitado; o que se dá é que, retrocedendo o seu pensamento à época em que tinha tais defeitos, seu perispírito lhes toma instantaneamente as aparências, que deixam de existir logo que o mesmo pensamento cessa de agir naquele sentido.

Se, pois, de uma vez ele foi negro e branco de outra, apresentar-se-á como branco ou negro, conforme a encarnação a que se refira a sua evocação e à que se transporte o seu pensamento”.

É por isso que, às vezes, algumas entidades mancam.

AS DESCULPAS DOS MÉDIUNS

Ao fim dos trabalhos, manifestou-se Pai Cipriano das Almas, verdadeiro benfeitor em nossas vidas, nos trazendo, através da sua palavra reta e firme, algumas reflexões sobre os médiuns.

Disse-nos que as desculpas empregadas por aqueles que têm o compromisso com a mediunidade e que resolvem não o levar adiante são tantas que dariam um livro e que ele mesmo gostaria de escrevê-lo.

Após alguns instantes, arrematou o assunto com um pensamento muito poderoso:

- Entre todas as desculpas que os médiuns poderiam dar para o não cumprimento da tarefa mediúnica, apenas uma nunca poderão dizer: EU NÃO SABIA!

De uma forma ou de outra, àqueles que têm o compromisso com a mediunidade ficam sabendo. Dezenas de pessoas já passaram com algum dos meus guias e quando recebiam a informação de que eram médiuns e deviam trabalhar - quase todos - diziam não ter sido a primeira vez que alguém lhes dizia isso.

Seja pela figura de um amigo mais sensitivo, assistindo a um programa de televisão, tomando passes num terreiro ou mesmo através dos sonhos, a vida encontrará um jeito de avisar sobre o compromisso com a mediunidade e não o fará apenas uma vez, mas dezenas de vezes.

Nem todos, porém, honrarão esse compromisso com trabalho no bem...

E quem assim o proceder, entre todas as desculpas que poderia empregar para o adiamento da tarefa, a única que não poderá, em sã consciência, alegar é: eu não sabia...

"Os mordomos de bens da alma estão investidos de responsabilidades pesadíssimas. Os estudiosos, os crentes, os simpatizantes, no campo da fé, podem alegar ignorância e inibição; todavia, os sacerdotes não têm desculpa. É o mesmo que se verifica na tarefa mediúnica. Os aprendizes ou beneficiários, nos templos da Revelação nova, podem referir-se a determinados impedimentos; mas o missionário é obrigado a caminhar com um patrimônio de certezas tais, que coisa alguma o exonera das culpas adquiridas". Os Mensageiros - Chico Xavier / André Luiz - Pág. 39.

VAIDADE

Eu conheci uma senhora num grupo de WhatsApp que, para todos os efeitos, era só amor. Certa feita, porém, uma pessoa mais jovem lhe fez um questionamento num outro grupo (ela não sabia que eu estava neste outro grupo), e, por áudio, esta senhora soltou a seguinte pérola:

- Minha filha, quem é você para me questionar? Antes de você nascer eu já trabalhava!

Não era um questionamento desrespeitoso, era simplesmente uma dúvida qualquer que, de alguma forma, foi tomado como alfinetada.

Estranho que alguém que trabalhe há tanto tempo tenha uma postura tão agressiva, não é? Mas, o fato é bastante simples: ela estava na religião há bastante tempo, mas a religião ainda não estava nela.

Infelizmente, não são raros os casos em que dirigentes ou médiuns se sentem superiores por possuírem algum conhecimento. Mas, será assim em todo lugar?

Não!

A Umbanda que tenho aprendido com os guias diz que os que sabem mais devem ensinar os que sabem menos, sem arrogância, prepotência, nem "estrelinha" na testa, pois isto é pura vaidade.

E, como disse Jesus:

"Não será assim entre vós; antes, qualquer que entre vós quiser tornar-se grande, será esse o que vos sirva". Mateus 20:26

Portanto, aquele que muito sabe deve ser o servidor de todos.

ORIXÁ REGENTE DO ANO

Todo fim de ano é a mesma história: surgem centenas de vídeos no YouTube onde “astrólogos” dizem qual será o Orixá do próximo ano e tudo de bom ou de ruim que isso implicará na vida de toda a população.

Mas, o que os Orixás têm a ver com os anos?

Em algum momento, dentro ou fora da Umbanda, houve uma associação entre os Orixás e os "planetas da astrologia" de forma que: o Sol representou Oxalá; Marte representou Ogum; Vênus representou Oxum e assim sucessivamente. Associou-se, portanto, os arquétipos de personalidade dos filhos dos Orixás com os planetas usados na astrologia...

Entre os processos astrológicos, existem tabelas feitas a partir de cálculos astronômicos, onde se pode ver os planetas que mais ângulos farão em relação à Terra (a regência) e, por isso, acredita-se na maior influência destes planetas sobre o comportamento das pessoas.

Em 2019, é Marte. Logo, se acredita que Ogum (por estar associado à Marte), rege o ano e, portanto, as características de Ogum se refletirão durante o ano todo no comportamento das pessoas, etc.

Apesar de muitos umbandistas entrarem com tudo nessa onda, ela simplesmente não faz o menor sentido dentro da religião nem perante as tradições africanas, onde, normalmente, se jogam búzios para se saber o Orixá regente (isso em algumas casas apenas) e de onde surge, também, a maior parte das divergências, já que os búzios podem apontar um Orixá e a astrologia outro e daí vem toda a confusão...

Aprendi com os guias que, embora todas as crenças sejam respeitáveis e devamos, naturalmente, respeitá-las todas, não faz o menor sentido pensar que por um planeta fazer mais ângulos em relação à Terra que os demais, isso necessariamente fará com que tal Orixá tenha a regência do ano...

Jamais conversei com alguma entidade que tenha atribuído qualquer importância a este sistema...

Os Orixás aí estão muito antes de aprendermos a contar o tempo ou de fazermos associações astronômicas.

UMA FLOR

Todo ano, em finados, realizamos um trabalho das almas, com limpeza, descarrego e ida ao cemitério para oração no cruzeiro, visita aos túmulos de familiares e de desconhecidos.

Vamos de branco, atraindo olhares curiosos e outros nem tanto...

Em cada túmulo, deixamos uma flor (recomendação de um exu) e também uma prece.

Neste trabalho, uma amiga médium me narrou o seguinte:

Ela havia pego algumas flores comigo e caminhava para um determinado setor do cemitério. No caminho, viu uma senhora parada em frente a um túmulo simples e teve a intuição de lhe entregar uma flor.

Ao se aproximar estendendo a flor, a senhora disse:

- Eu ia pedir uma flor para o meu filho.

A médium então respondeu:

- Essa é para a senhora e essa – entregando outra – é para seu filho.

A senhora sorriu e disse comovida:

- Eu não tinha nada para dar pra ele... Mataram o meu filho...

Como se vê, uma simples ida ao cemitério, num dia que mexe tanto com as nossas emoções, encerra preciosas lições de simplicidade e caridade acima de tudo.

Certamente, a médium foi guiada até a senhora, a fim de auxiliá-la a enfeitar a sepultura simples do filho com uma flor e muito amor.

Viva as almas!

ENTIDADES RECOMENDANDO MACONHA?

Dentro da Umbanda, aprendemos a ressignificar o uso de duas substâncias que são bastante consumidas socialmente e que, no terreiro, assumem um aspecto totalmente diferente do que se faz na vida cotidiana: tabaco e álcool.

Sabemos que o tabaco é milenar e usado por várias tribos indígenas em diversos rituais religiosos, assim como o álcool é utilizado há milênios em rituais religiosos de todo tipo ao redor do mundo.

Quando a pessoa chega pela primeira vez no terreiro e vê entidades bebendo ou fumando, imediatamente associa a bebida e o fumo dentro do terreiro com o que se faz com a bebida e com o fumo fora do terreiro.

Aí entramos com as explicações, mostrando que são usos diferentes, falamos dos aspectos energéticos, etc.

Por esta razão, deveríamos ter a mente mais aberta em relação a diversos assuntos que sejam tabus, não é?

Sim, mas com reserva!

Eu tive duas experiências com Ayahuasca e foram maravilhosas, intensas, profundas e marcantes espiritualmente. Essas experiências não aconteceram em terreiro, mas me foram muito úteis para o que eu faço dentro do terreiro.

Logo, eu compreendo que realmente existam plantas de poder e que, se bem utilizadas, elas realmente possam trazer inúmeros benefícios espirituais. Mas, e a maconha nessa história?

Quando ouvi pela primeira vez alguém dizendo que uma entidade recomendou que usasse maconha, pensei: isso não pode ser sério!

Contudo, este ano já conversei com três pessoas, todas de São Paulo, narrando a mesma coisa: as entidades (um preto-velho e dois exus) recomendaram que elas usassem maconha, dizendo que é uma erva de poder, que ajuda no despertar espiritual, etc.

Assim, resolvi abordar o assunto, dando a minha opinião, com base naquilo que já ouvi dos espíritos.

É possível que em algum lugar a maconha seja mesmo uma planta de poder, usada dentro de certos contextos, com determinados fins. Como quem já fez uso da Ayahuasca em cerimônias religiosas (que, diga-se, é legal no Brasil), eu não posso dizer que, em algum lugar, em algum contexto, ela realmente não seja benéfica...

Contudo, creio fortemente que, assim como fizeram com o tabaco (usado e banalizado pela indústria) e com o álcool (usado e banalizado pela indústria), a maconha também foi desambientada e descontextualizada das comunidades que dela faziam uso com os mais diversos fins, pois foi transformada em droga viciante de imenso potencial destrutivo.

Além de ilegal, é produzida das formas mais bizarras possíveis e incrementada com uma série de produtos químicos, viajando até o Brasil por meios clandestinos e por mãos criminosas que, não raro, estão envolvidas com todo tipo de atrocidades...

Ao chegar ao Brasil, é distribuída em pontos de tráfico onde ocorrem todo tipo de violência, causando a morte de pessoas inocentes em conflitos de toda ordem...

Como algo assim pode ser sagrado?

Se uma entidade recomenda alguém usar maconha, este alguém vai buscá-la onde? Com que tipo de energia estará lidando?

É claro (e cientificamente comprovado) que vários princípios da mesma podem ter efeito medicinal (não estou discutindo isso), mas não creio que haja benefício numa droga produzida de qualquer jeito, banhada em diversas substâncias químicas, traficada por mãos de bandidos (e carregada de energias da violência) possa, de fato, produzir algum benefício espiritual em alguém...

Creio que foram os próprios médiuns que falaram pelas entidades.

Certa feita uma professora me disse: "o segredo da tolerância não é tolerar tudo, mas saber o que tolerar".

Daqui a pouco, começarão a surgir (se é que já não existem) relatos de entidades que ao invés de tabaco fazem uso de maconha nas giras...

COMPORTAMENTO NO TERREIRO: RESGUARDO

Dando continuidade a nossa série, abordarei hoje o problema do resguardo que, embora seja pertinente ao período anterior ao terreiro, reflete-se nele as suas consequências.

Praticamente, uma das primeiras coisas que os médiuns novatos aprendem é sobre o resguardo, suas razões e efeitos. Ainda assim, contudo, boa parte dos médiuns sentem dificuldade em cumpri-lo, seja por que se acham acima de suas razões ou mesmo imune às suas consequências ou por que simplesmente ainda não estão maduros o suficiente para cumprirem uma determinação espiritual sem que alguém esteja dependurado em suas orelhas falando o tempo todo sobre isso...

Seja como for, todo médium sério compreende a razão do resguardo, suas implicações e consequências e procura sempre o seguir à risca ou tanto quanto lhe seja possível, conforme a ocasião.

Ao contrário do que se pensa, porém, a falta do resguardo não impedirá a incorporação, apenas permitirá que ela se dê de forma insatisfatória, dificultando o domínio da entidade sobre o corpo do médium e, por consequência, dificultando a comunicação.

É preciso recordar, ainda, que lidamos com vidas em um terreiro e que muitos consulentes levam seriamente aquilo que as entidades dizem e seria um pena se, por falta de resguardo e, portanto, devido a uma “conexão deficitária”, saísse pela boca do médium um “sim” quando a entidade quisesse dizer um “não”.

Tente imaginar as consequências disso e tenha esta certeza: a culpa recairá sobre o médium que, cedo ou tarde, enfrentará as consequências de seus atos (ou da falta deles) e responderá perante a espiritualidade por toda negligência que houver operado em suas tarefas mediúnicas: nada fica impune!

No que se refere ao dirigente, é muito importante que entenda muito bem a diferença entre orientar e controlar, pois esta diferença delimita claramente o seu papel: cabe-lhe orientar, explicar, demonstrar, exemplificar, dirimir dúvidas sobre os princípios fundamentais da religião, entre eles, o resguardo. Contudo, não cabe ao dirigente controlar ou fiscalizar os médiuns para saber se estão ou não cumprindo com o mesmo: isso é da alçada da consciência de cada um!

Nunca devemos esquecer que médium é responsável pela própria vida, assim como sobre seu próprio corpo e, inclusive, sobre a própria mediunidade. Se o médium decide não fazer o resguardo ou fazê-lo como se diz aqui no interior “nas coxas”, isto é um problema exclusivamente dele e embora seja uma irresponsabilidade que afetará não apenas ele, como toda a corrente, é preciso deixar que cada um trilhe o caminho escolhido.

O médium que tende a não seguir corretamente o resguardo fica sempre em dúvida sobre a própria mediunidade ou termina a gira com dor de cabeça, com ânsia de vômito, sentindo uma estranha angústia, enfim, ele mesmo colhe o que planta, sofrendo as consequências dos seus atos: é a lei de causa e efeito...

Lidar com energias e, principalmente, com a energia suja das pessoas não é tarefa fácil e se torna assaz penosa quando o médium é rebelde o suficiente para não se preparar convenientemente.

O PROBLEMA DA ROUPA PRETA

É muito comum os terreiros recomendarem que as pessoas não compareçam trajadas de preto nas giras. A razão, quase sempre, é a crença de que a cor preta atraia ou mantenha energias negativas.

Assim, muitas casas oferecem um jaleco ou mesmo um pano branco quando a pessoa vai, por exemplo, com uma camisa preta (o que é quase sempre constrangedor, razão pela qual não recomendo tal prática).

Contudo, antes de prosseguir, preciso deixar claro o seguinte: cada casa com suas regras e com o que considera adequado. O que gostaria de propor é apenas uma reflexão...

A cor preta é associada, desde muito tempo, com coisas ligadas a morte ou a magia. No império romano, por exemplo, foi associada ao luto, coisa que se mantém ainda hoje. Nos filmes, as “bruxas” estão sempre de preto, etc.

Assim, por tradição, geralmente, os terreiros recomendam que não se use preto no dia da gira. Mas, será que isso faz realmente diferença?

A minha opinião é: não!

Na minha experiência como médium, nunca vi diferença de atendimento pelo fato de a pessoa estar vestida de azul, vermelho, branco ou preto. Isso nunca importou. As entidades que me orientam nunca deram qualquer importância a cor das roupas.

Contudo, elas sempre se importaram com os pensamentos e os sentimentos das pessoas, com a postura que cada consulente assume no terreiro: isso realmente importa e faz diferença no atendimento!

Agora, reflitamos:

Se uma camisa de cor preta atrai ou mantém energias densas, o que não sentiria uma pessoa de pele negra? Se uma simples camisa causa tanto receio, imagina um corpo todo coberto por uma pele escura!

Se uma pessoa branca vai de roupa preta no terreiro e veste um jaleco por cima, uma pessoa negra deveria fazer o quê? Passar pó branco no corpo?

Quando abordo este assunto, dando esses exemplos, muitas pessoas acham que é uma piada, mas não é, trata-se apenas de um raciocínio simples, afinal, cor é cor, não importa se em tecido, na pele ou na lataria de um carro...

Penso que muitas coisas que ainda hoje são comuns na Umbanda deveriam ser deixadas de lado, por que são tradicionalismos sem efeito prático e, portanto, sem efeito espiritual.

Muito mais importante do que a cor da roupa do consulente é a sua postura no terreiro, o silêncio, a oração, isso deveria ser objeto de interesse dos terreiros e não a cor da roupa das pessoas...

COMPORTAMENTO NO TERREIRO: BOA-VONTADE

Um trabalho espiritual deveria ser um ato de amor. Digo “deveria” por que falo em tese. Na prática, nem sempre é assim.

É ilusão achar que todas as pessoas convidadas ao desenvolvimento mediúnico ou a fazerem parte de um trabalho espiritual aceitam de bom grado este convite.

A bem da verdade, para muitos, será um fardo, especialmente se derem mais importância a matéria do que ao espírito...

Eu me recordo de algumas pessoas que se desenvolviam comigo e que perguntavam ao fim de toda gira: será que hoje vai ter desenvolvimento? Elas sabiam que teria, era o combinado, mas mesmo assim perguntavam, na esperança de que alguém lhes dissesse que não e assim pudessem ir para casa sem culpa...

Chegavam no terreiro em cima da hora, falando alto, fazendo algazarra. Olhavam o relógio de cinco em cinco minutos e se algo fosse marcado fora do dia da gira, não apareciam nem com reza brava...

Em suma: estavam na Umbanda, mas a Umbanda não estava nelas.

É precisamente este tipo de comportamento que se deve evitar no terreiro, procurando vencer as próprias limitações, dispondo-se ao serviço sem queixumes e corpo mole.

É uma dádiva poder participar de uma casa, por esta razão, todos nós temos que nos entregar às tarefas com espírito de contentamento pela oportunidade de servir e não como quem entra no terreiro com uma arma imaginária apontada na cabeça, como se alguém dissesse: ou entra ou morre...

Ninguém nos obriga a isso, nós que escolhemos este caminho!

Por esta razão, especialmente aos novatos, aconselho: fazer a sua parte é obrigação, não é mérito. Este começa a existir quando você, por livre-vontade, faz mais do que lhe cabe, oferecendo-se para ajudar no que puder, dispondo-se a servir pelo simples prazer de fazer o bem, de varrer o chão, de trocar o galão d'água, de auxiliar alguém que está doente, etc.

Se não for para ser assim, melhor procurar outra religião!

“Glória a Deus nas maiores alturas, e na terra paz entre homens de boa vontade.”
— LUCAS 2:14.

FIRMEZA PARA EXU

Eventualmente, quando sinto necessidade (especialmente quando sinto que estou sendo atacado espiritualmente), faço uma firmeza para exu. Essa firmeza é bastante simples, mas nem por isso se torna menos eficaz. Ela contém todo o necessário para se estabelecer um ponto de força a partir do qual o exu evocado poderá nos ajudar.

Ela consiste, basicamente, no seguinte:

Um copo com marafo (ou a bebida típica do exu do médium);

Uma vela branca;

Um charuto;

Bastante fé e vontade!

Procedimento:

Procura-se o local mais próximo da rua, perto do portão de entrada ou, se não for possível, no quintal ou mesmo na varanda, se morar em um apartamento.

Ajoelha-se, orando mentalmente, pedindo a proteção de Deus e dos bons espíritos. Em seguida, coloca-se o copo no chão, derrame a bebida (não precisa encher o copo), acenda a vela o lado, acenda o charuto, puxando bastante para que queime bem. Em seguida, sopra-se três vezes a fumaça do charuto sobre a firmeza, deixando-o, por fim, em cima do copo de marafo.

Então, chame mentalmente pelo exu desejado (no caso, o exu do médium), pedindo sua assistência, proteção e amparo, mais ou menos nos moldes seguintes:

Saravá seu exu “fulano de tal”, peço a sua proteção essa noite (a firmeza deve sempre ser feita à noite, longe de olhares curiosos), para que com sua força e proteção, todo mal que haja nesta casa ou que queira me atingir possa ser desfeito. Confio em vossa força e agradeço vosso amparo. Salve, salve, saravá seu exu “fulano”, Deus lhe pague a caridade!

Em seguida, levanta-se e entre para dentro da casa, evitando sair na rua nesta noite ou ficar toda hora olhando a firmeza.

No dia seguinte, jogue a bebida na rua, o charuto e o restante da vela (se sobrar) no lixo, lavando o copo que, neste caso, deve sempre ser destinado a isso, não devendo voltar a fazer parte dos utensílios domésticos.

Esta é uma firmeza que pode ser feita por todos os médiuns ou consulentes que habitualmente se consultam com exus e que tenham, porventura, afinidade com um ou com outro.

Pessoas leigas ou despreparadas não devem fazê-la, pois podem estar oferecendo recursos energéticos a entidades que podem usá-los de forma negativa...

Nota: Quem me conhece sabe que não gosto de oferecer “receitas” sobre nada. Contudo, como as pessoas sempre pedem, descrevi como faço. Importa não esquecer que a forma visa sempre atender as necessidades de quem firma, sendo que cada pessoa encontrará a própria maneira. Este é apenas um exemplo!

COMPORTAMENTO NO TERREIRO: COMPROMETIMENTO

Vou começar este texto com uma verdade simples e fundamental: ninguém é obrigado a estar em um terreiro! Apesar de óbvio, é muito importante que não esqueçamos desta nossa escolha, isto mesmo: escolha!

Estar em um terreiro é uma questão de escolha.

A pessoa escolheu estar no terreiro em tal dia e tal horário. Ela poderia escolher tantas outras coisas, mas escolheu o terreiro. Pois, bem!

Se é uma escolha, fruto da vontade, do livre-arbítrio do indivíduo, é desejável que não esqueçamos do que ocorre após uma escolha feita: o comprometimento!

Comprometimento, basicamente, significa que você vai honrar o compromisso assumido.

Compromisso este - vamos lembrar mais uma vez -, escolhido voluntariamente!

Portanto, não há espaço no terreiro (e muito menos na Umbanda), para pessoas que fazem tudo “nas coxas”; que chegam ao terreiro como um zumbi, arrastando os pés de preguiça; que mais faltam do que comparecem; que não participam ou se envolvem com nada; que vivem arrumando mil desculpas para tudo, como se trabalhar no terreiro fosse um tormento e não um prazer, etc.

Quantas pessoas há que verdadeiramente não se importam com o trabalho, apresentando, quase sempre, as mais variadas desculpas para seus deslizes: esqueci de fazer o resguardo, esqueci de lavar a roupa branca, esqueci de comprar vela, esqueci de trazer o cachimbo, esqueci que hoje era meu dia de limpeza, etc.

Será que você realmente esqueceu ou será que você simplesmente não ligou a mínima para isso?

É claro que, eventualmente, todos podemos esquecer alguma coisa ou nos defrontarmos com uma dificuldade de última hora. Mas, em grande parte das vezes, este esquecimento simplesmente traduz falta de compromisso, falta de interesse sincero e verdadeiro.

É o velho hábito de achar que alguém sempre vai fazer por nós!

Encerro este texto, porém, afirmando o seguinte: não precisamos nos dedicar mais do que prometemos dedicar. Nenhuma entidade pedirá que deixemos de lado nossa vida social para nos dedicarmos exclusivamente ao trabalho espiritual...

A única coisa que os guias esperam de nós é que cumpramos aquilo que prometemos, nada mais!

Como diziam os antigos: “ninguém é obrigado a prometer nada, mas se prometer, tem que cumprir”.

E tem mesmo!

COMPORTAMENTO NO TERREIRO: MAU HUMOR

Você acordou de mau humor? Levantou com o pé esquerdo? Está com a avó atrás do toco? Muito bem, saiba que muitas pessoas passam por isso e, não raro, todos experimentam alguns dias assim durante o ano, não é mesmo?

Contudo, lembre-se do seguinte: isso é um problema seu!

Isto mesmo: seu!

Ninguém é obrigado a aguentar mau humor alheio. Não está bem? Ok, é um direito seu... Contudo, você não precisa tratar mal as pessoas do terreiro, precisa?

Ou você acha que todo mundo tem a obrigação de aguentar sua inhaca? A resposta é um sonoro: não, não mesmo!

Se você não se sentir bem, se não quiser conversar, se não estiver à vontade, chegue de mansinho, fique no seu canto, peça apoio e ajuda a espiritualidade, faça o possível para elevar sua energia.

Se alguém tentar puxar conversa com você, seja sincero e diga que não gostaria de conversar hoje, que prefere “ficar quietinho”... É mais honesto e fraterno do que simplesmente dar uma má resposta a alguém que provavelmente está te abordando com boa vontade e que, em última instância, não tem nada a ver com seus problemas...

Além do mais, o terreiro é um espaço sagrado, onde as pessoas devem se tratar, no mínimo, com cordialidade e educação. Se você não consegue isso, então, melhor ficar em casa, pois do contrário, as pessoas bem cedo perceberão este seu vai e vem e logo começarão a te jogar para escanteio...

Que o mau humor é uma dificuldade como qualquer outra, é evidente. Contudo, é preciso que nos dediquemos de corpo e alma a sanar nossas feridas, sob pena de acabarmos sozinhos, destino quase certo de todos os que veem a vida em tons de cinza...

COMPORTAMENTO NO TERREIRO: CANTAR!

Algumas pessoas, no terreiro, sentem vergonha quando cantam. Não gostam muito de suas vozes e ficam receosas em desafinar...

É preciso lembrar que o terreiro não é o “The Voice” e que não importa se você é afinado ou não, o que importa é que você cante, cante com a alma, cante com vontade!

O ponto quando cantado com amor tem o efeito de uma oração. Assim, muito se reza na Umbanda, cantando!

Contudo, fazer as pessoas cantarem... É um belo desafio!

Todo terreiro tem o ventríloquo: aquele que você vê a boca mexendo, mas a voz nunca sai...

Tem aquele que reclama dos pontos, mas que nunca faz nada para ajudar...

Tem também aquele que grita, esquecendo que o ponto é cantado e não “gritado”.

Tem o que erra a letra e também aquele que ri de quem erra a letra.

E tem também aquele que fecha os olhos e se entrega, vibrando no íntimo da sua alma, com toda sua força e vontade, colocando suas melhores vibrações no canto que sai de sua boca, mas que nasce nas profundezas de sua alma...

Quem vamos ser neste processo?

A escolha é nossa!

COMPORTAMENTO NO TERREIRO: ASSIDUIDADE

Começo este texto fazendo algumas perguntas: você deixa de ir para o seu trabalho profissional por estar com preguiça? Você deixa de ir para o seu trabalho se estiver chovendo? E se estiver frio? Muito quente?

Bem, provavelmente você tem vontade de faltar ao seu serviço nas mais diversas ocasiões, contudo, você supera todas elas e vai assim mesmo, afinal, você depende do seu trabalho para sustentar a sua casa, certo?

Se, de repente, você começa a faltar, é provável que seu empregador comece a repensar a sua importância dentro da empresa e venha mesmo a te substituir por outra pessoa, não é?

E em relação ao terreiro?

Há pessoas que conseguem trabalhar numa empresa o ano todo sem uma única falta e que não conseguem passar um único mês sem faltar no terreiro. Curioso, não?

Verdade seja dita, há pessoas que só vão ao trabalho espiritual se todas as condições estiverem favoráveis: carro com tanque cheio, clima agradável, nada de chuva, etc.

À menor contrariedade, faltam.

Entretanto, por que não dar ao terreiro a mesma importância que damos ao trabalho profissional?

No serviço profissional, buscamos o pão material. No terreiro, buscamos o pão espiritual. Ambos igualmente importantes para nosso sustento integral!

É certo que ocasiões surgem aqui e ali que verdadeiramente impedem a nossa presença no terreiro (e aqueles que verdadeiramente amam estar no mesmo sempre faltam com o coração na mão), contudo, também é verdade que muitos deixam de comparecer por falta de vontade mesmo, simplesmente vencidos hoje por um cansaço, amanhã por uma indisposição, depois de amanhã pelo tempo que ameaça chuva...

A assiduidade é um dos valores que mostram às entidades o quanto estamos, de fato, compromissados com a causa que abraçamos. Dá pra imaginar o tipo de médium que alguém vai ser observando apenas o quanto ele comparece ou falta aos trabalhos do terreiro.

COMPORTAMENTO NO TERREIRO: FOFOCAS

A fofoca é um dos comportamentos inadequados com força suficiente para abalar ou mesmo destruir um terreiro. Por esta razão, este é um assunto importante e todos precisam refletir com maturidade sobre isto.

Antes de tudo, é preciso considerar o fofoqueiro como alguém perturbado, desequilibrado, sendo quase sempre uma pessoa de baixa autoestima que, por não possuir qualidades que o evidenciem por si mesmo, sempre usa de golpes baixos para se promover...

Contudo, não é propriamente o fofoqueiro quem desequilibra o terreiro, mas aqueles que lhe dão ouvidos e que passam, naturalmente, a serem cúmplices da perturbação que se alastrará por ouvidos desavisados.

De modo geral, aconselho as pessoas a fazerem com que a fofoca morra por asfixia, isto é: se você ouvir algo malicioso de alguém do terreiro, não passe adiante. Corte o mal pela raiz, diga ao fofoqueiro que você não se interessa por este tipo de assunto, que a vida alheia não te diz respeito e que você coloca suas forças apenas em sua própria vida, afinal, você está no terreiro para evoluir, certo?

Quando, porém, as pessoas da corrente perdem tempo com a fofoca, seja ela pessoalmente, por whatsapp ou por ligações telefônicas, se tornam cúmplices do fofoqueiro, afinal de contas, se não estivessem interessadas em mexericos, não perderiam tempo ouvindo pessoas perturbadas, não é?

No livro *Nosso Lar* (André Luiz / Chico Xavier), a enfermeira Narcisa nos oferece um apontamento muito valioso:

“Os dementes falam de maneira incessante e quem os ouve, gastando interesse espiritual, pode não estar menos louco.” (p. 161)

Portanto, pense bem antes de passar adiante uma fofoca, você pode não estar menos perturbado do que quem lhe contou...

O fofoqueiro faz o possível para parecer bom moço: é sempre gentil, suave, elogiador... Contudo, por mais que tente, não consegue manter a máscara: todos sabem quem é e aqueles que estão compromissados com o trabalho espiritual, o colocam sempre no devido lugar, enquanto os mais fracos sempre caem na

conversa fácil de quem nunca constrói nada sólido, mas se afirma sempre o sabedor de tudo que é bom, justo e correto...

Aos trabalhadores que, como eu, se esforçam para fazer algo de bom nesta terra e que, mesmo assim, são vítimas da fofoca, o meu conselho é: releve!

Por mais incomodo seja, releve!

A prova do seu sucesso espiritual é o seu trabalho no bem e a sua consciência tranquila. O fofoqueiro, em última instância, é alguém que lhe inveja e que não possui os predicados para ocupar o seu lugar, por isso fofoca, inventa, difama, distorce, e – justamente por isso – merece as suas orações, afinal, foi isso que nosso mestre nos ensinou:

“Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus”.

Mateus 5:44

Não deixe que a fofoca destrua sua obra!

Deixemos o fofoqueiro sofrer as consequências de seus atos (afinal, acreditamos na lei do retorno), de modo que não precisemos descer ao seu nível para responder à altura.

A espiritualidade nos auxiliará hoje e sempre!

SEM EXU, NÃO SE FAZ NADA?

É muito comum, na Umbanda, as pessoas dizerem: sem exu, não se faz nada! Mas, será mesmo? Reflitamos.

A Umbanda nascente não contava com exus em suas manifestações. Estas começaram a surgir em algum momento entre 1940/1950, quando pessoas vindas das Macumbas Cariocas (onde se manifestavam exus), começaram a se integrar nas correntes de Umbanda que estavam se popularizando neste período e, com isso, “trouxeram” seus exus em seu “repertório mediúnico”.

No livro: O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda, lançado em 1933, Leal de Souza comenta brevemente sobre exus ligados aos trabalhos de Magia Negra. Não há nenhuma citação sobre exus se manifestando em terreiros de Umbanda.

Na década de 1940, surge o livro: Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, um congresso realizado em outubro de 1941, no Rio de Janeiro, onde diversos representantes de terreiros importantes se reuniram para discutir aspectos relevantes da religião, como: História, filosofia, doutrina, etc. Não há sequer uma única citação a exus.

Assim, pergunto: se os exus são tão importantes a ponto de nada se fazer sem eles, como fizeram os primeiros terreiros de Umbanda que pelo menos durante 30 anos trabalharam sem exus?

Eu não quero, com esta pergunta, desmerecer o trabalho destas entidades, até mesmo como alguém que recebe exus e sabe da importância do trabalho que eles executam, seria um contrassenso...

O que desejo é refletir sobre essa frase generalizante e que produz uma compreensão errônea do trabalho destas entidades.

Candomblé

No clássico: Orixás, de Pierre Verger, podemos encontrar uma citação muito interessante:

“Exu é o guardião dos templos, das casas, das cidades e das pessoas. É também ele que serve de intermediário entre os homens e os deuses. Por essa razão é que nada se faz sem ele e sem que oferendas lhe sejam feitas, antes e qualquer outro Orixá, para neutralizar suas tendências a provocar mal-entendidos entre

os seres humanos e em suas relações com os deuses e, até mesmo, dos deuses entre si.” (p. 36)

O texto se refere, naturalmente, a Exu enquanto Orixá e não propriamente a exu-entidade, como é o caso da Umbanda. Contudo, fica claro de onde surgiu este pensamento de que sem exu não se faz nada: é uma herança do Candomblé Iorubano, cuja aplicação se refere a uma particularidade de culto para o Orixá e não para a entidade!

Incorporação/Proteção

Alguns estudiosos afirmam que, embora haja terreiros que não trabalhem com exus na incorporação, isso não quer dizer que eles deixem de atuar fora dela. Realmente, isso é muito comum: os exus podem atuar não apenas em terreiros, como em vários outros locais sem que se saibam da sua existência.

Entretanto, outras entidades também podem fazê-lo, como os pretos-velhos, caboclos, etc., e não se vê ninguém dizendo que “sem preto-velho não se faz nada”, por que seria absurdo pretender que todo trabalho espiritual, necessariamente, contasse com um preto-velho.

Logo, sim, muitos exus trabalham em terreiros onde não possuem permissão para se manifestar, em razão da doutrina da casa, contudo, pretender que assim seja com todos os terreiros, é um erro.

Difusão

Tal conceito também se popularizou devido a pontos, como o famoso “Exu da Meia Noite”, cantado pelo magistral J. B de Carvalho, cujo refrão é:

“Exu da Meia Noite
Exu da Encruzilhada
Sarava o povo da Umbanda
Sem Exu não se faz nada”.

Conclusão

Embora tenham chegado à Umbanda pelas macumbas, os exus hoje se tornaram parte do repertório espiritual da maioria dos terreiros, tendo seu trabalho espiritual mais ou menos definido, de forma pública ou fechada, de tal forma que, naturalmente, se espera que os terreiros trabalhem com estas entidades.

Contudo, não existe essa obrigatoriedade!

Assim como não existe obrigatoriedade em se trabalhar com marinheiro, boiadeiro, baiano, etc.

Existem médiuns que nunca incorporaram exus e nem por isso são menos protegidos, já que os demais guias podem realizar o trabalho de proteção e mesmo de descarrego.

Existem terreiros que não trabalham com exus, nem mesmo espiritualmente, e a despeito do que pensam uns e outros, aí estão há décadas prestando sua caridade sem o menor problema...

Que os exus sejam bem aceitos na Umbanda, é indiscutível... Contudo, pretender que sejam imprescindíveis para que um terreiro exista, é exagero.

BANHO DE ERVAS NA CABEÇA?

Muitas pessoas sentem dúvidas em relação ao banho de ervas: joga-se na cabeça ou não?

Essa preocupação tem a sua razão de ser uma vez que no topo da cabeça se encontra o Chakra Coronário (Sahasara), responsável por estabelecer a ligação com o espiritual e, no transe mediúnico, é de onde parte o fio que liga a mente do médium à mente do guia espiritual.

Assim, se é preciso tomar cuidado com o fluxo energético dos demais chakras, certamente, deve-se tomar muito mais cuidado com este, que é o mais importante nos processos mediúnicos.

Se este chakra estiver fraco (isto é, com baixa vibração), o transe mediúnico será fraco, inconstante, dificultando a precisão das consultas que sofrerão com a baixa energia.

Logo, a preocupação com os banhos na cabeça tem a sua razão de ser, embora, normalmente, não se vê esta mesma preocupação ao usar shampoo, cremes, condicionadores, chapinha, tintura, etc...

Ervas

A maioria das pessoas procura por uma receita: a melhor erva para isso, a melhor erva para aquilo, etc. Contudo, na prática, não é assim que funciona: uma erva pode ser boa para uma pessoa e ser praticamente inócua para outra, pois para que funcione é essencial que a energia da erva “case” com a energia da pessoa, por isso, as receitas não são apenas pouco eficientes, como podem mesmo ser perigosas.

Já conversei com muitas pessoas que reclamavam de efeitos não desejados após um banho com ervas. Imaginavam que teriam algum benefício, mas acabaram sofrendo alguma reação negativa, seja a nível cutâneo ou espiritual.

Por esta razão, o mais adequado é esperar que as entidades nos indiquem, pois elas conhecem a nossa energia e sabem o que é melhor para nós ou estudar profundamente sobre as ervas e fazer testes em si mesmo...

Seja como for, é preciso compreender que as ervas não são nossas “amiguinhas”. Quando você tira as folhas de uma árvore, esta árvore não se

alegra com isso, pelo contrário, interpreta como um ataque, ativando suas defesas e se prepara contra o “inimigo”.

É por esta razão que as entidades nos pedem sempre para colhemos as folhas em oração, em agradecimento, para que nossa energia seja captada pela planta (que, sim, é capaz disso) e não veja nossa colheita como uma ameaça à sua existência...

Energia cega

Se as ervas não são nossas “amiguinhas”, certamente a energia que delas se desprende, também não é. Para facilitar este entendimento, imagine o fogo: a energia do fogo é muito poderosa, mas ela é apenas uma energia, não tem senso moral, se você não a utilizar com cuidado, ela vai te machucar... Com as ervas, é a mesma coisa!

Quando você faz um banho ou uma defumação, você está retirando da erva, pelo sumo (no banho) ou pela fumaça (na defumação), a energia vital que ela possui... Essa energia será liberada na água ou no ar de forma bruta ou cega, como costumam dizer os guias...

Aí entra a importância de conhecer a erva, sua energia, seus efeitos e, com isso, saber manipulá-la, o que certamente não se faz sozinho e é por isso que, tanto nos banhos, quanto nas defumações, sempre se reza, pedindo apoio das entidades que nos ajudam a administrar a força que estamos manipulando...

Na cabeça ou do pescoço para baixo?

Agora que fizemos esta breve introdução, podemos retornar ao início do texto. O problema das receitas é que não se pode prescrever banhos universais, justamente, por que a energia liberada pela erva (embora seja a mesma em todo caso), reagirá de forma diferente de pessoa para pessoa.

Uma entidade pode recomendar, para um consulente, o banho do pescoço para baixo e, em seguida, recomendar o mesmo banho, para outro consulente, da cabeça aos pés. Qual a diferença?

A energia da pessoa!

Quando o consulente está muito carregado, instável emocionalmente, perturbado espiritualmente ou coisas semelhantes, as entidades tendem a recomendar um banho do pescoço para baixo, justamente, para não o enfraquecer subitamente, já que se encontra instável...

Contudo, se o consulente estiver com um bom padrão vibratório, a entidade pode recomendar o banho da cabeça aos pés, promovendo, por exemplo, um descarrego completo que, neste caso, fará melhor efeito do que se fosse tomado apenas do pescoço para baixo.

Portanto, o problema não é a erva x ou z, mas o que tal erva irá causar em uma pessoa com a energia a ou b. Percebem?

Assim, o problema não é, exatamente, saber se pode ou não pode usar tal erva na cabeça. É, antes, o de entender a energia que se quer manipular com tal erva, o resultado que se deseja obter e, acima de tudo, a energia da pessoa no momento do banho.

É por esta razão que não costumo indicar banhos e defumações para alguém. Recomendo sempre que se consulte uma entidade através de um médium de confiança ou que se faça estudos e aplique em si testes para ver qual erva reagirá melhor com a sua própria energia.

Fuja de receitas...

QUEM PODE SER DIRIGENTE?

O fato de termos, a disposição, uma série de escolas, oferecendo uma vasta gama de cursos, que necessitam apenas do nosso dinheiro e interesse para serem cursados, oferecendo a todos a possibilidade de aprenderem sobre o que quiserem, leva muitas pessoas a pensar que o mesmo valha para as atividades religiosas, isto é, que basta querer para de fato ser.

Contudo, não é bem assim!

As pessoas que desempenham um papel de direção nas atividades de um terreiro, quase sempre, chegam a estas posições à contragosto. Isto é, se fosse apenas por critério da própria vontade, provavelmente permaneceriam apenas como auxiliares diretos, dedicados, mas sem desejo de assumir qualquer papel de destaque.

Aliás, tenho dito, há bastante tempo, que a glória atribuída aos dirigentes religiosos é mais fictícia do que factual, existe mais na mente das pessoas do que no dia-a-dia de terreiro.

Ser dirigente é ser alguém 100% disponível.

Alguém que não pode se dar ao luxo de não ir ao terreiro por “não estar bem”, como um soldado, sempre à disposição do comando (espiritualidade), nunca sabendo quando será convocado a guerra (trabalho) e, por isso, precisa estar sempre vigilante.

Não deixa de ser gente, não deixa de ter defeitos e certamente não deixa de errar em sua trajetória. Contudo, sua consciência é como uma espada afiada, sempre disposta a feri-lo, caso se afaste do caminho reto...

Além do mais, é preciso recordar que os maiores problemas de um terreiro não surgem pelos vizinhos, pelos consulentes, pelos obsessores ou pelas trevas, mas pelos próprios filhos da casa que, não raro, acabam se envolvendo em disputas, picuinhas, fofocas e todo tipo de comportamento nocivo capaz de desestruturar uma casa e, no meio disso tudo, o dirigente precisa se manter firme para levar o trabalho adiante sem deixar “a peteca cair”.

É por esta razão que os dirigentes não o são por vontade própria, mas por atribuição da espiritualidade, pois ao assumirem esta função (que, diga-se, não é nenhum privilégio, antes, uma provação), eles se responsabilizam pela

condução religiosa e mediúnica de várias pessoas, assumindo plena responsabilidade por qualquer falta neste sentido.

São preparados para isso antes da encarnação, necessitando apenas de bases sólidas, quando aqui chegam, para levarem adiante o compromisso anteriormente assumido, o que exigirá esforço, disciplina e boa-vontade.

Assim, digo aos afoitos: não peça uma prova maior do que a que você já possui. Se estiver em seus caminhos a direção de um terreiro, cedo ou tarde, as entidades te informarão sobre isso e, neste caso, darão início ao processo de aprendizado necessário a uma vida de renúncia e resignação, que é o que aguarda o dirigente de um terreiro.

Aqueles que teimam e abrem os próprios terreiros sem este tipo de compromisso espiritual, encontrarão um caminho de dor e sofrimento: serão cegos, conduzindo cegos.

COMPORTAMENTO NO TERREIRO: INVEJA

Pode parecer incrível, mas é verdade: existem pessoas invejosas dentro do terreiro! Não importa quão pequeno e simples seja uma casa ou quão difícil seja a vida do dirigente ou dos médiuns que fazem parte da mesma, sempre aparecerá algum invejoso desejando ardentemente aquilo que nunca fez por merecer.

Há uma definição simples sobre inveja que gosto muito: “desgosto provocado pela felicidade ou prosperidade alheia”.

Para ilustrar este processo, contarei uma experiência pessoal.

Cheguei ao terreiro de Umbanda sem nada saber, mas com desejo de tudo aprender. Desejo real, profundo, verdadeiro. As entidades sabiam disso e, por esta razão, abriram-me as portas, ofertando-me a possibilidade de livre acesso.

Com o tempo, porém, notei que a minha alegria não era compartilhada por todos.

De certa maneira, algumas pessoas da corrente olhavam-me torto e eu quase podia ler seus pensamentos: quem é esse cara que chegou agora e já tem essa liberdade toda?

Os guias-chefes da casa, contudo, faziam questão de me chamar para conversar ou para explicar uma situação, o que aborrecia estas pessoas, especialmente, aquelas acostumadas a “grudar na barra da saia das entidades” e despender grande tempo em lamentações...

Os guias, contudo, sempre contornavam e achavam uma brecha para me ensinar uma coisa aqui e outra ali e assim fui aprendendo.

Certo dia uma pessoa me perguntou se eu “levava muita bronca das entidades”, respondi-lhe que nunca havia levado bronca alguma... Ela me olhou com desdenho e disse:

- Esqueci que você é o queridinho delas...

De imediato, respondi que não era queridinho, apenas me esforçava por aprender o que elas queriam me ensinar e não precisava que elas me apontassem defeitos, já que eu as conhecia muito bem...

Assim, embora eu nada tivesse que pudesse despertar a inveja alheia, essas pessoas não aceitavam bem que alguém “estranho”, recém-chegado ao terreiro, dispusesse de tanto tempo para conversar com as entidades que elas tanto apreciavam...

Por esta razão, caso você seja vítima de um invejoso, aconselho: ignore. Se você perceber que está sendo vítima de inveja no terreiro, ore por esta pessoa. Certamente é alguém perturbado e um elo fraco da corrente por onde um ataque espiritual poderia passar, prejudicando não apenas você, como toda a casa.

O terreiro é um grande laboratório onde Deus nos chama ao aprendizado junto a outras pessoas, muitas das quais, com razão justa ou não, podem vir a nutrir inveja por nossa posição, pelos guias que recebemos ou mesmo por fatores imaginários que existem apenas em suas cabeças perturbadas.

Seja como for, não é preciso temer: inveja pega apenas em quem se sintoniza com ela!

Então, ignore!

Enquanto o invejo é consumido por uma chama ardente, você segue fazendo a sua parte, trabalhando, como deve ser.

MEDIUNIDADE E EQUILÍBRIO

Para um bom desenvolvimento mediúnico é fundamental que haja equilíbrio. Equilíbrio em todos os sentidos: equilíbrio emocional, financeiro, familiar, trabalhista, etc.

Para que o médium se entregue às atividades espirituais corretamente, é fundamental que procure viver uma vida centrada e firme no bem.

Se o médium faz uso do álcool, não é preciso que deixe de beber, contudo, será chamado, por imposição da vida, a ter controle sobre sua vontade de beber, a fim de que não caía, amanhã, sob perturbação espiritual.

Bebedeira todo fim de semana? Beber até passar mal? Beber até cair? São coisas que precisam ficar no passado do médium, se ele realmente quiser ser um bom instrumento da espiritualidade...

Se o médium faz uso do fumo, será naturalmente orientado a fazer todo o possível para abandoná-lo, ciente de que isto não lhe fará bem aos próprios pulmões, lembrando sempre a imensa distância existente entre o uso do fumo no terreiro e no dia-a-dia.

Claro, não conseguirá abandonar da noite para o dia, mas as entidades sempre orientam no sentido de que se esforce, no mínimo, para diminuir o seu consumo.

Estamos no fim de ano, época de comilança... O médium também é chamado a exercer a moderação, a fim de não se encontrar sob imposição do próprio estômago, para que possa ter saúde, paz e tranquilidade em sua virada de ano.

O mesmo vale para o chocolate, para a Coca-Cola, para a mentira, para o ciúme, enfim, quaisquer comportamentos que possam ter condicionante vicioso: o médium é chamado a ser mais do que um animal, preso aos próprios instintos, mas um ser consciente, que edifica a vida segundo a sua própria vontade!

É por esta razão que a Umbanda nada proíbe, embora convide, frequentemente, à moderação de tudo.

Ninguém, efetivamente, pode ser um bom instrumento da espiritualidade se estiver com os pés presos aos vícios, sejam quais forem.

COMPORTAMENTO NO TERREIRO: AMIZADE

Uma das minhas primeiras observações em matéria de relacionamentos em terreiro, foi perceber que nem todos que trabalham na mesma casa deveriam ter relações fora dela.

Muitas pessoas, no afã de estabelecer novas amizades, ampliar o círculo de amigos, acabam trazendo para suas residências irmãos da corrente com os quais se simpatizam e isso, muitas vezes, é bastante perigoso.

Não é por que gostamos de uma pessoa ou mesmo de seus guias que necessariamente devemos estreitar relações para com ela. É preciso lembrar que, normalmente, dentro do terreiro todos parecem “santos” e que, muitas vezes, fora dele, vários se comportam como verdadeiros “demônios”.

Estamos num Mundo de Provas e Expições, todos temos defeitos, algumas vezes, defeitos bem graves... No convívio da gira, quase sempre, conhecemos apenas o “lado bom” das pessoas, por esta razão, creio que vale a pena o alerta.

Quantos casos de traições, intrigas, desconfianças e fofocas eu já presenciei por que algumas pessoas transformaram companheiros de terreiro em amigos íntimos?

Às vezes, a confusão estabelecida lá fora, ajuda a derrubar o terreiro “por dentro”.

Aliás, neste sentido, tenho aprendido que um certo distanciamento não é apenas bom, mas fundamental para que o terreiro siga sua rotina normalmente.

Fica difícil chamar a atenção de alguém que antes era um cambone e agora virou um confidente. Fica difícil corrigir um médium que, até ontem, era apenas um membro da corrente e hoje se tornou “parceiro de boteco”.

À medida que nos aproximamos de algumas pessoas e criamos vínculos, fica cada vez mais difícil separar os papéis e suas respectivas funções, o que quase sempre causa muito conflito: claro que não é algo impossível, apenas fica cada vez mais difícil.

Eu sei que existem pessoas que criam bons vínculos, boas amizades, relacionamentos saudáveis e felizes e isso certamente é muito bom. Contudo,

sou da opinião de que trabalho é trabalho, terreiro é terreiro, casa é casa e o melhor é não misturar as coisas.

RITUAIS PARA A VIRADA DE ANO?

Todo fim de ano, as pessoas me perguntam se existe alguma recomendação dos guias sobre o que fazer para a virada de ano.

É tradicional, na Umbanda, a famosa festa à Iemanjá na praia, a roupa branca, pular sete ondinhas. Há quem passe a virada do ano de amarelo, os que comem lentilhas, assopram canela na porta de casa, etc.

Todas as crenças são respeitáveis e, sem dúvida, devemos respeitá-las todas, porém, as entidades sempre me ensinaram que essas coisas são apenas rituais humanos, sem efeito prático algum.

O ano novo que virá será “bom ou ruim”, basicamente, dependendo de dois fatores: as provas as quais devemos passar e a maneira como vamos reagir a elas!

Não será a cor da nossa roupa no momento da virada do ano que influenciará o que virá. Não existe uma “energia de prosperidade” que você atrairá por acender esta ou aquela vela ou fazendo este ou aquele ritual.

A passagem do ano é simplesmente a mudança do nosso calendário atual que, diga-se, durante boa parte da história da humanidade, para diversos povos antigos, foi diferente, comemorando-se a entrada do ano novo no Equinócio de Primavera (em março), quando o dia e a noite têm a mesma duração ou, em tantos outros povos, de acordo com algum outro tipo de calendário que levava em conta as estações do ano.

Portanto, o que ocorrerá de hoje para amanhã será apenas a mudança de calendário de um mês para outro, como ocorreu do mês passado para este, sem nenhuma implicação espiritual ou energética.

Contudo, a força cultural da virada do ano é tão marcante em nossa sociedade que muitas pessoas se colocam, neste período, em uma espécie de reflexão sobre a própria vida, sobre o que desejam para o futuro e isso é extremamente positivo.

Além do mais, é um momento em que a família está reunida, confraternizando-se, e isso também é muito importante, já que a vida não é feita apenas de trabalho. Os guias sempre me orientaram a aproveitar as ocasiões familiares, pois nunca saberemos se no próximo ano estaremos todos juntos novamente...

Então, a minha sugestão é: se você segue algum ritual, se te faz bem, continue. Não há problema algum. Se você festeja com sua família, aproveite-a bem, você não sabe se ano que vem estarão todos juntos novamente. Contudo, acima de tudo, reflita, reflita muito sobre o ano que passou, seus erros e acertos e o que deseja para seu futuro, pois desejar, é um primeiro passo para a realização.

Ah, e não solte fogos com barulho: além de gastar dinheiro por nada, você assusta recém-nascidos, crianças com autismo e, principalmente, os animais domésticos. Eu mesmo vou fazer a passagem do ano em casa, por que meus cachorros se desesperam com os fogos, brigam, fazem buraco no quintal e tudo isso para quê? Fazer barulho...

Feliz ano novo!

COMPORTAMENTO NO TERREIRO: DEVOÇÃO

Quando se entra para um terreiro, automaticamente, extinguem-se os espaços para uma vivência religiosa “meia boca”: ou você está de corpo e alma ou está apenas de corpo.

É por esta razão que se deve pensar muito antes de assumir um compromisso espiritual, até por que trazemos nossas próprias dificuldades a serem superadas e não precisamos – a rigor – de maior peso para carregarmos nesta vida...

A palavra devoção vem de “devotione” que basicamente quer dizer: dedicar-se a algo.

Quando você aceita entrar para um terreiro ou procura desenvolver a sua mediunidade, você está fazendo uma escolha, que é a de dedicar-se a seus orixás, aos seus guias, encontrando na Umbanda um caminho espiritual pelo qual está disposto a suportar as dificuldades inerentes a caminhada, ciente de que procura um destino para sua jornada de fé.

Para que este caminho seja trilhado da forma mais harmoniosa possível, é preciso haver entrega, dedicação, interesse, devoção.

Se você trata sua roupa de terreiro de qualquer jeito, se você trata os itens de trabalho de suas entidades de qualquer jeito, se você não faz seu banho de ervas, se você não faz o resguardo, se você não se esforça em ser uma pessoa melhor, se você entra no terreiro de qualquer jeito, se você canta de qualquer jeito, se bate palmas de qualquer jeito, se cumprimenta as entidades de qualquer jeito, você está desonrando seus orixás, seus guias, seus companheiros, seu terreiro e a você mesmo!

A sua experiência religiosa nunca será mais do que uma mera tentativa falha...

Agora, se você faz o inverso: preocupa-se com a sua roupa de trabalho, organiza os itens de trabalho de suas entidades, comprando-os você mesmo, fazendo os seus próprios banhos, colhendo suas próprias ervas, preparando-se convenientemente no dia da gira, chegando ao terreiro com antecedência, esforçando-se em deixar do lado de fora tudo que não convém ao trabalho espiritual, cantando com a alma, batendo palma com fé, cumprimentando os guias dos demais com ternura, colocando um sorriso no rosto, eu posso te garantir que sua experiência religiosa será maravilhosa!

Contudo, se essas coisas forem um peso para você, melhor procurar outra religião...

CARIMBO DE MÉDIUM

Eventualmente, alguém me diz: todo mundo que vai no terreiro escuta que é médium, que precisa desenvolver, etc. Mas, será mesmo?

É preciso separar bem as coisas.

De fato, existem pessoas que tem o péssimo hábito de carimbar a mediunidade alheia. Alguém lhe diz que tem estado com dor de cabeça, ela logo dispara: é mediunidade!

Não tem dormido bem? Mediunidade!

Problemas familiares? Mediunidade!

Enfim, realmente, existem pessoas que se sentem muito à vontade para diagnosticar a mediunidade alheia com extremada facilidade (sem contar os que acham que basta “bater o olho” para saber quem é médium e quem não é).

Contudo, as pessoas que trabalham seriamente sabem que é impossível saber se alguém é médium ou não apenas por si mesmo, que é necessário que as entidades apontem a mediunidade em alguém...

Entretanto, reflitamos: se uma pessoa tem o compromisso da mediunidade, não seria natural que a espiritualidade a encaminhasse para um local onde ela pudesse desenvolver essa mediunidade?

Ou seria mais interessante levá-la a um posto de gasolina, a um restaurante, uma pizzaria?

Ora, é claro que as pessoas com mediunidade vão bater na porta dos terreiros ou demais instituições que trabalham com a mediunidade, onde mais poderiam bater?

Não entendo o espanto dessas pessoas...

Seria como o médico se espantar com o número de pessoas doentes que lhe procuram... Quem mais procurariam? O advogado? O açougueiro?

É natural, portanto, que os médiuns cheguem em grande volume aos terreiros, pois ali poderão encontrar amparo e direcionamento, conforme seus próprios interesses e esforços.

COMPORTAMENTO NO TERREIRO: CONFIDENCIALIDADE

A imensa maioria dos médiuns de incorporação, na atualidade, são conscientes. Isto quer dizer que, durante os trabalhos, eles não “apagam”, mantendo sua lucidez e se recordam, se não integralmente, pelo menos, muito do que foi dito e ouvido nas consultas.

Essa lucidez durante o transe mediúnico tem por finalidade promover um maior aprendizado do próprio médium, afinal, muito do que seus guias dizem aos consulentes serve para ele mesmo.

Assim, o médium não aprende apenas pelos estudos que faz, por aquilo que lê ou mesmo do que recebe de pessoas mais experientes: ele também aprende por aquilo que as entidades falam por sua boca.

Por esta razão, é extremamente recomendável que o médium se policie para não levar para sua vida pessoal problemas dos consulentes bem como suas intimidades.

Encerrou a consulta? Desincorporou? Acabou o assunto!

É muito importante que o médium aprenda a separar as coisas, evitando a todo custo comentar as situações deste ou daquele consulente após gira, mesmo com os colegas de terreiro, sob pena de acabar caindo em descrédito perante os demais (afinal, as pessoas pensam: se ele fala de fulano, uma hora, falará de mim...).

Infelizmente, não é tão raro encontrarmos médiuns enxeridos que, após a consulta, procuram o consulente para saber se gostou do atendimento, se a entidade deu uma solução ao seu problema, etc.

Também não é incomum vermos médiuns que encontram o consulente fora do terreiro e perguntam se seguiram as orientações, se fizeram os banhos que a entidade recomendou... Isso sem contar os que dão continuidade a consulta como se fossem eles – e não as entidades – quem desse os atendimentos...

Os que procedem assim perdem a confiança e a credibilidade.

O mesmo vale para os cambones que, frequentemente, ouvem a tudo. E ouvem, justamente, para que aprendam. É por isso que permanecem ao lado da entidade, não apenas para auxiliar, mas para aprender, igualmente.

Trata-se de uma escuta sagrada.

Por isso, o cambone deve aprender a esquecer os detalhes, as intimidades das pessoas e fixar apenas a essência, o aprendizado, o saber adquirido.

Em casos de extrema necessidade, quando for importante conversar sobre um atendimento, é possível fazê-lo sem nomear as pessoas, a fim de que as intimidades dos consulentes sejam preservadas.

Saber ver, saber ouvir e saber calar. Eis a receita!

MÉDIUM X ENTIDADE

Uma das primeiras lições que se deve aprender na Umbanda, é: o médium é o médium, o guia é o guia.

Sim, parece óbvio, mas nem sempre é!

As pessoas se afeiçoam as entidades e, sem perceberem, acabam transferindo este sentimento para o médium.

Ex.:

Um consulente adora tomar passes com o preto-velho que trabalha com um determinado médium. Entre todas as entidades do terreiro, esta foi a que mais lhe acolheu, orientou, gerando um vínculo entre ambos.

O consulente, feliz por tudo que recebe da entidade, acaba por se aproximar do médium, conversa com ele dentro do terreiro, trocam WhatsApp, adicionam-se no Facebook e vai tudo muito bem.

Contudo, em algum momento, este consulente começa a perceber, seja na fala, nas ideias ou mesmo no comportamento deste médium, pensamentos ou atitudes que destoam muito do que a entidade que por ele se manifesta sempre ensina.

Vem a decepção, a frustração e a dor!

Assim, aconselho: por mais que você goste dos guias de um determinado médium, entenda que entre ele e a entidade existe a mesma distância que entre você e ela.

O fato de um médium ser o aparelho de uma entidade não lhe garantirá uma auréola de luz e, assim como você tem dificuldade em pôr em prática as orientações que recebe, o médium também as tem.

Para ele, inclusive, é mais difícil, por que o consulente quase sempre tem que lidar apenas consigo, já o médium, além de lidar com ele mesmo, enfrenta os desafios naturais de que alguém que, mesmo sendo imperfeito, é chamado a ser instrumento do bem na Terra e, com isso, dar testemunho da sua fé pelo trabalho que realiza!

Os médiuns, em sua grande maioria, são espíritos com pesadas dívidas com o passado, por isso, não devemos colocá-los num patamar de elevação espiritual que, por enquanto, pertencem apenas aos seus guias.

RELACIONAMENTO ENTRE PESSOAS DO MESMO TERREIRO

Com frequência, as entidades dizem que, dentro de uma corrente, somos todos irmãos. Dizem isso como um incentivo ao desenvolvimento da fraternidade entre as pessoas e não como uma leitura literal de irmandade.

Assim, uma pessoa pode se relacionar afetivamente com outra da mesma casa desde que:

1. Estejam livres e desimpedidas para isso (a traição é sempre um erro e a lei do retorno sempre corrige os aventureiros);
2. Saibam se respeitar dentro e fora do terreiro;
3. Saibam separar a vida pessoal do trabalho no terreiro;
4. Entendam a diferença entre relação afetiva e promiscuidade.

As entidades sempre me ensinaram que o amor é sublime, benéfico, positivo em todas as circunstâncias, desde que seja vivido de forma saudável, feliz, produtiva, para todos os envolvidos.

Os terreiros possuem muitas famílias: desde as que já existiam antes da casa, às que se formarão a partir dela. Assim, é belo quando vemos duas pessoas que se conheceram no terreiro, resolveram namorar, com o tempo noivaram, casaram e trouxeram filhos ao mundo que também frequentam a casa: isso é magnífico!

Contudo, nem tudo são flores!

Muitos dirigentes acabam proibindo os relacionamentos entre pessoas da mesma casa por uma simples razão: quando o relacionamento não dá certo, a bomba estoura no terreiro!

Entre inúmeros exemplos, citarei apenas um, cujas ilações serão suficientes para se estabelecer todas as demais comparações para todos os casos.

Imaginemos, por exemplo, que um médium e uma cambone da casa se apaixonem e resolvam namorar. Tudo vai muito bem. Depois de um ano, a cambone descobre que o médium a estava traindo e coloca fim ao namoro.

Existe uma grande chance dessa cambone, ferida, não querer mais ficar perto do referido médium no terreiro. Quando as entidades deste chegam, ela não quer pedir benção. Tomar passe com as entidades? Ouvir conselhos delas? Jamais!

Contudo, foi a entidade que a traiu? Ela estava namorando com a entidade?

Da mesma forma, existe uma grande chance do médium, querendo se justificar, acabar "forçando a barra", colocando palavras na boca da entidade para de alguma forma favorecer o seu caso e a coisa vai se complicando cada vez mais...

Nós temos dificuldade em separar as coisas, os papéis e os ambientes. Aquele relacionamento feliz no começo foi por água abaixo, contudo, o respeito para com as entidades do médium deve ser o mesmo, afinal, elas não têm nada a ver com a vida pessoal dele (as entidades são guias, não babás) e não podem ser responsabilizadas pelo erro que o médium cometeu. De igual forma, o médium jamais deve prevalecer da sua condição de médium para "usar as entidades" em seu problema pessoal...

Isso sem contar os casos em que a pessoa traída simplesmente joga no ventilador do terreiro todas as decepções com o ex. Neste caso, não apenas ela, mas várias pessoas que lhe são simpáticas começarão a olhar o referido médium com desdenho... Pronto, ninguém mais confia nele!

A casa começar a ter rachaduras, fofocas, picuinhas, a corrente se enfraquece...

É por situações assim que muitos dirigentes proíbem os relacionamentos dentro do terreiro, pois na hora de começar um relacionamento é só alegria, mas depois que termina, é só dor de cabeça no terreiro!

Se, contudo, a pessoa for madura o suficiente para separar as situações, o meu conselho é: seja feliz!

A IMPORTÂNCIA DA HUMILDADE PARA O MÉDIUM

Entre tantas definições de humildade, gosto de uma que diz: “consciência das próprias limitações”. Assim, humildade não é, por exemplo, se esquivar de elogios justos, mas se esquivar de elogios injustos, mesmo quando nasçam do desejo sincero de nos agradar.

Lembro-me bem do médium Celso de Almeida (psicógrafo) e que repetia sempre em suas entrevistas o conselho dado por Chico Xavier no início de sua vida mediúnica:

- Quando te chamarem de impostor, você saberá que não é; mas, quando te chamarem de Santo, você também saberá que não é.

Humildade é isto: consciência das próprias limitações!

Uma vez o Velho me disse:

- Tiro o chapéu para médiuns cujos guias fazem um lindo trabalho de cura e eles permanecem calados, mas não tiro o chapéu para aqueles que mal conseguem uma cura e já querem falar ao microfone...

Tenho aprendido com os guias que um médium humilde, com pouca mediunidade, é capaz de fazer um grande trabalho. Contudo, um médium prepotente, mesmo com uma mediunidade incrível, produzirá sempre muito pouco.

O médium humilde sabe que é imperfeito e tenta se melhorar. Não se esconde atrás de seus guias, não coloca palavras na boca da entidade e não quer ser visto maior do que de fato é.

Fica feliz quando vê os frutos de seu trabalho, contudo, antes de se sentir um “iluminado”, pensa que, na verdade, é o grande beneficiado pela oportunidade de ser médium, aprender e servir, sabendo que, muitas vezes, os problemas do consulente são iguais aos seus e que os conselhos que seus guias dão servem tanto para o consulente, quanto para ele próprio.

O médium humilde não quer ser maior do que os outros: quer ser maior do que a si mesmo. Não luta contra o colega de terreiro que atrai a disputa da

consulência, mas luta por ser ele mesmo um melhor instrumento da espiritualidade.

Muitos médiuns novatos me pedem um conselho e sempre repito o que aprendi com os guias: humildade.

DA CRÍTICA À OFENSA

Embora a Umbanda receba pedradas de todos os lados, muitos companheiros derretem-se por uma “autofobia” das mais estranhas. Confundem crítica com ofensa e não podem ver um evangélico externando sua opinião contrária a religião que já disparam frases como: você é intolerante! Seu preconceituoso! Isso quando não partem para desfile de palavrões...

Se alguém diz não concordar com algo que se pratica na Umbanda, esses companheiros logo se inflamam exigindo respeito, pedido de desculpas, como se fosse, simplesmente, proibido criticar.

Mas, é proibido criticar?

A crítica é um exame minucioso de algo. Criticar, portanto, não é apenas uma atitude racional, mas esperada em pessoas emocionalmente maduras e sensatas. Aliás, se entre as fileiras umbandistas houvessem mais críticos, provavelmente, muitos absurdos seriam parte do passado...

A ofensa, por outro lado, é um desrespeito, é atingir a honra de outra pessoa ou causar-lhe algum dano. Trata-se, portanto, de algo bem diferente.

Uma coisa é um evangélico, por exemplo, dizer:

- Não concordo com a incorporação dos mortos que se pratica no terreiro por causa deste ou daquele versículo na Bíblia.

Isto é uma ofensa? Não! É uma crítica! E obviamente ele tem todo o direito do mundo em fazê-la já que professa outra crença...

Bem diferente seria se dissesse:

- Você, macumbeiro safado, que fica recebendo esses demônios no terreiro, você vai arder no inferno por toda a eternidade...

Compreendem a diferença?

Ninguém é obrigado a concordar com a nossa fé e, sem dúvida, o Movimento Umbandista (isto é, aquilo que se faz nos mais variados terreiros por aí) têm muitas práticas que merecem, sim, críticas bastante pontuais... Saibamos, contudo, diferenciar quando alguém faz uma crítica e quando se pratica uma ofensa, esta última, sim, sempre censurável.

Quanto à primeira, é apenas exercício intelectual e só faz bem, exceto, aos que possuem a fé edificada sobre um monte de areia.

MÉDIUM PIPOCA

A expressão “médium pipoca” é uma alusão ao comportamento de alguns médiuns que são incapazes de se fixarem em um terreiro, comportando-se como pipocas numa panela: estouram e pulam pra todo lado...

São pessoas que passam um ano numa casa, dois anos em outra, seis meses na próxima e assim, sucessivamente, vão trocando de terreiros como alguém que troca de roupa.

É claro que todos temos liberdade para escolhermos o terreiro que queremos atuar e bem pode acontecer de mudarmos de opinião e, portanto, de casa. Isso é relativamente comum, inclusive.

Contudo, o que caracteriza o médium pipoca é que nunca para em casa alguma, pois nenhuma serve para ele. Quando conta sua história, sempre fala mal dos terreiros por onde passou, de modo que todos desconfiam que seja ele o problema, afinal, a pessoa pode dar “azar” com um ou outro terreiro, mas quando passa por dez casas e todas “são ruins”, é provável que o problema seja a própria pessoa...

Se pudéssemos ouvir seus ex-irmãos de corrente, o que diriam sobre este médium? Será que ele é mesmo tão inocente quanto afirma? Será que realmente foi desvalorizado como conta? Será que sua antiga casa realmente é tão ruim quanto ele fala?

Reflitamos...

O MILHO

Eu não como milho, pois não gosto do sabor. Quando compro cachorro quente, peço para que não pôr milho. Quando vou à um restaurante, não coloco milho em meu prato.

Não tenho nenhuma razão lógica para não gostar de milho, simplesmente, não gosto.

Contudo, eu não odeio milho.

Eu não falo mal de quem come milho. Não faço careta quando vejo alguém comendo milho. Não acho que quem coma milho seja inferior a mim.

Entretanto, nem sempre foi assim.

Houve um tempo em que detestava milho e tudo fazia para mostrar às pessoas o quão absurdo era comê-lo. Dedicava muito tempo aos debates virtuais, tentando provar por $A + B$ o motivo pelo qual milho era ruim ao consumo.

Ria, debochava das pessoas, achava-me superior, mais inteligente, por não comer milho.

Procurava em cada frase do “debatedor” alguma falácia, redundância ou incoerência para poder esfregar na cara do oponente minha superioridade como não-comedor de milho.

O tempo, contudo, senhor soberano e inimigo mortal das vaidades humanas, fez o seu papel.

Os “debatedores” foram tomando outro rumo, as discussões acaloradas ficaram no passado e gradativamente percebi que combater o milho já não tinha tanta graça, não empolgava como antes... Assim, resolvi me aposentar deste jogo...

Olhando para trás, percebo que não se tratava da verdade, se tratava da vaidade, orgulho, arrogância e prepotência. O problema não era o milho, seu gosto, textura ou cor: o problema era minha postura frente ao milho!

Então veio a espiritualidade me ensinando que não tinha importância eu não gostar de milho. Que tinha direito, inclusive, de não gostar do mesmo. Que poderia passar a minha vida inteira sem vontade de comê-lo e que isso não seria nenhum problema.

Contudo, deveria tomar alguns cuidados.

Cuidado para não entrar em ondas mentais destrutivas pelo simples fato de não comer milho. Que evitasse contenda com meus semelhantes, especialmente, os comedores compulsivos de milho...

Explicaram-me que cada um está em seu momento evolutivo e se Deus permite às pessoas comerem milho, é que o milho tem sua razão de ser e isso era motivo de sobra para respeitá-lo.

Aprendi a vê-lo tão sagrado quanto meu desejo de não o comer, respeitando, portanto, o livre-arbítrio e as preferências de cada um, buscando, cada dia, viver mais em paz comigo mesmo.

Ainda não aprendi a amá-lo, nem aos seus consumidores, mas tenho fé que um dia conseguirei. Até lá, porém, procuro me policiar, buscando não esquecer que no mundo já existe intolerância demais e que não vale a pena brigar por milho.

E assim, descobri uma forma de ser feliz.

GUIAS DE MIÇANGAS?

As guias de miçangas (plástico) podem ser cruzadas por uma entidade? Esse cruzamento terá valor? Elas servem mesmo?

Resposta: Sim, servem!

De vez em quando alguém me procura com alguma das dúvidas acima, afirmando ter ouvido de um ou de outro que as guias de plástico não servem para nada, já que plástico não é um bom condutor de energia...

Mas, será?

Plástico não é um bom condutor elétrico, isto é, não é um bom material para se fazer fios elétricos como os que existem em sua casa. Agora, o que isso tem a ver com energia espiritual?

Você não vai enfiar a guia na tomada, vai?

A confusão surge por que muitos associam a baixa condutividade do plástico (capacidade de levar elétrons por um caminho) à ação espiritual que os guias produzem quando magnetizam (cruzam) determinados objetos.

Qualquer coisa pode ser cruzada por uma entidade: plástico, metal, pedra, porcelana, etc.

Então, sim, você pode usar uma guia de miçangas!

Sim, ela pode ser cruzada por uma entidade e terá tanto valor quanto qualquer outra guia, de qualquer outro material.

Aliás, aos meus olhos, nada revela mais a simplicidade da Umbanda do que as guias de miçangas... Nada contra guias de metal, porcelana, cristal, etc... Mas, eu prefiro a simplicidade, por isso, prefiro as miçangas!

O desejo de escapar da vida pelas portas do suicídio é muito triste e parece ser cada vez mais comum.

José contava com 65 anos de idade quando começou a alimentar, em seu íntimo, um desejo tenebroso: o suicídio.

Tivera uma vida tão comum quanto qualquer outra.

Trabalhara, casara, tivera filhos, ficara viúvo, sentia-se sozinho. Após os 60 de idade, uma série de doenças apareceram: a diabetes se agravou, a pressão descontrolou-se, problemas urinários, dificuldade para andar, para enxergar, etc.

Em pouco tempo, sentiu o peso da idade sobre o corpo que já não mais respondia tão bem quanto antes. Para completar, uma severa pneumonia o deixara internado por quase duas semanas e mais duas em casa, em repouso absoluto.

Quando visitado por amigos e familiares, o que era mais ou menos raro, dizia estar cansado e que desejava a morte. Dizia mais: iria se matar! Pois havia escondido no telhado de casa uma espingarda e faria uso dela para aliviar a dor que a vida lhe impusera.

Os familiares não levaram a sério as ameaças, até mesmo em razão das dificuldades para se locomover impossibilitando-o de subir ao telhado. Além do mais, em tantos anos de convivência, nunca ninguém soube da tal espingarda.

Acharam que era simples drama de um velho doente e solitário que não sabia fazer mais do que reclamar.

Estavam errados!

Os pensamentos de José nos dias decisivos se fixaram no desejo da morte. Isso atraiu um bando de arruaceiros desencarnados que queriam apenas ver o “circo pegar fogo”.

Em pouco tempo, a casa do velhinho, antes vazia, estava cheia. Em torno de seis entidades o assessoravam o tempo todo, alimentando nele o desejo do suicídio continuamente.

Com tanto estímulo mental e fluídico, José foi recobrando as forças aos poucos. Ensaiou alguns passos, tentou pegar uma escada, sem sucesso.

Redobrado esforço das entidades.

Após algumas semanas, numa terça-feira de verão, conseguiu se levantar da cama, indo até o quintal. Pegou uma escada, subiu no telhado e retirou uma velha garrucha que estava escondida próxima a caixa d'água.

Desceu, entrou em casa, trancou todas as portas e janelas, ligou o aparelho de som no último volume, sentou-se numa cadeira em frente a um espelho, mirou cuidadosamente no coração e disparou.

Dois dias depois os familiares encontraram seu corpo...

*

Três meses depois, numa reunião de desobsessão, manifestou-se José, causando imensa angústia na médium que o recebia.

Apresentava-se desesperado, gritando, enlouquecido... Pedia perdão!

Soubemos, posteriormente, pela espiritualidade, que ele viveria apenas mais três meses na Terra. O alívio das suas dores e angústias chegaria em breve pelo desencarne natural que foi, no entanto, antecipado de forma imprudente pelo suicídio.

QUARESMA: QUANDO ABREM OS PORTÕES DO UMBRAL (TEXTO ORIGINAL)

Ao contrário do que muitos pensam, a quaresma não é uma data importante apenas para a Igreja Católica. Outras comunidades Cristãs, como: Calvinistas, Luteranas, Anglicanas, Ortodoxas, também a adotam, conforme seus preceitos.

Curiosamente, não se trata apenas de um período de purgação espiritual simbolizado nos 40 dias em que Jesus passou no deserto ou Moisés no monte Sinai. Trata-se de um período com fortes implicações espirituais, cuja tradição remonta, pelo menos, 1600 anos.

Asseguram-nos os espíritos que, neste período, há uma profunda agitação na atmosfera Umbralina, o que faz com que muitos espíritos consigam vir à superfície da Terra com muita facilidade.

Embora existam espíritos responsáveis por vigiar os “canais de saída”, nesse período, a agitação é tão grande que, mesmo eles, não conseguem impedir a passagem dessas entidades. É quando uma imensa quantidade de espíritos sofredores e perturbadores ganham livre acesso ao mundo dos homens.

O que se passa, então, é um verdadeiro caos: cada um segue por conta do seu interesse. Alguns, viciados, correrão para saciarem-se; outros, perturbados, buscarão seus familiares; alguns, vingativos, o que tanto anseiam e por aí vai.

Com tantas entidades perturbadoras perambulando livremente, a chance de cairmos em sentimentos nocivos que nos farão mal é muito grande. Desavenças são acirradas. Vinganças são alimentadas. Ódios são cultivados. É preciso ter muita firmeza de cabeça.

Nesse período, mais do que qualquer outro do ano, temos que ter cuidado redobrado com nossos pensamentos e sentimentos, pois com imensa facilidade, poderemos ser alvo das investidas inferiores. Orai e Vigiai, em dobro... Em triplo!

É provável, contudo, que a maior parte das pessoas não perceba todo esse perigo. Entretanto, os médiuns percebem, com facilidade.

As próximas três quaresmas, até o ano de 2019, serão intensamente mais fortes que as anteriores. São os momentos finais, agônicos, de uma sociedade,

encarnada e desencarnada, prestes a se renovar ou se atrasar, conforme as escolhas feitas.

Muitas casas de Umbanda fecham as portas, com receio das perturbações que essas entidades causam. Entretanto, a recomendação é justamente inversa. Este é um período de intenso trabalho, de redobrada caridade e auxílio aos encarnados e desencarnados. Nenhuma casa deve fechar as portas.

Vamos todos concentrar nossos esforços no bem, na caridade, no amor ao próximo. Refugiarmos na oração e na vigília constante de nossos pensamentos e atos e nada teremos a temer.

Obs.: *Este texto foi escrito por mim no início de 2016 e publicado originalmente no meu antigo blog de espiritualidade: Estudo Espiritualista, conforme orientação das entidades que me instruíram. Desde então, ele tem sido reescrito com as mais diversas autorias (eu me pergunto qual a integridade de um dirigente que copia um texto de alguém e o assina) e, o mais grave, foi modificado diversas vezes, de modo que hoje há muitas versões alteradas circulando pela internet, cujo original, é este.*

Nota: Antigamente, a maioria dos terreiros de Umbanda fechavam na quaresma, retornando na sexta-feira santa, com o fechamento de corpo. Alguns, continuavam com os atendimentos, porém, com alguma alteração nas linhas de trabalho e, outros terreiros, simplesmente ignoravam a quaresma. Sempre foi assim. Contudo, atualmente, cresce o número de umbandistas que dizem ser a quaresma "coisa de católico", afastando, assim, este conceito que SEMPRE esteve presente na religião. Não existe obrigatoriedade de os terreiros seguirem ou respeitarem a quaresma, mas é simplesmente incoerente dizer que este assunto não tem mais importância para a Umbanda, porque sempre teve.

CARNAVAL E A UMBANDA

O carnaval é uma festa bastante antiga cujas origens, possivelmente, remontam à antiguidade. Contudo, neste texto, não aprofundarei a sua história. Focarei sobre o que se realiza no Brasil: a festa.

Há algum problema em o umbandista “pular o carnaval”, isto é, divertir-se? A resposta é: não!

Contudo, é preciso alguns cuidados.

Primeiro de tudo é preciso lembrar que a Umbanda é uma religião que nada proíbe, mas convida a moderação de tudo. Toda pessoa que, verdadeiramente, quiser se tornar um bom instrumento da espiritualidade precisa ter controle sobre suas próprias vontades, a fim de não se perder no mar de exageros que o carnaval oferece.

Ao lado de pessoas que se divertem de forma responsável, existe todo um oceano de pessoas que extravasam suas alegrias e frustrações em excessos de toda ordem e, com isso, geram e atraem vibrações pesadíssimas para si mesmas.

Assim, a recomendação para os que desejam se divertir é a de que não se esqueçam dos compromissos espirituais assumidos, pois os deslizos de algumas horas podem trazer prejuízos que serão sentidos por semanas...

Em suma: divirta-se, mas com moderação. Se o local em que você estiver começar a ficar pesado, com pessoas exagerando, seja no que for, o melhor é se afastar e procurar um outro local.

Não é preciso se afastar da alegria, mas evitar ambientes e pessoas excessivamente carregadas...

Voltando para casa, se sentir que ficou com algum carrego, basta firmar nas orações, fazer um bom banho de descarrego e dormir para recuperar as forças.

Aos que trabalharão no carnaval e que talvez não consigam se afastar de ambientes ou pessoas conturbadas, vale a pena sempre redobrar os cuidados com a oração antes de sair de casa, pedir para uma entidade de confiança cruzar uma guia de proteção e usá-la no trabalho ou no bolso, caso não seja possível utilizá-la no pescoço e, ao chegar em casa, se sentir o corpo pesado, cansaço

excessivo, faça um banho de descarrego e fortalecimento, durma o máximo possível e no outro dia estará bem novamente.

Nota: O médium que se entrega aos excessos (bebidas, drogas, promiscuidade, etc.) e imagina que estará amparado por seus guias, sofrerá uma terrível decepção. As entidades não se coadunam com bagunça e com a loucura generalizada, não aprovam comportamentos destrutivos e levianos. Assim, os que perdem o controle sobre si mesmos em festas como o carnaval, não raro, acabam como joguetes nas mãos de obsessores.

E daí vem o sofrimento...

TRATAMENTO ESPIRITUAL À DISTÂNCIA

Escrevo este texto pensando, especialmente, nas pessoas que não têm acesso a um bom terreiro e, por isso, peço que leiam com atenção o que tenho a dizer: as entidades são capazes de auxiliar à distância, desde que o consulente tenha fé (fé verdadeira, não da boca para fora).

Por esta razão, não é preciso se sujeitar a indivíduos manipuladores que transformam o terreiro que deveria ser uma casa de caridade em comércio...

Ainda há pouco, conversei com uma senhora que dirigiu mais de três horas de carro para visitar um terreiro que lhe fora recomendado e, em lá chegando, soube que era preciso pagar R\$ 150,00 para o “caboclo baixar”, pois o dinheiro era para pagar o chão...

Gente pobre, humilde, sofrida, precisa pagar para o caboclo baixar?

Algum tempo atrás, uma senhora veio em nossa casa, tomou passe com a entidade e quando esta perguntou se desejava algo, a humilde senhora respondeu: uma cesta básica!

Como alguém, em sã consciência, tem coragem de cobrar algo na Umbanda, tendo em vista que a maioria da população é pobre e busca nos terreiros os recursos para o corpo e para a alma que não encontram em outro lugar?

Certamente, os que procedem assim, transformando o intercâmbio com as entidades em comércio muito se arrependerão no mundo espiritual...

Estando claro o exposto acima, vamos a conclusão do texto:

Se você tiver fé, ore a Deus pedindo o amparo espiritual que deseja. Contudo, saiba que cada um de nós vive a experiência necessária ao seu progresso espiritual e que as entidades nem sempre podem resolver tudo...

Quando for dormir, coloque um copo com água limpa perto da sua cama e ore com fé, com toda a força do seu coração, da sua alma, pedindo a Deus para que os bons espíritos possam vir lhe amparar e lhe ajudar de acordo com o seu merecimento.

Fazendo isso, persistentemente, todas as noites, enquanto durar o mal que lhe aflige, eu lhe garanto: a espiritualidade auxiliará não importando a distância!

Deus não desampara a nenhum de seus filhos e o fato de não ter um bom terreiro em sua cidade não lhe impedirá de receber a ajuda que precisa, desde que sua fé seja o farol necessário a fim de que as entidades te encontrem.

CONSUMO DE ÁLCOOL E UMBANDA

Já tivemos a oportunidade de estudar, neste blog, a razão pela qual os guias manipularam o álcool nos trabalhos espirituais, bem como a diferença entre o uso religioso e o uso recreativo do mesmo.

Contudo, desta vez, vamos refletir sobre o uso do álcool pelo umbandista, seja ele médium ou cambone.

A primeira coisa que precisa ficar claro é que a religião nada proíbe. Logo, não existe o pré-requisito “não beber” para fazer parte da Umbanda ou mesmo para desenvolver a mediunidade.

O que as entidades recomendam é equilíbrio e moderação no consumo da bebida alcoólica e, se possível, que seja evitado.

Ainda assim, contudo, muitos umbandistas exageram. Sejam em festas, baladas ou no churrasco de domingo, muitas pessoas consomem álcool de maneira excessiva, com diversas consequências:

1. O álcool possui uma energia muito poderosa. Quando a pessoa bebe excessivamente, essa energia perturbará o seu sistema nervoso, causando a famosa embriaguez;
2. O trabalhador espiritual, por natureza, precisa ser uma pessoa com a energia mais limpa possível, logo, se ele se embriaga constantemente, estará sempre com suas energias físicas e espirituais enfraquecidas e, portanto, terá sempre uma incorporação mais difícil, terminará os trabalhos excessivamente cansado (às vezes, não aguentando sequer chegar ao fim da gira), entre tantos outros problemas;
3. O médium é alguém que, naturalmente, recebe e emite energia com maior facilidade, logo, se ele fica embriagado, sofrerá o impacto das energias nocivas, produzidas por ele, pelo ambiente ou pelos espíritos perturbadores ao seu redor, com muito mais intensidade que uma pessoa “não-médium”;
4. A partir do momento em que o médium ingere álcool, seus chakras se tornam completamente desalinhados, impossibilitando qualquer incorporação de seus guias (assim, aqueles que bebem e incorporam, quando muito, estão apenas

fingindo ou estão irradiados com espíritos obsessores... Porém, INCORPORAÇÃO bêbado, simplesmente, não acontece);

Enfim, poderia listar tantos outros problemas e inconvenientes decorrentes do abuso do álcool, contudo, gostaria de chamar atenção sobre o seguinte:

Parece ser cada vez mais comum a aceitação social do uso de álcool. Recentemente, estive em uma pizzaria que, por alguma razão, permitiu a entrada de um rapaz visivelmente alcoolizado.

Ele estava acompanhado por sua família e durante todo o tempo em que lá estive, deu trabalho. Ria escandalosamente, gritava, mexia com os garçons, derrubou copos e, o mais incrível, a família parecia achar graça no ocorrido.

Haviam crianças com eles que presenciaram aquela cena que, tudo indica, não deve ser rara. Fiquei pensando: que belo exemplo para essas crianças!

Recentemente, ouvi uma garota de 13 anos dizer:

- Nesse carnaval, quero beber até cair!

A maioria das pessoas que conheço faz uso de álcool e não veem nenhum problema nisso. Não frequentam botecos, não caem pelas ruas, mas bebem muito em casa...

Sei que o texto está ficando longo, mas quero relatar uma experiência que me marcou.

Durante o estágio de psicologia, atendi um senhor com uma história de vida que daria um belo livro e que vou resumir.

Ele começou a trabalhar muito jovem numa grande empreiteira, como auxiliar de pedreiro. Naquele tempo, era costume entre os operários, no campo, tomar uma dose de cachaça para “abrir o apetite”. Ele nunca havia bebido e de tanto insistirem, acabou experimentando.

Assim, por anos, antes do almoço, ele passou a tomar uma pequena dose de cachaça.

Fez amizade com um topógrafo que lhe ensinou o ofício, ganhando logo em seguida uma promoção. Tornou-se topógrafo profissional, com muito prestígio na empresa onde trabalhava.

Com o passar do tempo, uma dose já não bastava, necessitando tomar um pouco mais. Percebeu que se não tomasse todo dia pelo menos um copo de

cachaça, não conseguia coordenar os movimentos finos das mãos para fazer os mapas da empresa.

Assim, todo dia, ele tomava um copo de cachaça. Nem mais, nem menos, durante 20 anos. Não bebia em festa, não consumia cerveja, não bebia em nenhuma outra situação...

Quando ficava muito tempo sem ingerir álcool, começava a tremer e, com isso, receava perder o emprego. Passou a levar a bebida escondida numa garrafa de café e sempre que podia, bebia.

Um dia acabou sendo descoberto e foi demitido por justa causa.

Ele possuía um ótimo salário, filhos na universidade, um casamento duradouro e feliz, entretanto, tudo começou a desmoronar... Ele não conseguiu um emprego à altura do que desejava e acabou gastando todas as economias. Tendo mais tempo em casa, passou a beber o dia todo.

A esposa resistiu por um tempo e depois acabou terminando o relacionamento.

Ele foi para a rua. Na rua, se envolveu com uma mulher e acabou contraindo HIV. Quando soube do resultado, desiludiu-se ainda mais da vida e virou andarilho. Foi quando o conheci, albergado numa instituição para portadores do vírus HIV aqui na cidade.

Atesto que esta história é real e deixou bastante claro para mim os perigos de uma pequena dose de álcool...

Segundo o site Organização Pan-Americana de Saúde, essas são as principais informações que as pessoas devem saber sobre uso de álcool:

- Em todo o mundo, 3 milhões de mortes por ano resultam do uso nocivo do álcool, representando 5,3% de todas as mortes.
- O uso nocivo de álcool é um fator causal para mais de 200 doenças e lesões.
- Em geral, 5,1% da carga mundial de doenças e lesões são atribuídas ao consumo de álcool, conforme calculado em termos de Anos de Vida Perdidos Ajustados por Incapacidade (DALY, sigla em inglês).
- O consumo de álcool causa morte e incapacidade relativamente cedo na vida. Na faixa etária de 20 a 39 anos, aproximadamente 13,5% do total de mortes são atribuíveis ao álcool.

- Existe uma relação causal entre o uso nocivo do álcool e uma série de transtornos mentais e comportamentais, além de doenças não transmissíveis e lesões.

- Foram estabelecidas recentemente relações causais entre o consumo nocivo do álcool e a incidência de doenças infecciosas, tais como tuberculose e HIV/aids.

- Além das consequências para a saúde, o uso nocivo do álcool provoca perdas sociais e econômicas significativas para os indivíduos e para a sociedade em geral.

Será que está na hora de pararmos de achar normal alguém beber excessivamente?

Por fim, cabe dizer que nunca conversei com uma entidade que incentivasse o uso do álcool, tendo testemunhado, inclusive, dezenas de tratamentos espirituais com o objetivo de amenizar os seus efeitos já que, do ponto de vista espiritual, as doenças decorrentes do consumo excessivo de álcool que podem levar à morte são consideradas formas de suicídio indireto.

DEPENDÊNCIA DOS GUIAS

Embora os guias sejam bons amigos com os quais podemos contar sempre, não devemos transformar nossa relação para com eles em petitórios infinitos ou em dependência enfermiza, pois a vida compete àquele que está na matéria e, embora os guias aqui estejam para nos orientar, eles não podem tomar decisões que nos cabem.

Quando a pessoa se inicia na Umbanda, é muito comum o deslumbramento. A possibilidade de conversar com as entidades é algo que fascina, encanta. É comum, também, que as conversas se transformem em uma relação terapêutica onde se busca conselhos e orientações sobre a vida.

Com o passar do tempo, porém, o desejável é que desenvolvamos autonomia, dependendo cada vez menos das entidades, isto é, inclusive, sinal de maturidade espiritual.

Chega um ponto da nossa jornada em que já recebemos tantos conselhos que não há mais sentido em ficar perguntando as mesmas coisas para as entidades que, normalmente, darão sempre as mesmas respostas...

Conforme amadurecemos na relação com o espiritual, nossa independência deve aumentar, pois teremos condições de decidir nossos caminhos de maneira consciente e livre e não mais na dependência de um outro ego (no caso, dos guias).

Entretanto, há pessoas que nunca amadurecem.

Pessoas que conversam com as entidades hoje como conversavam dez anos atrás, sempre com as mesmas queixas, os mesmos assuntos. Assim, embora o tempo tenha passado, essas pessoas continuam mentalmente tão frágeis como quando pisaram no terreiro pela primeira vez.

Para elas, o contato com os guias transformou-se numa relação de co-dependência, onde tudo necessita, antes, da aprovação dos guias. Vai comprar um novo carro? Os guias têm que aprovar. Vai mudar de casa? Os guias têm que concordar. Resolveu sair do serviço? Os guias têm que carimbar, etc.

Mas, a vida pertence a quem? Os guias estão aqui para viver por nós ou para nos ajudar a viver melhor?

É claro que devemos ouvir as entidades, o que não devemos é perder a autonomia sobre nossa própria vida!

Afinal de contas, depois de alguns anos de contato com os guias, todos estaremos mais do que cientes sobre tudo que nos compete fazer para cumprirmos as nossas obrigações neste plano, restando apenas colocar em prática os anos de conselhos recebidos.

MUITO TEMPO

Numa noite fria de maio, uma senhora que aparentava idade bem avançada sentou-se para tomar passes com a Vovó Maria. Cumprimentou a entidade e o cambone, recebeu o passe e em seguida ouviu:

- Fia, suncê ainda há de viver maisi um cado grande nessa terra!

A velhinha num suspiro surpreendente, disse:

- Ah, não... Mesmo, vó?

Aquela resposta deixara Maurício, que cambonava a entidade, surpreso. Afinal, que pessoa recebe a notícia de que irá viver mais tempo e responde dessa forma?

- É zifia... – respondeu a bondosa entidade.

Como se desejasse algum desabafo, a velhinha vira-se para Maurício e prossegue:

- É que amanhã fará um ano que meu marido morreu e eu sinto muita falta dele... Fomos casados por 61 anos e nunca brigamos, acredita? Nenhuma discussão, nenhuma briga.

A entidade, em tom amoroso, interfere dizendo:

- É verdade zifia, vosso cumpanheiro era um homi de coração muito bão e do lado de cá tá muito arto, bem arto, cheio de luz!

A velhinha com os olhos marejados, diz:

- É... Não tenho dúvidas de que meu Geraldo deve estar muito bem, pois era um homem muito bom e caridoso. Eu agora espero a minha vez... Já tenho 84 anos, o que tinha para aprender ou já aprendi ou não aprendo mais... Já vivi o que tinha de viver, quero agora é ir embora encontrar o meu Geraldo!

A bondosa preta-velha toma-lhe as mãos, beija-as e diz:

- Zifia, suncê tem de cumpri o tempo que o Pai mandou. Aí suncê há de encontrá o cumpanheiro nas artura. Maisi tem que esperá um cado ainda, entendeu, zifia?

Resignadamente, a velhinha balançou a cabeça afirmando que sim...
Naquela noite Maurício demorou mais do que de costume a pegar no sono.

INCORPORAR NA HORA DO PASSE

Trata-se de uma cena relativamente comum: o consulente entra para tomar passe e, de repente, incorpora. Mas, qual razão disso?

Segundo o que as entidades me informaram, são basicamente quatro:

1. O consulente é médium de incorporação, porém, fica adiando o seu desenvolvimento para “quando Deus quiser”, sem se resolver a assumir, verdadeiramente, o compromisso firmado antes da encarnação. Esta manifestação acontece como um chamado que diz: estou esperando você!
2. O consulente é médium, já desenvolveu, mas está afastado do terreiro, então seu guia incorpora como se dissesse: estou aguardando o seu retorno!
3. O consulente é médium, desenvolvido ou em desenvolvimento, porém, está desequilibrado, então a incorporação acontece como se o guia dissesse: estou com você!
4. O consulente não é médium, mas deseja muito o ser, deixando-se levar pelo animismo ou simplesmente pelo desejo de chamar a atenção: não recebe nada, mas acredita que sim...

É certo que poderíamos listar outras tantas situações, mas creio que estas resumem bem o quadro geral.

O fato, porém, é que se o médium está equilibrado, se ele trabalha numa casa ou está em desenvolvimento numa, não existe razão para que incorpore quando for tomar passe e, muito menos, em um outro terreiro!

Há sete anos frequente terreiros e nunca incorporei ao tomar passe em outra casa por uma razão simples: não há necessidade!

Todo sábado, faça chuva ou faça sol, estou no terreiro para trabalhar, por que razão meus guias iriam querer vir fora deste dia e deste horário, ainda mais em outra casa ou quando eu fosse tomar o passe?

Simplesmente, não há razão alguma!

Obs.: Aos médiuns em desenvolvimento, sugiro que se habituem, simplesmente, a “tomar o passe”. Percebo que muitos, infelizmente, esperam a incorporação após o passe como a “cereja do bolo”, o que é algo totalmente sem sentido. Além

do mais, se o médium não conseguir distinguir se está sentindo a presença do guia ou se o guia quer se manifestar, ele nunca estará maduro mediunicamente, ficando na eterna dúvida ou sendo dominado pelo animismo achando que está recebendo o espírito, quando está recebendo apenas vento...

Tudo em matéria de mediunidade se resume em: disciplina!

ÂNSIA POR FALAR COM AS ENTIDADES

A ânsia por falar com as entidades é algo que todos devemos combater, pois todos a possuímos em algum grau. Contudo, algumas pessoas parecem sofrer patologicamente deste tipo de ansiedade, pois sempre retêm a atenção das entidades em assuntos repetitivos e cujas orientações já foram dadas, embora, nem sempre tenham sido seguidas...

As entidades, quase sempre, possuem uma paciência quase infinita, explicando uma, duas, dez vezes a mesma coisa. Contudo, não devemos abusar desta paciência, exercitando, em nós, a moderação.

Há pessoas que, se deixar, tomam conta da entidade... Reduzem a gira apenas ao seu caso pessoal. Não pensam que a casa pode estar cheia, que o médium esteja cansado, que outras pessoas precisam igualmente de atendimento: apenas elas importam, apenas a dor que sentem merece atenção dos guias...

Falam de maneira frenética, abordando os mais variados assuntos de uma única vez. Por vezes, estão tão ansiosas que nem conseguem ouvir direito o que a entidade responde, colocando um assunto atrás do outro...

É por isto, inclusive, que em nossa casa os atendimentos duram até dez minutos e, em casos mais graves, no máximo, vinte minutos... Este tempo é mais do que suficiente para que a entidade oriente sobre o que for necessário...

Portanto, embora as entidades acolham a todos, devemos fazer a nossa parte. Agir verborragicamente é compreensível entre pessoas novatas e que se encantam com as entidades, não, porém, entre os que já possuem conhecimentos suficientes para discernir e separar as coisas.

Logo, antes de despejar uma enxurrada de reclamações na entidade, escolha um assunto e converse apenas sobre este assunto. O guia certamente te ouvirá e te aconselhará. Então, antes de passar para o próximo, cumpra primeiro as recomendações da entidade: tape o primeiro buraco antes de querer tapar o segundo...

Eis a receita para um bom atendimento na Umbanda!

ABORTADO

Fomos chamados a prestar socorro a uma velha senhora vitimada por Alzheimer e que parecia sofrer uma terrível obsessão espiritual.

Um médium mais experiente se propôs a dar-lhe passes já que, semi-acamada, tremia de frio sob dois cobertores em dia extremamente quente. Seu estado era estranho: tremia de frio e parecia dormir profundamente. Entretanto, às vezes, respondia alguma pergunta ou comentário que fazíamos.

Tão logo o médium terminou os passes, fomos embora.

No caminho de volta, a filha da senhora começou a questionar o referido médium sobre o que se passava com sua mãe. Algo relutante, ele disse ter ouvido a voz de um espírito que lhe assistiu durante o passe, dizendo: perdoai todos os abortos praticados. Essa informação chocou a todos, mas nem tanto a filha que se lembrava de ter ouvido algumas histórias estranhas sobre sua mãe, muitas décadas atrás...

A partir de então, a equipe espiritual da nossa casa assistiu a velha enferma em sua aflição. Tão logo possível, as entidades nos informaram que, de fato, ela estava sendo vítima de obsessão por conta de um casal de gêmeos que havia abortado na juventude.

Espantados, soubemos que ela praticou alguns abortos e ajudou muitas outras jovens a abortarem também, por meio de chás especiais feitos com ervas que favoreciam o crime. Todos os espíritos já a haviam perdoado, exceto esses dois.

Ambos passaram a se manifestar frequentemente na reunião de desobsessão que realizávamos. Um deles demonstrava muita afeição à filha da senhora e pudemos explorar esse sentimento em favor dele mesmo, mostrando que, ao prejudicar a mãe, ele também prejudicava a filha, por quem nutria afeto. Ao cabo de alguns meses, conseguimos convencê-lo do erro em que incorria e ele terminou por não mais persegui-la.

O outro, porém, permaneceu obstinado em seu propósito de vingança.

Tudo que foi possível fazer em favor da velha enferma foi feito. Inclusive, diversas vezes conseguimos afastar esse obsessor que sempre retornava em algumas semanas.

As mudanças, contudo, eram visíveis.

Quando o afastávamos, ela não dormia tão profundamente, o frio intenso passava, ela sorria, brincava, conseguia sair da cama. Mas, se ele se aproximasse, ficava nervosa, reclamava de tudo, sentia muito frio.

Por fim, a Espiritualidade Superior decidiu que a permanência dela no corpo e naquele estado obsessivo era o melhor para o momento. Começaria, ali mesmo, a pagar pelos erros cometidos em seu passado, a expiar a falta cometida contra aquele espírito que seria seu filho e que nutria um ódio difícil mesmo de mensurar.

Foram cerca de três anos de trabalho e assistência, passes e defumações, até que finalmente o obsessor se afastou para destino incerto que não nos fora revelado e, finalmente, a velha senhora pôde ter um pouco de sossego...

Era a lei do retorno em ação...

QUEM NÃO FAZ FORÇA PARA ENTRAR, NÃO FAZ FORÇA PARA FICAR

Com o correr dos anos, cheguei a uma conclusão: quem não faz força para entrar, não faz força para ficar. Isto é, as pessoas que muito facilmente entram para um terreiro, geralmente, desistem muito facilmente também.

É por esta razão que, em conversa com os guias, chegamos ao seguinte termo em nossa casa: para poder entrar para o desenvolvimento mediúnico (critério essencial, não importando quantos anos de mediunidade tenha o sujeito), no mínimo, é preciso frequentar durante um ano, faltando o mínimo possível.

Essa frequência é um período de teste, onde o consulente deve avaliar se realmente se identifica com a casa (costumes e regras) e se realmente está disposto a seguir por este caminho.

Inserir muito facilmente as pessoas numa corrente é um risco que, em todo caso, me parece desnecessário e que, pelo menos em minha experiência pessoal, provou-se improdutivo e decepcionante a longo prazo...

Muitas pessoas já vieram nos procurar dizendo amar a casa com todo seu coração, contudo, não provaram isso com sua conduta ao longo do tempo. Afinal: se a pessoa não consegue frequentar um ano o terreiro que diz amar, imagina com que assiduidade comparecerá aos trabalhos...

Assim, penso que todos os terreiros deveriam enrijecer os critérios para aceitação de novos membros... Deixar o consulente na assistência, pelo menos, alguns bons meses para que ele avalie a casa e seja avaliado por ela.

Desta forma, evitamos muitos aborrecimentos de ambas as partes.

DEIXE-O SER MÉDIUM

Eventualmente, recebíamos a visita do pequeno Miguel. Contava ele com quatro anos de idade quando o vi pela primeira vez. Acolhido por todos, agitado, não parava quieto. Corria pelo terreiro inteiro, mexia em tudo.

A espiritualidade já havia alertado sua mãe sobre o espírito que habitava aquele corpinho: ele tinha uma missão mediúnica grandiosa e a família deveria apoiá-lo.

Desde cedo os dons mediúnicos do garoto foram percebidos, especialmente, a vidência e a audição espiritual. Em termos infantis, sempre falava dos amiguinhos com quem brincava, do vovô e da vovó que apareciam, daquele homem feio, etc.

A família tinha conhecimento sobre mediunidade e frequentava o terreiro esporadicamente, mas a mãe sentia muito receio em deixá-lo seguir este caminho... Temia por seu futuro, por sua felicidade, uma vez que a mediunidade exige uma vida de renúncia e sacrifícios.

Novos alertas da espiritualidade, novos temores.

Certa noite, ao fim dos trabalhos de desobsessão, manifestou-se uma senhora, muito amável, pedindo para dar um recado à mãe do garoto. Pediu-lhe, com muito carinho, que não impedisse a vida mediúnica do pequenino e que, ao contrário, o apoiasse com muito amor.

Revelou - a senhora comunicante -, que no passado havia sido esposa do espírito que, agora, se chamava Miguel. Explicou que durante algumas vidas ele havia suplicado as bênçãos do trabalho espiritual, contudo, em todas elas, fracassou... Chegava à Terra cheio de esperanças, mas se perdia entre as preocupações do mundo, agravando cada vez mais o seu quadro...

Havia reencarnado, agora, em tarefa redentora, trazendo faculdades mediúnicas que o colocariam, no futuro, em grande evidência.

Ao fim do trabalho, quase em sussurro, a entidade suplica:

- Deixe-o ser médium...

Obs.: Certamente, a entidade não queria o desenvolvimento precoce da criança, mas que a mãe não o afastasse do terreiro para que, na hora certa, a mediunidade despontasse e, desta vez, ele pudesse cumprir a sua tarefa.

COSPLAY DE UMBANDA

Este é, seguramente, um tema polêmico e, por esta razão, deixo claro que tudo que escrevo são apenas e tão somente as minhas opiniões, nada mais do que isso.

Cosplay é uma palavra em inglês que significa “representação de personagem a caráter”, ou seja, quando alguém se veste como um personagem de filme, novela, série, etc.

Existem, inclusive, muitos encontros deste segmento no Brasil...

Na Umbanda, tradicionalmente, o uniforme de trabalho é apenas a roupa branca. Com o passar do tempo, porém, as vestimentas coloridas e elaboradas, foram se espalhando, de modo que hoje são bastante comuns.

Começou de forma simples, uma “corzinha aqui e outra ali” e hoje o que se vê, em muitos lugares é uma caracterização que lembra tudo, menos terreiro...

O que chamo de “cosplay de Umbanda”, entretanto, é a caracterização excessiva e abusiva do que supostamente seria a aparência e/ou vestimenta da entidade no próprio médium.

Exemplo:

Um médium que trabalha com uma pombagira e que, para isso, usa vestido, passa batom, sombra nos olhos, etc.

Por estes dias vi um tipo de vídeo que há tempos não via: uma limosine chegando com uma entidade “incorporada” (e aqui realmente as aspas é um sinal de boa-vontade da minha parte...) e o que se passou em seguida foi uma espécie de baile de debutante...

É certo que esses abusos e exageros não se restringem apenas a esquerda, mas também a outras linhas, como a dos ciganos (por esses tempos conversei com uma mulher que, para receber a cigana, foi em um salão de beleza fazer o cabelo e se maquiar) se apresentando no terreiro com maquiagem de fazer inveja em youtubers e purpurina pra todo lado (e, claro, como não podia faltar, com direito a fotos e vídeos nas redes sociais) ...

No meio de tanto luxo e fantasia, eu me pergunto: onde estarão, verdadeiramente, as entidades?

Ao invés de nos travestirmos “das entidades”, não seria mais interessante buscarmos incorporar os valores que elas trazem consigo? Por que eu desejo parecer, externamente, com o que imagino ser a aparência de uma entidade, se o que importa é o que sou, por dentro?

Enfim...

REFLEXÕES EM TEMPOS DE QUARENTENA

Recentemente, vi um “post/meme” do Batman e Robin em que se diz: “Para de reclamar do terreiro fechado, quando está aberto você nem vai”. E eu me pergunto: não é uma bela realidade?

Ano passado decidi encerrar os estudos que eu fazia sobre Umbanda no terreiro (preferindo focar na internet) e a principal razão para isso foi a falta de interesse.

Por dois meses avisei que o curso se encerraria em dezembro e, ainda assim, no final de fevereiro, ouvi pessoas perguntando sobre os estudos. Quando lhes informei que havia encerrado, elas lamentaram, dizendo que gostavam muito.

Bem, se gostavam tanto, por que não compareciam?

Da mesma forma, tenho visto muitas pessoas dizendo sentir falta dos trabalhos (o que é compreensível), mas será que quando o terreiro está aberto essas mesmas pessoas provam esse amor com sua dedicação ao terreiro?

Penso, portanto, que podemos aproveitar o tempo de quarentena para refletirmos sobre nosso compromisso junto ao terreiro que nos acolheu, afinal, todos temos o que melhorar...

Assiduidade, pontualidade, compromisso, boa-vontade, interesse, fraternidade, são alguns assuntos que podemos nos basear para refletir, mas sem dúvida não são os únicos...

E aí, como anda seu compromisso junto ao terreiro?

AS FASES DO DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

O desenvolvimento mediúnico ocorre, basicamente, em três fases: irradiação, incorporação e firmeza. Não há tempo mínimo ou máximo para que ocorra, embora, normalmente, as pessoas se desenvolvam no período de um a três anos em nossa casa, com desenvolvimentos quinzenais.

Descreverei o que aprendi nestes anos de observação, acertos e erros no processo de desenvolvimento.

IRRADIAÇÃO

É a fase inicial do processo e consiste, basicamente, no envolvimento energético da entidade para com o médium. É a fase em que a entidade se acostuma com a energia do médium e o médium com a da entidade.

Durante o desenvolvimento, é comum que o médium seja colocado para girar, a fim de que o mesmo perca o controle sobre seus pensamentos, deixando o processo fluir com naturalidade.

O médium nesta fase cambaleia, perde o equilíbrio, tem a visão embaçada, sente a energia da entidade percorrendo seu corpo, sente frio nas mãos, a pressão cai: todas essas sensações são comuns, naturais e esperadas.

Nesta fase, a entidade não está incorporada, embora esteja energeticamente ligada ao médium, portanto: não fala, não fuma, não bebe e não se locomove sozinha.

INCORPORAÇÃO

Decorridos alguns meses da irradiação, ocorre a incorporação que é, basicamente, o entrelaçamento energético dos chakras da entidade com os do médium.

A princípio, essa ligação é fraca e sutil. Com o passar do tempo, torna-se mais intensa, fortalecida, até que esteja completa.

Nesta fase, o médium já não cambaleia tanto, a entidade tem maior controle sobre o movimento corporal. É quando o caboclo emite o seu primeiro brado, o preto-velho se curva, o exu engrossa a voz, etc.

É nesta fase que a entidade começa a riscar o seu ponto (é normal que varie com o correr do tempo, já que se trata de um processo), é quando começa a firmar a vela e a pedir os seus primeiros elementos de trabalho (sendo interdita a bebida alcoólica, que é a última no processo).

É a fase em que o médium conhecerá a entidade, seu nome, sua personalidade, seu jeito de incorporar, seu ponto riscado, os elementos com os quais trabalha, etc.

Nesta fase, a entidade emite as primeiras palavras, embora não esteja apta a fazer consultas. Não se deve levar a ferro e fogo o que o médium diz neste processo, pois ele ainda está aprendendo a intermediar a entidade com segurança...

FIRMEZA

É a fase final do processo.

Nesta fase, a incorporação ocorre de forma rápida, pois tanto o médium quanto a entidade já se acostumaram com a energia um do outro.

Nesta fase o médium já sabe o nome da sua entidade, o ponto riscado já assumiu a sua característica definitiva e a incorporação é forte o suficiente para que a entidade consiga dominar totalmente o corpo do médium e consiga conversar mentalmente com ele.

Então, ela é direcionada para a firmeza, ou seja, ele fica em um canto, risca seu ponto, pede seus elementos e permanece em silêncio.

Esta é uma etapa-desafio, pois o objetivo é fazer com que o médium sustente a incorporação pelo maior tempo possível e conheça mais e melhor a entidade com a qual trabalhará em breve.

Digo que se trata de uma etapa-desafio, pois é o momento em que a ansiedade dos médiuns fica mais evidente, já que não suportando o silêncio (afinal, de modo geral, não estamos acostumados a ele), com frequência acabam chamando os cambones para conversar, contudo, isto é ansiedade do médium e não desejo da entidade.

A firmeza é o momento em que a entidade conversa com o seu médium, não com outras pessoas.

É quando o aconselha sobre pontos importantes da sua vida e da caminhada de ambos, daí a importância de o médium permanecer em silêncio, sustentando a incorporação pelo maior tempo possível (afinal, as giras podem ser bem longas).

Depois de alguns meses, então, a entidade-chefe avalia o transe do médium e o libera para o atendimento na corrente ou estende um pouco mais o período de desenvolvimento: depende da postura de cada médium!

Se a incorporação estiver firme, se o fluxo energético estiver forte, se a entidade conseguir se comunicar com facilidade através do médium, então, o seu desenvolvimento estará concluído e ele poderá fazer parte da corrente de atendimento.

Entretanto, o fim do desenvolvimento mediúnico não é o fim da jornada mediúnica da pessoa, pelo contrário, é a fase inicial. Nos próximos anos, conforme amadurecer, a sua mediunidade também amadurecerá.

A PALAVRA DE UM EXU

Todos sabem que os exus têm fama de serem diretos, ásperos, às vezes, agressivos em seu linguajar quando se trata da verdade. Não há meias palavras com eles: perguntou, respondem.

Certa noite, um consulente procurou o auxílio de um médium iniciante e ainda bastante inseguro quanto ao próprio dom. O consulente se mostrava aflito, embora calado. Rapidamente, seu exu identificou o problema: seu irmão.

Amargas lembranças pesavam no coração do mesmo em relação ao próprio irmão!

Como sempre, a conversa da entidade fora séria, sem rodeios. Mas, o que poderia simplesmente parecer um cutucar de feridas mostrou-se uma excelente reflexão para todos.

O que disse foi mais ou menos o seguinte:

- Você está começando a desenvolver e um dia vai trabalhar na Umbanda. O que adianta vir para o terreiro se o seu coração está com tanta mágoa? Você não está aqui para melhorar, evoluir? Não conseguirá fazer isso sem perdão. É preciso perdoar seu irmão...

Após uma longa conversa o consulente se despediu, algo cabisbaixo.

Posteriormente, porém, soubemos que ele aceitara a empreitada do perdão. Procurou o irmão depois de 11 anos, fazendo as pazes!

Outras entidades já o haviam alertado sobre a necessidade do perdão, porém, naquela noite, a palavra de um exu teve peso diferente.

VAMPIRISMO

Estávamos reunidos em torno do exu Sr. Catatumba, quando nos pediu que fosse colocado meio copo de uísque em outro copo que trouxe para perto de si.

Ante nossa curiosidade natural, disse:

- Esse copo será vampirizado pelo exu da porteira. Como seu aparelho não veio, ele vai absorver diretamente do copo, por que precisa dessa energia para realizar seus trabalhos de proteção a casa e ao seu aparelho.

Alguns minutos depois, pediu que tomássemos um gole do uísque diretamente da garrafa e, em seguida, um gole do copo que estava separado e disséssemos se notaríamos alguma diferença.

Todos tiveram a mesma impressão: o copo separado parecia conter menos da metade do álcool da bebida da garrafa, estava menos forte!

Foi então, que o exu prosseguiu:

- Este uísque do copo está mais fraco por que foi vampirizado. A energia do álcool foi retirada dele quase completamente, sobrando apenas o caldo. Quando vocês bebem e ficam tontos não é apenas a bebida, em si, que causa este efeito, mas a energia densa que ela carrega.

E virando-se para mim, disse:

- Anota aí, para suas pesquisas.

E assim foi anotado.

OBS.: Salve Sr. Catatumba, a quem muito devo!

EU NÃO PRESTO

Há muito tempo, recebemos no terreiro uma senhora que parecia muito debilitada. Estava magra, pálida, pisava torto, tinha um braço sempre junto ao corpo e seu pescoço pendia para o lado esquerdo.

Cada médium aquela noite sentiu uma estranha e negativa vibração no ar. A concentração foi difícil, a incorporação, mais ainda. Os pretos-velhos vieram, as pessoas foram atendidas e aquela senhora ficou para o final.

A preta-velha que comandava os trabalhos posicionou alguns médiuns em locais específicos e logo passaram a receber entidades inferiores, vociferantes, habitantes das trevas mais profundas...

Terminada a onda de manifestações, desceu o caboclo-chefe que passou a dar passes na enferma. Gradativamente, o aspecto fisionômico da senhora foi se modificando. O braço e a perna voltaram ao normal e, na sequência, o pescoço.

Terminado o passe, o caboclo disse que ela poderia ir embora e, ante nossos olhos, aquela mulher que, duas horas antes, entrou toda torta no terreiro, saiu andando normalmente.

Todos respiraram aliviados.

Posteriormente, soubemos que aquela mulher havia chegado a nossa casa acompanhada por dezenas de entidades, o que causou enorme desgaste em nossos guias para poderem realizar aquele trabalho.

Atônitos, perguntamos o que ela fez para merecer tanto empenho inferior e nos foi respondido que era uma mulher muito ambiciosa e invejosa e que para conseguir satisfazer seus desejos, pulava de casa em casa, dessas que não se importam em fazer o mal, prometendo o que tinha e o que não tinha às entidades, igualmente inferiores, para realização de seus desejos mais insanos.

Conseguiu algumas coisas, outras não. Mas, em todo caso, nunca “pagou” o que prometera às entidades.

Não há perdão entre espíritos dessa classe. Eles são incapazes de sentir compaixão pelo outro. Só a lei do “quem pode mais” vigora e, quem promete, deve pagar...

Soubemos, posteriormente, que tão logo adentrou o carro para ir embora, essa senhora virou-se para uma amiga que a aguardava e disse em alto e bom tom:

- Eu não presto. Mereço tudo de ruim que acontece comigo... E, se precisasse, faria tudo de novo.

Nunca mais a vimos.

TERREIRO FECHADO: TEMPO DE REFLEXÃO!

Uma coisa que tenho feito nessa quarentena é pensar, pensar muito... Hoje, compartilharei um destes pensamentos com vocês.

Eu pisei pela primeira vez em um terreiro de Umbanda com 28 anos de idade. Foi uma experiência marcante, forte e que, sem dúvida, mudou o rumo da minha caminhada na Terra.

Contudo, eu vivi longos 28 anos sem terreiro...

Comecei a trabalhar e a desenvolver a minha mediunidade aos 30 e foi, sem dúvida alguma, a experiência mais transformadora que vivenciei até o momento.

Contudo, eu vivi longos 30 anos sem mediunidade...

Assim, pergunto: por que tanta gente desequilibrada com a casa fechada por um mês? A maioria das pessoas que conheço também viveram a maior parte das suas vidas sem terreiro...

Se conseguiram viver 20, 30, 40 anos sem terreiro, por causa de alguns meses de terreiro fechado vão se desequilibrar? Não há algo errado nessa história?

É claro que a gente sente falta (eu também sinto). O terreiro faz muito bem pra nossa alma...

Contudo, se eu preciso do terreiro para me sentir bem e equilibrado, então, talvez, a minha relação com a espiritualidade esteja equivocada.

O terreiro deve ser um complemento da nossa vida espiritual, um local para nos encontrar, confraternizar e trabalhar. Ele não pode (e não deve) se tornar uma muleta espiritual, caso contrário, estaremos repetindo os mesmos erros das velhas religiões...

O Velho sempre me ensinou: “O terreiro não são estas paredes e o teto, o terreiro é o sentimento que está no seu coração”. Bem, eu estou fisicamente afastado das paredes e do teto, mas não estou afastado do meu coração...

Logo, para quê sofrer?

Dure esta quarentena o que durar: dois meses, quatro meses, seis meses, um dia tudo vai passar e os terreiros poderão abrir suas portas...

Contudo, se não nos cuidarmos (e todos os trabalhadores sabem o que precisam fazer para isso), corremos o risco de retornarmos para o terreiro como enfermos e não mais como trabalhadores...

AJUDAR OS GUIAS FORA DO CORPO: UMA REFLEXÃO

Há muito tempo, quando iniciamos a desobsessão, uma entidade, Pai Benedito, nos pediu que, se possível, após a sessão, deveríamos chegar em casa, manter o resguardo, orar e dormir, por que as entidades viriam nos tirar do corpo para que pudéssemos auxiliar no trabalho de desobsessão que havia se encerrado horas antes, entre os encarnados, mas continuava noite adentro, entre os espíritos.

A recomendação, porém, teve pouco efeito prático... Algumas semanas depois e ninguém mais se interessou em seguir estas recomendações e isso por uma razão simples: chegando do terreiro, todos queriam retomar o curso natural de suas vidas, assistir TV até tarde, ficar nas redes sociais, ninguém queria dormir cedo, além da tentação de resistir a mais tempo de resguardo...

Essa experiência - em que eu mesmo fui um dos que falhou neste processo -, deixou bastante claro para mim que, de modo geral, não temos condições espirituais de auxiliar as entidades fora do corpo. Aliás, as auxiliamos muito quando não as atrapalhamos.... Não temos, geralmente, disciplina para isso, não conseguimos resistir aos menores chamados da vida material!

Assim, eu diria que a imensa maioria dos que desejam colaborar no plano espiritual, não colaboram. Sonham com algum lugar estranho e acordam dizendo para si mesmas que foram até o Umbral...

Dos poucos que realmente são levados por seus guias até um local de trabalho, a maioria vai para observar, aprender, por que não têm evolução suficiente para colaborar diretamente.

E uma parcela diminuta, realmente, tem condições de ir para ajudar e realmente o fazem.

Eu me lembro de uma situação em que uma pessoa pediu ao Velho para desenvolver a sua vidência, pois seu sonho era ser um “médium vidente”. A entidade, então, lhe recomendou o seguinte roteiro: vamos começar desenvolvendo um olhar benevolente com seus vizinhos. Se você conseguir olhar seus vizinhos com benevolência, já será um primeiro passo.

Ou seja: “quer ver os espíritos, mas não aprendeu ainda nem olhar os vizinhos com bondade”...

Agora, o curioso é vermos relatos de pessoas que saem do corpo, vão trabalhar no plano espiritual, visitam as colônias mais lindas ou os umbrais mais profundos, mas quando estão no terreiro, não se animam nem a lavar um corpo sujo...

Aqui na Terra não trabalham ou trabalham muito pouco, mas não podem dormir que são escaladas para atuar no plano espiritual. Estranho, não?

TERREIROS SÉRIOS SOFREM ATAQUES?

Existe uma “mística” que rola em algumas conversas de Umbanda que diz: terreiro sério, firme, fundamentado, “de axé”, não sofre as adversidades do mundo... Não sofre assalto, não sofre ataque, não sofre depredação, etc.

Mas, será que isso é verdade?

Enquanto pensava sobre este tema, lembrei-me de uma passagem dos Atos dos Apóstolos:

"E Saulo havia aprovado a morte de Estêvão. Naquele dia, rompeu uma grande perseguição contra a comunidade de Jerusalém. Todos se dispersaram pelas regiões da Judeia e de Samaria, com exceção dos apóstolos."

Atos dos Apóstolos, 8.1

E:

"Saulo, porém, devastava a Igreja. Entrando pelas casas, arrancava delas homens e mulheres e os entregava à prisão."

Atos dos Apóstolos, 8.3

A igreja, àquele tempo, era uma comunidade de cristãos, vivendo em uma espécie de vila.

As primeiras perseguições vieram dos próprios judeus, comandados por Saulo (que ainda não havia se tornado Paulo).

Os soldados invadiam as casas, prendiam as pessoas, dentro das comunidades fundadas pelos APÓSTOLOS, que também sofreram com a perseguição...

Nos anos que se seguiram, os cristãos sofreram com perseguições do sinédrio e, posteriormente, de Roma. Pessoas eram presas, torturadas, mortas. Igrejas destruídas, comunidades arrasadas...

Nas décadas seguintes:

Paulo foi degolado em Roma; Pedro crucificado de cabeça para baixo; Bartolomeu foi esfolado vivo; Filipe foi enforcado; Mateus assassinado, etc.

Ou seja:

Partindo de Jesus, o maior espírito que já esteve na Terra, quase todos os apóstolos tiveram suas vidas arrasadas e mortes violentas, suas comunidades foram perseguidas por séculos (os cristãos de hoje que não lembram sequer a poeira dos cristãos primitivos, deveriam se lembrar deste fato antes de serem intolerantes para com outras religiões), praticamente todos os apóstolos tiveram suas vidas arruinadas em nome de um ideal: o evangelho!

Diante de tudo isso, pergunto: você acha mesmo que um terreiro não pode ser assaltado? Que um terreiro não pode ser invadido e depredado? Que isso é falta de “axé”?

Estamos num mundo de provas e expiações e sujeitos, portanto, a toda sorte de males que assola este mundo. Não temos nada de diferente e fazemos mil vezes menos, dedicamos mil vezes menos, do que fizeram e dedicaram os primeiros cristãos...

Assim, afirmo sem medo de errar: não temos privilégio algum!

É certo que temos assistência espiritual. Assistência essa que nos livra de mil males que nem nos damos conta...

Contudo, não nos iludamos: se estiver em nosso caminho, pessoal ou coletivo, atravessar quaisquer das provações sujeitas à humanidade, tenha o tamanho que tiver, a quantidade de membros que couber, os terreiros – como quaisquer instituições – também são chamados ao testemunho de fé, pelas provações inerentes à humanidade!

DOENTE DA ALMA

Nosso companheiro estava cabisbaixo nos últimos dias. Uma amiga do terreiro aproximou-se e inquiriu sobre o que estava acontecendo.

- Ah, minha amiga... As coisas não tem sido fáceis pra mim. Luto mesmo todo dia para chegar ao terreiro com ânimo, mas tem sido difícil...

- Mas, o que lhe perturba?

- Bem – respondeu algo reticencioso – você sabe que meu irmão tem dado muitos desgostos à família. Tem um gênio difícil, problemático. De umas semanas para cá anda irritadiço, brigando com todo mundo por qualquer coisa... Acredita que metade da minha família já não conversa mais com ele?

A companheira que lhe ouvia o relato não tinha muito a lhe dizer por si mesma. Deu-lhe algumas palavras de bom ânimo e disse que pediria à sua preta-velha para orientá-lo...

Mesmo sendo médium, nosso companheiro já havia aprendido que “santo de casa não faz milagre”. Aguardou até a próxima gira, quando poderia conversar com a preta-velha.

Eis que surge ocasião.

Ele se aproxima e tão logo se coloca ante a bondosa velhinha, esta lhe diz:

- Zifio, vosso irmão é uma pessoa de coração bão. O probrema é que a cabeça dele é fraca. Ele é um ispírito que gosta muito de falá “não” pros outru, masi não aceita ouví um “não” pra ele. A vaidade fala muito arto nele.

Desejosa de ir mais fundo em suas ponderações, a velhinha prosseguiu:

- Zifio – continuou com carinho – vosso irmão é uma alma doenti. Suncê já visitô um hospirtar onde fica os moribundos? Eles vão falá cada coisa que suncê nem acredita... Até blasfemá contra o nomi do nosso sinhô Jesus Quisto... Mais, fi, isso é enquantu eles istão doenti. Depois que mióra, eles inté arrependi de dizê essas coisa... Assim é vosso irmão....

Após uma pausa mais longa, continuou:

- Agora, zifio, diz pra nega véia... O certo é as enfermeira virá as costa pros nossos irmãos moribundo ou o certo é elas ignorá e continuá fazendo seu trabaiô? Zifio, num é fácil... Mais ele é doenti e nosso sinhô Jesus num ensinô qui são os duenti que necessita de remédio? E se suncê dé as costa a ele, suncê é que vai tá agindo erradu... Quem é que tem condição de ajudá, ele ou suncê?

O médium nada respondeu. Apenas deixou algumas lágrimas escorrerem pela face, beijou as mãos da velhinha, agradeceu e levantou-se comovido.

VIDA PRIVADA / VIDA RELIGIOSA

A princípio, poderíamos dizer, sem medo de errar, que vida privada e vida religiosa não se misturam. Mas, isto não é bem verdade.

Não somos seres bifásicos nem separados das situações ou dos acontecimentos: somos um só, embora nos ajustemos, mais ou menos, aos ambientes e circunstâncias ao nosso redor.

Assim, poderíamos dizer que, no âmbito da vida privada, cada umbandista é livre para viver como quiser, fazer o que quiser e – obviamente – receber o retorno de suas ações...

Contudo, vida privada e vida religiosa se misturam a partir de seu ponto mais óbvio: a pessoa!

Como eu posso ser alguém que, na vida privada, sente-se livre para viver como quiser (e, muitas vezes, de forma destrutiva, para mim e para os demais) se, na vida religiosa, tudo que sou causa impacto no trabalho que realizo?

Há quem diga que isto é moralismo, mas para mim é simples relação de causa-efeito.

Sim: a Umbanda nos dá liberdade para vivermos como quisermos, mas os guias nos asseguram continuamente que tudo que fizermos, fora do terreiro, se refletirá no que fazemos, dentro dele.

Causa e efeito.

O OUTRO LADO DE TODA HISTÓRIA

Certa vez o Velho me disse:

“Não adianta as pessoas chegarem aqui chorando se, por dentro, estão morrendo de rir... A gente sabe”.

Ali concluí duas coisas.

A primeira é que as entidades conseguem penetrar fundo em nossa vida mental, sabendo a verdade sobre o que pensamos, embora verbalmente possamos dizer outra coisa...

A segunda é que, por incrível que pareça, muita gente mente nos atendimentos espirituais.

O que leva as pessoas a mentir?

São muitas razões, embora, quase sempre, a mais comum seja a conveniência na narrativa dos fatos.

Não se vê muita gente disposta a se desnudar e a assumir, perante as entidades, as faltas cometidas em seu dia-a-dia, sendo mais fácil “comer pelas beiradas”, sem se expor tanto...

Lembro-me de uma senhora que comparecia aos trabalhos (e digo comparecia, pois não comparece mais) e que sempre pedia ajuda em relação a sua família.

As entidades, com uma paciência de fazer inveja, ouviam, aconselhavam, direcionavam...

Certo dia, porém, o Velho me disse:

- Veja, ela está reclamando da família, mas ela é quem faz um inferno na família.

- Mas, ela está mentindo? Perguntei...

- Ela se acostumou tanto a se vitimizar que já não faz mais distinção entre o que de fato acontece e o que ela imagina. Ela quase sempre culpa os outros dos erros que ela mesma comete...

Era um caso de mentira crônica...

Porém, quem lhe ouvisse as lamentações, certamente ficaria tentado a mover céus e terras para auxiliá-la. É neste ponto que precisamos ter cuidado. Por esta razão, todo trabalhador de terreiro deve procurar sempre manter os olhos e ouvidos bem abertos, evitando tomar partido de causas sem ponderar com tranquilidade, pois pode acabar comprando “gato por lebre”.

ORIENTAÇÃO SEXUAL E A UMBANDA

Uma pessoa me perguntou:

- É um problema para a Umbanda o fato de haverem pessoas homossexuais, travestis, transexuais?

E eu lhe respondi com tranquilidade:

- Não, nenhum.

E não respondi como quem teoriza de longe, mas como quem já dividiu espaço no terreiro com pessoas de diversas orientações sexuais, nunca tendo recebido, por parte das entidades, qualquer tipo de restrição neste sentido.

Quando uma pessoa chega num terreiro, ninguém pergunta a sua crença, classe social, viés político, time de futebol, por que a sexualidade de alguém interessaria a outro?

Este é um assunto íntimo, interessando apenas a própria pessoa.

A Umbanda olha o ser humano e é por esta razão que não há qualquer relação entre a orientação sexual de alguém e o fato dela ser médium ou cambone numa casa.

Então, esta pessoa me perguntou:

- Mas, e se alguém que nasceu homem e hoje se veste e se define como mulher for convidado a trabalhar num terreiro, ele vestirá saia ou calça cumprida?

Antes de responder, deixe-me explicar uma coisa.

É tradição, na Umbanda, que os homens usem calça cumprida e as mulheres saia, por isso a pergunta, cuja resposta foi:

- Se a pessoa se sentir mulher, usará saia.

Ela pode ter nascido biologicamente homem, mas se hoje se apresenta como mulher, usará saia.

Este é apenas um detalhe, pois não são as calças e saias que importam. A roupa é apenas parte de uma indumentária que tem a sua razão de ser dentro de um ritual... Porém, o mais importante é a pessoa, o ser humano!

A sexualidade é da conta de um: seja hetero, homo, trans, não importa!

As entidades apenas nos alertam sobre os perigos de uma sexualidade desequilibrada, perturbada, sempre nos concitando à harmonia, independentemente da nossa orientação sexual.

É claro que estes assuntos são tabus para a maioria das religiões, mas posso assegurar que, para a Umbanda, é um assunto bastante simples, como exposto acima.

DEVOLVER DEMANDA?

Eventualmente, alguém me pergunta se é certo devolver demanda? Antes de responder, porém, é preciso explicar o que seja demanda para quem é leigo no assunto.

A palavra demanda, no contexto da Umbanda, significa uma carga energética negativa enviada por alguém, seja este alguém um espírito ou uma pessoa encarnada.

Demandas são relativamente comuns e, ao contrário do que muitos pensam, não são geradas apenas por médiuns que atendem em lugares lúgubres, todos de preto com um caldeirão e coisas do tipo.

A demanda pode ser gerada simplesmente por um pensamento de raiva profundo.

Quando fixamos alguém com ódio, os pensamentos gerados no calor das emoções, são enviados automaticamente em direção a pessoa como uma flecha (daí a recomendação das entidades sempre em relação a oração e a vigilância).

Se a pessoa-alvo estiver vulnerável espiritualmente, fragilizada emocionalmente, com sua mente conturbada, enfim, com qualquer tipo de vibração negativa, o pensamento lhe atingirá em cheio e poderá provocar uma série de problemas, como desânimos repentinos, cansaço excessivo, irritabilidade, flutuabilidade das emoções, etc.

Eu diria – chutando -, que 98% das demandas reais (porque existem as imaginadas....) são geradas por desafetos encarnados num momento de raiva (e todos estamos sujeitos a eles) ou por obsessores. Muito, muito, muito raramente as demandas são fruto de algum trabalho que alguém fez para nos prejudicar (até porque, geralmente, não somos tão importantes assim na vida do outro, a ponto de alguém gastar centenas ou mesmo milhares de reais apenas para nos prejudicar, embora seja possível).

Tendo explicado tudo isso, voltemos a questão original: terreiro de Umbanda não devolve demanda. Terreiro de Umbanda CORTA demanda, é diferente.

"Eu quero ver os baianos de Aruanda, trabalhando na Umbanda, pra demanda não vencer". (Ponto de Baianos)

Ainda assim, contudo, já tive muitas notícias de pessoas que estiveram em algum terreiro, souberam que alguém estava demandando contra elas e, com surpresa, foram interpeladas pelas entidades perguntando se gostariam de anular ou devolver a demanda?

Esta segunda opção não deveria existir!

Em casa séria, de respeito e caridade, como se pode propor algo assim? Será animismo dos médiuns? Creio que sim...

Estranho, igualmente, terreiros em que “as entidades”, mediante a queixa do consulente, logo dizem: é seu pai que está demandando ou é seu chefe ou é sua melhor amiga ou coisas assim.

Muito antes de conhecer a Umbanda, trabalhei com um rapaz que queria matar uma mãe de santo. Segundo o mesmo, sua namorada havia se consultado com a tal mãe e esta lhe disse que ele a traía. Desconfiada, a moça resolveu pôr fim ao relacionamento. O rapaz, que dizia nunca a ter traído, ficou tão furioso que queira dar um tiro na dita mãe... Havia, inclusive, conseguido a arma emprestada e com muito custo convencemos (eu e outros colegas) a esquecer o assunto...

Já vi – dezenas de vezes – pessoas com seríssimos problemas espirituais sendo tratadas no terreiro sem que as entidades lhes dissessem a causa de seus males.

Bem, mas por que não diziam?

- Pra não colocar minhoca na cabeça de gente perturbada, me disse certa feita uma entidade...

Umbanda é amor, caridade e perdão!

Umbanda não faz e não devolve demanda. Umbanda anula demanda. Descarrega demanda. Fortalece a pessoa atacada, instrui, ensina os caminhos para que ela se fortaleça, mas nunca, em hipótese alguma, devolve a pedra atirada...

“Contudo, tenho a declarar a vós outros que me estais ouvindo: amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam; abençoai aos que vos amaldiçoam, orai pelos que vos acusam falsamente”. Lucas 6:27

É por isso que a imagem de Jesus está em todos os terreiros. Ele é nosso mestre e seus ensinoss, nossa meta.

VISITA CELESTE

Muitos ignoram que o mundo espiritual, embora presidido por leis sábias do Criador, exige imenso trabalho dos espíritos comuns. Assim, todo trabalho espiritual é sempre um corre-corre de espíritos buscando dar o melhor de si mesmos na edificação de tempos novos para a humanidade...

Naquele dia, porém, a atmosfera estava diferente. Era um trabalho de psicografia, tão comum a dezenas de outros já presenciados. As cartas vieram, uma a uma, trazendo alegrias e conforto aos familiares presentes. Tudo dentro da normalidade, se não fosse um inesperado visitante.

Vindo, talvez, de altas esferas espirituais, um mensageiro divino desceu e trouxe uma palavra de estímulo e confiança aos trabalhadores espirituais e aos espíritos na carne, como nós.

A sua mensagem, em tudo, muito simples, tão comum a tantas outras que nossos orientadores já nos disseram dezenas de vezes. Em nada se diferenciava, a não ser pela sublime assinatura que surpreendeu a todos.

Posteriormente, os espíritos nos narraram o que se passou, mais ou menos nesses termos:

- Ao fim do trabalho, vimos uma luz descer do alto com um brilho tão intenso que nenhum espírito ali presente conseguia olhar diretamente. Os mais inferiores tiveram mesmo que sair do recinto, pois não conseguiam suportar aquela claridade. Mesmo os mais elevados mentores que conduziam o trabalho curvaram a cabeça em respeito, mas também por não conseguirem olhá-la diretamente. O visitante esforçou-se o quanto pôde para ocultar a própria luz, mas mesmo assim, ainda era forte demais para ser encarada.

O nome dessa veneranda entidade, bastante conhecida em todo o Brasil, ocultarei. Peço desculpas aos nossos leitores que talvez se aborreçam com isso. Dizê-lo causaria, a meu ver, apenas contenda, de modo que me parece mais acertado simplesmente informar que se trata de um dos maiores trabalhadores do evangelho em nosso planeta.

Bom, surpresos? Na verdade, todos ficamos!

Achamo-nos sempre pequeninos demais para merecer esta graça.

Um mensageiro do alto entre nós, numa reunião tão simples? Absurdo, disseram alguns... Mas, será mesmo? Não prometeu Jesus que onde houvessem pessoas reunidas em seu nome ele ali estaria?

Bom, não era Jesus, mas um trabalhador da sua vinha, um espírito que escreveu uma carta muito simples, dando-nos ânimo e coragem em lições que há tempo conhecíamos e em que ele se destacou por tê-las cumprido com honra e mérito.

O ENFORCADO ENDURECIDO

Certa vez, um preto-velho e uma preta-velha conversavam sobre os suicidas. A preta mostrava-se muito sensibilizada pela condição de sofrimento dos irmãos que recorrem ao próprio extermínio quando pediu à espiritualidade superior para ir ao “Vale dos Suicidas”, a fim de auxiliá-los.

Os maiores autorizaram.

Tão logo chegaram naquela atmosfera densa e escurecida, onde diversos espíritos rastejavam pelo chão, gritando loucamente, parecendo vagar a esmo, um se destacou.

Pendurado numa árvore próxima, cuja vida parecia ter sido levada há tempos, um homem de aparência cadavérica agonizava tentando arrancar a corda do seu próprio pescoço. A corda estava presa a um galho que balançava conforme a brisa gélida sopra...

Diante daquele quadro de horror, a bondosa preta-velha não pensou duas vezes e libertou o homem.

Caído de joelhos ao chão - num esforço grandioso por respirar - e demonstrando intensa agitação física e psíquica, a Vó mobilizou recursos magnéticos de reconforto. Em instantes, a agitação cessara.

Lentamente, o homem parecia recobrar suas forças. Arrancou a corda do pescoço, recuperou o brilho no olhar, mirou-a e disse:

- Por que você fez isso?

Surpreendida, a Vó só teve tempo de dizer:

- Pensei que você queria ajuda, que tava sofrendo...

Nesse instante, o homem se levanta e diz:

- Não! Deixa-me aqui, quieto! Minha família é um desgosto, minha vida foi uma desgraça, não tenho nada pelo que lutar... Minha vida é tão ruim que me enforcar é meu maior prazer!

Atônitos, os Velhos viram aquele homem recobrar o aspecto enlouquecido em sua face e, lentamente, andar de costas, subir a árvore, amarrar a corda em seu próprio pescoço e pular novamente como se quisesse se matar uma outra vez.

Entristecidos, ambos compreenderam que os desígnios de Deus são sábios e que todo sofrimento tem a sua razão de ser e que, um dia, ele também seria ajudado, embora ainda não houvesse chegado a sua hora...

"Entre os endurecidos, não há somente Espíritos perversos e maus. Há muitos que, sem procurar fazer mal, ficam para trás por orgulho, indiferença ou apatia. Não são menos infelizes por isso, pois sofrem tanto mais com sua inércia quanto não têm por compensação as distrações do mundo; a perspectiva do infinito torna sua posição intolerável, e, no entanto, eles não têm a força nem a vontade de sair disso. São aqueles que, na encarnação, levam essas existências ociosas, inúteis para eles mesmos e para os outros, e que muitas vezes acabam por se suicidar, sem motivos sérios, por desgosto da vida." O Céu e o Inferno - Allan Kardec

UMBANDA GOLPEADA PELA IMPRENSA

Existe um recurso do google muito interessante chamado “alert”, que cria um email, de frequência diária ou semanal (você escolhe), em que o google encaminha automaticamente para o seu email publicações que contenham a palavra-chave definida por você. No caso, Umbanda.

Há muitos anos uso este recurso e sempre recebo, semanalmente, as principais notícias envolvendo a Umbanda e posso dizer que, geralmente, são lastimáveis.

É incrível a ignorância, o desconhecimento e mesmo a má fé de alguns jornalistas ao escreverem sobre a religião. E, como comparativo, posso dizer que tenho o mesmo alerta sobre Espiritismo e, não raro, observo, às vezes no mesmo jornal/site, um cuidado todo especial quando se fala do Espiritismo e um verdadeiro desleixo quando se fala da Umbanda.

Uma das matérias que recebi hoje tem o título esdruxulamente sensacionalista, sem contar que a matéria inteira foi escrita de forma irônica. Vejam:

Após facada, Federação de Umbanda do DF diz que pombagira “é ser de luz”.

O mesmo assunto, em outro jornal, foi veiculado da seguinte forma:

Justiça mantém preso pai de santo que feriu adolescente com punhal em centro de Umbanda no DF

Percebem a diferença?

Este é apenas um exemplo. Mas, se vocês criarem este alerta, semanalmente, verão que isso é muito comum: a imprensa brasileira, de modo geral, explora cada situação envolvendo a religião de forma sensacionalista, o que certamente contribui significativamente para difamá-la e aumenta ainda mais o clima de intolerância religiosa em nosso país.

E não falo apenas de fatos escandalosos como este, até mesmo fatos interessantes, relevantes, construtivos, são narrados, quase sempre, de maneira xoxa, cinza, apagada, o que me faz pensar que – sim -, existe claramente, no mínimo, uma má vontade generalizada ao redigir sobre Umbanda no Brasil...

Agora, vamos analisar o fato noticiado: é lamentável!

Todo atentado à vida é um absurdo. Mas, quando este atentado ocorre dentro de um terreiro – ou dentro de qualquer outra casa religiosa, causado pelo líder religioso daquela comunidade -, a coisa triplica de tamanho e quem acaba sendo golpeada, mais do que a própria vítima, é a religião.

Ao que tudo indica, ao ser desmentido por um jovem, o dirigente do terreiro tentou golpeá-lo com um punhal no pescoço e adivinha em quem ele pôs a culpa? Na pombagira que supostamente incorporava, daí o tom de deboche da matéria sensacionalista que citei...

Então, por um lado, existem jornais e jornalistas que não deixam passar qualquer oportunidade de alfinetar a religião e que exploram o fato de forma escandalosa e, com isso, naturalmente, as visitas ao site decolam, porém, por outro lado, existem muitos dirigentes de terreiro que parecem não ter a mínima condição psicológica para comandar nem a própria vida, que dirá, um terreiro...

Eu tento imaginar a qualidade do terreiro em que este cidadão atuava. Como deviam ser as giras, as orientações, os atendimentos e não deixo de me espantar ao pensar em como existem falsos religiosos em toda parte e como eles conseguem, através de atos bizarros como este, acabar não apenas com a própria vida, mas manchar também uma religião que, em essência, só prega paz e o amor.

Espero que a justiça seja feita e, se houver alguma pessoa séria neste terreiro, que procure com urgência uma outra casa, pois no meio de tanta desestrutura não se pode edificar nada de bom.

Quanto à imprensa que, diga-se, com raras exceções, nunca foi favorável à religião, só nos cabe lamentar o fato e nos esforçarmos, por nossa vez, em trazer uma contribuição positiva à religião através dos meios que dispomos, pois nada indica que a ajuda virá de algum jornal...

ATABAQUES: VANTAGENS E DESVANTAGENS

Inicialmente, não se usava atabaque na Umbanda. Há uma pequena gravação em que Zélio explica a razão que, basicamente, é a seguinte: o Caboclo das Sete Encruzilhadas considerava perda de tempo os toques, pois o objetivo do espírito era "baixar" e fazer a caridade. Assim, apenas os cânticos eram mantidos (sem palmas), como se faz até hoje na TENSP.

De lá para cá, porém, muita coisa mudou de tal forma que, hoje, os atabaques são bastante comuns dentro da religião e encontrados em quase todos os terreiros. Não há, propriamente, uma conotação positiva ou negativa em seu uso, ficando mais a critério do dirigente do terreiro adotá-los ou não.

Vantagens

Inegavelmente, os atabaques (e falo no plural porque tradicionalmente são três) são uma influência direta dos Candomblés embora, na Umbanda, assumam um contorno bem diferente em relação a primeira religião.

Na Umbanda, os atabaques assumem um sentido mais de percussão, parte da musicalidade de terreiro e dão um charme especial às giras, mantendo sempre um ritmo vibrante, contagiante, favorecendo a concentração, a entrega e a fé das pessoas durante o trabalho.

Giras sem atabaques costumam parecer meio "sem graça", pois apenas o canto nem sempre é suficiente para manter um bom ritmo. As pessoas tendem a gritar ao invés de cantar e frequentemente desafinam muito.

Com o atabaque, a impressão que tenho é que fica mais fácil manter o ritmo e a harmonia do conjunto.

Quando um ponto é bem tocado, as pessoas se emocionam, cantam com mais fé, com mais amor, com mais devoção e isso faz a vibração da corrente subir ao teto. É a principal razão para se tê-los, em minha opinião.

Desvantagens

Nem tudo são flores no universo dos atabaques, existem alguns inconvenientes que precisamos abordar.

O primeiro deles é o barulho. Parece ser uma tendência comum no meio umbandista o exagero na intensidade do toque. Assim, da mesma forma que as pessoas costumam gritar ao invés de cantar, os curimbeiros tendem a esmurrar o atabaque, produzindo um som muito alto que chega a incomodar tanto as pessoas que participam do rito, quanto os vizinhos.

Obs.: Atualmente, é corrente chamar o tocador de atabaque de Ogã, mais isto é um erro, visto que Ogã é um cargo de Candomblé cuja função vai muito além de simplesmente tocar atabaque. O correto, na Umbanda, é chamar o tocador de atabaque de CURIMBEIRO.

O segundo inconveniente é que os atabaques favorecem o animismo. Este é um ponto que o Caboclo das Sete Encruzilhadas também abordava. Muitas pessoas se entregam facilmente a um transe anímico por força dos atabaques, do canto, do cheiro da defumação e, com muita frequência, entram em um transe, porém, não de incorporação. É assim que muitos consulentes começam a tremer na hora do passe ou mesmo na consulência, como se estivessem recebendo algo, mas na verdade não estão.

Médiuns em desenvolvimento também tendem a "queimar etapas", forçando um transe que ainda não existe, pelo menos, na intensidade que ele demonstra, o que as entidades costumam explicar da seguinte forma: o cavaleiro jogou a cela, mas antes de montar o cavalo saiu correndo...

O terceiro e último inconveniente é que os atabaques acabam gerando uma certa dependência. Os médiuns se habituem ao som dos mesmos e, na impossibilidade de tocá-los, por qualquer razão, acabam sentindo grande dificuldade em incorporar, como se a incorporação estivesse condicionada ao som dos atabaques e não deveria ser assim. O Velho sempre me orientou que o bom médium deve incorporar até embaixo d'água (ainda não fiz o teste, mas um dia pretendo).

Conclusão

Particularmente, gosto dos atabaques apenas em momentos bem específicos do ritual, especialmente, na abertura e no encerramento. Mas, mesmo nestes casos, estimo muito mais um toque suave, harmônico e baixo a um ritmo frenético, desenfreado e estridente que parece ser a tendência do momento.

Da mesma forma, o coro do terreiro deveria observar com cuidado a influência do canto (que, para nós, funciona como uma oração musicada), e que deveria ser, como o próprio nome diz: cantado, não gritado.

Atabaques suaves, canto harmônico, fé e dedicação, são uma receita infalível, pelo menos para mim, de um bom ritual de Umbanda.

COMPORTAMENTO NO TERREIRO: DIFAMAÇÃO

Penso que a difamação é uma das piores coisas que se pode fazer em relação a outra pessoa. Ela é cruel, bem pouco realista, mas como nasce das entranhas, quase sempre arrebatada multidões (e as redes sociais e seus "cancelamentos" aí estão para provar), de modo que precisamos refletir seriamente sobre isso.

Para dar uma ideia mais precisa do quanto acho desastrosa a difamação, vou contar, resumidamente, uma experiência vivida por mim e que, graças a Deus, já se resolveu e, por esta razão, não entrarei em maiores detalhes, porque o importante é o onde quero chegar.

Houve um momento em que decidi me afastar do terreiro em que trabalhava. Pensei seriamente nos problemas (de ordem humana) que a casa enfrentava e decidi que não era mais possível continuar.

Conversei sobre isso com uma das entidades que se manifestavam no médium-dirigente, ela concordou com meus argumentos e então resolvi partir.

Foi uma das coisas mais difíceis que fiz, porque amava o terreiro com todo o meu coração... Não sei sozinho, outras pessoas também se afastaram por escolhas próprias.

Porém, sai sem brigar com ninguém, sem destratar a ninguém, sem falar mal de ninguém, simplesmente, segui a minha jornada.

Para minha surpresa, contudo, alguns dias depois, percebi que algumas pessoas desta casa e que faziam parte de um dos meus grupos de Whatsapp (e quem me acompanha há mais tempo sabe que tive vários), começaram a fazer algumas postagens estranhas que pareciam me alfinetar.

Achei aquilo tudo estranhíssimo, afinal, eu não briguei com ninguém em minha saída. Contudo, logo depois, uma a uma, elas saíram do grupo e dei o caso por encerrado.

Alguns dias depois, minha esposa me mostrou uma publicação feita na página do terreiro (que, semanas antes, era administrada por mim, diga-se...), e aquilo me deixou completamente atordoado.

Havia uma postagem completamente mentirosa, agressiva e raivosa direcionada não apenas a mim, como também a outras pessoas que saíram da casa.

Aquilo me doeu de várias formas: primeiro, porque era a página do terreiro. Página que servia para divulgar os trabalhos, trazer textos sobre espiritualidade, não para atacar pessoas e, em segundo lugar, pelo texto mentiroso que ali estava exposto, uma vez que tinha a certeza de ter sido uma pessoa exemplar em minha conduta no terreiro.

Naquele ponto, percebi que a minha saída, embora sofrida para mim, fora um certo livramento, pois a perturbação havia se instalado fortemente na casa.

Resolvi relevar o assunto e segui com a minha vida.

Dias depois, comecei a receber mensagens por Whatsapp de amigos, antigos membros da casa e mesmo de alguns frequentadores que tentavam entender o teor daquelas mensagens difamatórias e foi ali que percebi que não se tratou apenas de uma mensagem postada na página, mas diversas. Porém, eu não as conseguia ver, pois estava bloqueado, mas eles me enviaram alguns prints e era uma mensagem pior do que a outra.

Confesso: eu fiquei com muita raiva!

Pensei muito no que fazer... Alguns até me passaram contato de um advogado que poderia intervir, dada a gravidade do caso.

No entanto, o que mais me doeu, foi ver nos comentários pessoas que, semanas antes, me procuravam dizendo que adoravam as minhas explicações, que amavam os meus conteúdos e que ali, publicamente, endossavam aquelas mentiras todas (a página era enorme, cada publicação tinha centenas de comentários, dezenas de compartilhamentos).

Não me doeu tanto ver as mentiras que estavam sendo ditas a meu respeito (outras pessoas também foram difamadas, mas a obstinação principal era comigo), pois estava claro para mim que a perturbação havia se instalado em alguns corações previsíveis, mas ver aqueles comentários realmente me afetou e ali compreendi uma verdade que ainda hoje vejo com muita clareza: o caminho da Umbanda é muito bonito, mas é recheado de ingratidão do começo ao fim.

Diante de tudo isso, precisei me afastar e me acalmar. Rezei muito, pedi muita inspiração aos guias, lembrei-me do exemplo de Chico Xavier que só fez o bem e levou pedrada a vida inteira e, com muito custo, consegui relevar.

Agradei aos amigos o interesse fraterno e pedi que não me falassem mais no assunto, não me mandassem prints nem nada. Simplesmente, passei a ignorar o ocorrido – seguramente, foi a prova mais difícil que já vivenciei até hoje.

Para resumir, é preciso dizer que as difamações continuaram, não apenas pelo Facebook, mas também pelo WhatsApp, mais de um ano depois de me afastar do terreiro. Várias pessoas que participavam dos meus grupos, influenciadas pelas difamações e pela pessoa causadora de todo esse alvoroço, acabaram saindo e algumas até me ofenderam no particular (novamente: pessoas que sempre ajudei).

O tempo fez o seu trabalho e os anos se passaram. Um dia reencontrei as pessoas do antigo terreiro. A que mais me feriu e causou toda essa onda de perturbação pediu perdão, explicou seus motivos (que apenas confirmaram que se tratou de uma perturbação espiritual forte, pois eram injustificáveis) e tudo foi resolvido, embora cada um tenha seguido o seu caminho e a confiança que um dia eu tive, provavelmente, só com o véu do esquecimento na próxima reencarnação para ser reconstruída...

Porém, posso dizer que “o meu final” foi feliz, já que eu perdoei, esqueci aquilo tudo e segui com a minha vida (tanto é que é a primeira vez que falo abertamente no assunto, quase seis anos depois do ocorrido).

Mas, nem todos conseguiram...

Algumas pessoas envolvidas no caso e que foram também difamadas até hoje não perdoaram. Outras saíram da casa e nunca mais vestiram o branco. Decidiram se afastar em definitivo da religião...

Percebem a tragédia que a difamação se torna?

Portanto, aqui vai o ponto fundamental do texto:

a) Se você é um médium ou cambone de algum terreiro e, por alguma razão, não está contente com a casa, simplesmente, peça licença, agradeça o chão em que um dia você bateu cabeça e vá embora. Não perca um minuto da sua vida falando mal deste terreiro, do dirigente ou de seus antigos colegas: o seu tempo ali chegou ao fim, siga adiante;

b) Se você é médium ou cambone de uma casa e, por alguma razão, alguém que era da corrente saiu, simplesmente, esqueça esta pessoa. Tenha sido um ótimo ou um péssimo filho da casa, ela seguiu o caminho dela. Para todos os efeitos, é como se ela nem mais existisse para você;

c) Se você é dirigente de uma casa, nunca esqueça que sua responsabilidade é enorme. Se você usar sua posição e influência para difamar alguém, a lei do retorno fará com que, um dia, seja você o assunto da vez, portanto, não siga por este caminho, pois além de trair seus votos espirituais, você pode atrapalhar a vida de alguém e, pior, pode ser a causa da destruição da fé de outras pessoas e a vida lhe cobrará caro cada lágrima que injustamente você causar aos outros. O mesmo vale também para os frequentadores que, por qualquer razão, justa ou injusta, adquiriram antipatia a um médium ou mesmo a um terreiro.

Se alguém lhe pedir indicação de uma casa, você não precisa falar mal das outras até chegar na que recomenda: simplesmente, ignore as que você julga ruim e recomende as boas... Simples assim!

A difamação destrói vidas e a fé das pessoas.

Eu fico imaginando, por exemplo, alguém que possua conduta difamatória e que, repentinamente, desencarne, chegando ao mundo espiritual com a lembrança de que seu último ato na vida terrena foi difamar alguém. Deve ser muito triste...

Neste texto, foquei o universo religioso, mas você pode refletir sobre os desdobramentos da difamação em todos os sentidos: em casa, no trabalho, em relação aos vizinhos, nas redes sociais, etc.

OS PERIGOS DA INCORPORAÇÃO FORA DO TERREIRO

Contarei a vocês uma das piores experiências que tive em relação a mediunidade na intenção de que sirva de alerta a quem trilhe o mesmo caminho.

Certa vez, ao me mudar para uma nova casa, senti a presença do exu dizendo que desejava fazer uma limpeza nela (ou, pelo menos, julguei que era ele). Concordei. Marquei o trabalho, convidei algumas pessoas e foi um completo desastre.

Eu tenho poucas lembranças do ocorrido, não sei se por inconsciência do transe ou pelo excesso de bebida, mas posso dizer que foi uma manifestação grosseira e totalmente atípica.

Vomitei horrores e depois capotei com um sono profundíssimo. Acordei no outro dia com uma baita dor de cabeça, minha esposa estava nervosa com todas as asneiras que a entidade fez e falou e eu me senti tão decepcionado que joguei quase tudo dele fora, tomado de verdadeira ira.

Posteriormente, o exu com quem trabalho assumiu a responsabilidade, disse que a energia da casa estava muito pesada, que ele exagerou na dose e eu acreditei. Porém, hoje, acho que ele assumiu essa culpa para me proteger, para que eu não reagisse de forma negativa à verdade que hoje me parece clara: era um mistificador!

Àquele tempo, ainda iniciando, eu me achava forte demais. Não que me viesse como médium extraordinário ou uma pessoa iluminada, mas eu padecida da ilusão que domina boa parte das pessoas no meio mediúnico e que faz com que se julguem mais fortes do que de fato são e este foi o meu erro.

Eu achava que os guias nunca iriam deixar algo assim acontecer comigo, que a minha boa-vontade no terreiro, os meus estudos em espiritualidade, todo o trabalho de caridade que eu exercia, somados ao meu esforço em ser sempre uma pessoa melhor, naturalmente me colocariam sempre na companhia de bons espíritos e que fatalmente eu reconheceria caso um embusteiro se aproximasse. Eis o meu erro!

Nós - em termos de humanidade - somos ainda espíritos muito fracos, débeis de forças mais robustas, de uma fé mais viva e sólida. Nós frequentemente balançamos ao sabor do vento, colocamos nossas certezas em cheque com

frequência e quase sempre escorregamos em nossa conduta moral. O nosso melhor esforço ainda é muito pouco para nos livrarmos, em absoluto, da influência dos maus espíritos, daí a necessidade de precaução e prudência, que foi o que me faltou e tenho absoluta convicção de ter sido a razão da não interferência dos guias: uma lição amarga, porém, necessária ao meu aprendizado!

De lá para cá, aprendi a lição.

Cada vez que uma entidade quer me dizer alguma coisa, eu escuto com atenção e tiro a prova: duas, três vezes se for necessário. Dependendo da gravidade da questão, ouço o que me dizem em casa (o que é raro e costuma acontecer apenas no dia do evangelho) e aguardo até a próxima gira, no ambiente seguro do terreiro, para então ter certeza de que realmente recebi uma comunicação correta: isso se chama prudência e é o que falta em muitos médiuns.

Quantos são os que também se acham fortes como eu me achava e que juram de pé junto, as vezes perante o dirigente, outras vezes, perante os próprios guias, que não recebem em casa, que não dão passe ou consulta fora do terreiro e que igualmente se coçam de vontade de incorporar ao menor arrepio, que incorporam em festas, que vivem de passar mil recados, sem nenhum critério, nenhuma preparação...

Assim, quando o dirigente de um terreiro diz para não incorporar em casa, para não ficar recebendo "guia" toda hora, para não ficar nessa onda de passar recado que nunca termina, é para proteger - claro, quando o dirigente é sério -, proteger o corpo mediúnico da casa que, por vezes, pode se achar forte demais e, com isso, acabam por não ver suas próprias fraquezas e podem sofrer uma experiência negativa como a que eu sofri.

É claro que existem situações atípicas, emergenciais ou circunstanciais, em que a presença de um guia se faça necessária fora do terreiro, mas estas situações precisam ser exceções e não a regra da conduta mediúnica de alguém, do contrário, daqui a pouco o médium estará recebendo um Kiumba achando que é seu preto-velho.

“O coração que sabe discernir busca o conhecimento, mas a boca dos tolos alimenta-se de insensatez”. Provérbios 15:14

POSTURA NA INTERNET

Certa vez, uma pessoa me mostrou um print de um comentário de um médium que conhecíamos no Facebook. Era um comentário estarrecedor, do tipo que causa vergonha alheia em quem tenha um pingão de bom-senso.

Logo depois, essa mesma pessoa que me enviou o print disse:

- Já pensou se alguém reconhece esse médium? Como fica a casa? E se alguém que já passou com os guias dele vir esse comentário?

Antes de dizer a vocês o que penso das perguntas que me foram feitas, gostaria de contar, brevemente, uma história.

Eu estava numa casa de artigos religiosos. Enquanto o vendedor atendia outra pessoa, percebi que um homem me encarava. Aquilo me deixou um pouco desconfortável, disfarcei, olhei para os lados e percebi que ele continuava me encarando.

Virei-me para ele, então e, como bom mineiro, falei:

- Bão?

Ele me respondeu e disse:

- Sr., posso te fazer uma pergunta?

Eu achando aquilo tudo estranhíssimo, respondi:

- Sim.

- Você é o Leonardo Montes?

Naquele momento, levei um susto com uma pergunta tão inesperada. Quando confirmei, ele abriu um sorriso, estendeu a mão e disse que era "muito meu fã". Falou com entusiasmo das reflexões e eu fiquei sem reação (pois, sim, eu sou tímido...).

Foi a primeira vez que alguém me reconhecia na rua pelo meu trabalho na internet e ali percebi, de forma bastante clara, o cuidado que temos que ter com nossa imagem, afinal, o homem me encarava tanto que já começava a imaginar que boa coisa não sairia dali...

Agora, imaginem se eu tivesse tratado este homem com hostilidade? Se eu tivesse dito, por exemplo, algo assim: tá olhando o quê, perdeu alguma coisa? Ou até mesmo algo mais desagradável... Que imagem eu passaria a alguém que, em suas próprias palavras, era "tão fã" do meu trabalho?

Assim, penso que a partir do momento em que alguém coloca "o branco" e associa seu nome ao de uma casa, a um canal, a uma página, a um blog, deixa de ser só mais um no mundo e passa a ter uma responsabilidade maior, podendo mesmo vir a ser interpelado por alguém quanto a isso.

Já pensou se, no exemplo inicial, a pessoa a quem o médium agrediu (pois o comentário feito na rede era uma agressão descabida), um dia viesse a passar com um dos seus guias? Já imaginou o médium se concentrando na gira e perceber que a pessoa que ele xingou está ali na assistência esperando atendimento?

Infelizmente, porém, nem todos possuem esse zelo ou refletem sobre a responsabilidade que lhes cabe. Em casos assim, a única resposta satisfatória que consigo pensar se resume numa frase emblemática que certa vez ouvi do Velho: Deixa arder...

Há pessoas que só mesmo passando por constrangimentos é que acordam. A casa, em si, não tem nada com isso. A pessoa é médium de tal terreiro do portão para dentro, pois do portão pra fora, ela vive como quiser e colhe, igualmente, as consequências de suas próprias ações...

Mas, que fica feio... fica!

A IMPORTÂNCIA DO AUTOCUIDADO ESPIRITUAL

Quando ainda era cambone, iniciando meus estudos juntos às entidades, aprendi que alecrim é uma erva poderosa para nos ajudar a viver com mais alegria, tanto que as entidades brincavam dizendo que: alecrim é alegria.

Através de observações semelhantes, aprendi princípios doutrinários, usos de ervas, banhos, rezas, firmezas, assentamentos, etc.

Não havia propriamente um mistério, apenas um conhecimento fragmentário que, quase sempre, era exposto durante a própria gira, em conversas ocasionais e que necessitavam apenas de um ouvido atento para serem aprendidos: é a famosa vivência de terreiro, que tanto ensina aos não ficam de meia em meia hora olhando o relógio...

Contudo, aprendi também uma outra coisa: muita gente na Umbanda deixa nas mãos das entidades ou do dirigente atribuições que, em essência, são suas.

Este tipo de comportamento é compreensível no leigo, no consulente que frequenta apenas em busca do passe, mas é completamente incoerente no trabalhador de terreiro.

Voltemos ao exemplo do alecrim.

Se eu aprendi (e aprendi) que alecrim ajuda a ter mais alegria, então, quando eu me sentir triste, que devo fazer?

- a) Ligar para o dirigente do terreiro pedindo uma orientação?
- b) Esperar que algum guia venha em sonho dizer o que fazer?
- c) Ficar entristecido a semana toda aguardando a próxima gira para então pedir um conselho às entidades?
- d) Fazer um banho (ou defumação) com alecrim?

Percebem o que quero dizer?

Nesta prolongada quarentena, quantas pessoas deixaram a "peteca cair"? Quantas pessoas que não pisam num terreiro há meses e que nunca mais

acenderam uma vela? Nunca mais fizeram um banho? Cheguei mesmo a ouvir que, desde que o terreiro encerrou os atendimentos, a pessoa não fez mais uma única oração! Como pode?

A Umbanda não se pratica apenas no terreiro. É uma filosofia de vida com ferramentas que podemos aplicar em nossa própria vida e na vida das pessoas que estão ao nosso redor!

Qualquer pessoa com um mínimo de conhecimento pode fazer um banho para si, uma defumação em sua própria casa, um momento de oração em família, uma firmeza, etc.

Estas práticas, simples, são profundamente eficazes e produzem resultados quase instantaneamente!

A fé do umbandista não pode estar condicionada ao terreiro, senão, amanhã ou depois a casa fecha e aí, como fica? Nunca mais a pessoa fará nada? Fechou a casa, morreu a fé? Reflitamos!

Assim, exerça o autocuidado, afinal, a vida é sua e a responsabilidade por ela também.

UMA ANÁLISE SOBRE A SINTONIA VIBRATÓRIA

Os processos de influências espirituais operam de forma semelhante aos de um rádio com uma única diferença: em vez de falarmos em megahertz (frequência das rádios), falamos em sintonia vibratória que é, por assim dizer, a somatória dos nossos pensamentos e sentimentos formando um padrão energético em torno de nós.

Imagine que em torno de cada ser vivo existe uma aura, uma irradiação luminosa que toma cores e formas diferentes em cada indivíduo e que reflete a natureza de seus pensamentos e sentimentos, em intensidades e colorações variadas e, de certa forma, ainda misteriosas ao entendimento humano.

Uma pessoa com boa sintonia é alguém que, na maior parte das vezes, sente e pensa coisas boas e, naturalmente, irradia essa sintonia em tons e vibrações imperceptíveis ao olho humano comum. Já uma pessoa com uma sintonia ruim é alguém que, na maioria das vezes, sente e pensa coisas ruins e irradia essa sintonia em tons e vibrações imperceptíveis ao olho humano comum, embora facilmente perceptíveis a qualquer espírito!

É neste ponto que ocorre a chamada sintonia vibratória: cada um de nós, tendo em torno de si uma aura que nada mais é do que a somatória das vibrações criadas através de nossos pensamentos, sentimentos e atos, gera, em si mesmo, uma assinatura vibratória ou um padrão vibratório.

Este padrão se sintonizará, por princípios semelhantes ao do magnetismo comum, com outras energias, geradas por outros seres (encarnados ou não) e que cujos fluxos energéticos se atrairão ou se repelirão de acordo com a sintonia estabelecida entre eles.

É neste ponto que a literatura mediúnica chama a atenção, sempre nos apontando o caminho da reforma íntima, a melhoria de nossos pensamentos, sentimentos e a nos mantermos sempre em alerta os estados de vigília e oração, pois como seres ainda pequeninos, certamente é mais fácil nos "sintonizarmos" com as trevas do que com a luz.

E é neste momento que gostaria de falar com absoluta franqueza: a imensa maioria da população mundial (e eu certamente me incluo), não possui uma boa sintonia. Este é o ponto que me parece mais importante em todo esse estudo!

Por exemplo, com frequência se diz que os trabalhos espirituais negativos só "pegam" em quem possua um baixo padrão vibratório, certo? Porém, eu pergunto: quem é que não possui?

Há uma certa cegueira que domina os trabalhadores espirituais, em todas as correntes espiritualistas que já conheci, fazendo com que se sintam maiores do que de fato são e, por consequência, mais protegidos do que de fato são.

Pensam que, por serem trabalhadores da espiritualidade, por servirem um prato de sopa, fazerem o Evangelho no Lar, por tomarem um banho de ervas e se empenharem seriamente em se melhorarem, isso automaticamente nos deixe com um bom padrão vibratório, ao passo que, penso, isso nos deixa, na verdade, com um padrão vibratório "menos ruim", mas que está muito longe de ser bom.

É a velha ideia de que o baixo padrão vibratório é sempre do outro, ao passo que eu defendo que o baixo padrão vibratório é de praticamente todas as pessoas na face da Terra.

Faça o seguinte teste, respondendo a si mesmo com sinceridade:

- Todo dia, você faz todo o bem possível?
- Você cumpre, fielmente, as leis de Deus?
- Você aproveita todas as ocasiões para ser útil?
- Se alguém tem alguma queixa justa contra você, procura se desculpar?
- Você possui uma fé inabalável em Deus?
- Você acredita, confia e espera na bondade e justiça Divinas?
- Você se submete à vontade de Deus de bom grado?
- Você possui fé no futuro?
- Aceita sem se queixar todas as provas e vicissitudes da vida?
- Você faz o bem pelo bem, sem esperar absolutamente nada em troca?
- Você é incapaz de alimentar processos de ódio ou de vingança por quaisquer razões?

- É benevolente com todas as pessoas, especialmente, as que pensam diferente de você?

Com honestidade, quantas pessoas na face da Terra poderiam, verdadeiramente, responder com um "sim" a estas perguntas?

E elas nada mais são do que questionamentos feitos a partir das características descritas sobre o "Homem de Bem" e que se encontram em O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XVII.

Na imensa maioria do tempo, nós pensamos e sentimos coisas ruins. Nos irritamos no trânsito, tememos pelo futuro, falamos mal de outras pessoas, estamos em conflitos íntimos ou com outras pessoas, reclamamos do salário, sentimo-nos desanimados, temos vontade de largar as tarefas espirituais, julgamos os companheiros e familiares, enfim, diria que, nas 24 horas de um dia, no máximo, teremos algumas horas de paz de espírito (e isso, com muito esforço).

Neste ponto talvez você pense que eu seja por demais pessimista. Algumas pessoas já me falaram isso quando as expliquei este meu raciocínio. Mas, de fato, não considero que seja um olhar pessimista, mas realista e cujo objetivo não está em desvalorizar e desmerecer o ser humano, mas em nos observarmos com sinceridade.

Não vamos evoluir de verdade enquanto nos acharmos privilegiados, bons ou fortes por fazermos a nossa obrigação básica em matéria de espiritualidade, pois é necessário reconhecer nossas fraquezas mais profundas e humanas para só então, através de um trabalho lento e progressivo, no correr de milhares (talvez, milhões de anos), evoluirmos de fato.

E, quanto ao problema da sintonia vibratória:

- É verdade. O mal de fato só nos atinge se estivermos com ele sintonizado. A questão é: quem é que não está?

TERREIRO QUE PRATICA O MAL, EVENTUALMENTE

Recentemente, conversei com uma pessoa que me narrou uma situação, no mínimo, inusitada: foi chamada para se desenvolver num terreiro, mas relutou em aceitar em razão de uma particularidade da casa.

Trata-se de um terreiro, aparentemente, normal. Porém, nos trabalhos de esquerda, caso o consulente peça algum tipo de maldade, cabe à entidade decidir se atende ou não atende o seu pedido.

Isto é, eles não alardeiam aos quatro cantos que aceitam fazer trabalhos para o mal, porém, se o consulente pedir, talvez a entidade aceite a proposta e, neste caso, o mal possa ser feito.

Porém, pode um terreiro que, em essência, é uma casa de caridade, fundamentada na Umbanda que é uma religião que prega em 100% dos seus trabalhos o bem, também praticar o mal, eventualmente?

Para responder a essa pergunta, imagine o seguinte:

Imagine um lava-jato cuja função, como todos sabem, é lavar carros. Durante 29 dias do mês, todos os clientes saem satisfeitos com seu carro limpinho. Porém, em um dia específico, ao invés de lavar os carros, os funcionários do lava-jato os sujam. O cliente chega com seu carro sujo e sai com ele mais sujo ainda... Porém, só neste dia!

Faz sentido? Você levaria o seu carro lá?

Pois é o que pretendem estes terreiros onde se faz o bem e o mal, ainda que eventualmente... Não é preciso ter receio: tais terreiros não têm fundamento, não tem raiz, não são sérios, estão brincando de religião...

Não basta pintar na fachada de uma casa “Terreiro de Umbanda” para, efetivamente, se praticar Umbanda. É preciso que as pessoas que formam a casa tenham as melhores intenções, estejam firmes no bem, pois somente assim serão auxiliadas por bons espíritos, do contrário, atrairão espíritos desocupados que espalharão caos e confusão em todo o terreiro...

Portanto, se você conhece algum terreiro assim o mínimo que pode fazer é passar bem longe...

SENTI FIRMEZA NOS GUIAS DE FULANO

É relativamente comum ouvirmos frases semelhantes a estas: senti firmeza no guia de fulano. Porém, ela está essencialmente errada.

Os guias são sempre firmes, os médiuns é que nem sempre o são.

Quando um espírito recebe permissão do Alto para incorporar e atender, significa que ele passou por um longo processo de preparação onde aprendeu tudo quanto necessário para conseguir atuar através de um médium.

Assim, o guia está sempre pronto e firme!

Então, quando alguém diz essa frase, na verdade, está se referindo à firmeza do médium, querendo dizer com isso que o atendimento espiritual foi bom, que a conversa fluiu, que o médium permitiu a entidade se manifestar da forma satisfatória.

Portanto, o correto seria dizer: senti firmeza no médium tal, porque os guias, repito, estes são sempre firmes, mesmo que os médiuns através dos quais se manifestem, não sejam tanto assim.

SOBRE MÉDIUNS ESPONJA

Nos últimos anos, tem se popularizado na internet a expressão: médium esponja, que faz referência às pessoas que “absorvem” as energias de quem esteja ao seu redor, especialmente, as energias ruins, o que frequentemente faz com que se sintam cansadas, fracas e até mesmo doentes.

Mas, isso realmente existe?

Bom, não há nada de novo neste processo. Contudo, com o correr dos anos, sempre surgem expressões novas para se referir a problemas velhos e este é mais um destes casos.

Na verdade, não existe nenhuma mediunidade que faz com que alguém sugue as energias de outras pessoas, sejam energias boas ou ruins. Os chamados médiuns esponja são apenas sensitivos e a sensibilidade mediúnica é uma das faculdades mais comuns da Terra.

O que de fato ocorre é que eles acabam se sintonizando com as energias ruins das outras pessoas e, como são mais sensíveis que a população em geral, acabam se contaminando com as vibrações ruins que atraem para si.

O médium equilibrado percebe, capta, mas não leva para si tais energias, pois possui um alto padrão vibratório; ora e vigia, portanto, está em equilíbrio. Em suma: sente, mas não “pega”.

O médium esponja, por outro lado, é um médium desequilibrado, cujos pensamentos e sentimentos estão em desarmonia, o que faz com que se influencie por toda e qualquer energia que exista nos ambientes e nas pessoas. Assim, o que faz com que se sinta uma esponja, na verdade, são sintomas de seu desequilíbrio emocional/espiritual.

Acabei de ver um tópico sobre isso no Facebook, tão comum quanto outros tantos e estas foram as recomendações dadas para sanar o problema:

— Tapar o umbigo com esparadrapo (eu não consigo compreender essa função mística do esparadrapo...);

— Eu sei como você se sente, nossa vida é complicada mesmo (pensamento vitimista que transforma a mediunidade em maldição, muito comum, diga-se);

— Procure um psiquiatra ou psicólogo (o que de fato pode ajudar, conforme a origem da perturbação);

— Reiki, Apometria e Passe (que realmente podem ajudar, mas não solucionam o problema, que é íntimo);

— Procurar um trabalho com seres Arcturianos (eu nem vou comentar, pois não acredito nisso...);

— Assistir palestras (pode ajudar, elevando o pensamento);

— Usar uma turmalina negra (a pessoa não detalhou e não faço ideia do que ela de fato sugeriu...);

— Este é seu papel mesmo, só resta saber transmutar essas energias (sem comentários).

Enfim, estas orientações são reais. Foram postadas num grupo e NENHUMA sequer chegou perto da raiz do problema em minha opinião. A solução para esta situação é: reforma íntima, elevação do pensamento, cuidado com os sentimentos, oração, vigilância, etc.

O médium esponja deixará de sê-lo assim que conseguir colocar ordem em sua cabeça e em seu coração. Simples assim!

DEBOCHADOS NA UMBANDA

Como produtor de conteúdo, ao longo dos anos, aprendi a lidar com a turma do contra. Procedo assim: se a pessoa discorda de mim, porém, é respeitosa, mantenho seu comentário; se discorda de mim, porém, é irônica, debochada, ofensiva, apago seu comentário. Se insistir, bloqueio...

Nada de infinitos debates nos meus canais de comunicação. Nada de discussões inúteis que esticam uma conversa sem proveito: simplesmente, não alimento este tipo de coisa e tampouco pretendo convencer a quem quer que seja: gostou do que produzo? Muito bem. Não gostou? Muito bem também e ponto final.

Tenho por filosofia de vida evitar, a todo custo, qualquer debate. Quem me conhece há mais tempo sabe que emito as minhas opiniões, compartilho as minhas ideias, mas tento não discutir com ninguém.

Eu já contei o motivo desta minha escolha nas reflexões, mas em resumo, posso dizer que penso ser uma perda de tempo: quem quer aprender, não quer discutir e quem discute, não quer aprender! Assim aprendi com um velho sábio na Umbanda...

Porém, é esta dose de bom-senso que falta nos grupos virtuais de Umbanda hoje em dia. Como exemplo, citarei o caso que me motivou a escrever este singelo texto.

Uma pessoa fez uma pergunta absolutamente comum num destes grupos: o que faço quando a guia arrebenta? As respostas, basicamente, tenderam a dois tipos: despacha na natureza (rio/cachoeira) ou reza, agradece e joga no lixo. A partir destas respostas, as tensões cresceram e as discussões se acirraram.

Na tentativa de defenderem seus pontos-de-vista, cada um dos lados atacou, ofendeu e debochou do outro. O resultado? Uma pergunta simples gerou um tópico com mais de 100 respostas em que a maioria dos comentários não passou de ofensas gratuitas e “kkk”.

O curioso é que, como membros de uma religião que sofreu e sofre com todo tipo de preconceito, devíamos ser mais resilientes e tolerantes: há espaço para todas as opiniões na Umbanda, desde que haja respeito. Essa “legião deboche” que inunda os grupos de Umbanda pretendem o quê? Deixam o ambiente tóxico, dificultam qualquer conversa sadia e proveitosa, em suma, perdem tempo e nos fazem perder tempo.

Aliás, é por esta razão que praticamente não participo destes grupos. Compartilho meus conteúdos e sigo meu caminho, pois frequentemente, quem se atreve a ajudar, precisa antes preparar seu kit “dai-me paciência, senhor!”, para suportar todas as afrontas que encontrará pelo simples desejo de ajudar. Tais dificuldades estão produzindo um verdadeiro êxodo virtual: as pessoas sérias estão se afastando das redes...

Quando comecei a estudar sobre a religião, em 2013, aprendi muito com pessoas experientes nos grupos. Pessoas que respondiam com educação, explicando suas doutrinas, fundamentando suas respostas, produzindo longos e proveitosos estudos sobre a religião.

Na atualidade, porém, nada mais vejo que lembra este bom tempo. Apenas debates inúteis, discussões acaloradas por pouca coisa, muita vontade de chamar a atenção e parece que, quanto mais debochado, irônico, cínico e ofensivo é um comentário, mais as pessoas se interessam por aquele assunto e, entre este tiroteio todo, está um iniciante que procurou algum grupo do face para aprender Umbanda, pena que isto praticamente não seja mais possível...

E assim tenho visto em quase todo grupo sobre quase todo assunto...

ORIGENS DOS SONHOS

Do ponto de vista espiritual, são basicamente três as origens dos sonhos:

1. Sonhos como uma linguagem simbólica do inconsciente;
2. Sonhos como produto de uma influência espiritual obsessiva;
3. Sonhos como reflexos de experiências espirituais durante o sono físico.

Em essência, são basicamente estas as variantes. Vamos analisá-las.

Linguagem simbólica do inconsciente

Engana-se quem, porventura, pense que a mente foi desvendada pela ciência. A bem da verdade, penso que ela continua tão misteriosa hoje quanto na época dos primeiros estudos psicológicos.

O fato, porém, é que a maioria dos psicólogos e demais estudiosos concordam sobre a existência de uma “parte” da nossa mente muito pouco ou mesmo nada sondável que chamamos de inconsciente.

Para formar uma imagem, imagine um Iceberg. A parte visível do mesmo no mar seria a “porção” consciente de nossa mente e toda a parte submersa (a maior parte) seria a “porção” inconsciente da nossa mente.

Uma outra forma de se pensar o inconsciente é imaginá-lo como o porão da nossa mente. Nele ficam guardados tudo aquilo que vimos, ouvimos, pensamos ou sentimos.

Para não nos alongarmos em conceitos psicológicos, podemos dizer que alguns sonhos são produtos do inconsciente, talvez, uma tentativa de comunicação com a “parte” consciente da nossa mente.

Assim, tudo aquilo que vemos, ouvimos, sentimos, pensamentos, desejamos, tememos, etc., se projeta, através dos sonhos, em imagens, histórias, situações que, na verdade, se encontram dentro de nós mesmos e que apenas buscam uma alternativa, um caminho, para serem compreendidas através da consciência.

Os sonhos cuja causa está no inconsciente, quase sempre “falam” sobre coisas do nosso dia-a-dia e que traduzem a nossa vivência cotidiana. Geralmente não

são muito claros, podem ser confusos, sem nexos, misturando uma variedade de sentimentos e contextos num mesmo “momento”.

Influência espiritual obsessiva

A influência espiritual obsessiva, embora não seja estudada cientificamente, é uma antiga e conhecida causa de sonhos entre os estudiosos das religiões espiritualistas.

Um espírito obsessivo é um espírito que, por uma razão qualquer, está influenciando negativamente uma pessoa encarnada (definição clássica e utilizada como exemplo neste texto).

Esta influência pode ocorrer de diversas maneiras, sendo uma delas o sonho. O espírito pode, através da sua energia negativa, envolver energeticamente a pessoa-alvo e induzi-la, mentalmente, a ter experiências muito desagradáveis.

Aliás, é característica deste tipo de sonho a experiência desagradável.

Nestas situações, o espírito pode plasmar, mentalmente, formas, lugares, situações, pessoas, etc.

Importante destacar que nenhum espírito é capaz de assumir a aparência de outra pessoa, porém, pode induzir uma imagem mental, como todos nós somos capazes de fazer ao imaginarmos uma pessoa fazendo qualquer coisa, por exemplo.

Estes sonhos, portanto, não são frutos de processos inconscientes, mas da influência mental de outra mente (no caso, desencarnada) sobre a pessoa encarnada. Neste sentido, o espírito pode plasmar/induzir projeções que causem medo ou pânico conforme os medos e anseios de cada um.

Por exemplo, tal pessoa tem um medo terrível de ladrão. O espírito, previamente sabendo disso, já que consegue ler os pensamentos com muita facilidade, pode se aproveitar do momento de descanso para induzir sonhos em que um ladrão tente invadir a casa, fazendo, assim, com que a pessoa-alvo tenha uma experiência desagradável e venha a ficar com medo durante o estado de vigília.

Reflexos de experiências espirituais

Embora a causa anterior tenha sua origem espiritual, faço aqui a seguinte distinção: chamo de *reflexos de experiências espirituais*, as experiências passíveis de serem vivenciadas por todos nós em estado de desdobramento espiritual, isto é, quando o espírito se separa momentaneamente do corpo físico

durante o sono corporal e se encontra mais ou menos livre para entrar em contato com outros espíritos ou visitar outros lugares tanto na Terra quanto no plano espiritual.

Esta é uma experiência muito comum entre trabalhadores da mediunidade, por exemplo: sonhar que está em sua casa de fé trabalhando. Porém, neste caso, o trabalho que se executa não é uma lembrança de algo já feito e, embora por vezes pouco nítido, tem-se a impressão de se estar de fato na casa religiosa, vê-se os companheiros de trabalho mediúnicos e, por vezes, os próprios guias espirituais com quem frequentemente conversam quando incorporados e que ali se encontram quase “em carne e osso”.

Outro tipo de experiência muito comum neste sentido é a visita de familiares desencarnados, o que pode ocorrer tanto na casa da própria pessoa quanto num outro lugar espiritual, geralmente, mais belo que a paisagem terrena, sendo provável a visita a um posto de trabalho ou mesmo a uma colônia espiritual.

Neste tipo de sonho, tem-se a certeza de não ter sido apenas um sonho comum. Há um quê de veracidade, cuja definição é imprecisa, mas que confere a pessoa a certeza de ter vivido algo legítimo e não apenas um sonho qualquer.

Nestes encontros, podem ocorrer coisas como: revelações sobre o futuro, avisos sobre o presente, alertas e conselhos, etc.

Ao retornar para o corpo físico, a pessoa perde boa parte daquilo que vivenciou, pois o cérebro material não foi feito para registrar com fidelidade as experiências espirituais, restando, no entanto, a essência da experiência vivida.

Interpretando sonhos

Este é um dos pontos nevrálgicos deste texto. A experiência comum popular sempre atribuiu significados maravilhosos e fantásticos aos sonhos, o que quase sempre leva o indivíduo a formar uma ideia errônea a respeito da própria experiência.

Ainda hoje encontramos quem jogue no jogo do bicho após um sonho. O curioso é que a pessoa que possui este hábito e joga com muita frequência, quase sempre não acerta, porém, quando acerta e ganha, interpreta o sonho como uma espécie de aviso e isso acaba funcionando como um viés de confirmação.

Além disso, encontramos também pessoas que pensam existir alguém (ou algo, como um livro de sonhos) que seja capaz de interpretar os seus sonhos. Eu mesmo já fui interpelado diversas vezes por pessoas que tiveram um sonho interessante e queriam compreender o seu significado, procurando por uma

interpretação correta que imaginavam que eu poderia lhes oferecer. E aqui está o perigo!

Ninguém pode interpretar o sonho de outra pessoa só porque lhe foi contado, justamente, porque o sonho é uma experiência pessoal. Mesmo em processos de análise, não se interpreta o sonho separado do contexto terapêutico envolvendo o paciente.

Até mesmo em situações que se possa pensar ter um sentido geral, percebe-se que as interpretações são muito diferentes. Por exemplo: há pessoas que se sentem entristecidas num dia chuvoso e frio, enquanto outras se sentem aconchegantes e satisfeitas. O clima é o mesmo, mas a sensação que provoca é diferente em cada pessoa.

Portanto, penso que não exista (pelo menos encarnado) quem possa ouvir o sonho de alguém e dizer se este sonho foi uma experiência espiritual, obsessiva ou fruto do inconsciente ou atribuir este ou aquele significado aos sonhos.

Esta foi a tecla que sempre bati e que faz com que muitas pessoas pensem que eu não acredite em sonhos revelatórios ou nos encontros espirituais, o que não é verdade: o que eu não acredito é que um terceiro possa avaliar, diagnosticar e significar uma experiência que, em essência, é puramente pessoal e subjetiva.

Outras causas

Um ponto importante e que precisa ser ressaltado é que, no início do texto, eu disse que os sonhos são, basicamente, frutos de três situações. Porém, existem outras, menos comuns, como por exemplo, o sonho que se revela uma lembrança de vida passada.

Procure você o significado

Até aqui, o que me parece claro é que o sonho possui sua razão de ser. Se sua origem está em processos ligados ao inconsciente, significa que, de alguma forma, há algo nos sonhos, em sua linguagem simbólica e, por vezes, maluca, que nosso consciente precisa apreender. Isto é um convite para nossa própria introspecção!

Se o sonho se caracteriza por processos obsessivos, traduzindo-se em medos apavorantes, cenas grotescas, etc., é uma forma “da vida” nos convidar à reforma íntima, à oração, a vigilância de nossos atos e pensamentos, pois todas as influências espirituais negativas ocorrem através de nossas brechas em todas essas coisas.

Por fim, se o sonho é uma experiência espiritual positiva, devemos saboreá-la em toda sua intensidade, procurando fixar ao máximo os seus objetivos: é um parente que volta para acalmar seu coração? Você visitou alguma colônia espiritual agradável? Teve uma conversa amorosa com seu guia espiritual? Ótimo, tudo isso tem um sentido e um significado, mas só você será capaz de chegar à essência dessa experiência.

Existem, ainda, muitas outras coisas a serem ditas sobre os sonhos, mas penso que por enquanto está bom.

ERVAS, NOSSAS AMIGUINHAS?

De modo geral, chamam-se de ervas, no contexto da Umbanda, toda e qualquer planta, folha, raiz, flor, etc. É uma palavra generalizada para facilitar a compreensão do "reino vegetal" na religião.

Seu uso foi fartamente disseminado, especialmente pelas imensas dificuldades enfrentadas pela população pobre no início do século XX que raramente conseguia ter acesso a algum serviço de saúde.

A sabedoria ancestral aliou-se ao saber espiritual, fazendo das ervas um recurso poderosíssimo para o tratamento dos males deste e do outro mundo. Foi neste contexto que os terreiros se transformaram em "consultório de pobre" e foi assim que muita gente conheceu a Umbanda.

De lá para cá, porém, muita coisa mudou. A medicina avançou, o SUS surgiu, o acesso à saúde melhorou sensivelmente (esta é a principal razão pela qual quase não se vê mais as garrafadas, tratamentos com raízes, xaropes e chás recomendados pelas entidades), de modo que, atualmente, elas têm focado seus esforços em outros tipos de males que assolam a humanidade, tais como: a solidão, a tristeza, a rejeição, a depressão, etc.

Voltando às ervas, você certamente já deve ter ouvido falar de algum parente que conhece bem as plantas, que entende de folhas, que sempre sabe uma receita caseira para tratar isso ou aquilo, certo?

Contudo, você também já deve ter ouvido falar de chás perigosos, abortivos, que causam males e, se conhece alguém das antigas que entende de ervas, perceberá que eles possuem uma visão diferente da que encontramos hoje em dia: respeito e receio de certas ervas.

Àquele tempo, diferentemente de hoje, havia um respeito muito maior em relação à natureza: boa parte da população dependia dela para seu sustento. Plantava-se nos quintais, nos fins de semanas os homens saíam para caçar (e ter, assim, carne na mesa), as plantas curavam feridas, dores, traziam tranquilidade e alívio. Era um mundo diferente...

Mas, não era apenas pela necessidade dos elementos vegetais que manifestavam esse respeito, eles também sabiam - e muito bem - que certas ervas são perigosas, que determinadas combinações são nocivas e que, se não administradas com cautela, podem prejudicar.

Nos terreiros a situação não era diferente: os antigos manipulavam as ervas com muito cuidado, com muito receio, sendo tudo sempre sigiloso, misterioso. Atualmente, é corrente a visão de que as "ervas são nossas amiguinhas", que a natureza é nossa "mamãe", de que "mal não faz" e assim fomos de um "não põe erva na cabeça pelo amor de Deus" a um "dá nada não".

Mas, as ervas são nossas amigas?

R: - A natureza não é nossa amiga, ela é selvagem!

Nada deixa isso mais em evidência do que quando assistimos aqueles documentários do NetGeo sobre "vida selvagem" e vemos algum felino caçando. Você, como eu, talvez sempre olhe para o outro lado para não ver a morte da presa... Mas, mesmo assim, ela ocorre... É o instinto, é a sobrevivência em ação: a natureza não é nossa amiga mais do que foi da gazela antes de ser morta pelo leão...

Quando você vai colher um galhinho de arruda, por exemplo, acha que a planta fica feliz? Acha que ela se sente bem ao ter um pedaço arrancado por alguém? É por isso que as entidades pedem para rezarmos antes, pedindo permissão a planta (e todos se sentem meio malucos por fazer isso), mas é uma prática que visa minimizar o dano, fazendo com que a planta entenda (e, sim, elas entendem) e facilitem a retirada das folhas (e é aqui que você que age como um trator ao retirar as folhas deve repensar sua conduta).

A energia que a erva possui é selvagem, não é boa ou ruim, não tem consciência de si ou como as entidades me ensinaram: é uma "força cega".

Quando você libera essa força, seja através de banhos ou defumações, está liberando uma energia que, se adequada ao que você necessita, poderá lhe fazer muito bem; porém, se não for adequada, poderá lhe fazer mal e é por isso que eu, particularmente, não gosto de passar receitas: o que funciona para um, pode não funcionar para outro e pode mesmo prejudicá-lo, se não souber manipular com cuidado.

Eu me lembro de uma pessoa que queria desistir do seu desenvolvimento, dizendo que não conseguia evoluir sua mediunidade, que estava cansada, desanimada. Fiz um checklist verbal com ela, verificando se estava cumprindo todas as etapas. Quando chegamos no banho de ervas, ela me disse:

- Sim, faço sempre no dia da gira.

- Quais ervas você usa?

- Faço sempre com arruda.

- Oi?

Arruda é uma erva de limpeza profunda. Porém, se toda semana você toma banho de arruda, acabará limpando, igualmente, as energias boas que possui e, como consequência, acabará fraco, cansado, desanimado. O banho antes da gira precisa ser um estimulante à mediunidade, mas, se for feito com ervas que limpam, então, faltará energia e o desenvolvimento será fraco.

Bastou que lhe orientasse de uma outra forma e até hoje está firme, forte e trabalhando em terreiro...

A associação que as pessoas fazem do uso das ervas com benefícios imediatos é, no mínimo, imprecisa. Existem alguns livros, especialmente os mais antigos, que ensinam a fazer, por exemplo, defumações para prejudicar o próximo. É mole?

Você sabia disso?

Então, se as ervas são "amiguinhas", se a natureza é nossa "mamãe", se o "Orixá entende", então como poderia nos prejudicar, não é mesmo?

Então, para não me alongar muito mais, vou resumir o meu entendimento: a energia das ervas é selvagem, nem boa, nem ruim; é preciso saber manipulá-las, do jeito certo, com respeito, oração, concentração, conhecimento de causa, para tirar o melhor proveito; se não observadas essas circunstâncias, se não houver respeito, se os procedimentos não forem corretos, os efeitos poderão ser bem inferiores aos desejados ou mesmo prejudiciais, especialmente, se as combinações não favorecerem o caso, o que requer sempre conhecimento de causa.

A IMPORTÂNCIA DE UMA CONSULÊNCIA CONSCIENTE

A maioria dos terreiros de Umbanda sobrevive com muitas dificuldades, isto porque as casas verdadeiramente sérias trabalham sempre de forma gratuita, acolhendo a todos sem distinção.

Contudo, eu sou partidário da ideia de que o consulente pode e deve contribuir com a casa que frequenta, afinal, se ela deixar de existir, ele será diretamente impactado.

Por isso, embora defenda com unhas e dentes a gratuidade das sessões, nem por isso penso que o consulente deva apenas se consultar e ir embora como se tudo que lhe interessa terminasse após o passe... Neste sentido, cada terreiro deve trabalhar a conscientização de seus frequentadores sobre a importância da contribuição financeira de cada um.

Em nossa casa, deixamos uma caixinha e antes do início das giras sempre digo que os trabalhos são gratuitos, porém, quem quiser ajudar, com o que puder contribuir, basta depositar o valor desejado na caixinha.

Às vezes, conseguimos R\$ 10,00 reais numa gira, às vezes, conseguimos R\$ 100,00 e assim vamos tocando os trabalhos...

É preciso não esquecer que a gratuidade das atividades na Umbanda não existe porque o dinheiro não seja importante, mas para que todas as pessoas tenham a possibilidade de se consultar com as entidades e não apenas quem tenha dinheiro para pagar por uma consulta...

Assim, penso que quase todos conseguiriam contribuir com alguma coisa e é neste ponto que quero focar.

Eu tenho por hábito sempre levar alguns trocados quando visito um terreiro. Alguns também têm uma caixinha; outros passam uma toalha ou uma cesta; outros pedem para entregar para uma pessoa da casa e assim vai.

Não me custa nada! Eu não vou ficar mais pobre doando dois, três, cinco reais que me sobraram de alguma coisa. É nisto que as pessoas precisam pensar!

Quantos já me disseram que acham um absurdo o terreiro cobrar uma consulta (eu também acho), mas estas mesmas pessoas contribuem com o quê? Vão nas

redes sociais, reclamam dos terreiros, mas elas mesmas não fazem nada... Não acham um absurdo gastar com balada, com bebida, com pizza, mas se tiver que doar cinco reais para o terreiro, ficam profundamente ofendidas...

Nesta pandemia, por exemplo, recebemos dezenas de mensagens de pessoas perguntando se os trabalhos estavam ocorrendo ou quando a casa voltaria a funcionar, mas não recebemos uma única mensagem perguntando se a casa precisava de alguma coisa, desde uma vela a uma ajuda pra limpá-la neste período.

Portanto, precisamos ampliar a nossa consciência, sair da posição de alguém que apenas recebe e nos perguntarmos como podemos também contribuir, seja com um serviço ou com um trocado, afinal, repito mais uma vez, se o terreiro fechar, todos perdem.

Por fim, gostaria de tocar num outro assunto correlato e que sempre aparece: a doação de itens de trabalho (vela, charuto, marafo, etc). Na minha experiência? Não compensa incentivar a doação!

O motivo? A maioria compra elementos de péssima qualidade, o mais barato possível e isso não ajuda em nada, atrapalha na verdade.

Durante um tempo pedíamos a contribuição de itens de trabalho, mas vi que não valia a pena: a pessoa comprava o que de mais barato existia, não porque era o que ela podia dar, mas aquela velha noção de que para caridade qualquer coisa serve...

É claro que para fazer uma gira nenhuma entidade precisa de um charuto cubano, mas também não precisa daqueles charutos que deixam gosto de esterco na boca dos médiuns (e há quem diga que seja esterco mesmo), velas que se partem ao meio durante a queima (e que deixam muita gente assustada achando que é demanda), marafos que amargam até a alma dos exus... Você realmente acha que isto é caridade?

Aliás, certa vez fizemos uma campanha de doação de roupas para distribuir às pessoas carentes. Recebemos muita coisa boa, mas recebemos muitas roupas que tinham que ir para o lixo... Até uma calcinha com um absorvente grudado de sangue... Você realmente acha que isto é caridade? Você gostaria de ganhar algo assim?

Não é porque se destina a caridade que precisamos ofertar lixo. A mesma coisa vale para o terreiro. Procuramos sempre elementos de qualidade para que os trabalhos possam acontecer com o necessário (e nunca usamos mais do que o

necessário) e por isso pedimos a contribuição financeira ao invés de itens (que não são recusados quando ofertados, claro).

Uma vez uma pessoa me disse:

— Dinheiro eu não dou, mas dou velas.

E não dá por quê? Você acha que alguém do terreiro vai querer seus cinco reais para uso próprio? Então, com essa mentalidade, não dê nada. Se você não confia na casa, fique com o seu dinheiro... Simples assim!

Antes de finalizar, repito mais uma vez: os trabalhos precisam ser gratuitos, mas se você pode, doe, o que puder, quando puder.

ESPARADRAPO NO UMBIGO – FUNCIONA?

Sempre achei esta prática muito estranha e, de tempos em tempos, a vejo ressurgir na internet como uma onda que vem e que vai. Porém, será que realmente existe alguma implicação espiritual para seu uso?

Fiz uma breve pesquisa na internet tentando entender de onde teria surgido essa ideia e não encontrei nada concreto. Contudo, achei postagens de 2009 que já falavam no assunto. Por volta de 2012 a prática ressurgiu nas redes, porém, neste período, falava-se muito sobre tapar o umbigo com a mão quando próximo de alguém carregado ou mesmo usar um adesivo para se proteger.

O boom parece ter ocorrido quando uma atriz global deu uma entrevista falando no assunto, explicando que cobria o umbigo com um esparadrapo para se proteger. Pelo tanto de postagens sobre o assunto em 2013, sou levado a pensar que a entrevista repercutiu e logo várias pessoas começaram a falar sobre o assunto na internet e, de lá para cá, vira e mexe, ele reaparece com maior ou menos força.

Na região umbilical, existe um chakra chamado Manipura (plexo solar), responsável pelos processos digestivos e também por influenciar a vontade e a tomada de decisão. Em tese, ao tapar o umbigo, as energias ruins não perturbariam este chakra e, por consequência, não afetariam as pessoas. Mas, será mesmo?

A primeira vez que ouvi sobre o esparadrapo, pensei: por que o esparadrapo protege e uma blusa, não? Até hoje, não encontrei resposta...

Sinceramente, penso que esta é mais uma prática que as pessoas seguem por verem artistas e famosos fazendo também. Não vejo lógica alguma em sua prática e acho mesmo que ela produz uma leitura da vida completamente equivocada: ao invés de se preocupar em tapar o umbigo, não seria melhor se preocupar em não estar na companhia de pessoas carregadas ou em lugares pesados? Não é mais lógico cuidar da nossa energia do que se preocupar em saber por onde ela entra?

As energias são absorvidas de acordo com nosso padrão vibratório, não pela abertura do umbigo (será que as pessoas que possuem o umbigo fechado estão naturalmente protegidas?).

Além do mais, é bom lembrar que o plexo solar é apenas um chakra, existem ainda outros seis principais. Será que para se precaver das energias nocivas não seria importante também colocar um esparadrapo no restante do corpo, inclusive, um lá em baixo, onde se localiza o chakra Muladhara?

DIMINUIÇÃO DAS LINHAS DE TRABALHO

Eu me desenvolvi numa casa em que se trabalhava com: preto-velho, caboclo, criança, baiano, cigano, exu, pombagira e malandro. E, quando fundamos nosso terreiro, continuamos com todas essas linhas.

Contudo, eu sempre senti muita dificuldade em incorporá-las todas, não pelas entidades, claro, mas pela falta de hábito. As principais manifestações eram: preto-velho, caboclo e exu. As demais, apenas eventualmente incorporávamos. Resultado: as linhas frequentes, tudo certo. As linhas eventuais, incorporações inseguras.

Comecei a observar a mim mesmo, a avaliar com frieza as manifestações que aconteciam por meu intermédio, posteriormente, observei outros tantos médiuns, em diversos terreiros e conclui que o melhor é trabalhar com poucas linhas.

Antigamente, os médiuns trabalhavam com uma única entidade ou, quando muito, com duas. Tanto é que, tradicionalmente, o médium era conhecido pelo nome da entidade com quem trabalhava, por exemplo: Fulana da cabocla Tal, Sicrano do preto-velho X, Beltrano do exu Y, e assim sucessivamente.

Não era comum as pessoas incorporarem cinco, seis, sete linhas diferentes, sendo esta uma situação bem mais recente no universo da Umbanda.

Mas, por que cheguei a esta conclusão? Explico!

Eu observei diversos médiuns em atividade, tanto em nossa casa, quanto em outras e percebi que a maioria (e certamente me incluo), consegue trabalhar bem com duas ou três linhas diferentes, além disso, começam a misturar as coisas.

Eu via, por exemplo, caboclos que pareciam baianos; baianos que pareciam marinheiros; marinheiros que pareciam caboclos, etc. Às vezes, só conseguia distinguir a linha que estava atuando por saber previamente como seria o trabalho. Era nítido como alguns médiuns pareciam desconfortáveis em receber esta ou aquela linha.

E, sinceramente, não creio que isso se deva a qualquer falha dos médiuns: simplesmente, não há plasticidade mediúnica para “caber” tantas personalidades diferentes no aparelho psíquico do médium. E isto ocorre, inclusive, com médiuns inconscientes!

Eu conheci alguns que trabalhavam maravilhosamente bem com pretos-velhos e caboclos, mas já não trabalhavam tão bem com baianos ou malandros, por exemplo. Então, por mais que alguém tenha uma mediunidade “forte”, mesmo ela possuirá limites.

Por isso, conclui que é melhor trabalhar com duas ou três linhas e trabalhar de maneira firme e confiável, do que com seis ou sete de maneira imprecisa e insegura!

— Ah, mas as outras linhas não ficarão tristes?

— Não, não ficarão. Quem tem esse apego somos nós, não eles. Além do mais, continuarão a auxiliar da mesma forma, apenas não incorporarão mais.

— Ah, mas como decidir com quais linhas trabalhar?

— Isso é com cada terreiro.

Não há linhas melhores ou piores do que outras. O que existe é a diretriz da casa. Em nosso caso, são caboclos e pretos-velhos as linhas principais.

Cada casa com sua diretriz!

Eu penso que este processo de diminuição das linhas de trabalho seja fundamental para que os terreiros passem a ter mais qualidade mediúnica em seus trabalhos.

TODA ENTIDADE PRECISA BEBER E FUMAR?

É muito comum, no universo da Umbanda, as entidades utilizarem elementos como o tabaco e o álcool em seus trabalhos. Tais elementos são usados porque possuem uma energia que favorece o transe e também os processos de limpeza espiritual.

Entidades que fazem uso regular destes elementos costumam trabalhar com energias mais densas, como descarregos ou desobsessões; já entidades que fazem pouco ou nenhum uso destes elementos, costumam trabalhar mais com energias sutis, voltadas aos processos de tratamento físico, mental ou espiritual.

Assim, o ponto fundamental é compreender que cada elemento é como uma ferramenta e cada entidade utiliza a ferramenta de acordo com o serviço que vai executar e sua especialidade de atuação.

Enquanto uma entidade que trabalha com tratamentos espirituais manipula energias mais sutis que retira das plantas, da água, do ar, outra entidade, que atue mais na linha de choque contra as energias densas, utilizará a energia do marafo ou do tabaco com mais frequência, através das “fumaçadas” e “baforadas” que são excelentes meios de descarrego e limpeza profundas.

Cada entidade com sua forma de trabalhar, suas ferramentas e seus métodos. Todas, invariavelmente, são exímias em suas áreas de atuação e sabem, com maestria, manipular todos os elementos visando sempre o que seja melhor para o trabalho que estejam realizando no momento.

Uma entidade que faz pouco uso de elementos não é mais evoluída que a entidade que faz uso regular, elas apenas trabalham de formas diferentes, em campos diferentes e com ferramentas diferentes.

MÉDIUNS DE ANTIGAMENTE E DE HOJE

A Umbanda nasceu num contexto extremamente problemático: cerca de 82% da população brasileira era analfabeta, pobre e tinha muito medo da religião. Os médiuns do começo do século XX enfrentaram obstáculos quase inimagináveis, como por exemplo, o desemprego, o estigma e o desamparo.

Existem muitos relatos de pessoas que foram presas durante os cultos, apanhavam da polícia, eram soltas no dia seguinte e se mudavam com suas famílias para outra localidade para então erguer novamente seus terreiros. Particularmente, creio que este tenha sido o mecanismo inicial que fez com que a Umbanda saísse do Rio de Janeiro para os demais estados brasileiros.

Contudo, apesar dos pesares, existiram grandes médiuns, capazes de executar fenômenos extraordinários e que praticamente não são mais vistos hoje em dia. O que mudou?

O mundo mudou!

Inicialmente, a maioria dos médiuns eram inconscientes e isso se dava em razão da necessidade da espiritualidade de fundamentar a religião, trazer a sua base. Uma vez que isso se tenha dado, a mediunidade, gradativamente, caminhou para a consciência que é a característica predominante hoje em dia.

Há quem pense que isso seja suficiente para explicar os fenômenos do passado, como por exemplo, os observados e descritos por Matta e Silva em seu livro: *Umbanda e o poder da mediunidade*.

Ao ler este livro, tem-se a impressão de que os fenômenos descritos não podem ser verdadeiros, dado o inusitado das manifestações. Contudo, eles são perfeitamente coerentes com o que se sabe a respeito da mediunidade, só não ocorrem com frequência na atualidade.

E, particularmente, penso que a principal razão para que tais fenômenos não mais ocorram seja, justamente, a mudança dos médiuns. E não falo da transição da inconsciência para a consciência na incorporação, mas da transição do compromisso e da retidão, para o desinteresse e a má vontade, característicos do nosso tempo.

Os médiuns do passado, em sua maioria, eram pessoas de rija t mpera, de f  inabal vel, forte determina  o e confian a em Deus. Eram presos num dia e no dia seguinte se mudavam com a fam lia para dar continuidade aos trabalhos em outro lugar. Muitas vezes n o tinham o que comer e repartiam o p o com os enfermos que lhes batiam   porta.

O car ter destes m diuns foi forjado na luta de um Brasil carente de tudo e sem rumo certo. Estas pessoas viviam em estado de priva  o e a vida se resumia em trabalhar, criar os filhos e o terreiro. N o havia muito tempo para distra  o e futilidades.

E hoje?

Hoje o m diun tem mil distra  es, mil ocupa  es, mil lazeres. Apesar de ainda vivermos tempos de crise e de estarmos longe das alegrias de um “primeiro mundo”, muita gente tem acesso a coisas que at  bem pouco tempo seriam inimagin veis...

Para os m diuns de hoje o terreiro n o   prioridade. Na verdade, aparece no quarto ou quinto lugar (e olhe l !). Comparecem  s giras se n o estiver frio, se n o estiver muito quente, se n o houver festa na cidade, se n o houver muito o que fazer...

Certa feita, uma pessoa com mais de 40 anos de Umbanda e que trabalha numa casa enorme, me disse:

- L o, quando eu comecei na casa, se cinco m diuns faltassem, na outra semana t nhamos uma reuni o para ver o que aconteceu, o motivo de tanta falta. Hoje, quarenta anos depois, faltam 30 m diuns numa gira e achamos normal, porque n o d  pra exigir muito dos m diuns de hoje!

E, lamentavelmente, ela est  coberta de raz o!

A maioria dos m diuns que conheci, tanto pessoalmente quanto pela internet, participavam pouco das atividades da casa, interessavam-se pouco pelos rumos do trabalho, contribu am pouco ou quase nada, comportando-se de maneira indiferente, ap tica, sem vontade. N o raro, sofrem o tempo todo de crises diversas: falta de f , d vida sobre a pr pria mediunidade, incerteza sobre a sua vida espiritual, etc.

Enfim, no passado, encontrar amos muitos m diuns extraordin rios cujas mediunidades foram forjadas na luta e em terreno  rido. Na atualidade, com tantas facilidades e distra  es, encontramos uma multid o de m diuns meia-boca, sempre dispostos a ficar pelo caminho...

E não pensem que fujo a esta equação, pois embora não me veja tão desleixado quanto a maioria que conheci, nem de longe possuo a fé ardente dos primeiros médiuns da Umbanda.

A parte boa é que podemos nos inspirar em quem quisermos, procurando o melhor que existe em nós mesmos: podemos nos aproximar dos primeiros ou dos últimos. A escolha é nossa!

DICAS PARA EVITAR MAL-ENTENDIDOS NO TERREIRO

A primeira experiência desagradável que tive no universo religioso se deu em um centro espírita em que trabalhava. Eu era responsável por fazer palestras que aconteciam antes do trabalho de almoço fraterno. Após uma destas palestras, uma moça me procurou e começou a falar mal do seu marido.

Eu nem consegui responde-la. Quando, enfim, fez uma pausa para respirar mais profundamente, perguntei:

— Se ele é tudo isso, então, por que ainda está casada com ele?

Ela nada me respondeu. Parecia abalada com a minha pergunta. Virou as costas e foi embora.

Na semana seguinte, após a palestra, estava conversando com uma voluntária da casa quando um homem que parecia ter o dobro do meu tamanho entrou no centro e que foi logo perguntando:

— Eu quero saber quem é que mandou a minha esposa me largar!

Lembrei-me na hora do caso. Meu coração disparou. Pensei que apanharia ali mesmo, no centro. Contudo, munido de uma coragem que deve ter sido inspirada, fechei o semblante e comentei com muita rispidez tudo o que a moça havia me dito sobre ele, explicando que em momento algum havia pedido que ela se separasse. A voluntária ao meu lado confirmou a conversa anterior.

O rapaz ficou chocado com tudo que ouviu e disse:

— Não imaginei que ela pensasse isso de mim...

Ficou sem graça, pediu desculpas e nunca mais o vi. De minha parte, o alívio foi imediato e, desde então, procuro sempre ser muito cauteloso em situações assim (e, creiam, são muitas).

Conseguem imaginar todos os desfechos que esta história poderia ter tido? São muitos...

Por esta razão, pensei em algumas medidas de segurança que devemos adotar na realização dos trabalhos espirituais, listando algumas situações típicas no

universo da Umbanda e que certamente ajudarão tanto a equipe, quanto os consulentes que participam desses trabalhos:

- Às vezes, é preciso fazer um atendimento emergencial no terreiro, em razão da necessidade de um consulente, amigo, familiar, etc. Quem trabalha em terreiro certamente já observou alguma situação assim, então, aqui vai a primeira dica: nunca vá sozinho para o trabalho. O médium deve sempre chamar, no mínimo, mais uma pessoa da casa para acompanhá-lo. Assim, se no futuro surgir qualquer conversa “estranha” não será a voz de um contra a de outro, haverá testemunhas;
- Às vezes, os consulentes pedem para fazer uma reza, passe ou defumação em suas residências. É um pedido relativamente frequente e, novamente, jamais se deve ir sozinho, chame pelo menos mais algumas pessoas do terreiro para acompanhá-lo, tanto para dar suporte espiritual, quanto para auxiliar em quaisquer circunstâncias e, novamente, se no futuro houver qualquer conversa “estranha”, existirão várias testemunhas...
- Na hipótese da realização de algum trabalho espiritual em residência própria, jamais o médium deve estar sozinho com o consulente. Tanto no que se refere ao apoio espiritual, quanto pessoal: se for realizar algum trabalho em sua residência, chame pessoas experientes para participar (e, consulentes, desconfie quando um médium te chamar para fazer um trabalho na casa dele, especialmente, se estiver sozinho. É claro que pode ser que esteja agindo com a melhor das intenções, mas muitos abusadores no meio espiritual usam essa tática);
- Evite intimidade com consulentes. Eu já tive a desagradável experiência de ser xingando, não uma ou duas vezes, por maridos ciumentos via Whatsapp de suas esposas. Como sempre estou disponível para conversar com quem se interessa, muitas mulheres entram em contato comigo (a maioria do público do meu canal é feminino) e mesmo atendendo com todo respeito e consideração, ainda assim, algumas vezes passei por este aborrecimento, imaginem se eu ficasse de “tititi” por aí? Por isso, considero muito inadequado que médiuns/cambones fiquem conversando e trocando intimidades com consulentes (então, não existe esta do “guia” mandar o consulente passar telefone para o “cavalo” – consulentes, se isso acontecer, saiba que é coisa do médium e não do guia);
- Não toque nas pessoas durante o passe. Este é um ponto importante e nós já tivemos problemas com isso em nosso terreiro. Pelo menos duas vezes fomos procurados por mulheres que tomaram passes e se sentiram incomodadas pelo fato de serem tocadas em seus braços ou pernas durante o passe. TOCAR O CONSULENTE É TOTALMENTE DESNECESSÁRIO porque

o passe não passa pela mão e não entra pela pele, ele é absorvido pelo campo áurico da pessoa. Então, a minha sugestão é que se evite tocar o consulente, pois não faltarão quem veja “pelo em ovo”, assim como muitos médiuns sem caráter podem se aproveitar para “tirar uma casquinha”, é triste falar isso, mas é uma verdade;

- Se necessário chamar a atenção de um médium/cambone, o dirigente não deve fazê-lo sozinho, pois se amanhã ou depois surgir qualquer conversa fora de rota, haverá testemunhas que poderão confirmar o que foi dito, separando o joio do trigo;
- Durante o desenvolvimento, é preciso ter muito cuidado para não tocar nas partes íntimas, especialmente, das mulheres. Quando se faz a corrente em volta da médium em desenvolvimento, as mãos nunca devem estar na altura em que possam tocar os seios, assim como na hipótese dela se desequilibrar, deve-se sempre colocar o braço em suas costas para ampará-la na queda com a mão fechada, evitando abraça-la pelas costas, mesmo na intenção de segurá-la, já que acidentalmente a mão pode acabar tocando o seio. Da mesma forma, se houverem mulheres na corrente em torno do médium em desenvolvimento, na hipótese do mesmo se desequilibrar, vindo para o seu rumo, a médium deve escorá-lo com seu ombro, não de frente, como é comum. O homem que fizer parte da corrente, deve colocar seu corpo posicionado lateralmente, protegendo a sua genitália, pois em muitas giras a pessoa acaba abrindo os braços e pode vir a acertá-lo no meio das pernas. Fazendo isso, evita-se tanto a dor, quanto o constrangimento.

Enfim, poderia citar outras tantas medidas, porém, creio que estas sejam suficientes para entender o espírito da coisa: cuidado. Cuidado consigo e cuidado com o outro. Respeito por si e respeito pelos outros, evitando brechas para mal-entendidos, fofocas, mentiras, malícias e tudo o mais que pode acontecer com o descuido de uma pessoa e que pode afetar todo o terreiro.

NEM SEMPRE A RESPOSTA É VISÍVEL

O vídeo mais assistido do canal [Umbanda Simples](#), é um em falo sobre as diferentes formas de queima de uma vela. Quando gravei este vídeo, nem de longe imaginei que o sucesso seria tão grande.

Basicamente, o que ocorre é que muitas pessoas se impressionam a respeito de como uma vela se queima e procuram significados nesta queima. Exemplo: se a vela derrete de um só lado, se ela se parte ao meio, se sobra alguma coisa, se não sobra nada, etc.

E a explicação mais simples para tudo isso é que a forma como a vela vai se queimar dependerá essencialmente da qualidade da vela, do pavio e do ambiente (temperatura, umidade, etc). Não existe essencialmente nada de espiritual nisso (a exceção, claro, é quando a vela é acendida dentro do ponto de uma entidade e esta faz algum trabalho direcionado à vela).

Há algum tempo, algumas pessoas se impressionaram num dos nossos trabalhos com o reflexo do brilho de uma vela colocada dentro de um copo com água e que se irradiava pelos lados formando uma espécie de flor de lótus no chão, contudo, o preto-velho chamou uma cambone e disse: não tem nada de mais aqui, é que vocês nunca prestaram atenção antes, mas essa iluminação se dá pelas estrias do copo, tanto pela luz da vela, quanto pela lâmpada.

Assim também com os copos com sal grosso atrás da porta que de repente são vistos sem água e com sal em suas bordas, levando muitas pessoas ao completo desespero imaginando que seja sinal de demanda, quando na verdade se trata de um processo natural de evaporação da água e de adesão do sal ao corpo do copo...

O mesmo ocorre com o café dos pretos-velhos que de um dia para o outro não está mais no mesmo nível de antes, deixando uma marquinha como referência na xícara, fazendo muitos pensarem que a entidade “bebeu o café”, quando na verdade ele apenas evaporou naturalmente (como acontece com as roupas molhadas no varal).

Enfim, parece que existe uma tendência no meio umbandista de querer ver aquilo que é invisível, como se a resposta às orações e aos pedidos devesse, necessariamente, deixar marcas visíveis de alguma forma.

Agora, pensemos:

Quando tomamos um banho com ervas, não vemos a energia suja escorrendo com a água conforme ela banha nosso corpo e, nem por isso, o banho será menos efetivo. Quando defumamos uma casa, podemos sentir o ambiente leve ou carregado, mas não vemos a defumação queimando as vibrações ruins do ambiente e, mesmo assim, a defumação cumprirá o seu papel. Quando uma entidade nos dá passes, não vemos sair luz das mãos do médium e, mesmo assim, o passe será aplicado...

A efetividade dos processos espirituais se verifica em nossa vida, não nos resíduos das velas, nas cores de um arco-íris, num beija flor que entra pela janela...

Enfim, como ouvi recentemente e acho que se aplica bem ao contexto da Umbanda: *cabeça nas nuvens e pés no chão*.

DIRIGENTE DO TERREIRO PODE SAIR DE FÉRIAS?

Pergunta de Denys Ogata:

“Um dirigente de um terreiro deve abrir mão de seus lazeres pessoais? Por exemplo se surge a oportunidade de fazer uma viagem de 2, 3 semanas como fica o terreiro? Outro médium pode ser delegado nesse período?”

Denys, o compromisso espiritual exige dedicação e dedicação exige trabalho. Certamente, quem se dispõe a ser dirigente de um terreiro deverá estar pronto para abrir mão de muita coisa em sua vida pessoal, justamente, porque o trabalho exige muita dedicação.

Contudo, não é preciso que abra mão de seus lazeres, bastando que se programe para isso. O terreiro não pode funcionar apenas com base numa única pessoa, senão, amanhã ela morre e o que acontece? A casa fecha?

No mínimo, todo terreiro precisa ter mais uma pessoa que possa conduzir os trabalhos e, na ausência do dirigente, essa pessoa seja capaz de seguir com as atividades. Eu vou mais além: não apenas no que se refere ao dirigente, todo terreiro precisa ter mais de uma pessoa apta para fazer tudo, justamente, para que nenhuma tarefa seja interrompida por falta de pessoas.

Fazendo isso, tudo fluirá bem.

OGUM OU SÃO JORGE?

Hoje, 23/04, comemora-se o dia de São Jorge e, tradicionalmente nos terreiros de Umbanda, o dia de Ogum.

A associação entre o Orixá e o Santo se iniciou na escravidão, porém, se perpetuou por ter se transformado em cultura, uma vez que não há mais qualquer proibição de culto no Brasil.

Há quem reze para Ogum,
Há quem reze para São Jorge,
Há quem reze para ambos e
Há quem - como eu - reze apenas pedindo apoio de uma força guerreira, a qual todos precisamos em algum momento.

Não importa para quem você reza: reze com fé, reze com amor, reze com vontade e certamente você será ouvido!

Salve Ogum,
Salve São Jorge,
Salve a #Umbanda

CRUZEIRO DO CEMITÉRIO

A pergunta de hoje é do ES e fala sobre o Cruzeiro do cemitério.

De modo geral, o cruzeiro é uma cruz avantajada que fica localizada na parte central do cemitério, geralmente, na encruzilhada das ruas que dividem os lotes.

Trata-se de uma simbologia católica, cuja origem não sei precisar. Popularmente, é usado como ponto de referência geográfica e, acredita-se, sirva de orientação para as almas dos recém-desencarnados.

É por isso que tanta gente acende vela, deixa imagens, etc.

Da forma como entendo, o cruzeiro se transforma numa grande firmeza, pois ao concentrar o foco das orações de centenas de pessoas, transforma-se num ponto de irradiação espiritual, servindo de verdadeiro farol para as almas sofredoras e de ponto de encontro para os trabalhadores espirituais que ali estão para ajudar.

Por esta razão, devemos sempre ter muito respeito quando passamos por um cruzeiro de cemitério, pois ainda que não haja alguém fisicamente no local, há sempre intenso trabalho de resgate e orientação em seu entorno.

COMO ENTRAR NO CEMITÉRIO?

A pergunta de hoje é da Lu e ela quer saber: o modo correto do umbandista entrar no cemitério.

Em termos simples? Com respeito!

O cemitério é um local de intenso trabalho espiritual. Muitas equipes espirituais ali atuam para ajudar os recém-desencarnados. Além disso, existem muitos espíritos “abutres”, isto é, que ali rodeiam na esperança de sorver um pouco da energia vital do recém-desencarnado que é liberada gradativamente após a morte...

Por isso, não se trata apenas de um local de descanso do corpo, de tristezas e lembranças, mas de um local com intensa movimentação de espíritos.

Ao entrar, há pessoas que batem as mãos três vezes ao chão na porta do cemitério, como uma saudação ao “campo santo”; outras saúdam os exus; outras, Omulu, etc.

Na Umbanda que pratico a forma não importa muito: cada um pode fazer do jeito que quiser, desde que isso a leve a entrar e a permanecer no cemitério com respeito.

Eu, particularmente, digo mentalmente na porta do cemitério: salve os guardiões do cemitério!

Converso apenas o essencial, nada de risadinhas, brincadeiras ou deboches. Aproveito cada minuto ali dentro como uma reflexão sobre a brevidade da vida e a necessidade de aproveitar o tempo que me foi dado para me tornar um ser humano melhor.

TODO MÉDIUM DE INCORPORAÇÃO É TAMBÉM MÉDIUM DE TRANSPORTE?

A pergunta de hoje foi enviada por ES: Todo médium de incorporação é também médium de transporte?

A palavra “transporte” no contexto da Umbanda foi utilizada largamente no passado para se referir aos médiuns que tinham a capacidade de receber espíritos sofredores/obsessores, nas puxadas e desobsessões.

Com o passar do tempo, houve mesmo quem fizesse distinção entre incorporação (no sentido dos médiuns que recebiam os guias) e transporte (no sentido de médiuns que recebiam sofredores/obsessores). Contudo, essa divisão não existe, propriamente: todo médium de incorporação é também de transporte e vice-versa.

O que se percebeu no passado é que determinados médiuns tinham mais facilidades que outros para receber espíritos que não fossem guias espirituais. Em alguns, a facilidade era tanto que os dirigentes terminaram por deixá-los apenas nesta função, o que levou a compreensão errônea de que a “mediunidade deles servia apenas para isso”.

O fato, contudo, é que quem incorpora guia também incorpora obsessor. A mediunidade é a mesma, embora existam pessoas que realmente têm uma facilidade maior do que outras para receber espíritos sofredores.

HOJE É DIA DOS PRETOS-VELHOS

Hoje, 13 de maio, é o dia dos pretos-velhos.

A maioria dos terreiros procura fazer uma homenagem/festa nesta data ou próxima a ela, onde se costuma servir aos consulentes bolo de fubá e, claro, o famoso cafezinho (dessa vez, com açúcar).

A data faz referência à abolição da escravidão, em 13/05/1888, embora saibamos que, de fato, a escravidão não tenha acabado completamente apenas pela assinatura de um papel...

Contudo, simbolicamente, esta data – da libertação dos escravos – é considerada o dia em que toda a Umbanda festeja e louva os pretos-velhos.

Na Umbanda que pratico, TODO preto-velho foi escravo ou descendente direto de escravos, nascidos no Brasil ou em África. Tornam-se pretos-velhos não necessariamente os pretos idosos. O “velho” aqui significa sabedoria (em diversas culturas africanas, a idade não é desprezada ou temida, como no Brasil) Portanto, o preto-velho é o preto-sábio.

Aquele que tendo vivenciado a escravidão e conhecido de perto a crueldade humana, saiu dela mais forte, mais esclarecido, disposto a ajudar, a fazer o bem, a exercitar a caridade. São as entidades mais amorosas e acolhedoras da religião. Aquelas que melhor sabem ouvir e aconselhar e, acima de tudo, as que mais nos ensinam as virtudes do perdão e de uma consciência tranquila no bem.

Saravá, preto-velho!

TERREIRO COMO ÚLTIMO RECURSO

Existe uma concepção bastante equivocada no universo da Umbanda que afirma ser o terreiro uma espécie de último recurso quando tudo o mais falha. Esta concepção produz um senso utilitarista do terreiro e é isto que explica o fato das pessoas não se interessarem muito por outras atividades que não sejam as consultas espirituais.

Em razão da pandemia, por exemplo, suspendemos as giras, porém, ofertamos um trabalho de passes (sem a incorporação) como forma de manter os trabalhadores ativos e também oferecer alguma assistência aos frequentadores. No entanto, curiosamente, o número de interessados é muito pequeno se comparado ao número de participações das giras.

O terreiro é o mesmo. Os médiuns são os mesmos. Os passes são os mesmos. Até os guias que ali estão dando o suporte ao trabalho são os mesmos. Apenas não ocorre a incorporação...

O que atrai, então, as pessoas ao terreiro? O clima de paz? A sensação de bem-estar? A oportunidade de estar num templo para vivenciar a religião escolhida?

Ou será que são os fenômenos? As incorporações? A oportunidade de conversar com uma entidade que, em última instância – precisamos reconhecer – quase sempre não dirá nada que a pessoa já não saiba?

O triste é que esta visão está, inclusive, entre os próprios médiuns e cambones que, frequentemente, apontam o terreiro como um último recurso, especialmente, aos sofredores, como a dizer: vai no terreiro que lá você cura.

Mas, o terreiro cura? O terreiro salva? O terreiro produz mais “milagre” do que uma igreja, um centro espírita? A Umbanda é mais forte que o Espiritismo? A Umbanda é mais forte que uma igreja evangélica?

Hoje farei apenas perguntas, deixando uma mensagem para nossa reflexão:

“E disse à mulher: A tua fé te salvou; vai-te em paz.” Lucas 7:50

MORAL DO MÉDIUM

A moral da pessoa trás influência em seu trabalho junto às entidades no terreiro?

Com certeza.

Porém, é preciso compreender que os médiuns são, em maioria, espíritos com muitas dívidas do passado. A mediunidade nos aparece como uma oportunidade de reajuste e, por isso mesmo, as entidades sabem que a maioria apresentará dificuldades morais notáveis em sua caminhada.

Contudo, o médium que possui uma moral duvidosa será sempre um médium fraco, vacilante, incerto, sempre mais pra lá do que pra cá. Entretanto, mesmo com essa moral duvidosa, se ele se esforçar sinceramente em ser cada vez melhor, a espiritualidade compensará sua fraqueza com sua própria força.

Porém, se o médium for religioso de fachada, então, é questão de tempo até que tombe: os bons espíritos compreendem a nossa fraqueza e nos ajudam, mas não toleram o mau-caratismo: não dá para ser bom médium sem ser boa pessoa!

PEGAR DINHEIRO DE UM DESPACHO

Quando encontramos algum trabalho na rua, nunca sabemos quem fez, com que intenção e a quem se destina. De modo geral, esse tipo de trabalho em que se coloca dinheiro ou coisas de valor não são feitos por pessoas da Umbanda. Resta, então, a pergunta: quem fez e a quem se destina?

Considerando que diversas outras religiões e práticas mágicas podem fazer uso de algum tipo de trabalho que envolva despachar algo na rua, no mínimo, por prudência, não devemos nos envolver.

Porém, se tal trabalho tiver sido feito por alguém da Umbanda, destinado às entidades que atuam na Umbanda, não haverá represálias, pois as entidades que atuam na religião não praticam qualquer tipo de mal, mesmo em casos assim.

Mas, e se tal trabalho tiver sido feito por alguém com uma má intenção, que tipo de espírito responderá? Bem pode acontecer do atrevido meter a mão no trabalho sem que haja qualquer entidade por perto (elas podem já ter ido embora ou sequer chegado), porém, e se houver? É este o risco que se corre com esse tipo de atitude (apesar de – é importante deixar claro – ser totalmente contra qualquer tipo de trabalho na rua).

As entidades já me contaram vários casos de pessoas que se deram muito mal por terem comido, bebido, chutado ou mesmo se apropriado de coisas encontradas num trabalho na rua.

É uma roleta russa: pode ser que não haja nenhuma entidade ali no momento da apropriação, mas pode ser que haja e, se houver, bem pode ser que a pessoa se dê muito mal.

POSTURA DO DIRIGENTE

Hoje responderei algumas perguntas num único texto. Grato pelas perguntas e pelo carinho, Rafinha.

Quando um médium dirigente ou da linha durante o trabalho com suas entidades em terra bebem e quando a entidade vai embora eles ficam embriagados. Qual sua visão?

O uso do álcool é um fundamento da Umbanda, contudo, muitos médiuns pensam que precisam convencer os demais da sua incorporação bebendo exageradamente. O resultado é bem este: a entidade vai embora e eles ficam bêbados.

Porém, pode ser também que o médium misture a sua vontade com o uso que a entidade faz da bebida. Isto é mais comum quando o médium também consome bebida alcoólica. Neste caso, o objetivo não era impressionar a ninguém, porém, ele se aproveita do momento para saciar a sua vontade e o resultado acaba sendo o mesmo.

Por isso, todo terreiro deve ter regras: nada de giras “open bar”, isso vira bagunça.

Quando em um terreiro o dirigente tem a necessidade de se amostrar, chamar atenção com danças, falas desnecessárias, quase que um show. Qual o proceder de tudo isso, qual a finalidade ou a necessidade? Como a espiritualidade vê isso? Como a casa espiritualmente falando fica?

É preciso separar bem as coisas: existem entidades que são, digamos, mais expansivas, isto é, gostam de dançar, conversar, possuem trejeitos mais chamativos, essas coisas. Isto é da individualidade da entidade e não há nada de errado.

Contudo, existem também os “médiuns-pavão”, os que querem se exhibir, mostrar como suas incorporações são fortes. Estes, diferentemente do primeiro caso, forçam a barra para aparecer, desejam chamar a atenção para si e acabam fazendo coisas mirabolantes simplesmente para serem o centro da gira, sem nenhuma razão ou causa espiritual para isso: é puro ego mesmo!

De modo geral, a espiritualidade é bastante tolerante com nossas infantilidades. Se o dirigente for um destes “pavão”, mas conseguir realizar um bom trabalho, não há maiores consequências, senão o ridículo a que se expõe. Contudo, se

não conseguir nem realizar um bom trabalho, então, certamente a espiritualidade ficará descontente com o andamento dos trabalhos e se isso crescer demais, a casa acabará sem assistência espiritual, afinal, é só espetáculo mesmo.

Quando um pai de santo junto com sua esposa mãe de santo trabalhando juntos na casa, sendo eles marido e mulher começam a disputar. Como fica todos mediante isso?

Todo tipo de disputa é perda de tempo. Porém, quando essa disputa ocorre entre os que comandam a casa, além de perda de tempo, torna-se também algo muito perigoso, afinal, é uma disputa que pode fazer ruir as estruturas da casa.

O ideal seria que ambos não se esquecessem que são marido e mulher fora do terreiro, lá dentro, são os responsáveis por ele. Quaisquer dificuldades ou desavenças que exista entre ambos, enquanto casal, deveria permanecer fora da casa religiosa. Mas, isso é muito difícil. De modo geral, terreiro que é administrado por casal tende a dar muito certo ou muito errado. Raramente se consegue um equilíbrio, infelizmente...

Mas, mesmo aqui, ainda cabe o raciocínio anterior: se a disputa ocorre apenas entre os dois, menos mal. É feio, desnecessário, mas afeta apenas a eles. Agora, se essa disputa for além do casal e começar a afetar os demais membros da casa diretamente, então, é como se eles mesmos comessem a marretar as paredes do terreiro: uma hora a casa cai...

DEMORA DO GUIA EM RISCAR O PONTO

O desenvolvimento mediúnico é um processo, basicamente, dividido em três etapas: irradiação, incorporação e firmeza (isso, claro, conforme entendo).

A irradiação é o primeiro passo em que o espírito enlaça o médium com sua energia. Costuma levar alguns meses até que, efetivamente, a entidade consiga ter uma conexão mais profunda com o médium. Esta é a fase em que o médium sente algum torpor em seu corpo, perde o equilíbrio e fica apenas balançando em seu desenvolvimento.

Quando houver uma afinidade mais profunda entre a energia da entidade e a do médium, chega-se no segundo passo: a incorporação de fato, o que leva mais alguns meses. Neste processo, a energia que flui dos chakras da entidade e do médium se encontram, se entrelaçam e isto é o que chamamos de incorporação. Conforme avança o desenvolvimento deste estágio, o médium incorporado conseguirá falar, riscar o ponto, etc.

Por fim, o último estágio, é a firmeza. Nessa etapa, o médium deve permanecer incorporado o maior tempo possível, quietinho no seu canto, só ele e o guia, para que aprenda não só a incorporar bem, mas a manter o transe pelo maior tempo possível.

Em resumo, é assim que entendemos o desenvolvimento. Processo que, aqui, costuma levar de dois a três anos para se completar. Então, se a entidade ainda não riscou o ponto, não deu o nome, não consegue falar, isso significa apenas que o desenvolvimento ainda não chegou nessa etapa, mas certamente chegará um dia.

O QUE ACONTECE COM O BEBÊ ABORTADO?

Gostaria de saber se um espírito abortado fica na terra obsediando a mãe? Ou ele vai para outro plano no momento do aborto? E com a mãe que pratica o aborto, o que acontece? Ela paga em outra vida? Mesmo pedindo perdão? – Grato, Luciane.

A resposta a todas essas perguntas é: depende.

Cada aborto é um caso único e embora o fato seja o mesmo, as circunstâncias que o envolvem são muito diferentes e, por isso, o que acontecerá após a morte dependerá muito de diversos fatores.

Mas, vamos na sequência das perguntas.

O espírito/abortado poderá obsedar a mãe? Sim, a mãe, o pai e todos que influíram para que o aborto fosse praticado. Porém, nem todo espírito age assim. Depende do grau evolutivo dele e do objetivo da sua encarnação. Pode ser que, após o aborto, ele simplesmente seja levado para o plano espiritual, aguardando nova oportunidade para reencarnar.

A partir do momento em que o aborto é praticado, gera-se uma dívida “cármica” com este espírito. Não apenas por parte da mãe, mas também do pai, dos familiares que apoiaram a decisão e até mesmo da equipe médica que realizou o aborto (isso, claro, considerando um aborto intencional sem nenhuma causa justa, como o risco de vida da mãe – que, aliás, é o único tipo de aborto aceitável, segundo os espíritos).

A partir do momento em que esta dívida é gerada, ela deverá ser paga ou na vida presente ou na vida futura. Trata-se de um erro, um crime e sempre que praticamos algo que fira as leis divinas, temos que nos preparar para lidar com as consequências dos nossos atos.

O arrependimento é muito importante, mas não basta para reparar o erro. É preciso que, neste caso, as pessoas envolvidas se corrijam, deixem de praticar o erro e procurem fazer o bem onde antes fizeram o mal. Por exemplo, sempre que uma mulher me procura dizendo ter feito aborto, o que lhe recomendo é, nesta vida mesmo, procurar ajudar alguma instituição que cuida de crianças, não apenas comprando e entregando coisas, mas sendo voluntária, ajudando, cuidando, educando outras crianças de outras mães.

Não é preciso esperar a lei de Deus nos atingir para corrigir nossos erros.

DEVEMOS FAZER NOSSAS PRÓPRIAS GUIAS?

Tradicionalmente, as guias são confeccionadas pelo próprio médium ou apresentadas a ele pelo dirigente da casa (existem casas que seguem este modelo e outras não).

A ideia é que, ao fazer a guia, a pessoa crie um vínculo com ela, tratando-a como parte da sua indumentária sagrada e, portanto, dê mais valor a este objeto. Porém, não existem razões práticas que impeçam alguém de comprar suas guias: eu mesmo, nunca fiz e provavelmente nunca farei uma guia (simplesmente, não tenho paciência para isso).

Contudo, trato muito bem as minhas guias: nunca as deixo no chão e nunca as guardo em qualquer lugar: a guia sai da gaveta para o meu pescoço e dele volta para a gaveta.

Porém, seja confeccionada, ganhada ou comprada, a guia só possa a ter valor espiritual a partir do momento em que é cruzada (imantada/abençoada) por uma entidade de sua confiança. Por isso, antes de usá-la, é sempre bom leva-la ao terreiro para que uma entidade a cruze.

COMO FAZER OFERENDAS DO JEITO CERTO?

Antes de começar este texto, é bom deixar claro que o “certo” a que me refiro se dá segundo à nossa maneira de se fazer e pensar as oferendas e não a uma visão geral que desqualifica as demais práticas: é o resultado daquilo que aprendi com os guias e o que fazemos em nossa casa, apenas isso!

Os guias sempre me ensinaram que não precisavam de oferendas que não fossem àquelas nascidas do nosso próprio coração. Assim, o preto-velho não precisa de café, o exu não precisa de marafo, etc. Todas estas coisas podem ser oferendadas, desde que sejam importantes para quem as oferta e não a quem se destina.

Isto é, as oferendas importam para as pessoas, não para os guias ou para os Orixás. Façamos uma comparação:

É comum que no dia de finados os vivos levem flores aos cemitérios. Contudo, o que os mortos farão com estas flores? Nada. Elas são apenas um meio material de externar o carinho, a saudade e o amor por aqueles que já partiram, certo? A mesma coisa ocorre com as oferendas!

Quando alguém coloca café para o preto-velho não é para aplacar a sede do mesmo de um cafezinho nem para ganhar-lhe a simpatia, afinal, vocês acham mesmo que um preto-velho precisa de um café para proteger uma pessoa? Acham que o exu precisa de um copo de marafo para poder auxiliar a quem pede ajuda?

Assim, quando se coloca um café para o preto-velho ou um marafo para o exu, não é para cativar ou barganhar com estas entidades, mas é um gesto de fé, simpatia, carinho, da mesma forma que as flores são para os mortos em finados.

Há pessoas que não conseguem rezar de verdade se não tiverem diante dos olhos uma vela acesa, não é? Da mesma forma, há pessoas que se não materializarem a sua fé em algo palpável, sentem que lhes falta algo e está tudo bem: em matéria de fé, não há melhor ou pior. Cada um deve fazer aquilo que mais fale a seu coração!

É por esta razão que as entidades sempre me ensinaram o seguinte: nunca faça grandes oferendas que podem até encantar os olhos, mas que começarão a apodrecer no dia seguinte... Use este dinheiro para ajudar os pobres: esta é a

melhor oferenda para os guias e também para os Orixás. Contudo, caso sinta que precisa se ligar de forma mais profunda, seja a um guia ou mesmo a um Orixá, faça da seguinte forma:

Vá até o ponto de força na natureza, como uma mata, por exemplo. Acenda ali a sua vela, coloque a sua oferenda. Entretanto, não faça como os apressados que julgam bastar colocar as coisas em algum lugar e virar as costas para que se resolva... Fique ali. Faça a suas orações. Cante pontos. Chame pela entidade/Orixá a quem você oferenda e permaneça pelo menos uma hora em oração, meditação, reflexão, sentindo a vibração da força evocada. Sinta a energia da natureza, observe as plantas, o vento, a terra, as cores, o cheiro das coisas, enfim, a vida a seu redor.

Conectado a esta força (sem qualquer necessidade de incorporação), abra seu coração, confesse seus erros, peça perdão, peça inspiração, reflita, reflita... Decorrido pelo menos uma hora, recolha todos os resíduos não naturais (afinal, a natureza não precisa de lixo), agradeça e vá embora.

Este é o jeito certo de se fazer oferendas, segundo sempre me ensinaram as entidades que me guiam. É assim que ensino e é assim que compartilho aqui este conhecimento.

DURANTE A GRAVIDEZ A MULHER PODE INCORPORAR?

Lembram-se do versículo: *tudo me é lícito, mas nem tudo me convém?* (1 Coríntios 6:12), é aqui que ele se encaixa.

De modo geral, pode-se dizer que, se não houver nenhuma disposição em contrário, como uma gravidez de risco, por exemplo, nada impediria uma mulher de trabalhar mediunicamente durante a gestação. Contudo, a questão que me parece mais relevante é: há necessidade?

E, para mim, não há.

Sou daqueles que veem a maternidade como algo sagrado. Se estivesse em minha alçada, jamais uma mulher trabalharia profissionalmente até o fim da sua gestação, como jamais retornaria ao serviço em menos de um ano após o parto.

E digo isso porque considero, do ponto de vista psicológico e espiritual, a maternidade extremamente importante, tanto para a mulher, quanto para o filho e sei bem como os meses que antecedem e sucedem à gestação são fundamentais para o bom desenvolvimento da relação afetiva entre ambos.

Quantas vezes uma mulher gestará durante a sua vida? Duas, três, quatro vezes? E quantas vezes trabalhará mediunicamente? Centenas, milhares de vezes? Então, para quê arriscar um momento tão sagrado por algo que se fará o resto da vida?

Sou da opinião de que, a partir do momento em que a mulher se descobre grávida, não deve mais atuar como médium.

Todo médium é impactado, direta e indiretamente, pelo trabalho que realiza. Seja através de um consulente carregado e cujas vibrações incidirão sobre a médium, seja em razão dos ataques espirituais que as trevas não cessam de empreender, seja mesmo pelo desgaste físico e emocional que um trabalho proporciona, tudo isso gera um risco absolutamente desnecessário à gestante.

Por esta razão, em minha opinião, toda mulher grávida deve frequentar o terreiro apenas para tomar passes, não para atuar como médium. Após a gestação, ela terá o restante da vida para fazer isso.

VISÃO DE PARENTES NO MOMENTO DA MORTE

Gostaria que você falasse a respeito de pessoas que estão próximas do desencarne e começam ver familiares falecidos – Grato pela pergunta, Jussara.

Vou começar contando um caso que ocorreu na família de uma pessoa próxima.

A mãe estava bastante idosa e, por isso, havia sido poupada pela família quanto a notícias de falecimentos recentes. Já bastante debilidade, a senhora vivia relatando a visita de amigos e familiares já desencarnados, embora ela não soubesse disso, o que sempre chocava a todos.

Certo dia, disse à filha ter recebido a visita do esposo (já falecido) e de um padre amigo da família (também já desencarnado). Quando perguntaram o motivo da visita, ela respondeu:

— Disseram que vieram me buscar, mas eu disse que não queria ir. Mas, agora, acho que eu quero!

Dias depois, ela se foi.

A visita de amigos e familiares no momento da morte ou nos dias que antecedem à morte, é um fato bastante comum e que deveria nos fazer pensar muito seriamente sobre a vida e a morte.

Abundam casos em toda parte, de tal forma que todas as tentativas de negar o fenômeno não passam de atavismos sem sentido. Porém, o que explica o fato?

Quando uma pessoa está enferma e a enfermidade se agrava, isso significa que o corpo físico está bastante frágil. Os laços que prendem o espírito ao corpo, debilitados pela doença, já não se encontram com a mesma força de antes, isso permite ao espírito uma certa liberdade, uma facilidade maior de desligamento temporário e, com isso, a visão e mesmo a audição do plano espiritual com muita naturalidade.

É por isso que pessoas enfermas relatam a visita de amigos e parentes que sempre estão nos apoiando nos momentos difíceis, mas que não são percebidos por aqueles que não possuem uma mediunidade mais aclarada, a não ser, quando a vida material já está tão fraca que o espírito praticamente se encontra com um pé do outro lado.

Contudo, ao contrário do que muitos pensam, o fato de ver estes espíritos não é um sinal de que a pessoa morrerá em breve. A senhora citada, por exemplo, relatou a visita de diversas pessoas que ela não sabia que haviam morrido durante alguns anos. Conforme a enfermidade avançava e a saúde se debilitava, mais ela os via.

Trata-se, portanto, de algo comum nos processos de adoecimento que enfraquecem o corpo e dão mais liberdade ao espírito e por isso não necessariamente significam que a pessoa esteja prestes a desencarnar.

Não há razão para que os familiares pensem que a pessoa esteja “esclerosada” ou qualquer coisa semelhante.

Quando isto acontecer, ao invés de se encherem de temor, as famílias devem é se encher de amor. Quer prova maior de afeto do que receber a visita e os cuidados daqueles que, um dia, partilharam o mundo conosco? Nestas situações, as famílias devem orar, agradecer aos familiares do lado de lá o amparo recebido e, com isso, encherem-se de alegria e fé, pois é o testemunho familiar, debaixo do próprio nariz, da continuidade da vida e da imortalidade da alma.

Cabe dizer, contudo, que nem todas as visões são positivas. Mas, isso deixarei para um outro post...

CADA ENTIDADE TEM SEU JEITO DE TRABALHAR

Cada entidade trabalha de um jeito, mesmo que ela faça parte de uma falange. Para entender isso, vamos a um exemplo: eu sou psicólogo, tenho a minha maneira de trabalhar. Outros psicólogos, trabalharão de outras maneiras.

Existem diferentes correntes de pensamento com suas respectivas técnicas dentro da psicologia: psicanálise, humanismo, cognitivo-comportamental, gestalt, sistêmica, etc.

Cada psicólogo pode escolher o seu referencial teórico e cada um será diferente do outro, contudo, ainda assim, todos seriam psicólogos, entende? A mesma coisa ocorre com a falange: dentro dela há centenas/milhares de espíritos, mas cada um trabalha de acordo com seu próprio método.

O médium em desenvolvimento não conhece nada sobre as entidades que se manifestarão por ele. Isso ficará claro no processo. Por esta razão, é preciso paciência, prudência, pé no chão. Não há nada mais gratificante do que ir conhecendo aos poucos, sabendo aos poucos. É preciso não ter pressa!

Com o tempo, as entidades se revelarão: dirão seus nomes, o que usam, como trabalham. Se ainda não disseram, é que o médium não está maduro o suficiente. Porém, com dedicação e boa-vontade, certamente, todos chegam lá.

ALGUNS PRINCÍPIOS DA UMBANDA

A Umbanda é uma religião brasileira que, apesar de sua diversidade, comum em todas as religiões, possui alguns princípios básicos bastante definidos. Conheça alguns destes princípios:

1. Nós acreditamos na existência de Deus, mas não acreditamos na existência do Diabo;
2. Todos os trabalhos espirituais na Umbanda são 100% voltados ao bem;
3. Por isso, trabalhos como amarrações e magias negativas, embora sejam frequentemente atribuídos à Umbanda por leigos, não possuem nenhuma relação com ela;
4. A caridade espiritual, moral e material são as raízes da religião;
5. Por isso, nossos trabalhos são sempre gratuitos, para que todas as pessoas tenham oportunidade de se consultarem;
6. A Umbanda é uma das poucas religiões em que homens e mulheres podem ocupar os mesmos cargos;
7. Quem sabe mais, ensina a quem sabe menos e, assim, todos aprendem uns com os outros.

CRUZEIRO DO CEMITÉRIO

De modo geral, o cruzeiro é uma cruz avantajada que fica localizada na parte central do cemitério, geralmente, na encruzilhada das ruas que dividem os lotes.

Trata-se de uma simbologia católica, cuja origem não sei precisar. Popularmente, é usado como ponto de referência geográfica e, acredita-se, sirva de orientação para as almas dos recém-desencarnados.

É por isso que tanta gente acende vela, deixa imagens, etc.

Da forma como entendo, o cruzeiro se transforma numa grande firmeza, pois ao concentrar o foco das orações de centenas de pessoas, transforma-se num ponto de irradiação espiritual, servindo de verdadeiro farol para as almas sofredoras e de ponto de encontro para os trabalhadores espirituais que ali estão para ajudar.

Por esta razão, devemos sempre ter muito respeito quando passamos por um cruzeiro de cemitério, pois ainda que não haja alguém fisicamente no local, há sempre intenso trabalho de resgate e orientação em seu entorno.

ENERGIA CARREGADA

A pergunta de hoje é da Elaine e ela quer saber se a energia carregada de um consulente pode afetar o médium cuja saúde esteja debilitada.

Sim, pode.

Imagine o trabalho do médium numa gira como o de um bombeiro durante um incêndio. O bombeiro passou por um treinamento (desenvolvimento), usa os equipamentos de segurança adequados (resguardo, guias, banho de ervas), porém, correrá o risco de se ferir pelos escombros, pela fumaça ou mesmo pelo fogo (energias densas).

Neste caso, o fator preponderante não será a debilidade da saúde do médium, mas sua sintonia. Se o consulente que passar com seus guias estiver com uma energia que, de alguma forma, se sintonize com a sua própria (afinidade vibratória), acabará recebendo alguma influência no momento do descarrego.

A consequência imediata será algum mal-estar ou mesmo um grande cansaço. Porém, o próprio guia limpará essas energias. Após o fim da gira, o médium deverá permanecer alguns minutos em concentração e oração, a fim de que as entidades possam restituir parte da energia gasta durante o trabalho.

Então, embora possa, sim, afetá-lo, isto causará apenas um mal-estar momentâneo e cansaço. Os guias vão repor a energia possível e, o resto, será recuperado pelo descanso.

Importante também salientar que cada médium vem “equipado” (fisicamente e mentalmente), para executar determinados tipos de trabalho. É assim que alguns serão direcionados para desobsessão, enquanto outros para o consolo, outros para o esclarecimento, enquanto outros para a cura, etc.

De modo geral, se o médium não possui uma saúde muito boa, os guias que atuarão através dele conduzirão o trabalho em áreas que não exigirão tanto da sua condição física.

GUIAS QUE ARREBENTAM

Sobre o uso das guias, penso que deva ser feito de modo consciente. Tudo na Umbanda tem que fazer sentido. Às vezes, vejo pessoas com mais de 10 guias no pescoço e me pergunto: para quê? Não há necessidade. Uma guia pessoal (para uso em qualquer ambiente) e uma guia de trabalho são mais do que suficientes para conferir a proteção necessária.

Então, este é o primeiro ponto.

Embora não exista uma regra quanto ao número de guias a serem utilizadas, é preciso que haja bom-senso, senão, serão apenas enfeites dependurados no pescoço da pessoa.

Quanto ao fato delas arrebentarem é preciso considerar que, às vezes, o material simplesmente se parte naturalmente. Nem sempre é espiritual.

Porém, normalmente, as guias são imantadas pelos espíritos com uma energia de proteção muito forte, fazendo com que ela se transforme num “mini para-raios”.

Como exemplo, cito um fato curioso: certa vez, vi uma pessoa carregada segurar uma guia e a mesma arrebentar na palma da sua mão, sem qualquer tipo de tensão que pudesse forçar o fio.

Assim, quando uma energia negativa muito forte vier a nosso encontro, qualquer que seja o motivo, a energia depositada na guia funcionará como um imã, atraindo para si aquela energia densa e, frequentemente, anulando seu efeito numa descarga material que é o que causa o rompimento do fio da guia.

Da forma como eu trabalho, duas guias são suficientes. Eu costumo usar apenas uma.

ERÊS JOGANDO BOLO

A pergunta de hoje é do ES: Nas giras de eres, é correto os mesmos esfregarem bolo na cara das pessoas e também jogarem refrigerantes em todo mundo? Qual o fundamento disso?

Antes de tudo, é importante considerar que Erê é um termo usado nos Candomblés para se referir a um intermediário entre os Orixás e seus iniciados.

Quando se manifestam, os Erês costumam brincar (o próprio termo Erê significa brincar). São manifestações tidas como infantis e, por isso, muitas pessoas passaram a chamar a LINHA DAS CRIANÇAS na Umbanda de Erês.

Então, embora muito comum, trata-se de um termo inadequado para o contexto da Umbanda, pois os Erês do Candomblé não são crianças e as crianças que se manifestam na Umbanda não são Erês.

Esclarecido isso, é importante dizer que, na Umbanda que pratico, a linha das crianças é formada por almas daqueles que desencarnaram na infância (não são encantados, mas almas que se mantiveram na forma infantil).

Como as crianças da Terra, as crianças espirituais também podem ser travessas e, por isso, precisam sempre do olhar disciplinador de um preto-velho e da atenção dos cambones.

Entretanto, das pequenas travessuras típicas de toda criança às bizarrices que encontramos, como entidades que jogam refrigerantes nas pessoas, tacam bolos para todos os lados, dão socos, quebram brinquedos das outras crianças, etc., são apenas exageros mediúnicos.

Muitos médiuns (especialmente aqueles que abandonaram a sua criança interior), não sabem lidar com essa energia infantil e alegre, exagerando as manifestações (isso sem contar os médiuns estrelinhas que sempre querem chamar a atenção para suas incorporações).

Então, não há nenhum fundamento nessas manifestações grosseiras. Podemos dizer, sem medo de errar, que são frutos do animismo ou da vontade de chamar a atenção.

MÉDIUM RECEBE DEMANDA?

A pergunta do dia é da Luciane: Pode acontecer de um médium receber demanda mesmo tendo as entidades firmadas?

Quando a pessoa vai entrar para trabalhar no terreiro, se ela tiver uma demanda, o que é feito para limpar essa pessoa antes de iniciar na casa?

Vou começar de trás para frente: penso que todo médium precisa fazer o mesmo circuito caso queira trabalhar numa casa. Este circuito basicamente é: frequentar a casa durante um tempo, receber os passes, conselhos e orientações dos guias quanto a tudo que diga respeito a sua vida e coloca-los em prática.

Nunca se deve colocar um médium direto na corrente, não importa quanta experiência ele tenha. Ele precisa ficar um tempo “esquentando banco”, até para ver se tem firmeza, vontade sincera, se está equilibrado e, para isso, apenas o tempo...

Se o terreiro for sério e o médium fizer isso, então ele nunca entrará para a corrente se não estiver minimamente bem ou equilibrado. Assim, se for vítima de demanda ou se estiver perturbado espiritualmente, tudo isso será visto e resolvido antes de entrar para o trabalho efetivamente e, na maioria dos casos, os passes, as orações e os conselhos são suficientes para resolver essa questão.

Demanda é o tipo e coisa que existe, mas frequentemente é mais impressionante em nossa cabeça do que na vida real.

Agora, quanto a primeira pergunta, a resposta é: sim. O médium pode receber demanda, mesmo tendo 50 anos de vivência em terreiro. Ter ou não ter as entidades firmadas não interfere em nada nesse processo, já que ser afetado por demandas é um processo de sintonia vibratória e isso é algo que cabe sempre ao médium evitar, não aos seus guias.

LARVAS ASTRAIS

A pergunta de hoje é: O que vem a ser larvas astrais, formas pensamentos e ovoides? – Grato pela pergunta, ES.

Responder de forma objetiva temas tão profundos é um verdadeiro desafio. Contudo, vou exercitar o meu poder de síntese, deixando claro que se trata de uma resposta simplificada ao máximo.

Formas pensamentos são condensações energéticas do nosso pensamento. Ao pensar, emitimos energias que se irradiam mais ou menos conforme a força do nosso pensamento, porém, quando o pensamento é muito concreto, insistente, ele cria uma representação (bastante real) daquilo que estamos pensando.

Os pensamentos insistentes tendem a se condensar em formas-pensamento ao nosso redor (algo semelhante ao balãozinho do Gibi). É assim, inclusive, que muitos guias sabem o que estamos passando sem que falemos nada (observe que, normalmente, os guias dão passes olhando sempre acima da cabeça da pessoa, isto é, observando as formas-pensamento de cada um).

As Larvas Astrais surgem de formas-pensamento enfermiças, desequilibradas. O espírito André Luiz, por exemplo, cita o caso de um jovem que tinha desequilíbrios sexuais. Na região genital, existiam pequenas formas-pensamento se comportando como pequenas bactérias/larvas/vibriões que sugavam a energia do seu aparelho reprodutor, o que fazia com que o jovem sentisse sempre uma compulsão sexual (isso vale para todos os desequilíbrios humanos).

Já os Ovoides são espíritos que “perderam” a forma espiritual humana. Tais espíritos entraram em padrões vibratórios tão baixos, tão densos, tão desesperadores, que até mesmo a força psíquica que lhes garantia a “forma humana”, perdeu força.

A sua “aparência espiritual” é reduzida a uma espécie de esfera escurecida, sombria e triste que lembra um ovo (daí o termo). Neste ponto, é praticamente impossível ajudar o espírito de qualquer outra maneira que não seja a reencarnação compulsória.

As obras de André Luiz / Chico Xavier, são excelentes sobre estes assuntos.

DURANTE O TRANSE, O MÉDIUM PODE COÇAR O NARIZ?

A pergunta de hoje é: Alguma coisa impede que o médium incorporado faça movimentos naturais de coçar o nariz, arrumar a roupa, secar o rosto? – Grato, André.

Como a maioria dos médiuns na atualidade é consciente, eu responderia dizendo que não, para a maioria, não haveria “nenhum” problema em fazer todas essas coisas. Porém, cada vez que o médium interfere, ele causa um “ruído” na incorporação de modo que, normalmente, ou a própria entidade solicita que um cambone ajude ou ela mesma o faz, a fim de prevalecer a integridade do transe.

Neste sentido, o médium precisa ter muito cuidado, pois cada vez que interfere, é como se cortasse ou, no mínimo, causasse um ruído na incorporação e, com isso, o transe perde força.

Coisas simples como coçar, espirrar, tossir, porém, são absolutamente naturais. O médium incorpora, mas não morre: seu corpo continua funcionando perfeitamente e ele pode sentir necessidades fisiológicas, dores, desconfortos, etc.

No caso de necessidades fisiológicas, o médium desincorpora e vai ao banheiro normalmente e depois volta a incorporar.

Existe um certo mito no universo umbandista de que o médium incorporado se torna uma espécie de ser místico, entre os dois mundos. Tanto é que se, se vier a tossir ou a espirrar, muitos consulentes pensam que não está incorporado, como se, ao incorporar, as funções fisiológicas devessem desaparecer e não desaparecem.

PAI DE SANTO PODE INCORPORAR OS GUIAS DOS FILHOS?

A pergunta de hoje é: Um pai de Santo pode incorporar os guias de um filho da casa? – Grato pela pergunta, ES.

“O espírito sopra onde quer”, já dizia uma máxima evangélica. Os espíritos, como seres autônomos e independentes podem se manifestar onde e quando quiserem.

É por essa razão que não existem “espíritos da Umbanda” e “espíritos do Espiritismo”, existem espíritos: uns preferem atuar na Umbanda, outros mais no Espiritismo e assim por diante. Mas, espírito é espírito e ninguém lhe coloca cabresto.

Então, sim, um pai de santo poderia incorporar o guia de um filho da casa, assim como o filho da casa poderia incorporar o guia do pai de santo. Não é por ser pai de santo que ele possui essa prerrogativa, mas pelo fato de ser médium e, neste sentido, não há distinção entre ele e os demais médiuns da casa.

Contudo, normalmente, isso não ocorre. Geralmente, cada médium é desenvolvido para trabalhar com guias específicos e será assim até o fim.

Então, em teoria, é perfeitamente possível que os guias de um médium se manifestem noutro médium, seja ele dirigente ou não, porém, isso raramente ocorre, justamente, para evitar confusão.

Imagine, por exemplo, se eu dissesse estar recebendo o Caboclo das 7 Encruzilhadas... Não um falangeiro, mas o mesmo caboclo que atuou junto com o Zélio e que fundou a Umbanda... Percebe o barulho que seria?

Até hoje, eu só escutei relatos de pais de santo que incorporaram guias dos filhos em casos de desavenças, brigas, essas coisas, como se o guia do médium se manifestasse no dirigente para chamar atenção do médium com “credibilidade”... Mas, sinceramente? Para mim isso não é postura de guia, é teatro do dirigente mesmo.

O GUIA PODE AMEAÇAR O MÉDIUM?

A pergunta de hoje é: uma entidade pode exigir de seu médium objetos como: roupas, facas, punhais, etc....sob a ameaça de punição? Testemunhei algo assim em um terreiro, o dito "Exu " vociferou ameaçando quebrar as duas pernas de seu cavalo, caso este não lhe desse a faca que ele queria - Grato pela pergunta, ES.

Geralmente, procuro resumir a pergunta num tópico simples, para ficar mais claro, porém, desta vez, deixei como ela veio, porque acho que fará sentido na análise que farei daqui por diante.

Quando comecei na Umbanda, o Velho me disse:

— A Umbanda anda muito maltratada...

Esta foi, inclusive, uma das principais razões para que iniciasse o meu trabalho de divulgação da Umbanda que aprendi pela internet: a quantidade de absurdos que surgem por toda parte.

Eu fico imaginando a reação de um fanático religioso ao ler algo assim. Alguém duvida que ele pensará, na hora, que se trata mesmo de um demônio? Pois é... Muito se fala do preconceito contra a Umbanda, mas poucas pessoas falam que este preconceito é constantemente reforçado pelas próprias mancadas que acontecem dentro dos terreiros por aí...

Até hoje, infelizmente – e digo isso com muito pesar – eu não me sinto à vontade para indicar terreiros de Umbanda sem ter um pé atrás ao pensar no que a pessoa encontrará quando procurar por um, pois infelizmente, o Velho tinha razão: ela continua sendo maltratada, especialmente, por aqueles que adoram brincar de religião...

Fazer o quê? A única coisa que eu posso fazer é o que já tenho feito nos últimos anos: tentar mostrar ao mundo que nem todo terreiro é um pandemônio. Tenho conseguido? Em alguma medida, penso que sim.

Respondendo à pergunta: Não, não pode. Comportamentos dessa natureza são a luz vermelha que diz que algo está severamente errado neste terreiro.

ENTIDADES DEVEM CUMPRIMENTAR UMAS ÀS OUTRAS?

A pergunta de hoje é: Gostaria de saber porque minhas entidades não cumprimentam as entidades chefes da casa. Isso acontece quando a entidade decide fazer? É normal? – Grato pela pergunta, Luciane.

Eu começaria dizendo que, em matéria de incorporação, tudo precisa vir da entidade: quando levanta, quando se senta, quando pega o cachimbo, tudo. Se o médium interfere em qualquer coisa, ele naturalmente causa um ruído na manifestação e isso enfraquece o transe.

Contudo, essa questão das entidades que chegam ou que vão embora cumprimentarem o guia chefe do terreiro, é muito mais uma particularidade da casa ou da própria entidade, isto é: alguns terreiros possuem esta norma, enquanto outros não e, algumas entidades possuem este hábito, enquanto outras não.

Aqui em nosso terreiro, por exemplo, isso não é uma regra. Então, algumas entidades cumprimentam, enquanto outras não. O importante é a entidade sempre saudar o Congá, isso sim faz parte de uma ritualística comum em todos os terreiros que já vi até hoje.

Então, se no seu terreiro essa é uma cultura comum e todas as entidades possuem esse hábito, menos as suas, então é provável que o problema esteja em você, já que as entidades sempre se adaptam a cultura da casa onde trabalharão.

Talvez você possua algum tipo de bloqueio/resistência em relação ao dirigente do terreiro e isso acaba impedindo um cumprimento que, de outra forma, fluiria naturalmente.

Se não é uma regra da casa, se nem todas as entidades fazem isso, então, provavelmente as suas também não se importam muito com essa questão. É preciso analisar, refletir, observar para se chegar a uma conclusão quanto ao seu caso.

ENTREGA, OFERENDA E DESPACHO

A diferença é a finalidade.

Entrega, é quando você faz algo que prometeu, por exemplo: a pessoa teve um livramento muito grande e prometeu que iria na mata fazer uma oferenda para Oxóssi em agradecimento.

Oferenda é um ato de fé. É quando a pessoa, por livre vontade, materializa a sua fé em algo. Ainda na mesma linha de raciocínio anterior: por vontade própria, a pessoa procura uma mata para oferecer à Oxóssi, ligar-se a ele, revitalizar a sua fé.

Despacho é quando se pega os resíduos de um trabalho e os leva para determinado fim. Ainda no exemplo: o restante das frutas usadas na homenagem à Oxóssi são levadas para uma mata, por exemplo.

A diferença fundamental entre essas coisas não está no tipo de coisa oferecida, em seu tamanho ou forma, mas na intenção daquele que o faz, o seu objetivo.

Mais um exemplo típico para reforçar:

- Vou na encruzilhada deixar a cachaça que prometi ao exu (entrega).
- Vou na encruzilhada levar uma cachaça e pedir força e proteção ao exu (oferenda).
- Vou na encruzilhada levar os resíduos da última gira (despacho).

Obs.: Na Umbanda que pratico, a oferenda mais importante é a da própria fé. Não somos incentivados por nossos guias a ficar indo em encruzilhadas ou no meio das matas, seja para oferecer, entregar ou despachar. Além do mais, cabe ressaltar que a maioria das pessoas que entregam, oferecem ou despacham, pensam apenas no próprio umbigo, pois frequentemente deixam resíduos impróprios em lugares impróprios, causando sujeira e assustando as pessoas que ali moram, o que aumenta ainda mais o preconceito. Eu sempre gosto de lembrar: para você é uma encruzilhada, para alguém, é a esquina da sua casa. Pensemos nisso!

PACTO COM DEMÔNIOS

A pergunta de hoje é: Ouvi uma pessoa relatar que fez pacto com o demônio para obter ascensão financeira e obteve seu intento... Isso é realmente possível? – Grato pela pergunta, ES.

Eu não acredito na existência do diabo ou de demônios. Todas as entidades com quem já conversei dizem a mesma coisa: diabo é um mito, embora ele esteja bem vivo na imaginação das pessoas. Porém, pactos realmente existem e acho que esta é uma boa ocasião para falar sobre isso.

O conteúdo ficará um pouco mais extenso do que de costume, então, vou dividi-lo.

Antes de tudo, é importante compreender que entre a realidade e a ficção o passo é grande. Muito do que as pessoas pensam a respeito de trabalhos negativos, como, por exemplo, encomendar a morte de alguém, fazer pacto para ficar milionário, são fantasias.

Pense comigo: se alguém tivesse o poder de enriquecer, por que não faria isso consigo próprio? Por que não ser cada vez mais rico? Para quê colocar este serviço ao alcance de outra pessoa e ainda cobrar por isso? Não faz sentido, certo?

Além do mais, perceba que muitas dessas pessoas que oferecem pactos de riqueza, vivem pobres. Nas postagens do Facebook, por exemplo, percebe-se que, muitas vezes, suas casas nem reboco possuem... Não é estranho procurar um pacto com alguém que pode ser tudo, menos rico?

O mesmo vale para quaisquer trabalhos para encontrar um grande amor ou amarrar a pessoa pra sempre... Se isso fosse possível, a pessoa que faz o pacto deveria ter se casado com alguém deslumbrante... É isso que se verifica?

Por fim, analise: se fosse possível fazer um trabalho para matar alguém, por exemplo, por que não iniciar uma nova guerra mundial? Bastaria meia dúzia de pactos para matar meia dúzia de líderes mundiais e, pronto, o mundo entraria em caos... Sabem por que isso não acontece? Por que esse tipo de coisa não existe...

Então, sim, os pactos existem, não com demônios, mas com espíritos inferiores que, sim, podem atrapalhar muito a vida de uma pessoa, mas nem em sonho produziram o mesmo efeito destrutivo que vemos nos filmes americanos...

Dando continuidade ao texto de ontem, sobre pactos, avançaremos hoje algumas outras questões. A primeira delas é que a imensa maioria das pessoas que se acreditam vítimas de algum trabalho espiritual negativo, não o são.

É próprio da nossa espécie: dificilmente assumimos a responsabilidade por nossas escolhas e adoramos achar um culpado: diabo, obsessores, a magia, etc.

Em seis anos de terreiro, encontrei apenas dois casos reais de vítimas de trabalhos espirituais negativos, mas vi dezenas de pessoas que se achavam vítimas de algo, embora o algoz fossem elas próprias...

Quantas pessoas atendemos nesse tempo? Alguns milhares, sem dúvida. E desse montante todo, apenas dois casos legítimos.

Um dos obstáculos a isso reside no fato de que existem (graças a Deus), poucos médiuns que realmente se dedicam a “arte das Trevas”. A imensa maioria que cola cartaz em poste, faz anúncio no Facebook, são apenas enganadores querendo arrancar o dinheiro alheio.

Porém, se a cada 10 pessoas que oferecem pactos, 9 são enganadoras, existe pelo menos um que realmente tem “a mão para a coisa”. Um médium que se perdeu, que entrou pela via sombria e que, por uma razão ou outra, tem assistência espiritual que lhe secunda os trabalhos e que pode, efetivamente, causar um belo estrago.

A mecânica da coisa, o modus operandi, deixarei para outra ocasião (se é que convém detalhar). Para efeito deste pequeno texto, é importante separar as fantasias (no primeiro texto), os aproveitadores e o que realmente pode acontecer.

Então – respondendo à pergunta inicial – alguns pactos podem ser feitos e algum resultado observado, mas nada que seja tão revolucionário como deixar alguém milionário, mas talvez ocupar o cargo de um chefe, ganhar a confiança do dono da empresa, ter proteção e favorecimento em determinados negócios, esse tipo de coisa é perfeitamente possível, existe e quem faz cobra o olho da cara.

Para encerrar, cabe dizer que a Umbanda não realiza esses trabalhos, antes, os combate.

PROIBIÇÃO BÍBLICA

A pergunta de hoje é: gostaria de saber a sua opinião acerca da utilização do conceito de “Médiuns” visto em algumas bíblicas? – Grato pela pergunta, Gizele.

A passagem a que ela se refere é esta: “Não recorram aos Médiuns nem busquem a quem consulta espíritos”. Levítico 19:31. Numa outra versão online, este mesmo trecho está assim: “Não vos dirijais aos espíritas nem aos adivinhos: não os consulteis, para que não sejais contaminados por eles. Eu sou o Senhor, vosso Deus”.

As palavras “espíritas e médiuns”, têm sua origem no século XIX, por ocasião do surgimento do Espiritismo. Elas certamente não existiam na época em que o texto bíblico foi escrito.

Este processo - bastante conhecido no meio espírita -, é muito simples: trata-se de uma tradução tendenciosa, modificada, inserindo no texto bíblico palavras que até possuem relação com o que está sendo dito, mas que não estão no texto original.

O objetivo desta prática é mais simples ainda: mostrar aos fiéis que o espiritismo ou a mediunidade são práticas condenadas pela bíblia, logo, fica mais fácil manipular as pessoas dessa forma. É simples assim!

Por outro lado, é importante pontuar que cerca de 80% dos que chegam nos terreiros de Umbanda são de origem católica ou evangélica (e digo isso porque 80% dos brasileiros pertencem a essas duas religiões), então, é muito natural que, a princípio, essas pessoas procurem algum respaldo bíblico ou, pelo menos, alguma passagem menos conflituosa para poderem praticar a sua mediunidade sem peso na consciência.

Porém, a Bíblia não é um livro-base para a Umbanda. A Umbanda não é uma religião de origem bíblica e, portanto, não tem obrigação alguma de acatar suas proibições. O que de fato ocorre é que muita gente entra para a Umbanda, mas continua pensando como católico ou evangélico. E isso é natural. É o contexto em que tal pessoa viveu e isso vai perdendo força com o tempo.

FUNÇÃO DO PONTO RISCADO

A primeira função dos pontos riscados é a de uma linguagem, uma forma de comunicação simbólica. Cada símbolo possui um significado e quando estes símbolos são estudados, só de se ver o ponto de uma entidade é possível compreender diversas coisas sobre ela.

Este conhecimento, porém, não é propriamente universal. Isto é, existem símbolos que possuem um significado muito particular e que pode variar de terreiro para terreiro. Por isso, os únicos que podem falar o que significam com precisão são os próprios guias.

Porém, depois de aprendido essa linguagem e seu significado naquela comunidade, qualquer um conseguirá ter uma ideia bastante precisa de cada entidade que ali se manifesta simplesmente olhando o seu ponto que, diga-se, é sempre único, portanto, torna-se totalmente inútil consultar livros de pontos riscados...

A segunda função do ponto é servir como uma espécie de vórtex energético, seja para doar, seja para receber as energias. Inicialmente, é muito comum que, depois de traçado e firmado, as entidades usem as energias contidas ali dentro para dar início ao seu trabalho e, com o correr da gira, utilizem o ponto como um “escoadouro” de energias densas (veja como muitos pretos-velhos, por exemplo, dão passes direcionando a mão para o ponto como se jogassem algo ali dentro).

DIRIGENTE QUE FAZ AMEAÇAS

A pergunta de hoje é: o que fazer quando o dirigente não permite que o médium saia da casa e diz que coisas ruins vão acontecer com ele, até que seus guias irão abandoná-lo? – Grato pela pergunta, Isaque.

Há um ditado popular que diz: “as religiões não são ruins, as pessoas é que são”. E este é um bom exemplo disso!

O papel de um dirigente - como diz o próprio nome -, é dirigir. Ele não é especial, nem melhor que os demais. Possui apenas uma responsabilidade a mais, que é a de fazer a engrenagem do terreiro funcionar. Porém, muitos se deixam levar pelo egoísmo ou se tornam possessivos, querendo controlar a tudo e a todos.

Em situações normais, sempre oriento que se deixe o terreiro com o mesmo respeito de quando entrou. Porém, quando a relação já está desgastada, quando o dirigente começa com esse tipo de conversa, não há alternativa: é virar as costas e não voltar mais.

Nenhum dirigente tem força para impedir os guias de acompanhar seus médiuns. Esse tipo de pessoa roga praga e faz ameaça, justamente, por ser fraca e não encontrar outra forma de manter o terreiro unido, senão, através de ameaças.

Porém, o que um terreiro assim pode produzir de bom? O dirigente é a coluna central da casa. Se o dirigente tem esse tipo de atitude, o terreiro inteiro vai se desarmonizar. Não raro, nestes terreiros em que o dirigente ameaça as pessoas, tudo vira confusão e briga: todo mundo fala e ninguém se entende, enfim, vira uma caricatura de Umbanda.

Por outro lado, penso que temos que ter muito critério antes de entrar numa casa. O candidato ao novo terreiro deve namorar a casa, observar como as pessoas se relacionam, pensar bem se ali é mesmo um bom local para estar, pois frequentemente um dirigente despreparado dá sinais disso desde o princípio, mas muitos preferem não ver até que chegue a vez deles de pagar o preço da vista grossa.

CORRER GIRA

Há basicamente dois sentidos para essa expressão. Um sentido interno, onde correr gira é o mesmo que dar início aos trabalhos e um sentido externo que é o de pessoas que frequentam vários terreiros em busca de alguma coisa que ainda não encontraram.

Vamos pegar este segundo sentido e aproveitar a oportunidade para fazer uma pequena reflexão.

Para muitas pessoas, o terreiro de Umbanda é uma espécie de “tenda de milagres”, um lugar onde se vai para tentar uma última opção. Essa concepção, inclusive, é constantemente reforçada pelos próprios umbandistas que, sem perceber, muitas vezes apontam o terreiro como uma “última opção” para amigos ou familiares em dificuldades.

Isto cria uma visão utilitarista, fazendo com que o terreiro deixe de ser um templo religioso para se transformar num local em que se vai apenas quando tudo o mais deu errado.

É nesta concepção que muitos correm gira, isto é, frequentam vários terreiros em busca do milagre que procuram, como se rezassem para “todos os santos” até que um atenda a sua rogativa.

Neste sentido, os frequentadores não criam senso de pertencimento àquela comunidade, pensando sempre no próprio umbigo. Exemplo: nosso terreiro ficou quase um ano fechado ao público (em razão da pandemia). Neste intervalo, recebemos várias mensagens perguntando se o terreiro havia voltado, mas não recebemos nenhuma mensagem perguntando se a casa precisava de alguma coisa...

É por esta razão que precisamos trabalhar junto ao público do terreiro a ideia de pertencimento, mostrando que o terreiro não é uma balcão de negócios onde se vai apenas buscar emprego, proteção e ajuda familiar, mas um local que, além de tudo isso, nos ajuda a ser pessoas melhores em todos os sentidos que é a finalidade da Umbanda.

DIRIGENTE QUE TRATA MELHOR QUEM TEM DINHEIRO

Manter um terreiro aberto e funcionando é uma tarefa gigante, tanto por parte dos encarnados, quanto dos desencarnados.

Um terreio é muito mais do que simplesmente o corpo mediúnico que nele atua: abrange também os consulentes que o elegeram como templo de fé. Por este prisma, podemos ter ideia do tamanho do trabalho espiritual de uma casa.

Manter tudo isso em funcionamento e harmonia é quase sempre impossível de ser alcançado em plenitude.

Seria muito bom se contássemos com terreiros em que seus dirigentes fossem plenamente fiéis aos compromissos assumidos, bem como os médiuns e cambones com uma conduta exemplarmente cristã. Mas, isso também raramente ocorre.

O terreiro, quase sempre, é composto por espíritos ainda em busca do domínio de si mesmos e, portanto, carregados de vaidades, paixões e imperfeições de toda sorte. Nada disso passa despercebido das entidades que, não raro, nos conhecem antes mesmo de nascermos e sabem muito bem tudo que podemos produzir de bom ou de ruim.

Neste sentido, todos recebem as orientações que necessitam, embora nem sempre queiram atendê-las. É assim com o dirigente e é assim com o médium e também com o cambone. As entidades sempre nos mostram o que precisa ser melhorado!

Contudo, quando esse favoritismo é percebido no dirigente, cabe aos mais próximos alertá-lo quanto a isso. Todo terreiro tem uma diretoria e é função dessa diretoria agir em casos dessa natureza, mostrando ao dirigente o perigo a que se expõe e o quanto pode prejudicar a casa com essa conduta.

Entretanto, frequentemente isso não ocorre. Infelizmente, a maioria das pessoas gosta é de julgar e apontar o dedo, sendo raros os que tem coragem de chegar até a pessoa-problema, seja ela dirigente ou não e expor seus pensamentos.

Mas, este é o caminho.

É PROIBIDO VISITAR OUTROS TERREIROS?

Quando vejo este tipo de assunto, parece que ouço a voz do Velho repetindo algo que me disse anos atrás: “a Umbanda anda muito maltratada”.

Nossos guias são espíritos que, embora longe da perfeição, estão sempre alguns passos evolutivos à nossa frente. Isto quer dizer que, na prática, eles não se quedam mais em abismos personalistas, possessivos e exigentes dessa natureza.

Um terreiro sério, firme, é uma casa de caridade, uma casa de luz. Nada ali prende as pessoas que são livres para chegarem ou partirem. Não existe nada que justifique uma postura dessa que, sem dúvida, surge do próprio médium que, no fundo, tem medo de perder pessoas para outros terreiros e, inseguro, coloca “autoridade” na boca das entidades.

Este é realmente um problema corriqueiro na religião. Os terreiros se comportam como pequenos feudos, isolados. Não permitem que seus membros frequentem outras casas (apesar de que quem quer ir vai de qualquer jeito) e isso cria um estado de animosidade absolutamente inútil.

Entidade séria não age dessa forma. Quando muito, orienta os filhos da casa quanto aos cuidados que se deve ter ao visitar um outro terreiro, especialmente, se não souber a procedência (infelizmente, ainda temos que ficar com o pé atrás quando falamos de terreiros desconhecidos), mas nunca, em hipótese alguma, proibir ou ameaçar quem procure outra casa.

Quando esse tipo de conduta é observada num terreiro, é um sinal amarelo. Sinal este que indica que algo ali não vai bem. O personalismo anda tomando conta, a caridade está ficando de lado e isso vai abrindo portas para influências inferiores que, se não combatidas, levarão ao fechamento da casa.

Dos guias, espere sempre amor, compreensão e tolerância. Das pessoas... Bem, não espere nada.

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA INTRAMUROS

A intolerância religiosa é um grande problema no Brasil e tudo indica que não melhorará tão cedo. Basta digitar no Google e certamente veremos que os dados não são muito animadores. Porém, hoje, falaremos de uma faceta frequentemente pouco explorada: a intolerância religiosa que existe dentro das próprias correntes religiosas.

Alguns exemplos: centros espíritas federados versus não federados; centros genuinamente “kardecistas” versus centros “ramatizianos”; terreiros de Umbanda das vertentes A, B ou C que disputam o título de “Umbanda raiz”; terreiro do “seu Zezim” versus terreiro do “seu Luizim”; nações de Candomblé que se digladiam a respeito da pureza de seus cultos; casas espiritualistas que são taxadas de mistureba por terem práticas de diferentes origens; espiritualistas que se acham superiores por não pertencerem a uma religião específica, etc.

Algun destes exemplos soou familiar? Pois essas disputas são frequentes e cada religião/movimento tem seus calos próprios.

É por esta razão que se torna importante refletirmos sobre este assunto, pois apesar da intolerância externa realmente incomodar, a intolerância interna também produz seus efeitos negativos e afeta a vida das pessoas.

O fato, porém, é bastante simples do meu ponto de vista: cada casa é um templo único e ainda que seus membros se definam como pertencentes a este ou aquele movimento, as práticas ali dentro serão exclusivas para aquela casa, ainda que possuam semelhanças com outras.

E isso, antes de ser um problema, é uma solução, pois uniformidade em matéria religiosa simplesmente não existe, assim como não existe pureza (toda religião atual descende de outras mais antigas), todas as práticas, todos os cultos foram um dia inventados: uma invenção recente não é pior do que uma invenção antiga.

Por esta razão, penso que, ao invés de perdermos tempo censurando as práticas alheias (exceto, claro, quando estão em flagrante desacordo com suas bases), não seria muito mais útil empregarmos nosso tempo para aperfeiçoar as nossas próprias práticas e deixar cada um seguir como quiser?

COBRANÇA POR RESPOSTAS

Quando o católico vai na igreja e faz as suas orações, aguarda no tempo de Deus a sua resposta. Ele não fica perguntando ao padre quando é que Deus vai lhe atender... Porém, o consulente umbandista tem o péssimo hábito de ficar questionando as entidades a cada gira para saber se seus pedidos foram aceitos ou quando conseguirá aquilo que almeja. Isso precisa ser mudado!

É compreensível que, em sofrimento, desejemos logo que tudo se resolva o mais breve possível, contudo, é preciso não esquecer que os espíritos são apenas pessoas sem corpos: não se tornaram Gênios da Lâmpada só porque desencarnaram e muito menos têm poder sobre a vida e a morte ou sobre o destino das pessoas...

É este estado de imaturidade/ingenuidade que, infelizmente, faz com que os terreiros se transformem num “balcão de milagres” e faz com que as pessoas disputem a consulta de uma entidade que para elas seja “boa mesmo” e que atenderá aos seus desejos.

A realidade, porém, é que embora as entidades tudo façam em nosso favor, muitas coisas dependem da vontade de Deus, das nossas provas, dos nossos méritos, dependem de várias coisas, menos, das próprias entidades. Por esta razão, precisamos rever com urgência essa postura!

Certa feita uma preta-velha me ensinou:

“— Filho: tudo que você precisar, peça primeiro a Deus, não às entidades. Pois se o Pai determinar, todas as entidades atenderão o pedido”.

E assim deve ser.

CUIDADO AO DAR OPINIÕES SOBRE ACONTECIMENTOS PESSOAIS

O fato de ser médium faz com que muitas pessoas me procurem pedindo uma opinião sobre algum fato estranho que lhes aconteceu e eu sinto que, quase sempre, as decepçiono, embora não possa evitar.

Claro que, como médium e estudioso do assunto, eu certamente posso contribuir com algo, mas não tenho condições alguma de explicar algo que somente aquela pessoa vivenciou.

Uma coisa é perguntar sobre doutrina ou mediunidade tendo por base o conhecimento disponível, outra coisa, bem diferente, é perguntar sobre algo que aconteceu única e exclusivamente com aquela pessoa e, quase sempre, apenas uma única vez.

Parte das experiências espirituais são completamente subjetivas, isto é, pessoais, afinal, são coisas que aquela pessoa viu, ouviu, sentiu, etc. Mas, apenas ela é quem vivenciou tais acontecimentos, como alguém de fora pode interpretá-los?

Com base no relato da pessoa, procuro sempre pensar nas causas mais prováveis, mas nunca me sinto preparado para dar um veredito, porém, nem todos têm este bom senso.

Basta navegar pelos grupos de Umbanda no Facebook e veremos pessoas dando opiniões sobre tudo, explicações sobre tudo e até mesmo fazendo diagnósticos, dizendo quem é médium ou não é com base num simples relato...

Por isso disse que decepçiono as pessoas, pois entendo que elas confiam em mim e queiram saber o que eu penso, porém, sobre acontecimentos pessoais, só posso especular, sendo impossível para mim (e para qualquer um), bater o martelo sobre qualquer experiência vivenciada por outra pessoa.

Podemos compartilhar conhecimentos, dicas, orientações, mas interpretar uma experiência subjetiva alheia, realmente não é possível, embora haja uma multidão de pessoas ávidas por palpitar em todo e qualquer assunto por aí.

CONVERSAS PÓS-GIRA

Uma coisa que nunca tive é pressa de ir embora do terreiro. NUNCA. Sempre aproveitei todas as oportunidades que me foram dadas para conversar, tirar dúvidas e, com isso, aprender (e isso foi fundamental para o meu desenvolvimento).

Fico o tempo que for preciso.

Às vezes, horas e horas, mesmo depois de um trabalho cansativo. Enquanto houver alguém interessado em trocar ideias, conversar, perguntar, eu fico e isso para mim sempre foi um prazer.

É uma pena, contudo, que a maioria perca essa oportunidade. Quanta coisa boa as pessoas se privam de aprender pelo desespero de ir embora assim que o trabalho se encerra...

Por isso, deixo a seguinte sugestão: não tenha pressa. Aproveite cada minuto na casa que você frequenta para aprender, ouvir, perguntar, enfim, trocar ideia, seja com o dirigente, seja com outros médiuns.

Muitos dirigentes e médiuns mais experientes não têm tempo para fazer um estudo específico, onde vão explicar por A + B tal ou tal coisa. Contudo, essas mesmas coisas podem ser aprendidas chegando-se mais cedo ou ficando após o trabalho para conversar.

É o famoso “papo de terreiro”, tão desejável para uns e tão espantadiço para outros.

QUANDO TOMAR BANHO DE ERVAS?

Considero as ervas como “recursos da natureza” que podem ser usados em favor da humanidade. As ervas, contudo, não existem por nossa causa (afinal, somos apenas MAIS uma espécie vivendo no planeta...). Ainda assim, podemos nos beneficiar de seus efeitos fitoterápicos e mesmo energéticos.

Entretanto, no universo da Umbanda, percebo uma postura que me soa, no mínimo, com estranheza: a tendência de se tomar banho de ervas com frequência.

Aprendi com os guias que a energia de uma planta é selvagem, como a própria natureza: nem boa, nem má. Ela apenas é o que é!

Quando utilizada com sabedoria (o que requer estudo e preparo), pode realmente nos beneficiar. Porém, quando usada com leviandade ou imprudência, pode nos prejudicar.

Por exemplo: um banho de descarrego feito toda semana, ao longo de um mês, causará mais malefício do que benefício, pois no processo de descarga, serão descarregadas tanto as energias boas quanto as ruins.

Logo, a medida é o bom-senso.

Talvez um banho de descarrego por mês seja bom, ao passo que semanalmente possa ser muito ruim. Lembra daquele chavão: a diferença entre o remédio e o veneno é a dose? É aqui que ele se encaixa...

Eu não acordo todo dia querendo tomar dipirona. Eu tomo quando sinto dor de cabeça. Se não sinto, não tomo. A mesma coisa deveria ocorrer com o uso das ervas: nem todo mundo precisa tomar banho de ervas toda semana, mas todos precisaremos de vez em quando.

Exceto pelo banho preparatório para a gira - este sim, um banho semanal, feito com a intensão de expandir a mediunidade -, eu tomo três ou quatro banhos de outras ervas por ANO e olhe lá!

Para mim, é totalmente sem sentido tomar banho de ervas toda semana sem que haja uma real necessidade para isso.

SE SAIR DA UMBANDA, AS ENTIDADES CONTINUARÃO COMIGO?

A pergunta de hoje é: Se uma pessoa decidir se desvincular da religião Umbanda, essas entidades com as quais ela trabalhava, continuarão em seu caminho? – Grato pela pergunta, ES.

Depende.

Existem entidades que estão ligadas a nós antes do nascimento, por um vínculo de vidas passadas, ao passo que outras estão conosco por uma afinidade de trabalho: o médium precisa trabalhar, a entidade também, então se unem em prol de um serviço.

Se este serviço não é mais executado, não há motivo para que a entidade continue junto ao médium. Neste caso, ela procurará outro. Contudo, as entidades com as quais o médium esteja vinculado em razão do passado, certamente continuarão a auxiliá-lo.

Este é um assunto interessante, pois vejo muitas pessoas no universo da Umbanda apegadas aos seus guias, como se lhes pertencessem, ao passo que a verdade é que os guias são da humanidade e não pertencem a ninguém.

Tanto é que um preto-velho que venha a trabalhar com um médium, dificilmente trabalhará apenas com ele (o número de bons espíritos não é tão grande assim), sendo comum que trabalhe ainda com mais um ou dois médiuns em regiões distintas do Brasil, sem que um suspeite da existência do outro.

Nunca faltará assistência espiritual a quem se proponha a fazer o bem. Entretanto, se a pessoa se afasta da religião, se afasta da mediunidade, cruza os braços, olha apenas para o próprio umbigo, por que continuaria a ter a mesma assistência de antes se não vai mais exercer o mesmo trabalho de antes?

AXÉ OU SARAVÁ?

Atualmente, é corrente o uso do termo “Axé” dentro da Umbanda. Este termo foi importado do Candomblé e se popularizou devido a crescente aproximação entre Umbanda/Candomblé.

Contudo, tradicionalmente, a saudação utilizada na Umbanda é SARAVÁ, que surgiu da dificuldade de pronúncia de alguns escravos quando tentavam falar “Salve a”, como uma saudação, tipo: salve a... rainha!

Saravá, contudo, pegou e, por muitos anos, foi a saudação típica dentro dos terreiros. Contudo, gradativamente, ela está desaparecendo, dando lugar ao já mencionado “Axé”.

E nada contra o “Axé”... Como recentemente ouvi na belíssima canção Sinta a Vibração, da banda Madre Terra: valeu, obrigado, namastê, gratidão... Isto é, use o termo que mais lhe agrade e seja feliz!

Contudo, é inegável (pelo menos para mim) que Saravá tenha um charme próprio, característico da Umbanda tanto quanto a guia de miçangas e, por isso, acho que devemos resgatá-la.

Assim termino este singelo post, deixando o meu Saravá a todos!

DICA INFALÍVEL PARA INCORPORAR MAIS FÁCIL

Uma das dificuldades mais comuns nos médiuns é a de concentração. A entidade diz: firma a cabeça e o médium não sabe o que fazer. Mas, afinal, o que é firmar a cabeça? Simplesmente, concentrar-se. Mas, como fazer isso?

Pois é, não é fácil!

A imensa maioria das pessoas nunca parou para pensar na importância da disciplina mental. Algo bem diferente acontece, por exemplo, entre os povos orientais que, desde a infância, aprendem a fazer isso na escola, no esporte, nas artes marciais, etc. Porém, no ocidente, não temos essa cultura.

Para a maioria das pessoas, a mente é uma coisa abstrata que existe em suas cabeças e que, em alguns casos, parece ter vida própria, fugindo completamente ao controle...

Por esta razão os médiuns sofrem tanto durante o processo de desenvolvimento mediúnico, afinal, nunca tendo exercido qualquer controle mental, simplesmente, não sabem o que fazer para se concentrarem e é nisto que vou ajuda-los com este texto.

Antes, porém, vamos entender como a falta de concentração afeta o desenvolvimento mediúnico e mesmo os médiuns mais experientes.

Sabemos que a incorporação ocorre através das ligações energéticas existentes entre os chakras do médium e da entidade. Contudo, a ligação mental necessária para que as informações fluam de um para outro ocorrem apenas no estágio final do processo e, para que se dê de forma satisfatória, é preciso que a mente do médium esteja, no mínimo, limpa o suficiente.

Mas, limpa do quê?

Limpa de pensamentos ruins, preocupações, ansiedades e quaisquer outros tipos de pensamentos negativos que sejam incompatíveis com a espiritualidade superior. Neste ponto, contudo, você talvez diga: raríssimos são os médiuns que conseguem manter-se assim – ao que eu concordaria – respondendo: por isso são tão poucos os médiuns seguros de suas mediunidades!

Como a maioria das pessoas não possui uma mente disciplinada, é natural que o processo de incorporação não ocorra de forma tão limpa, clara e forte como gostariam e esta é uma das principais causas de ruídos na comunicação que, por tantas vezes, causam tantos problemas nos terreiros...

Então – voltando ao começo do texto – a entidade diz: firma a cabeça! Porém, minutos antes, o médium estava batendo papo com os colegas ou estava preocupado com as contas ou estava reparando nas pessoas da casa ou estava com raiva porque o chefe lhe tratou mal, etc.

Enfim, a entidade pede que ele se concentre, mas naturalmente não consegue fazer isso muito bem, já que até poucos minutos antes a sua mente estava completamente desordenada...

Por isso, ao invés de sair para o terreiro em cima da hora, dirigindo feito louco e xingando todo mundo no trânsito, saia mais cedo. Ao invés de ficar batendo papo no terreiro, jogando conversa fora, vá para o seu canto, mantendo-se em concentração.

Fazendo isso, você irá ajudar muito o processo da incorporação. Na sequência, vem a dica fundamental deste texto: medite!

Sim, meditação... Especialmente, uma técnica simples, profundamente funcional (inclusive, aplico no meu consultório psicológico com regularidade), chamada: meditação em um minuto!

Eu vou resumir esta técnica, porém, deixarei aqui o link de um vídeo em que você poderá compreendê-la em detalhes. Repito: trata-se de uma técnica simples, porém, profundamente funcional. Não precisa acreditar em mim, faça o teste e depois me diga o que achou.

Siga os passos abaixo:

1. Procure um lugar tranquilo do terreiro onde poderá permanecer em silêncio e oração;
2. Feche os olhos e faça uma oração pedindo proteção e amparo para o trabalho;
3. Quando sentir que já está mais relaxado, tendo se recuperado da correria que foi para chegar ao terreiro, inicie a meditação;

4. Procure um lugar para se sentar confortavelmente. Deixe seus pés firmes do chão, mantenha o corpo ereto (sem exagero) e deixe os braços na posição mais confortável para você;
5. Programe o seu relógio ou celular para despertar em um minuto (sim, apenas um minuto);
6. Feche os olhos e concentre-se em sua respiração. O foco da sua atenção precisa ser a sua respiração, sentindo o ar entrando e saindo do seu corpo, naturalmente;
7. Pensamentos intrusivos surgirão: o boleto que vence, o próximo jogo do seu time, a receita de bolo da sua mãe, preocupação com o clima, etc. É natural, não lute contra isso. Se estes pensamentos vierem, simplesmente, diga mentalmente: hum... E volte sua atenção novamente para a respiração, deixando que os pensamentos desapareçam naturalmente;
8. É normal que surjam dificuldades, afinal, você nunca fez isso antes... Não se aborreça, nem seja exigente com você mesmo. Pode levar semanas e mesmo meses até que você consiga fazer a meditação durante um minuto sem nenhum tipo de pensamento intrusivo. Contudo, não se esforce demais: um passo de cada vez, sem pressa;
9. Quando você conseguir meditar em um minuto sem qualquer pensamento intrusivo, poderá aumentar este tempo se quiser, porém, não vejo razão: um minuto é suficiente para os benefícios desejados.

E quais seriam estes benefícios?

Assim que abrir os olhos (depois de um minuto), perceberá que sua cabeça estará mais leve, seus pensamentos menos acelerados e mais claros. Todo aquele ruído mental inicial terá diminuído severamente e você se sentirá mais confiante, calmo e mais focado.

Faça esta meditação antes de iniciar o desenvolvimento (se você for um médium em desenvolvimento) ou longo antes da gira (se você for um médium já desenvolvido).

Sem tantos ruídos mentais, a incorporação ocorrerá mais facilmente, com maior intensidade e conexão com seu guia. Você sentirá isso na prática.

AFINAL, PODE OU NÃO PODE INCORPORAR EM CASA?

Em 2017, publiquei na internet um livreto chamado: Incorporando em casa – Sugestões para médiuns umbandistas que atendem em casa. Na época, muita gente me agradeceu e muitos me criticaram. Nele, ofereço todas as dicas e orientações que recebi no processo de criação do nosso terreiro que nasceu no quintal de uma casa.

Não se trata de incentivo para que os médiuns incorporem em suas residências, mas ofereço algumas orientações para os médiuns que receberam de seus guias a permissão para trabalhar em casa ao invés de um terreiro. Percebem a diferença?

Este é um assunto que até hoje divide muitas opiniões e é por isso que resolvi escrever este texto, explicando de uma vez por todas, o que realmente penso sobre o assunto.

Aliás, é um tema tão controverso que recentemente vi um post no Facebook comparando a incorporação em casa com “nadar num rio cheio de piranhas”, mas, será mesmo?

Primeiro de tudo é preciso compreender que a incorporação, como um processo mediúnico, necessita apenas do médium, que se assemelha a um templo vivo e ambulante, por isso, onde quer que o médium esteja, ali haverá a possibilidade de trabalho.

Além do mais, as entidades sempre sabem o que fazem de tal modo que, se um guia quer incorporar, então, é porque há uma razão justa para isso, afinal, a entidade é um espírito autônomo, independente e esclarecido... Não é o médium quem incorpora, quem incorpora é o espírito, logo, não faz sentido pensar que quem escolhe incorporar é o médium, o que ele escolhe é dar passividade à incorporação ou não.

Existem inúmeros casos disso e eu mesmo já incorporei nos lugares mais estranhos possíveis, onde os guias julgaram realizar algum atendimento, trazer uma palavra, um conforto, etc.

Porém, existem riscos.

Fora do terreiro, o médium não possui a mesma cobertura espiritual que encontra nele, afinal, trata-se de um local preparado espiritualmente para isso, com firmezas e toda uma proteção espiritual adequada, o que faz com que a incorporação ocorra de modo tranquilo e seguro.

Fora do terreiro, o médium está por conta própria e é aqui que “mora o perigo”.

O número de espíritos transitando pelas ruas, entrando e saindo das casas das pessoas que não oferecem uma mínima proteção espiritual, é enorme. Se pudéssemos ver o que se passa, provavelmente, ficaríamos aterrorizados com o entra e sai de entidades de todos os lugares, inspirando, influenciando e também vampirizando as pessoas.

Este simples fato faz com que a incorporação fora do terreiro seja, por si só, bastante perigosa, pois vários destes espíritos podem influenciar o processo e, com isso atrapalhar ou mesmo virem a se passar pelas entidades do médium (mistificação), em casos mais graves.

Fora do amparo espiritual do terreiro, todo trabalho mediúnico é extremamente desgastante. Afinal, não terão as firmezas e, principalmente, não terá uma forte corrente, como a que existe na gira, o que faz com que as energias do médium sejam drenadas muito mais rapidamente.

Este é o grande problema!

Imagine, por exemplo, a energia que existe em boa parte das casas das pessoas que nunca se preocuparam com a reforma íntima, que fazem da fé um adorno, que não conseguem viver em harmonia com seus entes queridos, lugares em que há muitas discussões, brigas, xingamentos e todo tipo de pensamento contrário ao bem.

Uma parte considerável da população vive nestas condições, logo, uma parte considerável destes locais se tornam impróprios para a incorporação pelos riscos anteriormente citados.

Por outro lado, uma pequena parcela da população vive em harmonia e em paz, nestes locais, a incorporação poderia acontecer sem maiores inconvenientes.

Este é o ponto fundamental: não é que incorporar fora do terreiro seja, necessariamente, uma passagem à perturbação espiritual, nem mesmo um “rio cheio de piranhas”, é preciso considerar o ambiente, a necessidade e, principalmente, a conveniência do trabalho. Porém, quem decide isso são as entidades e não o médium.

Mas, o médium não tem nenhuma responsabilidade?

Sim, tem. E este é o ponto nevrálgico do texto... Muitos médiuns, especialmente em desenvolvimento ou mesmo alguns já desenvolvidos, são pessoas carentes, com baixa autoestima e que encontram na mediunidade uma forma de ficar em evidência.

Estes médiuns podem trabalhar muito bem no terreiro, sob amparo e vista das entidades, porém, não possuem firmeza suficiente para trabalhar sozinhos, longe das vistas de alguém mais experiente. Neste cenário, tais médiuns podem se encontrar numa região de vulnerabilidade que os predispõe a influência negativa e, quase sempre, imperceptível.

E, engana-se quem pense que os guias não permitirão que algo ruim aconteça... Primeiro, porque os guias têm suas ocupações e não ficam atrás do médium o tempo todo... Segundo, que o médium precisa aprender por si mesmo e, neste sentido, as experiências dolorosas ensinam também.

Eu já fiz vários trabalhos fora do terreiro, quase sempre, previamente combinados com as entidades. Preparava-me para isso, tomava banho de ervas, defumava o lugar, fazia firmezas e, ainda assim, era tudo muito difícil e também já fui vítima de mistificação... Imagina, agora, incorporar numa festa? Num churrasco? Nas festas de fim de ano? Quando isso acontece, é muito provável que seja animismo do médium ou um espírito mistificador, pois os guias, como espíritos lúcidos e conscientes, sabem muito bem quando, como e para que se manifestar...

Enfim, se o médium é desenvolvido, firme, possui fé de verdade e sente que seus guias querem vir fora do terreiro, é porque existe uma razão justa para isso, é um trabalho nobre, apesar dos riscos mencionados. Porém, se o médium não tiver essas qualidades, melhor se abster, pois o tombo pode ser feio.